



O REI DAS FRAUDES

JOHN
GRISHAM

Reco





JOHN GRISHAM

**O
R E I
D A S
F R A U D E S**

O rei das fraudes

John Grisham

Tradução de Aulyde Soares Rodrigues

Rocco

Rio de Janeiro – 2003

Título original The king of torts

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, negócios, organizações, acontecimentos, localidades e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de forma ficcional. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, acontecimentos ou lugares, é mera coincidência.

Copyright(c) 2003 by Belfry Holdings, Inc. Todos os direitos reservados.

Direitos mundiais para a língua portuguesa reservados com exclusividade à Editora Rocco Ltda.

Rua Rodrigo Silva, 26 — 4º andar

20011-040 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (21) 2507-2000 — Fax: (21) 2507-2244

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil

Impresso no Brasil

preparação de originais Maria Angela Villela

revisão técnica Ruth Alverga

CIP Brasil. Catalogação-na-fonte. Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Grisham, John 1955—

G888r O rei das fraudes; tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Tradução de: The king of torts

ISBN 85-352-1651-3

I. Ficção americana. I. Rodrigues, Aulyde Soares, 1922-. II. Título.

CDD-813

03-2202 CDU — 821.111 (73)-3.

Os TIROS QUE ATINGIRAM a cabeça de Pumpkin foram ouvidos por nada menos de oito pessoas. Três delas instintivamente fecharam as janelas, verificaram as fechaduras da porta e se retiraram para a segurança, ou pelo menos para a reclusão dos seus apartamentos. Duas outras, ambas com experiência no assunto, fugiram da vizinhança, com a mesma rapidez, ou talvez mais depressa do que o atirador. Outra, o fanático do bairro por reciclagem, examinava o lixo à procura de latas de alumínio quando ouviu o som agudo da arma. Saltou para trás de uma pilha de caixas de papelão, esperou cessar os tiros, então foi até o beco onde viu o que restava de Pumpkin.

As duas pessoas restantes viram quase tudo. Estavam sentadas em caixas de plástico, de leite, na esquina da Georgia com Lamont, na frente de uma loja de bebidas, parcialmente escondidas por um carro, de modo que o atirador, que olhou brevemente em volta antes de seguir Pumpkin até o beco, não as viu. Os dois homens disseram à polícia que viram o garoto tirar a arma do bolso, viram muito bem a arma, uma pequena pistola preta. Um segundo depois, ouviram os tiros, mas não viram Pumpkin ser atingido na cabeça. Mais um segundo e o garoto com a arma saiu do beco e, por algum motivo, correu na direção dos dois. Ele corria com o corpo curvado para a frente, como um cão assustado, culpado como o demônio. Calçava tênis de basquete vermelhos e amarelos que pareciam cinco números maiores do que seus pés e batiam na calçada quando ele corria.

Quando passou por eles ainda segurava a arma, provavelmente uma 38 e hesitou apenas por um instante quando os viu e compreendeu que eles tinham visto demais. Por um apavorante segundo, ele pareceu erguer a arma para eliminar as testemunhas, que conseguiram se levantar das caixas de plástico numa louca confusão de braços e pernas. Então ele se foi.

Um dos homens abriu a porta da loja de bebidas e gritou para alguém chamar a polícia, que acabava de acontecer um tiroteio.

Trinta minutos depois a polícia recebeu um telefonema dizendo que um jovem cuja descrição combinava com a do que tinha atirado em Pumpkin, fora visto duas vezes na rua Nove com uma arma bem visível na mão e agindo de modo estranho. Ele tentara atrair pelo menos uma pessoa para um terreno baldio, mas a suposta vítima tinha escapado e relatado o incidente.

A polícia encontrou seu homem uma hora depois. O nome dele era Tequila Watson, negro, vinte anos, com a habitual ficha de uso de drogas. Sem nada do que se pudesse chamar de família. Nenhum endereço. O último lugar em que dormira era uma unidade de reabilitação na rua W. Ele tinha conseguido jogar a arma em algum

lugar e, se roubou Pumpkin, tinha também jogado fora o dinheiro ou fosse lá o que fosse. Seus bolsos estavam vazios, bem como seus olhos. Os tiras estavam certos de que Tequila não estava sob a influência de drogas quando foi preso. Depois de um interrogatório superficial, na rua, ele foi algemado e empurrado para um carro da polícia de Washington, D.C.

Eles o levaram para a rua Lamont, onde providenciaram um encontro imediato com as duas testemunhas. Tequila foi levado ao beco onde tinha deixado Pumpkin.

— Já esteve aqui antes? — perguntou um tira.

Tequila não disse nada, apenas olhou para a poça de sangue fresco no concreto sujo. As duas testemunhas foram levadas discretamente para o beco e para perto de Tequila.

— É ele — os dois homens disseram ao mesmo tempo.

— Está com a mesma roupa, com o mesmo tênis de basquete, tudo, menos a arma.

— É ele.

— Não há nenhuma dúvida.

Tequila entrou outra vez no carro e foi levado para a cadeia. Foi fichado por assassinato e trancado sem nenhuma chance imediata de fiança. Fosse por experiência ou por medo, Tequila não disse uma palavra para os tiras que tentavam fazê-lo falar com agrados e até mesmo com ameaças. Nada incriminador, nada que ajudasse. Nenhuma indicação de por que teria querido matar Pumpkin. Nenhuma pista para a história da polícia se é que havia uma história. Um detetive veterano fez uma breve anotação na ficha segundo a qual o crime parecia um pouco mais inexplicável que de costume.

Nenhum telefonema foi pedido. Nenhuma menção de advogado ou de um prestador de fiança. Tequila parecia atordoado, mas satisfeito em ficar sentado na cela cheia de prisioneiros, olhando para o chão.

O PAI DE PUMPKIN NÃO PODIA ser encontrado, mas sua mãe trabalhava como guarda de segurança no subsolo de um grande prédio de escritórios, na avenida Nova York. A polícia levou três horas para determinar o nome verdadeiro do filho dela — Ramon Pumphrey — para localizar seu endereço e para encontrar um vizinho disposto a dizer se ele tinha ou não mãe.

Adelfa Pumphrey estava sentada atrás de uma mesa, no lado de dentro da entrada do subsolo, supostamente observando uma fileira de monitores. Era uma mulher grande e gorda, com um uniforme caqui muito justo, uma arma na cintura, uma expressão de completo desinteresse. Os tiras que se aproximaram dela tinham feito isso centenas de vezes. Deram a notícia e foram falar com o supervisor da mulher.

Numa cidade onde os jovens matavam uns aos outros todos os dias, o assassinato tinha endurecido a pele e o coração de todos e cada mãe conhecia muitas outras que tinham perdido os filhos. Cada perda trazia a morte um passo mais perto e todas elas sabiam que qualquer dia podia ser o último. As mães tinham visto as outras sobreviverem ao horror. Sentada à sua mesa com o rosto apoiado na mão, Adelfa Pumphrey pensou no filho e no seu corpo estendido em algum lugar da cidade naquele momento, inspecionado por estranhos.

Ela jurou vingar-se dos assassinos do filho.

Amaldiçoou o pai dele por ter abandonado o filho.

Chorou por seu bebê.

E sabia que ia sobreviver. De algum modo ia sobreviver.

ADELFA FOI AO TRIBUNAL para assistir à leitura formal da acusação. A polícia disse que era a primeira vez que o punk que matara seu filho comparecia a um tribunal e que seria uma questão de rotina. Ele se declararia inocente e pediria um advogado. Ela estava na última fila, entre o irmão e um vizinho, enxugando as lágrimas num lenço já ensopado. Ela queria ver o garoto. Queria também perguntar por quê, mas sabia que jamais teria essa chance.

Os criminosos foram levados como gado para um leilão. Eram todos negros, todos vestiam macacões cor de laranja, estavam algemados e eram todos jovens. Um desperdício.

Além das algemas, Tequila estava adornado com correntes nos pulsos e nos tornozelos, uma vez que seu crime era especialmente violento, mas ele parecia completamente inofensivo quando entrou no tribunal com outra leva de criminosos, arrastando os pés. Olhou em volta rapidamente para ver se havia alguém conhecido, se havia alguém que estava ali por sua causa. Sentou em uma das cadeiras enfileiradas e um dos meirinhos achou de bom alvitre inclinar-se para ele e dizer: — Aquele garoto que você matou. Aquela é a mãe dele, lá atrás de vestido azul.

Tequila virou lentamente a cabeça abaixada e seus olhos encontraram os olhos inchados da mãe de Pumpkin, mas só por um segundo. Adelfa olhou para o garoto magricela de macacão laranja folgado, imaginando onde estaria a mãe dele e como ela o tinha criado, se ele tinha pai e o mais importante, como e por que seu caminho se cruzara com o do seu filho. Os dois tinham mais ou menos a mesma idade que todos os outros ali, quase vinte ou vinte e poucos. Os tiras tinham dito que, ao que parecia, pelo menos inicialmente, o crime nada tinha a ver com drogas. Mas ela sabia. Pumpkin usava maconha e crack e fora preso uma vez, por simples posse, mas nunca fora violento. Os tiras estavam dizendo que parecia um crime cometido ao acaso. Todos os crimes de rua eram ao acaso, seu irmão tinha dito, mas todos tinham uma razão.

De um lado do tribunal estava a mesa das autoridades. Os policiais cochichavam para os promotores, que folheavam dossiês e relatórios e tentavam valentemente manter os processos adiante dos criminosos. No outro lado estava a mesa na qual os advogados de defesa se revezavam à medida que a fila se adiantava. O juiz batia o martelo rapidamente para acusações relativas a drogas, roubo à mão armada, algum vago ataque sexual, mais drogas, várias violações da condicional. Quando seus nomes eram chamados, os acusados eram levados para a frente da mesa do juiz, onde ficavam em silêncio. Papéis eram consultados e então eram levados de volta para as celas.

— Tequila Watson — um meirinho anunciou.

Ajudado a se levantar por outro meirinho, ele arrastou os pés para a frente, as correntes tilintando.

— Sr. Watson, o senhor é acusado de assassinato — o juiz anunciou em voz alta. — Qual a sua idade?

— Vinte — Tequila disse, com os olhos baixos.

A acusação de assassinato ecoou pelo tribunal provocando um silêncio temporário. Os outros criminosos com macacões laranja olharam para ele com admiração. Os advogados e os policiais estavam curiosos.

— Pode pagar um advogado?

— Não.

— Foi o que pensei — o juiz resmungou e olhou para a mesa da defesa. Os campos férteis do Tribunal Superior Criminal de D.C. — Divisão de Crime Doloso eram atendidos diariamente pelo gabinete do defensor público, a rede de segurança para todos os acusados indigentes. Setenta por cento dos casos ficavam a cargo de defensores indicados pelo tribunal e quase sempre havia meia dúzia deles por perto, com seus ternos baratos e mocassins muito usados, com papéis aparecendo para fora das pastas de documentos. Naquele momento preciso, entretanto, apenas um estava presente, o "ilustre" Clay Carter II, que passou por ali para verificar o andamento de dois casos muito mais leves e agora via-se sozinho, e tudo o que queria era sair imediatamente do tribunal. Olhou para a direita e para a esquerda e percebeu que o Meritíssimo olhava para ele. Para onde tinham ido todos os DPs?

Uma semana antes, o Dr. Carter tinha terminado um caso de assassinato, que durou quase três anos e finalmente foi encerrado, com seu cliente condenado à prisão de onde jamais sairia, pelo menos não oficialmente. Clay Carter estava satisfeito por seu cliente ter ido para a prisão e aliviado por não ter nenhum caso de assassinato na sua mesa.

Isso evidentemente iria mudar.

— Dr. Carter? — o juiz disse. Não era uma ordem, mas um convite para se adiantar e fazer o que se esperava que todos os DPs fizessem — defender o

indigente, independentemente do caso. O Dr. Carter não podia demonstrar fraqueza, especialmente com os policiais e promotores olhando. Ele engoliu em seco, desistiu de esquivar-se e foi até a mesa do juiz como se fosse pedir um julgamento com júri, imediatamente. Apanhou o dossiê das mãos do juiz, olhou rapidamente para o parco conteúdo, ignorando o olhar suplicante de Tequila Watson e então disse: — Registraremos uma declaração de inocente, Meritíssimo.

— Muito obrigado, Dr. Carter. E nós o designamos como defensor do caso?

— Por enquanto sim. — O Dr. Carter já estava imaginando desculpas para passar o caso para algum outro DP.

— Muito bem. Obrigado — disse o juiz, estendendo a mão para o próximo dossiê.

Advogado e cliente se reuniram na mesa da defesa por alguns minutos. Carter ouviu toda a informação que Tequila estava disposto a dar, que era muito pouca. Prometeu passar pela cadeia no dia seguinte para uma entrevista mais longa. Enquanto os dois confabulavam em voz baixa, a mesa de repente se encheu de jovens advogados do gabinete do defensor público, colegas de Carter que pareceram materializar-se do nada.

Seria uma armação? Carter pensou. Teriam desaparecido ao saber que havia um acusado de assassinato no tribunal? Nos últimos cinco anos ele tinha feito isso. Fugir dos piores casos era uma arte no gabinete do defensor público.

Carter pegou sua pasta e saiu rapidamente pela passagem central, passando por filas de parentes preocupados, passando por Adelfa Pumphrey e seu pequeno grupo de apoio, chegando ao corredor cheio de mais criminosos com suas mães, namoradas e advogados. Alguns do gabinete do defensor público juravam que viviam para o caos do tribunal H. Carl Moultrie — a pressão dos julgamentos, a sugestão de perigo, as pessoas compartilhando o mesmo espaço com tantos homens violentos, o doloroso conflito entre vítimas e seus assaltantes, as agendas desesperadamente superlotadas, o chamado para garantir ao pobre e ao inseguro um tratamento justo da parte dos tiras e do sistema.

Se Clay Carter alguma vez se sentiu atraído por uma carreira no gabinete do defensor público já não lembrava mais por quê. Em uma semana seu quinto aniversário no gabinete chegaria e iria embora sem nenhuma comemoração e, infelizmente, sem que ninguém soubesse. Clay estava queimado aos trinta e um anos, atolado num gabinete que tinha vergonha de mostrar aos amigos, procurando uma saída sem ter para onde ir, e agora onerado com outro caso de assassinato sem sentido que ficava mais pesado a cada minuto.

No elevador, ele se amaldiçoou por ter-se deixado apanhar para defender um assassinato. Era um erro de principiante. Ele estava na profissão havia muito tempo para cair numa armação daquelas, especialmente num cenário tão familiar. Vou me

demitir, prometeu a si mesmo, como havia um ano prometia-se quase diariamente.

Havia duas pessoas no elevador. Uma funcionária do tribunal, com os braços carregados de pastas. A outra, um cavalheiro de uns quarenta anos com jeans preto de grife, camiseta, paletó, botas de crocodilo. Ele segurava um jornal e parecia ler com os pequenos óculos na ponta do nariz longo e elegante; na verdade estava observando Clay sem que ele percebesse. Por que alguém prestaria atenção numa pessoa num elevador daquele prédio?

Se Clay Carter estivesse alerta, em vez de ansioso e aborrecido, teria notado que o cavalheiro estava bem-vestido demais para ser um acusado, mas muito casualmente para ser advogado. Não tinha nas mãos nada além do jornal, o que era de certa forma estranho porque o tribunal H. Carl Moultrie não era conhecido como um bom lugar para ler. Ele não parecia um juiz, um funcionário, uma vítima ou um acusado, mas Clay nem notou sua presença.

EM UMA CIDADE DE 76 mil advogados, muitos deles faziam parte de megafirmas dentro do alcance de tiro do Capitólio — firmas ricas e poderosas, onde os sócios mais brilhantes recebiam bônus obscenos e os mais apagados congressistas recebiam acordos de lobbies lucrativos e os mais quentes litigantes tinham agentes próprios — o gabinete do defensor público ocupava um lugar bem abaixo na hierarquia: Baixo A.

Alguns advogados do GDP eram diligentemente comprometidos com a defesa do pobre e do oprimido e, para eles, o emprego não era um degrau para outra carreira. Independentemente do pouco que ganhavam ou de quanto era apertado seu orçamento, eles tinham prazer com a solitária independência do seu trabalho e com a satisfação de proteger os desprivilegiados.

Outros diziam a si mesmos que o emprego era transitório, apenas o duro treinamento necessário para se lançar em carreiras mais promissoras. Aprenda tudo do modo mais difícil, suje as mãos, veja e faça coisas das quais nenhum sócio de uma grande firma jamais sequer chegará perto, e algum dia uma firma com uma visão real premiará seu esforço. Experiência ilimitada de tribunal, um amplo conhecimento dos juízes, dos funcionários e dos policiais, gerenciamento da carga de trabalho, habilidade para tratar com clientes difíceis — essas eram algumas das vantagens que o DP tinha para oferecer depois de apenas alguns anos de prática.

O GABINETE DO DEFENSOR PÚBLICO tinha oito advogados, todos trabalhando em dois andares apertados do prédio de serviços públicos do distrito de Columbia, uma estrutura de concreto pálida e quadrada conhecida como "O Cubo", na avenida Massachusetts, perto do círculo Thomas. Tinha cerca de quarenta secretárias mal pagas e três dúzias de paralegais distribuídos pelo labirinto de cubículos. A diretora Glenda passava a maior parte do tempo fechada em seu gabinete porque sentia-se mais segura.

O salário inicial de um advogado do GDP era de 36 mil dólares por ano. Aumentos eram minúsculos e espaçados. O advogado mais antigo, um homem gasto e envelhecido de quarenta e três anos, ganhava 57.600 dólares e há dezenove anos ameaçava se demitir. A carga de trabalho era espantosa, porque a cidade estava perdendo a guerra contra o crime. Era infundável o número de criminosos indigentes. Anualmente, havia oito anos, Glenda submetia um pedido de orçamento para mais dez advogados e uma dúzia de paralegais. Nos quatro últimos orçamentos recebera menos dinheiro do que no ano anterior. Seu dilema no momento era quais paralegais devia demitir e quais advogados devia obrigar a trabalhar apenas meio período.

Como a maioria dos defensores públicos, Clay Carter não tinha entrado para a faculdade de direito pensando em fazer carreira, nem mesmo por um breve tempo, na defesa de criminosos indigentes. De modo algum. Quando estava ainda no preparatório e, depois, na faculdade de direito, seu pai tinha uma firma na capital. Clay trabalhou na firma em meio expediente durante anos e tinha um escritório só para ele. Os sonhos eram ilimitados então, pai e filho advogando juntos e o dinheiro jorrando.

Mas a firma fechou quando Clay estava no último ano da faculdade e seu pai saiu da cidade. Essa era outra história. Clay tornou-se defensor público porque na última hora não havia outros empregos disponíveis.

Levou três anos para manobrar e conseguir um gabinete que não fosse compartilhado por outro advogado ou um paralegal. Mais ou menos do tamanho de um modesto closet suburbano, o gabinete não tinha janelas e a mesa ocupava metade do espaço. O escritório que tinha na firma do pai era quatro vezes maior, com vista para o Monumento a Washington e, embora tentasse, ele não conseguia esquecer isso. Cinco anos depois, ele às vezes ainda sentava à mesa e olhava para as paredes que pareciam estar mais próximas a cada mês, e se perguntava exatamente como tinha despencado daquele escritório para este?

Jogou o dossiê de Tequila Watson na mesa muito limpa e muito arrumada e tirou o paletó. Seria fácil, naquele ambiente desalentador, não se preocupar com a aparência do gabinete, deixar empilhar as pastas e os papéis, permitir a desordem e pôr a culpa no excesso de trabalho e na falta de pessoal. Mas seu pai acreditava que uma mesa organizada era sinal de mente organizada. Se você não pudesse encontrar alguma coisa dentro de trinta segundos, estava perdendo dinheiro, era o que ele sempre dizia. Responder aos telefonemas imediatamente era outra regra que Clay aprendera a obedecer.

Por isso era exigente com a ordem da mesa e do gabinete, para divertimento dos colegas afobados. Seu diploma da faculdade de direito Georgetown pendia no centro da parede, numa bela moldura. Nos dois primeiros anos no GDP, ele recusou mostrar o diploma, temendo que os outros advogados perguntassem por que alguém formado em Georgetown estava trabalhando por um salário tão pequeno. Pela experiência, ele dizia a si mesmo, estou aqui para ganhar experiência. Um julgamento por mês — julgamentos difíceis contra promotores difíceis perante júris difíceis. Para o treinamento no pior ambiente, a luta com os punhos nus que nenhuma grande firma proporcionava. O dinheiro viria mais tarde, quando ele fosse um litigante duramente treinado, quando ainda muito jovem.

Olhou para a pasta fina de Watson no centro da mesa, imaginando como podia passar o caso para outra pessoa. Estava cansado de casos difíceis e do soberbo treinamento e de todas as outras bobagens com que tentava justificar o fato de ser

um DP mal pago.

Havia seis mensagens telefônicas em papel cor-de-rosa, na sua mesa. Cinco relacionadas ao trabalho, uma de Rebecca, sua namorada há muito tempo. Ele ligou primeiro para ela.

— Estou muito ocupada — ela informou, depois das amabilidades iniciais.

— Você me telefonou — Clay disse.

— Sim, só posso falar por um minuto. — Rebecca era assistente de um congressista sem importância, presidente de algum subcomitê inútil. Porém, como era o presidente, tinha um gabinete adicional que devia ser equipado com auxiliares como Rebecca, que trabalhava freneticamente o dia inteiro preparando a próxima série de audiências às quais ninguém compareceria. Seu pai tinha manejado os cordões para conseguir aquele emprego.

— Eu também estou atolado em trabalho — Clay disse. — Acabo de pegar outro caso de assassinato. — Conseguiu imprimir uma sugestão de orgulho na voz como se fosse uma honra ser o advogado de Tequila Watson.

Era um jogo que eles faziam: Quem era o mais ocupado? Quem era o mais resistente? Quem estava sob maior pressão?

— Amanhã é aniversário de minha mãe — ela disse, depois de uma breve pausa, como se Clay devesse saber. Ele não sabia. Ele não se importava. Ele não gostava da mãe dela. — Eles nos convidaram para jantar no clube.

Um dia péssimo ia ficando muito pior. Ele deu a única resposta possível, a mais rápida: — Claro.

— Por volta das sete horas. Paletó e gravata.

— É claro. — Eu preferia jantar com Tequila Watson na cadeia, ele pensou.

— Tenho de desligar — ela disse. — Vejo você então. Eu o amo.

— Amo você.

Era uma conversa típica entre os dois, algumas frases rápidas e correr para salvar o mundo. Carter olhou para a foto dela na sua mesa. O romance tivera complicações suficientes para afogar um casamento. Seu pai certa vez processara o pai dela e nunca ficou muito claro quem venceu e quem perdeu. A família de Rebecca afirmava ser originária da antiga sociedade de Alexandria; Clay fora um filho do Exército. Eles eram republicanos, da ala direita, ele não era. O pai dela era conhecido como Bennett, a Escavadeira, desde a construção — do tipo implacável derrube e queime — de um complexo, nos subúrbios do norte da Virgínia, perto da capital. Clay detestava o complexo do norte da Virgínia e discretamente contribuía com dinheiro para dois grupos ambientalistas que eram contra os construtores. A mãe dela era uma agressiva arrivista social que queria ver as duas filhas casadas por dinheiro. Clay não via sua mãe havia onze anos. Ele não tinha nenhuma ambição social. Não tinha dinheiro.

Durante quase quatro anos o romance sobreviveu a uma briga por mês, a maioria delas provocada pela mãe de Rebecca. Continuava vivo por amor, sexo e pela determinação de ter sucesso, apesar de toda a oposição. Mas Clay percebia uma certa fadiga em Rebecca, um cansaço sutil provocado pela idade e pela constante pressão da família. Ela estava com vinte e oito anos. Não queria uma carreira. Queria um marido, uma família e longos dias passados no clube de campo, mimando as crianças, jogando tênis, almoçando com a mãe.

Paulette Tullos apareceu do nada e o assustou.

— Pegaram você, não foi? — ela disse com um sorriso. — Um novo caso de assassinato.

— Você estava lá? — Clay perguntou.

— Eu vi tudo. Vi a coisa chegando, vi acontecer, não tive jeito de salvar você, amigo.

— Obrigado. Devo uma a você.

Ele a teria convidado para sentar, mas não havia nenhuma cadeira no gabinete a não ser a sua. Não havia lugar e, além disso, cadeiras não eram necessárias porque todos os seus clientes estavam na cadeia. Sentar e conversar não fazia parte da rotina diária do GDP.

— Quais as minhas chances de me livrar dele?

— Quase impossíveis. Para quem poderia dar?

— Eu estava pensando em você.

— Desculpe. Já tenho dois casos de assassinato. Glenda não vai mudar isso por você.

Paulette era sua melhor amiga no GDP. Produto de um bairro turbulento, com dificuldade passou pelo preparatório e pela faculdade de direito noturna e parecia destinada à classe média até que encontrou um cavalheiro grego, mais velho, que gostava de mulheres negras jovens. O grego casou com ela e a instalou confortavelmente no noroeste de Washington e então depois de um tempo, voltou para a Europa, onde preferia morar. Paulette suspeitava que ele devia ter uma ou duas mulheres lá, mas não se preocupava muito com isso. Estava bem de dinheiro e raramente sozinha. Depois de dez anos, o arranjo funcionava com perfeição.

— Eu ouvi a conversa dos promotores — ela disse. — Outro crime de rua, mas com motivo questionável.

— Não exatamente o primeiro na história da capital.

— Mas sem motivo aparente.

— Sempre há um motivo, dinheiro, drogas, um novo par de Nikes.

— Mas o garoto era bastante calmo, sem história de violência?

— As primeiras impressões raramente são verdadeiras, Paulette, você sabe disso.

— Jermaine teve um caso muito parecido dois dias atrás. Nenhum motivo aparente.

— Eu não sabia.

— Deve tentar falar com ele. Jermaine é novo e ambicioso e quem sabe, você pode passar o caso para ele.

— Vou fazer isso agora mesmo.

Jermaine não estava no escritório, mas a porta de Glenda, por algum motivo estava entreaberta. Clay bateu de leve e entrou.

— Tem um minuto? — ele perguntou sabendo que Glenda detestava conceder um minuto a qualquer pessoa do gabinete. Ela fazia um trabalho passável dirigindo o pessoal, gerenciando a distribuição dos casos, segurando o orçamento e o mais importante, fazendo política na prefeitura. Mas não gostava de gente. Preferia trabalhar atrás de uma porta fechada.

— Claro — ela disse bruscamente, sem nenhuma convicção. Estava claro que não gostou da intrusão, exatamente a recepção que Clay esperava.

— Esta manhã aconteceu que cheguei à Divisão Criminal na hora errada, me pegaram com um caso de assassinato, que eu preferia passar para outra pessoa. Acabo de resolver o caso Traxel que, como você sabe, durou três anos. Preciso de um descanso de assassinatos. Que tal um dos caras mais novos?

— Está pedindo demissão, Dr. Carter? — ela ergueu as sobrancelhas.

— Absolutamente. Quero tratar de drogas e roubo por alguns meses. É tudo que estou pedindo.

— E quem sugere que pode ficar com o... qual é mesmo o caso? |

— Tequila Watson.

— Tequila Watson. Quem deve ficar com ele, Dr. Carter?

— Na verdade não me importa. Eu só preciso de um descanso.

Glenda recostou na cadeira, como um velho e sábio diretor presidente, mastigando a ponta de uma caneta.

— Não é o que nós todos precisamos, Dr. Carter? Nós todos adorariamos um descanso, não é mesmo?

— Sim ou não?

— Temos oito advogados aqui, Dr. Carter, só a metade qualificada para tratar de casos de assassinato. Todos têm pelo menos dois. Passe adiante se puder, mas eu não vou contribuir para isso.

Saindo da sala, Clay disse:

— Eu bem que poderia ter um aumento, se a senhora quiser pensar a respeito.

— No próximo ano, Dr. Carter. No próximo ano.

— E um paralegal.

— No ano que vem.

O dossiê de Tequila Watson continuou no gabinete muito arrumado e organizado de Jarrett Clay Carter II, Advogado.

AFINAL DE CONTAS o prédio era uma cadeia. Embora de construção recente e da inauguração ter sido motivo de grande orgulho para um punhado de líderes da cidade, era uma cadeia. Desenhado por consultores quebra-galhos da defesa urbana e adornado com instrumentos de segurança de alta tecnologia, ainda assim era uma cadeia. Eficiente, seguro, humano e embora construído para o próximo século, estava lotado no dia em que abriu. De fora parecia um bloco de concreto apoiado numa das extremidades, sem janelas, sem esperanças, repleto de criminosos e de inúmeros guardas. Para que alguém se sentisse melhor, recebeu o nome de "Centro Criminal de Justiça", um eufemismo moderno usado largamente pelos arquitetos desse tipo de projeto. Era uma cadeia.

E era definitivamente parte do território de Clay Carter. Ele encontrava quase todos os seus clientes ali, depois que eram presos e antes de serem soltos sob fiança, quando podiam pagar. Muitos não podiam. Muitos eram presos por crimes não-violentos e culpados ou inocentes, ficavam na cadeia até sua última apresentação no tribunal. Tigger Banks tinha passado quase oito meses na cadeia por um roubo que não cometeu. Perdeu dois empregos de meio expediente. Perdeu seu apartamento. Perdeu sua dignidade. O último telefonema de Tigger para Clay foi um pedido de dinheiro de cortar o coração. Ele estava outra vez cheirando crack, na rua, e encaminhando-se para sérios problemas.

Cada advogado criminal da cidade tinha uma história de Tigger Banks, todas com finais infelizes e ninguém podia fazer nada. Cada preso custava 41 mil dólares por ano. Por que o sistema estava tão ansioso para queimar dinheiro?

Clay estava farto dessas questões e farto dos Tiggers da sua carreira, cansado da cadeia e dos mesmos guardas malencarados que o recebiam na entrada do subsolo, usada por quase todos os advogados. E estava farto do cheiro do lugar, e dos pequenos procedimentos idiotas criados por amanuenses que liam manuais sobre como manter as cadeias seguras. Eram 9 horas da manhã de quarta-feira, mas para Clay todos os dias eram iguais. Foi até a pequena janela de correr, sob uma tabuleta que dizia ADVOGADOS e depois da funcionária certificar-se de que ele tinha esperado bastante tempo, abriu a janela e não disse nada. Nada precisava ser dito porque ela e Clay havia quase cinco anos se entreolhavam carrancudos, sem se cumprimentar. Ele assinou um registro, devolveu e ela fechou a janela, sem dúvida à prova de balas para protegê-la dos advogados violentos.

Glenda passara dois anos tentando implementar um método simples de telefonema prévio, com o qual advogados do GDP, e qualquer outra pessoa, podiam telefonar uma hora antes da sua chegada e seus clientes estariam nas vizinhanças da

sala de conferência dos advogados. Era um pedido simples, e essa simplicidade sem dúvida foi a causa do seu fracasso no inferno da burocracia.

Havia uma fileira de cadeiras encostadas numa parede onde os advogados deviam esperar enquanto seus clientes eram trazidos a passo de lesma por alguém lá em cima. As 9 horas da manhã havia sempre alguns advogados esperando, folheando papéis nas pastas, murmurando em celulares, ignorando uns aos outros. Em dado momento de sua jovem carreira, Clay tinha levado grossos livros de direito para ler e marcar com marcador amarelo alguns trechos, desse modo impressionando os outros advogados com sua intensidade. Agora ele tirou do bolso o Post e abriu na seção de esportes. Como sempre, olhou para o relógio para ver quanto tempo ia perder esperando por Tequila Watson.

Vinte e quatro minutos. Nada mal.

Um guarda o levou pelo corredor para uma sala dividida por uma grossa parede de Plexiglas. O guarda apontou para o quarto cubículo e Clay sentou-se. Através do vidro ele podia ver que a outra metade do cubículo estava vazia. Mais espera. Tirou papéis da pasta e começou a pensar no que ia perguntar para Tequila. O cubículo à sua direita estava ocupado por um advogado no meio de uma conversa tensa, mas em surdina, com seu cliente, uma pessoa que Clay não podia ver.

O guarda voltou e murmurou para Clay, como se a conversa fosse ilegal.

— Seu garoto teve uma noite má — ele disse, agachando e olhando para as câmeras de segurança.

— Tudo bem — Clay disse.

— Ele foi para cima de um garoto mais ou menos às duas horas da manhã, espancou à beça, fez uma bagunça e tanto. Foram precisos seis homens para separar a briga. Ele está horrível.

— Tequila?

— Watson, esse mesmo. Mandou o outro garoto para o hospital. Na certa terá algumas acusações adicionais.

— Tem certeza? — Clay perguntou, olhando por cima do ombro.

— Está tudo gravado em vídeo. — Fim da conversa.

Ergueram os olhos quando Tequila foi levado à cadeira por dois guardas, cada um de um lado, segurando seus cotovelos. Ele estava algemado, embora os prisioneiros habitualmente fossem libertados das algemas para falar com seus advogados. Ele sentou. Os guardas afastaram-se apenas um pouco.

Tequila estava com o olho esquerdo fechado, inchado, com sangue seco nos cantos. O direito estava aberto, com a pupila vermelha. Tinha um curativo com gaze e esparadrapo no centro da testa e um Band-Aid em forma de borboleta no queixo. Os lábios e as mandíbulas estavam tão inchados que Clay não tinha certeza de estar com o cliente certo. Alguém, em algum lugar tinha espancado para valer o homem ali

sentado atrás do vidro a um metro de Clay.

Clay apanhou o fone negro e fez sinal para Tequila fazer o mesmo. Ele o segurou desajeitadamente com as duas mãos.

— Você é Tequila Watson? — Clay procurou o maior contato visual possível.

Ele balançou a cabeça afirmativamente, muito devagar, como se ossos soltos estivessem mudando de posição dentro da cabeça.

— Você foi ao médico?

Fez que sim com a cabeça novamente.

— Os tiras fizeram isso?

Sem hesitar ele balançou a cabeça. Não.

— Foram os outros caras na cela?

Inclinou a cabeça. Sim.

— Os tiras disseram que você começou a briga, bateu num garoto e ele foi parar no hospital. É verdade?

Outra vez a cabeça. Sim.

Era difícil imaginar Tequila Watson, com seus setenta e cinco quilos, provocando alguém numa cela lotada, na cadeia da capital.

— Você conhecia o garoto?

Movimento lateral da cabeça. Não.

Até então ele não tinha precisado do fone e Clay estava cansado da linguagem de sinais.

— Por que exatamente você espancou o garoto?

Com grande esforço os lábios inchados finalmente se abriram.

— Eu não sei — ele grunhiu, as palavras lentas e dolorosas.

— Isso é formidável, Tequila. Assim tenho com que trabalhar. Que tal autodefesa? O cara o atacou? Deu o primeiro soco?

— Não.

— Ele estava drogado ou bêbado?

— Não.

— Estava xingando você, fazendo ameaças, esse tipo de coisa?

— Ele estava dormindo.

— Dormindo?

— Isso aí.

— Estava roncando muito alto? Esqueça.

O contato visual foi quebrado pelo advogado que de repente precisou escrever alguma coisa no seu bloco de notas amarelo. Clay anotou o dia, a hora, o lugar, o nome do cliente e não encontrou mais nenhum fato importante para anotar. Tinha cem perguntas na mente e depois dessas outras cem. Elas raramente variavam na primeira entrevista, apenas os fatos básicos da vida miserável do cliente e como chegaram a

se encontrar. A verdade era guardada como joia rara para ser passada através do Plexiglas só quando o cliente não era ameaçado. Perguntas sobre família, escola, empregos e amigos eram geralmente respondidas com uma boa margem de honestidade. Mas perguntas relacionadas com o crime eram sujeitas a um jogo de habilidades. Todo advogado criminal sabia como não falar muito sobre o crime na primeira entrevista. Procure os detalhes em outro lugar sem orientação do cliente, a verdade pode aparecer mais tarde.

Mas Tequila parecia diferente. Até aquele momento não parecia temer a verdade. Clay resolveu economizar muitas e muitas horas do seu tempo precioso. Inclinou-se para a frente e abaixou a voz.

— Dizem que você matou um garoto, deu cinco tiros na cabeça dele.

A cabeça inchada se inclinou de leve.

— Um tal de Ramon Pumphrey, conhecido como Pumpkin. Você conhecia esse cara?

A cabeça se inclinou. Sim.

— Você atirou nele? — A voz de Clay era quase um murmúrio. Os guardas dormiam, mas a pergunta era ainda uma que os advogados não faziam, pelo menos não na cadeia.

— Atirei. — Tequila disse mansamente.

— Cinco vezes?

— Pensei que tinham sido seis.

Oh, muito bem, nem vai precisar de julgamento. Fecho este caso em sessenta dias, Clay pensou. Um rápido pedido de acordo. Uma declaração de culpado em troca de prisão perpétua.

— Um negócio de droga? — Clay perguntou.

— Não.

— Você o assaltou para roubar?

— Não.

— Então me ajude, Tequila. Você teve um motivo, não teve?

— Eu conhecia o cara.

— É isso então? Você o conhecia? Essa é sua melhor desculpa?

Ele fez que sim com a cabeça, mas não disse nada.

— Uma mulher, certo? Você o pegou com sua namorada? Você tem uma namorada, não tem?

Ele balançou a cabeça. Não.

— Teve alguma coisa a ver com sexo?

— Não.

— Fale comigo, Tequila. Eu sou seu advogado. Sou a única pessoa no planeta que está trabalhando neste momento para ajudar você. Dê alguma coisa com que eu

possa começar a trabalhar.

— Eu comprava drogas de Pumpkin.

— Agora você está falando. Há quanto tempo?

— Uns dois anos.

— Muito bem. Ele devia dinheiro a você ou alguma droga? Você devia alguma coisa a ele?

— Não.

Clay respirou profundamente e pela primeira vez notou as mãos de Tequila. Estavam cheias de pequenos cortes e tão inchadas que não se viam as juntas.

— Você briga muito?

Talvez um sim, talvez um não com a cabeça.

— Não mais.

— Mas antes brigava?

— Coisa de criança. Lutei com Pumpkin uma vez.

Finalmente. Clay respirou fundo outra vez e ergueu a caneta.

— Muito obrigado, senhor, por sua ajuda. Quando, exatamente, você brigou com Pumpkin?

— Há muito tempo.

— Que idade vocês tinham?

Um erguer de ombros em resposta a uma pergunta idiota. Clay sabia por experiência que seu cliente não tinha noção de tempo. Eles foram roubados ontem ou foram presos no mês passado, mas querer saber o que aconteceu há mais de trinta dias e toda a história se confundia. A vida na rua era uma luta para sobreviver hoje, sem tempo para lembranças e nada no passado para ter saudades. Não havia futuro, por isso esse ponto de referência era também desconhecido.

— Garotos — Tequila disse, continuando com respostas de uma palavra, talvez um hábito, com ou sem o maxilar quebrado.

— Que idade você tinha?

— Uns doze.

— Foi na escola?

— Jogando basquete.

— Foi uma briga feia, cortes e ossos quebrados e coisa assim?

— Não. Os caras maiores apartaram.

Clay largou o fone por um momento e fez um sumário da sua defesa. Senhoras e senhores do júri, meu cliente deu cinco ou seis tiros no sr. Pumphrey (que estava desarmado) à queima-roupa, num beco sujo, com uma arma roubada, por duas razões; a primeira, ele o reconheceu, a segunda, eles tiveram uma briga num playground há uns oito anos. Pode não parecer grande coisa, senhoras e senhores, mas nós todos sabemos que em Washington, D.C. essas duas razões são tão boas

quanto quaisquer outras.

Outra vez com o fone no ouvido ele perguntou: — Você via Pumpkin com frequência?

— Não.

— Quando foi a última vez que o viu, antes dele levar os tiros?

Tequila deu de ombros. De volta ao problema do tempo.

— Você o via uma vez por semana?

— Não.

— Uma vez por mês?

— Não.

— Duas vezes por ano?

— Talvez.

— Quando você o viu, dois dias atrás, discutiu com ele? Ajude-me aqui.

Tequila, estou me esforçando demais para saber os detalhes.

— Não discutimos.

— Por que você entrou no beco?

Tequila largou o fone e começou a mover a cabeça para a frente e para trás, muito devagar, para aliviar alguma câimbra. Evidentemente sentia dor. As algemas pareciam cortar sua pele. Quando pegou o fone outra vez disse: — Vou dizer a verdade. Eu tinha uma arma e queria atirar em alguém. Qualquer pessoa, não importava quem. Saí do Campo e comecei a andar para lugar nenhum, procurando alguém em quem atirar. Quase peguei um coreano no lado de fora da loja dele, mas tinha muita gente por perto. Então eu vi Pumpkin. Eu o conhecia. Conversamos por um minuto. Eu disse que tinha algumas pedras se ele quisesse um lance. Fomos para o beco. Eu atirei no garoto. Não sei por quê. Eu só queria matar alguém.

Quando ficou claro que a narrativa tinha terminado, Clay perguntou: — O que é o Campo?

— Lugar de reabilitação. Era onde eu estava.

— Há quanto tempo estava lá?

Tempo outra vez. Mas a resposta foi uma grande surpresa.

— Cento e quinze dias.

— Você estava limpo havia cento e quinze dias?

— Isso aí.

— Estava limpo quando atirou em Pumpkin?

— Isso mesmo. Ainda estou. Cento e dezesseis dias.

— Já tinha atirado em alguém antes?

— Não.

— Onde arranjou a arma?

— Roubei da casa do meu primo.

— O Campo é um lugar fechado?

— É.

— Você fugiu?

— Eu estava tendo duas horas. Depois de cem dias a gente pode sair por duas horas, depois volta.

— Então você saiu do Campo, foi à casa do seu primo, roubou a arma e começou a andar na rua à procura de alguém para matar e encontrou Pumpkin?

Tequila começou a balançar a cabeça afirmativamente quase no fim da frase.

— Foi o que aconteceu. Não me pergunte por quê. Eu não sei. Eu simplesmente não sei.

Talvez houvesse a sugestão de umidade no olho direito vermelho de Tequila, culpa ou remorso, mas Clay não tinha certeza. Tirou alguns papéis da pasta e os passou pela abertura no vidro.

— Assine nas linhas com uma marca vermelha. Volto dentro de uns dois dias.

Tequila ignorou os papéis.

— O que vai acontecer comigo? — ele perguntou.

— Falaremos disso mais tarde.

— Quando vou poder sair?

— Pode demorar um longo tempo.

OS DIRIGENTES DO Campo de Libertação não viam necessidade de fugir dos problemas. Não faziam qualquer esforço para sair da zona de guerra de onde tiravam suas casualidades. Nada de facilidades da tranquilidade do Campo. Nada de clínica isolada num lugar melhor da cidade. Seus acampados vinham das ruas e voltariam para as ruas.

O Campo dava para a rua W ao norte de Washington, com vista para uma fileira de casas de dois andares fechadas com tábuas, às vezes usadas por traficantes de crack. Bem à vista ficava o famoso terreno baldio de um antigo posto de gasolina. Ali traficantes se encontravam com seus fornecedores e faziam negócio, sem se importar se alguém estava olhando. Segundo relatórios não oficiais da polícia, o terreno tinha produzido mais mortos a tiros do que qualquer outro território da capital.

Clay seguiu de carro lentamente pela rua W, portas fechadas, as mãos segurando a direção com força, olhos virando para todos os lados, ouvidos esperando o inevitável som do tiroteio. Um homem branco naquele gueto era um alvo irresistível, independentemente da hora.

O Campo de Libertação era um antigo armazém, há muito abandonado por quem o utilizara por último para armazenar mercadorias, condenado pela prefeitura, então leiloado por poucos dólares a uma organização não-comercial que de algum modo viu o potencial. Era uma estrutura pesada, o tijolo vermelho pintado com spray de cima a baixo, com os níveis mais baixos pintados novamente pelos especialistas em grafite da vizinhança. Espalhava-se pela rua e ocupava uma quadra inteira. Todas as portas e janelas laterais eram cimentadas e pintadas, de modo que não precisavam de uma cerca nem de rolos de arame farpado. Quem quisesse fugir precisaria de um martelo, uma talhadeira e um dia inteiro de trabalho árduo e ininterrupto.

Clay estacionou seu Honda Accord bem na frente do prédio e, por um momento, pensou se seria melhor ir embora ou descer do carro. Uma pequena tabuleta acima do conjunto de grossas portas duplas dizia:

CAMPO DE LIBERTAÇÃO.
PARTICULAR.

Proibida a entrada. Como se alguém pudesse ou quisesse simplesmente entrar. Na rua havia a habitual coleção de tipos de rua: alguns jovens durões, sem dúvida negociando drogas e armas de assalto suficientes para impedir a ação da polícia; um

ou dois bêbados cambaleando um atrás do outro e o que pareciam ser membros da família esperando para visitar alguém lá dentro do Campo. Seu trabalho o levava aos lugares mais indesejáveis da capital e ele estava treinado em disfarçar o medo. Eu sou um advogado. Estou aqui a trabalho. Saia do meu caminho. Não fale comigo. Em quase cinco anos com o GDP nunca levava um tiro.

Clay trancou o Accord e o deixou junto ao meio-fio. Enquanto fazia isso, admitia tristemente que poucos ou nenhum dos maus elementos da rua se interessariam por seu pequeno carro. Tinha doze anos e quase 300 mil quilômetros rodados. Podem levar, ele pensou.

Prendeu a respiração e ignorou os olhares curiosos da gangue da calçada. Não há nenhum outro rosto branco num raio de três quilômetros, Clay pensou. Apertou um botão ao lado das portas e uma voz disse no interfone: — Quem é?

— Meu nome é Clay Carter. Sou advogado. Tenho hora marcada às onze horas com Talmadge X.

— Ele disse o nome claramente, ainda certo de que devia ser um engano. No telefone tinha perguntado à secretária como se soletrava o sobrenome do sr. X e ela disse, com certa aspereza, que não era um sobrenome. Era um X. Aceite ou não. Não ia mudar por isso.

— Um minuto — disse a voz, e Clay começou a esperar. Olhou para as portas, tentando desesperadamente ignorar tudo à sua volta. Percebeu um movimento à sua esquerda, alguma coisa muito próxima.

— Diga, cara, você é advogado? — veio a pergunta numa voz estridente de homem negro jovem, suficientemente alta para que todos pudessem ouvir.

Clay virou e olhou para os óculos escuros funk do seu provocador.

— Isso mesmo — ele disse, com a maior frieza possível.

— Você não é advogado — o jovem disse. Um pequeno grupo se formava atrás dele, olhando embasbacado.

— Temo que sim — Clay disse.

— Não pode ser advogado nenhum, cara.

— De jeito nenhum — disse um da gangue.

— Tem certeza de que é advogado?

— Tenho — Clay disse, entrando no jogo.

— Se é advogado, por que tem uma merda de carrinho como aquele?

Clay não sabia ao certo o que magoava mais — o riso da calçada ou a verdade do que ele acabava de dizer. Então ele piorou as coisas.

— Minha mulher tem um Mercedes — ele disse, numa péssima tentativa de humor.

— Você não tem mulher nenhuma. Não tem aliança.

O que mais eles teriam notado? Clay pensou. Eles riam ainda quando uma das

portas se abriu com um leve estalo. Ele conseguiu entrar casualmente em vez de mergulhar para dentro, para a segurança. A área de recepção era uma casamata com chão de cimento, paredes de concreto, portas de metal, nenhuma janela, teto baixo, pouca luz, tudo, exceto sacos de areia e armas. Atrás de uma mesa longa, doada pelo governo, uma recepcionista atendia dois telefones. Sem erguer os olhos, ela disse: — Ele estará aqui em um minuto.

Talmadge X era um homem magro e intenso de uns cinquenta anos, sem um grama de gordura no corpo, sem a menor sugestão de um sorriso no rosto enrugado e envelhecido. Os olhos eram grandes e marcados por décadas de vida nas ruas. Ele era muito negro e sua roupa muito branca — camisa e calça de brim de algodão muito engomadas. Botas negras de combate, perfeitamente engraxadas. A cabeça brilhava também, sem nenhum sinal de cabelo.

Ele apontou para a única cadeira no escritório improvisado e fechou a porta.

— Tem os papéis? — ele perguntou bruscamente. Estava claro que conversa fútil não era o seu forte.

Clay entregou os documentos necessários, todos com a assinatura indecifrável das mãos algemadas de Tequila Watson. Talmadge X leu cada palavra de cada página. Clay notou que ele não usava relógio, nem gostava de relógios. O tempo fora deixado no lado de fora da porta da frente.

— Quando ele assinou isto?

— São datados de hoje. Eu estive com ele há cerca de duas horas na cadeia.

— E é o defensor designado para ele? — Talmadge X perguntou. —

Oficialmente?

O homem tinha estado mais de uma vez às voltas com a justiça criminal.

— Sim. Designado pelo tribunal e pelo gabinete do defensor público.

— Glenda ainda está lá?

— Sim.

— Nós nos conhecemos há muito tempo. — Era o mais perto que chegariam de uma conversa descontraída.

— Já sabiam do crime? — Clay perguntou, tirando um bloco de notas da pasta.

— Não até seu telefonema, há uma hora. Sabíamos que ele saiu na terça-feira e não voltou, sabíamos que alguma coisa estava errada, mas sempre esperamos que alguma coisa saia errada. Suas palavras eram lentas e precisas, seus olhos piscavam bastante mas não se desviavam. — Diga-me o que aconteceu.

— Isto é confidencial, certo? — Clay disse.

— Sou conselheiro dele. Sou também seu ministro religioso. Você é seu advogado. Tudo que for dito nesta sala fica nesta sala. Combinado?

— Certo.

Clay deu os detalhes que tinha, incluindo a versão de Tequila. Tecnicamente,

eticamente ele não devia revelar a pessoa alguma o que o cliente tinha dito. Mas quem ia se importar? Talmadge X sabia muito mais sobre Tequila Watson do que Clay jamais saberia.

À medida que a narrativa continuava e os eventos eram revelados para Talmadge X, ele finalmente se emocionou e fechou os olhos. Levantou a cabeça para o teto como perguntando a Deus por que aquilo tinha acontecido. Ficou ausente, imerso em pensamentos e profundamente preocupado.

Quando Clay terminou, Talmadge X disse: — O que eu posso fazer?

— Eu gostaria de ver a ficha dele. Tequila me autorizou. A pasta estava na mesa, na frente de Talmadge X.

— Mais tarde — ele disse. — Mas vamos conversar antes. O que o senhor quer saber?

— Vamos começar com Tequila. De onde ele vem?

O olhar não estava mais ausente. Talmadge estava pronto para ajudar.

— Da rua, de onde todos eles vêm. Foi enviado pelo Serviço Social porque era um caso sem esperança. Sem o que se possa chamar de família. Não conheceu o pai. A mãe morreu de AIDS quando ele tinha três anos. Criado por uma tia ou duas, passou pela família toda, lares adotivos aqui e ali, entrando e saindo de tribunais e de centros para a juventude. Largou a escola. Caso típico para nós. Você sabe alguma coisa sobre o Campo de Libertação?

— Não.

— Pegamos os casos mais difíceis, os permanentemente viciados. Nós os mantemos presos durante meses, damos a eles um ambiente de campo de treinamento militar. Somos oito aqui, oito conselheiros e todos fomos viciados. Uma vez viciado, sempre viciado, mas o senhor deve saber disso. Quatro de nós são agora ministros religiosos. Eu servi treze anos por uso de drogas e roubo, depois encontrei Jesus. De qualquer modo, nos especializamos nos jovens viciados em crack que ninguém mais pode ajudar.

— Só crack?

— Crack a droga, homem. Barato, abundante, leva a sua mente para longe por alguns minutos. Quando se começa não se pode parar.

— Ele não me disse muita coisa sobre ficha criminal.

Talmadge X abriu a pasta e folheou as páginas.

— Provavelmente porque ele não lembra muito. Tequila passou anos chapado. Aqui está uma porção de coisas pequenas quando era ainda da classe juvenil, furto, roubo de carros, o de sempre, o que nós todos fizemos quando começamos a comprar drogas. com dezoito anos cumpriu quatro meses por roubo de lojas. Pegou três meses por posse no ano passado. Não é uma ficha muito ruim para um de nós. Nada violento.

— Quantos crimes dolosos?

— Não vejo nenhum.

— Acho que isso pode ajudar — Clay disse. — De certo modo.

— Parece que nada pode ajudar.

— Disseram que há pelo menos duas testemunhas oculares. Não estou otimista.

— Ele confessou para os tiras?

— Não. Eles disseram que ele ficou de boca fechada quando o prenderam e não disse nada.

— Isso é raro.

— Sim, é — Clay disse.

— Está parecendo perpétua sem condicional — disse Talmadge X, a voz da experiência.

— Acertou.

— Não é o fim do mundo para nós, sabe Dr. Carter. De muitos modos, a vida na prisão é melhor do que na rua. Eu tenho uma porção de companheiros que preferem. O triste é que Tequila era um dos poucos que podia conseguir.

— Por quê?

— O garoto tem um cérebro. Quando ficou limpo e saudável, sentiu-se tão bem! Pela primeira vez na sua vida adulta ele estava sóbrio. Não sabia ler, então nós ensinamos. Gostava de desenhar, então encorajamos a arte. Nunca nos entusiasmamos por aqui, mas Tequila nos deixou orgulhosos. Ele estava até pensando em mudar de nome por motivos óbvios.

— Vocês nunca se entusiasmam?

— Perdemos sessenta e seis por cento, Dr. Carter. Dois terços. Eles vêm para cá, doentes como cães, drogados o corpo e o cérebro cozidos em crack, desnutridos, até passando fome, doenças da pele, queda de cabelo, os viciados mais doentes que a capital pode produzir e nós os engordamos, secamos, os fechamos num treinamento básico, fazendo-os levantar à seis horas da manhã, esfregar os quartos e esperar a inspeção, desjejum às seis e meia, depois lavagem cerebral contínua com um rigoroso grupo de conselheiros que estiveram exatamente onde eles estão, sem besteiras, perdoe minha linguagem, nunca sequer tentem nos trapacear porque nós todos fomos trapaceiros. Depois de um mês, eles estão limpos e muito orgulhosos. Não sentem falta do mundo lá fora porque não há nada de bom à espera deles, nenhum emprego, nenhuma família, ninguém os ama. É fácil fazer a lavagem cerebral e nós somos inflexíveis. Depois de três meses, dependendo do paciente, podemos começar a mandá-los de volta às ruas uma ou duas horas por dia. Nove em dez retornam, ansiosos para voltar aos seus pequenos quartos. Ficamos com eles durante um ano, Dr. Carter. Doze meses, nem um dia a menos. Tentamos ensinar alguma coisa, talvez uma profissão, talvez um pequeno treinamento com computadores. Nos

esforçamos ao máximo para arranjar empregos. Eles se formam, nós todos choramos. Eles vão embora e dentro de um ano, dois terços deles estão usando crack outra vez e caminhando para a sarjeta.

— Vocês os recebem de volta?

— Raramente. Se eles souberem que podem voltar, é maior a probabilidade de recaída.

— O que acontece com a outra terça parte?

— Por isso estamos aqui, Dr. Carter. Por isso sou conselheiro. Essa gente, como eu, sobrevive no mundo e faz isso com um rigor que ninguém compreende. Pomos ao inferno e voltamos e é uma estrada muito feia. Muitos de nós, sobreviventes, trabalhamos com outros viciados.

— Quantas pessoas podem acomodar de uma vez?

— Temos oito leitos, todos ocupados. Temos espaço para duas vezes mais do que isso. Mas nunca há dinheiro suficiente.

— Quem os financia?

— Oito por cento é de subvenção federal, sem garantia de ano para ano. O resto conseguimos de particulares. Somos muito ocupados para levantar muito dinheiro.

Clay virou a página e fez uma anotação.

— Não há nem uma pessoa da família com quem eu possa falar?

Talmadge X folheava o dossiê, balançando a cabeça.

— Talvez uma tia em algum lugar, mas não espere muito. Mesmo que encontre alguma, como isso pode ajudá-lo?

— Ela não pode. Mas é bom ter uma pessoa da família para contato.

Talmadge X continuou a folhear o dossiê como se tivesse alguma coisa em mente. Clay suspeitava que ele procurava anotações ou observações para remover, antes de entregar a pasta.

— Quando posso ver isso? — Clay perguntou.

— Que tal amanhã? Eu gostaria de fazer uma revisão primeiro.

Clay deu de ombros. Se Talmadge X dizia amanhã, então tinha de ser amanhã.

— Muito bem, Dr. Carter. Eu não compreendo o motivo dele. Pode me dizer por quê?

— Não posso. Diga você. Você o conheceu por quase quatro meses. Nenhuma história de violência ou armas. Nenhuma propensão para brigas. Parece que ele era um paciente ideal. Você viu tudo. Você me diz o motivo.

— Eu vi tudo — disse Talmadge X, os olhos mais tristes do que antes —, mas nunca vi isto. O garoto tinha medo de violência. Não toleramos brigas aqui, mas garotos sempre serão garotos e sempre há um pequeno ritual de intimidação. Tequila era um dos fracos. De modo algum ele sairia daqui, roubaria uma arma, escolheria

uma vítima ao acaso e a mataria. E de modo algum ele atacaria um cara na cadeia e o mandaria para o hospital. Eu simplesmente não acredito.

— Então o que eu digo para o júri?

— Que júri? É um caso de admitir a culpa e você sabe disso. Ele vai para a prisão para o resto da vida. Tenho certeza de que ele conhece muita gente lá dentro.

Houve uma longa lacuna na conversa, uma quebra que não pareceu incomodar nem um pouco Talmadge X. Ele fechou a pasta e a empurrou para o lado. O encontro estava para terminar. Mas Clay era o visitante. Era hora de ir embora.

— Volto amanhã — ele disse. — A que horas?

— Depois das dez — Talmadge X respondeu. — Eu o acompanho até a porta.

— Não é necessário — Clay disse, encantado com a escolta.

A gangue era maior agora e parecia esperar a saída do advogado do Campo L. Estavam sentados e encostados no Accord, que continuava onde ele o deixara, e inteiro. Fosse qual fosse a diversão que podiam ter planejado, desistiram quando viram Talmadge X. com um rápido movimento da cabeça ele dispersou a gangue e Clay saiu rapidamente, intocado e temendo a volta no dia seguinte.

Dirigiu por oito quarteirões, encontrou a rua Lamont e depois a esquina da avenida Georgia, onde parou por um momento para um rápido olhar em volta. Não faltavam becos onde era possível atirar em alguém e ele não ia procurar manchas de sangue. O lugar era tão desolado quanto o que ele acabava de deixar. Voltaria depois com Rodney, um paralegal negro que conhecia as ruas e então examinariam a área e fariam perguntas.

O CLUBE DE CAMPO POTOMAC, em McLean, Virgínia, fora fundado há cem anos por algumas pessoas ricas esnobadas pelos outros clubes de campo. Gente rica pode tolerar quase qualquer coisa, mas não rejeição. Os rejeitados investiram seus recursos consideráveis no Potomac e construíram o melhor clube de Washington, D.C. Escolheram alguns senadores dos clubes rivais e atraíram outros membros como troféus e em pouco tempo o Potomac tinha comprado respeitabilidade. Quando o número de sócios era suficiente para mantê-lo, o clube começou a prática obrigatória de excluir outros. Embora ainda considerado um clube novo, parecia, sentia e agia como todos os outros.

Porém, era diferente num ponto importante. O Potomac jamais negou que seus títulos podiam ser comprados se a pessoa tivesse dinheiro suficiente. Esqueça listas de espera, comitês de seleção e votos secretos da diretoria de admissão. Se você estava há pouco tempo na capital, ou se ficasse rico de repente, então status e prestígio podiam ser obtidos de um dia para o outro se seu cheque fosse bastante grande. Como resultado, o Potomac tinha a melhor pista de golfe, as melhores quadras de tênis, as melhores piscinas, a mais bela sede, restaurantes, tudo que um ambicioso clube de campo pode desejar.

Pelo que Clay sabia, Bennett Van Horn tinha assinado o grande cheque. Independentemente de qual nuvem de fumaça ele estava soltando no momento, os pais de Clay não tinham dinheiro e certamente não teriam sido aceitos no Potomac. Seu pai processara Bennett há dezoito anos por causa de um mau negócio imobiliário em Alexandria. Na época, Bennett era um corretor de imóveis fanfarrão, com muitas dívidas e poucos bens não taxados. Não era então sócio do Potomac, embora atualmente agisse como se tivesse nascido ali.

Bennett, a Escavadeira, descobriu a mina de ouro no fim dos anos 80 quando invadiu as colinas ondulantes do campo da Virgínia. Os negócios deram certo. Sócios foram encontrados. Ele não inventou o estilo derrubar-e-queimar da construção nos subúrbios, mas sem dúvida o aperfeiçoou. Nas colinas imaculadas ele construiu galerias comerciais. Próximo a um campo de batalha sagrado, construiu uma subdivisão. Aplainou um povoado inteiro para um dos seus projetos planejados — apartamentos, condomínios, grandes casas, casas pequenas, um parque no centro com um lago enlameado e raso, e duas quadras de tênis, um rebuscado shopping que parecia bonito no escritório do arquiteto mas nunca foi construído. Ironicamente, embora Bennett não compreendesse a ironia, ele chamou seus projetos delicados na paisagem que estava destruindo, de Prados Ondulantes, Carvalhos Murmurantes, Colinas da Floresta *etc.* Juntou-se a outros artistas da construção, fazendo lobby na

legislatura estadual em Richmond, conseguiu mais dinheiro para mais estradas para que mais subdivisões pudessem ser construídas e mais tráfego criado. Fazendo isso, tornou-se uma figura no jogo político e seu ego inflou.

No começo dos anos 90, seu grupo BVH cresceu rapidamente com a renda crescendo um pouco mais depressa do que os pagamentos dos empréstimos. Ele e a mulher, Barb, compraram uma casa numa parte muito prestigiada de McLean. Entraram para o Clube Potomac e se tornaram figuras permanentes. Trabalharam com afinco para criar a ilusão de que sempre tinham sido ricos.

Em 1994, de acordo com os arquivos do SEC, Departamento de Fiscalização do Comércio Imobiliário, que Clay estudara diligentemente e dos quais tinha cópias, Bennett resolveu abrir o capital da sua companhia e aumentá-lo para 200 milhões de dólares. Planejava usar o dinheiro para pagar algumas dívidas, porém o mais importante era para "... investir no ilimitado futuro do Norte da Virgínia". Em outras palavras, mais cavadeiras, mais complexos do tipo derrubar-e-queimar. A ideia de Bennett com todo aquele dinheiro, sem dúvida entusiasmou os vendedores locais da Caterpillar. E teria horrorizado os governos locais, se eles não estivessem dormindo.

Com um banco de investimento bluechip abrindo o caminho, as ações do grupo BVH subiram para 10 dólares cada uma e atingiram o pico de 16,50 dólares; nada mal, contudo, muito aquém do que seu fundador e chefe-executivo previa. Uma semana antes da abertura do capital ele declarou no Daily Profit, um tabloide comercial local, que "... os rapazes de Wall Street tem certeza de que chegarão a quarenta dólares por ação". No mercado Over, a transação de títulos não cotados na bolsa, as ações flutuaram de volta à terra e pousaram com um tranco na classe de seis dólares. Bennett insensatamente recusou-se a se desfazer de algumas ações como faz todo bom empresário. Ficou com os quatro milhões de ações e viu seu valor de mercado baixar de 66 milhões para quase nada.

Todos os dias úteis, de manhã, só por divertimento, Clay verificava o preço de uma ação, só uma. O grupo BVH estava sendo negociado a 0,87 cada ação.

"Como vão suas ações?", era o grande tapa no rosto que Clay nunca teve coragem de dar.

— Talvez esta noite — ele resmungou, quando chegou com o carro na entrada do Clube de Campo Potomac. Como havia um casamento em potencial num futuro próximo, as deficiências de Clay eram o assunto preferido no jantar, mas não as do Sr. Van Horn.

— Ei, meus parabéns, Bennett, as ações subiram doze centavos nos últimos dois meses — Clay disse em voz alta. "Chutando traseiros, não é mesmo, meu velho! Hora para outro Mercedes?", eram as coisas que ele queria dizer para Van Horn.

Para evitar a gorjeta do manobrista, Clay escondeu seu Accord num

estacionamento distante, atrás de algumas quadras de tênis. Quando ia a pé para a sede do clube, ajeitou a gravata e continuou a resmungar. Detestava aquele lugar, detestava por todos os cretinos que eram sócios, detestava porque não podia ser sócio, detestava porque era território dos Van Horn e eles queriam que ele se sentisse como um invasor. Pela centésima vez naquele dia, como em todos os dias, ele se perguntava por que foi se apaixonar por uma mulher cujos pais eram tão insuportáveis. Se Clay tinha algum plano, era fugir com Rebecca e se mudar para a Nova Zelândia, longe do gabinete do defensor público e o mais longe possível da família dela.

O olhar da recepcionista dizia, eu sei que você não é sócio, mas vou levá-lo à sua mesa assim mesmo.

— Siga-me — ela disse com a sugestão de um sorriso falso. Clay não disse nada. Engoliu em seco, olhou direto para a frente e tentou ignorar o nó apertado no estômago. Como podia ter prazer numa refeição naquele ambiente? Ele e Rebecca tinham jantado ali duas vezes, uma com o senhor e a senhora Van Horn, outra só os dois. A comida era cara e muito boa, mas afinal Clay vivia de presunto de peru, por isso sabia que seus padrões eram baixos.

Bennett não estava presente. Clay encostou o cotovelo gentilmente na sra. Van Horn, um ritual que ambos detestavam e ofereceu um patético "Feliz aniversário". Beijou Rebecca levemente no rosto. Era uma boa mesa, com vista para o décimo oitavo buraco do golfe, uma localização muito privilegiada, porque dava para ver os velhos chafurdando nas armadilhas de areia e perdendo a última tacada.

— Onde está o sr. Van Horn? — Clay perguntou, esperando que ele estivesse fora da cidade, ou melhor ainda, hospitalizado com alguma doença grave.

— Está vindo — Rebecca disse.

— Ele passou o dia em Richmond, numa reunião com o governador — acrescentou a sra. Van Horn, por segurança. Eles eram inflexíveis. Clay queria dizer: "Vocês venceram! Vocês venceram! Vocês são mais importantes do que eu!"

— No que ele está trabalhando? — Clay perguntou cortesmente, mais uma vez admirado com a própria capacidade de parecer sincero. Clay sabia exatamente por que a Escavadeira estava em Richmond. O Estado estava quebrado e não tinha meios para abrir novas estradas na Virgínia do Norte, onde Bennett e seus iguais exigiam que fossem abertas. Os votos estavam na Virgínia do Norte. A legislatura estava considerando um referendo local de impostos sobre vendas para que as cidades e os condados ao redor da capital pudessem abrir as próprias estradas. Mais estradas, mais condomínios, mais galerias comerciais, mais tráfego, mais dinheiro para o grupo BVH agonizante.

— Coisas de política — Barb disse. Na verdade, ela provavelmente não sabia o que o marido e o governador discutiam. Clay duvidava que ela soubesse o preço

atual da ação do BVH. Ela sabia quando o clube de bridge se reunia, e sabia que Clay ganhava pouco, mas a maior parte dos outros detalhes ficava a cargo de Bennett.

— Como foi o seu dia? — Rebecca perguntou gentilmente mas com rapidez, desviando a conversa da política. Clay tinha usado a palavra espalhar duas ou três vezes conversando sobre certos assuntos com os pais dela e as coisas ficaram tensas.

— O de sempre — ele disse. — E o seu?

— Vamos ter audiências amanhã, por isso hoje o gabinete estava em alvoroço.

— Rebecca me disse que você tem outro caso de assassinato Barb disse.

— Sim, é verdade — Clay disse, imaginando quais outros aspectos do seu emprego de defensor público elas costumavam comentar. Cada uma tinha um copo de vinho branco na frente. Cada copo estava pela metade. Ele chegara no meio de uma conversa, provavelmente a seu respeito. Ou estaria sendo excessivamente sensível? Talvez.

— Quem é seu cliente? — Barb perguntou.

— Um garoto da rua.

— Quem ele matou?

— A vítima era outro garoto da rua.

Isso a aliviou de certo modo. Negros matando negros. Quem se importava com isso?

— Ele é culpado? — ela perguntou.

— Até agora é supostamente inocente. É assim que a coisa funciona.

— Em outras palavras, ele matou.

— Parece que sim.

— Como você pode defender gente como essa? Se sabe que são culpados, como pode trabalhar com tanto afínco tentando libertá-los?

Rebecca tomou um grande gole de vinho e resolveu deixar passar a pergunta. Ultimamente ela ia cada vez menos em socorro de Clay. Uma ideia incomoda era que, enquanto a vida podia ser mágica com ela, seria um pesadelo para os dois. Os pesadelos estavam vencendo.

— Nossa Constituição garante a todos um advogado e um julgamento justo — ele disse com ar condescendente, como se qualquer idiota soubesse disso. — Estou só fazendo meu trabalho.

Barb revirou os olhos novos e depois olhou para o décimo oitavo buraco. Muitas senhoras do Potomac tinham usado um cirurgião plástico cuja especialidade evidentemente era a aparência asiática. Depois da segunda sessão os olhos ficavam repuxados nos cantos e embora livres de rugas, pareciam grosseiramente artificiais. A velha Barb fora beliscada, dobrada e botoxada sem um plano a longo prazo e a

transição simplesmente não estava funcionando.

Rebecca tomou outro longo gole de vinho. Na primeira vez que tinham comido no clube com os pais dela, Rebecca tirou um sapato debaixo da mesa e passou o pé para cima e para baixo na perna dele, como dizendo: "Vamos dar o fora daqui e rolar na cama." Mas não nessa noite, estava fria e parecia preocupada. Clay sabia que ela não estava pensando em nenhuma audiência sem sentido que teria de preparar no dia seguinte. Havia outros assuntos sob a superfície e ele imaginou se esse jantar podia ser uma revelação, um acerto de contas sobre o futuro próximo. .

Bennett chegou apressado, pedindo desculpas insinceras pelo atraso. Bateu nas costas de Clay como se fossem irmãos de urna fraternidade e beijou os rostos das duas mulheres.

— Como vai o governador? — Barb perguntou, com voz suficientemente alta para ser ouvida no outro lado da sala.

— Muito bem. Mandou lembranças. O presidente da Coreia estará na cidade na próxima semana. O governador nos convidou para uma festa a rigor na mansão. — Isso também dito a todo o volume.

— Oh, é mesmo! — Barb disse com entusiasmo, o novo rosto contorcido numa expressão de prazer.

Deve se sentir à vontade com os coreanos, Clay pensou.

— Vai ser um estouro — Bennett disse, tirando do bolso uma coleção de celulares e enfileirando-os na mesa. Logo um garçom apareceu atrás dele com um scotch duplo, Chivas com pouco gelo, como sempre.

Clay pediu chá gelado.

— Como vai meu senador? — Bennett inclinou-se para Rebecca e olhou para a direita, certificando-se de que o casal na mesa próxima tinha ouvido. Eu tenho meu próprio senador!

— Ele está ótimo, papai. Mandou lembranças. Anda muito ocupado.

— Você parece cansada, doçura, um dia difícil?

— Não muito.

Os três Van Horn tomaram um gole. A fadiga de Rebecca era um tópico favorito dos pais. Achavam que ela trabalhava demais. Achavam que ela não devia trabalhar. Ela estava perto dos trinta e era hora de casar com um jovem que tivesse um emprego bem pago e um futuro brilhante para que pudessem ter seus netos e passar o resto da vida no Clube de Campo Potomac.

Clay não se preocuparia muito com o que eles queriam a não ser pelo fato de Rebecca ter certos sonhos. Certa vez ela tinha falado de uma carreira no serviço público, mas depois de quatro anos no Senado estava farta de burocracias. Queria um marido e filhos e uma casa grande num bairro elegante.

Os menus foram distribuídos. Bennett recebeu um telefonema e descortesmente

o atendeu ali mesmo. Algum negócio estava dando errado. O futuro da liberdade financeira da América estava em jogo.

— O que devo vestir? — Barb perguntou para Rebecca, enquanto Clay se escondia atrás do menu.

— Alguma coisa nova — Rebecca disse.

— Tem razão — Barb concordou imediatamente. — Vamos fazer compras no sábado.

— Boa ideia.

Bennett salvou o negócio e fizeram os pedidos. Ele os brindou com os detalhes do telefonema — um banco não estava se movendo com bastante rapidez, ele precisava acender uma fogueira, blá, blá, blá. Isso continuou até chegarem as saladas.

Depois de algumas garfadas, Bennett disse, com a boca cheia, como de hábito.

— Quando eu estava em Richmond, almocei com meu grande amigo Ian Ludkin, presidente da Assembleia Legislativa. Você ia gostar dele, Clay, um verdadeiro príncipe. Um perfeito cavalheiro da Virginia.

Mastigando, Clay assentiu, inclinando a cabeça, como se mal pudesse esperar para conhecer todos os bons amigos de Bennett.

— De qualquer modo ele me deve certos favores, a maioria deles lá mesmo em Richmond, por isso eu toquei no assunto.

Depois de um segundo, Clay percebeu que as mulheres não estavam comendo. Seus garfos descansavam e elas olhavam e ouviam avidamente.

— Qual assunto? — Clay perguntou porque os três pareciam esperar que ele dissesse alguma coisa.

— Bem, falei sobre você, Clay. Jovem advogado brilhante, talentoso, esperto, trabalhador, faculdade de direito Georgetown, bonito, bom caráter e ele disse que está sempre procurando novos talentos. Deus sabe que são difíceis de encontrar. Disse que tem uma vaga para advogado. Eu disse que não tinha ideia se você estaria ou não interessado, mas teria prazer em perguntar. O que você acha?

"Eu acho que estou sendo posto contra a parede", Clay quase disse.

Rebecca olhava para ele atentamente, esperando sua reação. Seguindo o script, Barb disse: — Parece maravilhoso.

Talentoso, brilhante, trabalhador, instruído, até bonito. Clay estava atônito com a brusca subida no valor do seu portfólio de ações.

— E interessante — ele disse, com alguma sinceridade. Era interessante sob todos os aspectos.

Bennett estava pronto para atacar. E claro, ele tinha a vantagem da surpresa.

— É uma ótima posição. Trabalho fascinante. Vai conhecer quem realmente manda lá. Nunca um momento de tédio. Muitas horas de trabalho, pelo menos

quando o legislativo está em sessão, mas eu disse que você tem ombros largos. Muita responsabilidade.

— O que exatamente eu teria de fazer? — Clay conseguiu perguntar.

— Oh, eu não conheço todo esse negócio de direito. Mas se estiver interessado Ian disse que terá prazer em arranjar uma entrevista. Mas tem de ser resolvido logo. Ele disse que os currículos não param de chegar. Tem de ser rápido.

— Richmond não é tão longe — Barb disse.

Um bocado mais perto do que a Nova Zelândia, Clay pensou. Barb já estava planejando o casamento. Ele não sabia o que Rebecca pensava. Às vezes ela se sentia estrangulada pelos pais, mas raramente demonstrava desejo de se afastar deles. Bennett usava seu dinheiro, se é que ainda tinha algum, como uma isca para manter as duas filhas perto de casa.

— Bem, obrigado, eu acho — Clay disse, cedendo ao peso dos ombros largos recentemente adquiridos.

— Salário inicial de 94 mil dólares por ano — Bennett disse, uma ou duas oitavas mais abaixo, para não ser ouvido fora da mesa.

Noventa e quatro mil dólares era mais do dobro do que Clay ganhava no momento e todos sabiam disso. Os Van Horn adoravam o dinheiro e eram obcecados por salários e renda líquida.

— Minha nossa — Barb disse, seguindo o script.

— Um belo salário — Clay admitiu.

— Nada mal para começar — Bennett disse. — Ian diz que você vai conhecer os grandes advogados da cidade. Fazer contatos é tudo. Faça isso durante alguns anos e vai estar garantida sua entrada como sócio de uma grande firma. E onde está o dinheiro de verdade, você sabe.

Não era reconfortante saber que Bennett Van Horn de repente se interessava em planejar o resto da vida de Clay. O planejamento, é claro, não tinha nada a ver com Clay, mas tudo a ver com Rebecca.

— Como pode recusar? — Barb disse, entrando de sola.

— Não force a barra, mamãe — Rebecca disse.

— É uma oportunidade tão maravilhosa — Barb disse, como se Clay não pudesse ver o óbvio.

— Pense no assunto. Durma sobre ele — Bennett disse. O presente estava entregue. Vamos ver se o garoto é bastante esperto para aceitar.

Clay devorava a salada com determinação. Inclinou a cabeça afirmativamente, como se não pudesse falar. O segundo scotch chegou e interrompeu o momento. Bennett falou então sobre o último boato de Richmond, a possibilidade de uma franquia para o beisebol profissional na área da capital, um dos seus tópicos favoritos. Ele estava à margem de um dos três grupos de investimentos pretendentes

à franquia, se e quando fosse aprovada, e estava entusiasmado com as últimas notícias a respeito.

Segundo um artigo recente no Post, o grupo de Bennett estava em terceiro lugar e perdendo terreno a cada mês. Suas finanças não eram claras, estavam definitivamente abaladas, segundo uma fonte não identificada e o nome de Bennett Van Horn não era mencionado nem uma vez no artigo. Clay sabia que ele tinha dívidas enormes. Vários dos seus projetos foram cancelados por um grupo de ambientalistas que tentavam preservar o que restava de terra na Virgínia do Norte. Ele estava processando antigos sócios. Suas ações praticamente não tinham nenhum valor. No entanto ali estava ele tomando seu scotch e tagarelando sobre um novo estádio de 400 milhões de dólares e uma franquia de 200 milhões, com uma folha de pagamento de pelo menos 100 milhões.

Os bifes chegaram, logo que a salada foi terminada, poupando Clay de outro momento de conversa torturante sem ter nada para colocar na boca. Rebecca o ignorava e ele certamente a ignorava. A briga não ia demorar.

Foram contadas histórias sobre o governador, um amigo pessoal muito chegado, que estava organizando sua máquina para se candidatar ao Senado e, é claro, queria Bennett envolvido no movimento. Um ou dois dos seus acordos mais quentes foram revelados. Ele falou sobre um novo avião, mas era uma conversa mais ou menos antiga e Bennett não conseguia encontrar o que queria. O jantar pareceu durar duas horas, mas só noventa minutos tinham passado quando eles declinaram a sobremesa e começaram a se preparar para sair.

Clay agradeceu a Bennett e Barb o jantar e prometeu outra vez resolver rapidamente sobre o emprego em Richmond.

— A chance de toda uma vida — Bennett disse, gravemente. Não faça bobagem.

Quando teve certeza de que eles tinham ido embora, Clay pediu para Rebecca ir com ele até o bar por um minuto. Esperaram que os drinques fossem servidos para começar a falar. Quando as coisas estavam tensas os dois tendiam a esperar que o outro falasse primeiro.

— Eu não sabia do emprego em Richmond — ela começou.

— Acho difícil acreditar. Parece que toda a família estava sabendo. Sua mãe certamente sabia.

— Meu pai só está preocupado com você, nada mais.

"Seu pai é um idiota", Clay gostaria de dizer.

— Não, ele se preocupa com você. Não pode deixar que você case com um cara sem futuro, por isso resolveu fazer nosso futuro. Não acha presunção da parte dele resolver que não gosta do meu emprego e sair por aí à procura de outro?

— Talvez ele esteja só tentando ajudar. Ele adora o jogo da troca de favores.

— Mas por que ele supõe que preciso de ajuda?
— Talvez você precise.
— Sim. Finalmente a verdade.
— Você não pode trabalhar lá para sempre, Clay. Você é bom no que faz e se interessa por seus clientes, mas talvez esteja na hora de mudar. Cinco anos no GDP é um longo tempo. Você mesmo disse.

— Talvez eu não queira morar em Richmond. Talvez eu nunca tenha pensado em deixar a capital. E se eu não quisesse trabalhar para um dos amigos do seu pai? Suponha que a ideia de trabalhar no meio de um bando de políticos locais não me agrade? Eu sou advogado, Rebecca, não um burocrata.

— Ótimo. Como quiser.
— Esse emprego é um ultimato?
— Como assim?
— De todo modo. O que acontece se eu recusar?
— Acho que já recusou, o que, diga-se de passagem, é bem típico de você.
Decidiu de estalo.

— Decisões de estalo são mais fáceis quando a escolha é óbvia. Eu procuro meus empregos e certamente não pedi ao seu pai nenhum favor. Mas o que acontece se eu disser não?

— Oh, tenho certeza de que o sol vai nascer amanhã.
— E seus pais?
— Tenho certeza de que ficarão desapontados.
— E você?

Ela deu de ombros e tomou um gole do drinque. O casamento fora discutido em várias ocasiões mas não tinham chegado a nenhum acordo. Não estavam noivos, certamente não havia nenhum prazo marcado. Se um deles quisesse desistir tinha espaço suficiente, embora não muito grande. Mas depois de quatro anos (1) não namorando mais ninguém, (2) continuamente reafirmando o amor de um pelo outro e (3) fazendo sexo pelo menos cinco vezes por semana, o relacionamento caminhava para o status de permanente.

Entretanto ele não estava disposto a admitir a verdade de que ela queria deixar de trabalhar por algum tempo, ter um marido e uma família e talvez nunca mais voltar ao trabalho. Estavam ainda competindo, ainda fazendo o jogo de quem era mais importante. Ela não podia admitir que queria um marido que a sustentasse.

— Eu não me importo, Clay — ela disse. — É só uma oferta de emprego, não uma indicação para o gabinete. Recuse se quiser.

— Muito obrigado. — E de repente, ele se sentiu como um cretino. E se Bennett estivesse simplesmente tentando ajudar? Ele gostava tão pouco dos pais dela que tudo que eles faziam o irritava. Era problema seu, não era? Eles tinham o

direito de se preocupar com o futuro do companheiro da filha, o pai dos seus netos.

E Clay relutantemente admitia, quem não se preocuparia, tendo um genro como ele?

— Eu gostaria de ir — ela disse.

— Claro.

Clay a acompanhou para fora do clube e vendo Rebecca andando na sua frente, quase sugeriu que tinham tempo de ir ao apartamento dela para uma rápida sessão. Mas Rebecca não parecia disposta e, dado o tom daquela noite, teria prazer em rejeitá-lo sumariamente. Então Clay se sentiria um tolo incapaz de se controlar, exatamente o que ele era nessas ocasiões. Assim, ele se conteve, apertou os maxilares e deixou passar o momento. Quando a ajudava a entrar no BMW, ela murmurou: — Por que você não vai ao meu apartamento por alguns minutos?

Clay correu para o seu carro.

ELE SE SENTIA DE CERTO MODO mais seguro com Rodney, além disso eram 9 horas da manhã, cedo demais para os tipos perigosos da rua Lamont. Estavam ainda dormindo para se livrar dos venenos consumidos na noite anterior. Os comerciantes começavam a chegar. Clay estacionou perto do beco.

Rodney era um paralegal de carreira no GDP. Há uma década matriculara-se na faculdade noturna de direito e abandonara o curso, sempre dizendo que algum dia ia se formar e entrar para a Ordem dos Advogados. Mas com quatro adolescentes em casa, o dinheiro e o tempo eram escassos. Conhecia bem a vida das ruas da capital porque era de onde tinha vindo. Parte da sua rotina diária era o pedido de um advogado do GDP, geralmente branco, assustado e inexperiente, para acompanhá-lo ou acompanhá-la às zonas de guerra e investigar algum crime hediondo. Era um paralegal, não um investigador, e declinava do pedido tantas vezes quantas o atendia.

Mas nunca disse não para Clay. Os dois tinham trabalhado juntos em muitos casos. Acharam o local do beco onde Ramon tinha caído e inspecionaram cuidadosamente a área, sabendo que a polícia já fizera isso várias vezes. Gastaram um rolo inteiro de filme e foram procurar testemunhas.

Não havia nenhuma, o que não era surpresa. Quando Clay e Rodney estavam havia quinze minutos na cena do crime, a notícia tinha se espalhado. Há estranhos no local, investigando o último crime, portanto tranquem as portas e não digam nada. As testemunhas das caixas de leite na frente da loja de bebidas, homens que passavam muitas horas todos os dias no mesmo lugar, tomando vinho barato e vendo tudo, há muito tinham desaparecido e ninguém os conhecia. Os comerciantes pareciam surpresos ao saber dos tiros. "Por aqui?", um deles perguntou, como se o crime nunca tivesse chegado ao gueto.

Depois de uma hora foram para o Campo L. Enquanto Clay dirigia, Rodney tomava café num copo de papel. Café ruim, pela cara dele.

— Jermaine teve um caso similar há alguns dias — ele disse. Garoto na reabilitação, passou alguns meses na prisão, saiu, não sei se fugiu ou foi solto, mas dentro de vinte e quatro horas encontrou uma arma e atirou em duas pessoas. Uma delas morreu.

— Atirou ao acaso?

— O que é acaso por aqui? Dois caras de automóvel, sem seguro, dão uma batida e começam a atirar um no outro. Isso é acaso, ou crime justificado?

— Foi droga, roubo, autodefesa?

— Acaso, eu acho.

— Onde era o local de reabilitação? — Clay perguntou.

— Não era o Campo L. Uma casa perto de Howard, eu ache, Não vi o dossiê. Você sabe como Jermaine é lerdo.

— Então você não está trabalhando no caso?

— Não. Fiquei sabendo por ouvir dizer.

Rodney controlava os boatos e rumores do escritório e sabia mais do que Glenda, a diretora, sobre os advogados e sobre seus casos. Quando entraram na rua W, Clay disse: — Você já esteve no Campo L?

— Uma ou duas vezes. É para os casos difíceis, a última parada antes do cemitério. Lugar duro, dirigido por caras durões.

— Conhece um cavalheiro chamado Talmadge X?

— Não.

Não havia nenhum ajuntamento na calçada que os obrigasse a abrir caminho. Clay estacionou na frente do prédio e entraram depressa. Talmadge X não estava, fora atender a uma emergência num hospital. Um colega chamado Noland apresentou-se agradavelmente e disse que era conselheiro-chefe. No seu escritório, de pé, ao lado de uma pequena mesa, mostrou a eles a ficha de Tequila Watson e os convidou a examiná-la. Clay agradeceu, certo de que fora purgada e limpa, preparada em seu benefício.

— Nossas regras mandam que eu fique na sala enquanto vocês examinam a ficha — Noland explicou. — Se quiserem cópias, custam vinte e cinco centavos cada uma.

— Está bem — Clay disse. As regras não eram passíveis de negociação. E se ele quisesse todo o dossiê, podia conseguir com um mandado. Noland sentou-se à mesa onde o esperava uma impressionante pilha de papéis. Clay começou a folhear o dossiê. Rodney tomava notas.

O histórico de Tequila era triste e previsível. Fora admitido em janeiro, enviado pelo Serviço Social depois de ter sido salvo de uma overdose de alguma coisa. Pesava 60,5 quilos e tinha 1,55m de altura. O exame médico foi feito no Campo L. Tequila tinha um pouco de febre, arrepios, dor de cabeça, o que não era raro em viciados. Além de subnutrição, um leve caso de gripe, e o corpo devastado pelas drogas, não havia nada mais importante, segundo o médico. Como todos os pacientes, durante os trinta primeiros dias ficou preso e foi alimentado continuamente.

Segundo as anotações de TX, Tequila começou a se desviar aos oito anos quando ele e o irmão roubaram uma caixa de cerveja de um caminhão de entregas. Beberam metade, venderam metade e com o dinheiro compraram um galão de vinho barato! Foi expulso de várias escolas e tinha mais ou menos doze anos quando descobriu o crack e deixou de estudar. O roubo se tornou um meio de sobrevivência.

Sua memória funcionou até ele começar a usar crack, de modo que os últimos

anos eram obscuros. TX tinha feito o acompanhamento em detalhe e havia cartas e e-mails confirmando algumas das paradas oficiais ao longo da dolorosa trilha. Aos catorze anos, Tequila passara um mês em uma unidade de viciados na capital. Centro Juvenil de Detenção. Quando foi solto, foi direto a um traficante e comprou crack. Dois meses na Orchard House, um famoso estabelecimento de detenção para adolescentes viciados em crack, tiveram pouco resultado. Tequila admitiu para TX que consumia tantas drogas dentro da OH quanto fora. Aos dezesseis anos foi admitido no Ruas Limpas, um estabelecimento rigoroso, muito similar ao Campo L. Um ótimo desempenho durou cinquenta e três dias, e então ele saiu sem dizer uma palavra. A notação de TX dizia "... duas horas depois de sair, estava completamente chapado com crack". O juiz da Infância e Juventude o mandou para um acampamento de verão para adolescentes problemáticos quando ele tinha dezessete anos, mas a segurança era falha e ele ganhou dinheiro vendendo drogas para os companheiros do acampamento. O esforço final para a sobriedade, antes do Campo L, foi um programa da igreja Grayson, sob a direção do reverendo Jolley, um conhecido conselheiro de drogados. Jolley mandou uma carta para Talmadge X dizendo que Tequila era um dos casos trágicos provavelmente "sem esperanças".

Por mais deprimente que fosse a história, havia uma ausência notável de violência. Tequila fora preso e condenado cinco vezes por roubo, uma vez por roubo em lojas e duas vezes por posse indevida. Tequila nunca tinha usado uma arma para cometer um crime, pelo menos nunca fora apanhado com uma. Isso não passou despercebido a TX que, em uma anotação no 39º dia dizia: "... tem tendência para evitar a menor ameaça de conflito físico. Parece realmente temer os maiores e muitos dos menores também."

No 45º dia, ele foi examinado por um médico. Seu peso era saudável: 69 quilos. Sua pele não apresentava "... abrasões ou lesões". Não havia anotações sobre seu progresso na leitura, e no seu interesse pela arte. com o passar dos dias, as anotações se tornavam muito mais curtas. A vida dentro do Campo L era simples e virara rotina. Alguns dias se passaram sem nenhuma anotação.

A anotação do 80º dia era diferente. "Ele chegou à conclusão de que precisa de orientação espiritual elevada para permanecer limpo. Não pode fazer isso sozinho. Diz que quer ficar para sempre no Campo L."

100º dia: "Comemoramos o centésimo dia com biscoitos e sorvete. Tequila fez um breve discurso. Ele chorou. Ganhou um passe de duas horas."

104º dia: "Passaram as duas horas. Ele saiu, voltou em vinte minutos com um picolé."

107º dia: "Mandado ao correio, demorou quase uma hora, voltou."

110º dia: "Passe de duas horas, voltou, sem problema."

A entrada final era no 115º dia: "Passe de duas horas. Não voltou."

Noland os observava quando estavam chegando ao fim do dossiê.

— Alguma pergunta? — ele disse quando achou que já tinham desperdiçado muito seu tempo.

— É muito triste — Clay disse, fechando a pasta com um suspiro profundo. Tinha muitas perguntas, mas nenhuma que Noland pudesse ou quisesse responder.

— Num mundo de miséria, Sr. Carter, é sem dúvida uma das mais tristes. Eu raramente choro, mas Tequila me fez chorar. Noland estava se levantando. — Querem copiar alguma coisa? — A entrevista tinha terminado.

— Talvez mais tarde — Clay disse. Agradeceram a Noland o seu tempo e o acompanharam à área de recepção.

No carro, Rodney prendeu o cinto de segurança e olhou para fora. Muito calmo, ele disse: — Tudo bem, fizemos um novo amigo.

Clay olhava para o marcador de gasolina, esperando que tivesse bastante para voltar ao gabinete.

— Que tipo de amigo?

— Está vendo aquele jipe cor de vinho a meio quarteirão daqui, no outro lado da rua?

Clay olhou e disse:

— O que tem?

— Tem um cara negro na direção, um cara grande, com um boné dos Peles-Vermelhas, eu acho. Ele está nos vigiando.

Clay firmou a vista e mal deu para ver o motorista, a raça e o boné.

— Como você sabe que ele está nos vigiando?

— Ele estava na rua Lamont quando chegamos, eu o vi duas vezes, disfarçando, fingindo que não estava olhando para nós. Quando estacionamos para entrar no Campo eu vi o jipe a três quarteirões naquela direção. Agora está ali.

— Como você sabe que é o mesmo jipe?

— Cor de vinho não é comum. Está vendo aquele amassado no para-lama dianteiro, no lado direito?

— Sim, acho que estou.

— O mesmo jipe com certeza. Vamos passar por ele para ver mais de perto.

Clay entrou na rua e passou pelo jipe cor de vinho. Um jornal foi levantado na frente do motorista. Rodney anotou a placa.

— Por que alguém ia nos seguir? — Clay perguntou.

— Drogas. Sempre drogas. Talvez Tequila estivesse traficando. Talvez o garoto que ele matou tivesse alguns amigos malvados. Quem sabe?

— Eu gostaria de descobrir.

— Não vamos nos aprofundar muito agora. Continue dirigindo que eu vigio nossa traseira.

Seguiram para o sul na avenida Porto Rico por trinta minutos e pararam num posto de gasolina perto do rio Anacostia. Rodney observava cada carro enquanto Clay abastecia.

— Desistiram — Rodney disse, quando saíram do posto. Vamos para o gabinete.

— Por que iam desistir? — Clay perguntou. Ele teria acreditado em qualquer explicação.

— Não tenho certeza — Rodney disse, ainda olhando para o espelho lateral. — Pode ser que fosse só curiosidade para ver se íamos ao Campo. Ou talvez tenham percebido que os vimos. Fique atento ao retrovisor por algum tempo.

— Isto é ótimo. Nunca fui seguido antes.

— Trate de rezar para que eles não resolvam te pegar.

JERMAINE VANCE COMPARTILHAVA o gabinete com outro advogado novato que no momento estava ausente, por isso ofereceu a Clay a cadeira vazia. Compararam notas sobre seus mais recentes clientes de assassinato.

O cliente de Jermaine era um criminoso de carreira, de vinte e quatro anos, chamado Washad Porter e, ao contrário de Tequila, tinha uma longa e assustadora história de violência. Como membro da maior gangue da capital, Washad fora ferido gravemente duas vezes em tiroteios e condenado uma vez por tentativa de assassinato. Sete dos seus vinte e quatro anos foram passados atrás das grades. Demonstrara pouco interesse em ficar limpo. A única tentativa de reabilitação foi na prisão e claramente malsucedida. Era acusado de atirar em duas pessoas quatro dias antes da morte de Ramon Pumphrey. Uma das vítimas morreu instantaneamente, a outra ainda lutava para sobreviver.

Washad passara seis meses no Ruas Limpas, preso, e evidentemente sobreviveu ao rigoroso programa. Jermaine tinha falado com o conselheiro e a conversa foi muito parecida com a que Clay tivera com Talmadge X. Washad ficou limpo, era um paciente modelo, estava com boa saúde e aumentando a autoestima a cada dia. O único obstáculo no caminho foi quando ele saiu às escondidas, se drogou, mas voltou e pediu perdão. Então passou quatro meses sem praticamente nenhum problema.

Foi solto do Ruas Limpas em abril e no dia seguinte atirou em dois homens com uma arma roubada. As vítimas aparentemente foram escolhidas ao acaso. A primeira era um entregador de produtos agrícolas que fazia seu trabalho perto do Hospital Walter Reed. Algumas palavras, alguns empurrões e então quatro tiros na cabeça e Washad foi visto fugindo. Washad usou as duas balas restantes num pequeno traficante com quem tivera uma desavença. Foi seguro por amigos do traficante que em vez de matá-lo o entregaram para a polícia.

Jermaine tinha falado uma vez com Washad, brevemente, no tribunal, durante seu primeiro comparecimento.

— Ele negava os crimes — Jermaine disse. — Tinha aquele olhar vazio e não parava de me dizer que não acreditava que tivesse atirado em alguém. Disse que foi o antigo Washad, não o novo.

CLAY LEMBRAVA DE APENAS outra ocasião nos últimos quatro anos em que tinha telefonado ou tentado telefonar para Bennett, a Escavadeira. O esforço terminara em desapontamento quando não conseguiu penetrar nas camadas de importância que circundavam o grande homem. O Sr. BVH queria que todos pensassem que passava o tempo todo "trabalhando", o que para ele significava estar ao ar livre, entre as máquinas que removiam a terra, onde podia dirigir tudo e sentir de perto o ilimitado potencial da Virgínia do Norte. Em casa tinha grandes fotos suas "trabalhando" com o capacete feito sob medida, com monograma, apontando para cá e para lá enquanto a terra era aplainada e mais galerias e centros comerciais eram construídos. Ele dizia que era muito ocupado para conversar e que detestava telefones, mas sempre tinha uma coleção por perto para tomar conta dos negócios.

Na verdade, Bennett jogava muito golfe e jogava mal, segundo o pai de um dos colegas de classe de Clay. Rebecca mais de uma vez deixara escapar que seu pai jogava pelo menos quatro partidas por semana no Potomac e que seu sonho secreto era ganhar o campeonato do clube.

O Sr. Van Horn era um homem de ação e sem paciência para passar a vida atrás de uma mesa. Passava pouco tempo no escritório, ele mesmo dizia. A pit bull que atendia o telefone do "grupo BVH" relutantemente concordou em passar a ligação de Clay para outra secretária dentro da companhia.

— Desenvolvimento — a segunda voz de mulher disse rudemente, como se a companhia tivesse ilimitadas divisões. Só pelo menos cinco minutos depois ele conseguiu falar com a secretária pessoal de Bennett.

— Ele não está no escritório — ela disse.

— Como posso encontrá-lo?

— Ele está trabalhando.

— Sim, imaginei isso. Como posso falar com ele?

— Deixe um telefone que eu junto às outras mensagens.

— Oh, obrigado — Clay disse e deixou o número do telefone do seu gabinete.

Trinta minutos depois Bennett retornou a ligação. Ele parecia estar dentro de casa, talvez na sala de descanso dos homens do Clube de Campo Potomac, com um scotch duplo na mão, um grande charuto, num jogo de gin rummy em andamento com os rapazes.

— Clay, como vai você? — ele perguntou, como se há meses não se vissem.

— Muito bem, Sr. Van Horn, e o senhor?

— Ótimo. Gostei do jantar ontem à noite.

Clay não ouviu nenhum motor roncando, nenhuma explosão.

— Oh, sim, foi muito agradável. Sempre um prazer — Clay mentiu.

— O que posso fazer por você, filho?

— Bem, eu queria que o senhor compreendesse que agradeço muito seu esforço para me arranjar aquele emprego em Richmond. Eu não esperava e o senhor foi muito gentil em intervir daquele modo. — Uma pausa enquanto Clay engolia em seco. Mas, francamente, Sr. Van Horn, não vejo como me mudar para Richmond num futuro próximo. Eu sempre morei na capital e aqui é meu lar.

Clay tinha muitas razões para rejeitar a oferta. Ficar na capital estava no meio da lista. O motivo principal era evitar que sua vida fosse planejada por Bennett Van Horn e ficar devendo a ele.

— Não está falando sério — Van Horn disse.

— Sim, estou falando muito sério. Obrigado, mas não obrigado. — A última coisa que Clay planejava era ouvir alguma bobagem daquele cretino. Em momentos como aquele adorava o telefone, um maravilhoso igualador.

— Um grande erro, filho — Van Horn disse. — Você não está vendo todo o quadro, certo?

— Talvez não. Mas não tenho muita certeza de que o senhor veja.

— Você é muito orgulhoso, Clay, como eu. Mas é também muito ingênuo. Precisa aprender que a vida é um jogo de favores e quando alguém tenta ajudá-lo, você aceita o favor. Talvez algum dia você tenha oportunidade de pagar. Está cometendo um erro, Clay, um erro que pode ter sérias consequências.

— Que tipo de consequências?

— Isso pode realmente afetar seu futuro.

— Bem, é o meu futuro, não o seu. Eu escolherei meu próximo emprego e o seguinte. No momento estou satisfeito com o que tenho.

— Como pode estar satisfeito defendendo criminosos o dia inteiro? Eu não compreendo.

Não era uma conversa nova e, se seguisse o curso habitual, as coisas iam deteriorar rapidamente.

— Acho que o senhor já fez essa pergunta antes. Não vamos tocar nisso.

— Estamos falando de um enorme aumento de salário, Clay. Mais dinheiro, melhor trabalho, você passará o tempo com gente sólida, não com um bando de punks da rua. Acorde, garoto! Havia vozes ao fundo. Onde quer que Bennett estivesse naquele momento, certamente representava para uma plateia.

Clay rangeu os dentes e deixou passar o "garoto".

— Não vou discutir, sr. Van Horn. Telefonei para dizer não.

— Acho melhor reconsiderar.

— Já reconsiderarei. Não, obrigado.

— Você é um perdedor, Clay, sabe disso. Eu o conheço há algum tempo. Isso

só confirma essa opinião. Está rejeitando um emprego promissor para continuar numa rotina e ganhar salário mínimo. Você não tem ambição, não tem visão.

— Ontem à noite eu era trabalhador, tinha ombros largos, muito talento e era decidido.

— Retiro tudo isso. Você é um perdedor.

— E eu era instruído e até bonito.

— Eu estava mentindo. Você é um perdedor.

Clay desligou primeiro. Bateu o fone com um sorriso, orgulhoso por ter irritado tanto o grande Bennett Van Horn. Mandara uma mensagem bem clara de que não seria manipulado por aquela gente.

Falaria com Rebecca mais tarde e não ia ser agradável.

A TERCEIRA E ÚLTIMA VISITA DE Clay ao Campo L foi mais dramática do que as duas primeiras. Com Jermaine no banco da frente e Rodney atrás, Clay seguiu um carro de polícia da capital e estacionou outra vez bem na frente do prédio. Dois policiais jovens, negros e fartos do trabalho de entregar intimações, trataram da entrada deles no Campo. Em poucos minutos estavam num confronto tenso com Talmadge X, Noland e outro conselheiro, um cabeça quente chamado Samuel.

Em parte por ser o único rosto branco presente, mas principalmente por ser o advogado responsável pela intimação, os três conselheiros focalizaram sua ira em Clay. Ele pouco se importava. Nunca mais ia ver aquela gente.

— Você viu o dossiê, homem! — Noland gritou para Clay.

— Eu vi o dossiê que vocês queriam que eu visse — Clay retrucou. — Agora eu quero o resto.

— Do que está falando? — Talmadge X perguntou.

— Eu quero tudo que tiverem com o nome de Tequila escrito.

— Não pode fazer isso.

Clay voltou-se para o policial que estava com os papéis e disse: — Quer por favor ler a intimação?

O policial levantou o papel para que todos vissem e leu.

— Todos os arquivos relacionados com a admissão, avaliação médica, tratamento médico, diminuição de drogas, aconselhamento sobre abuso de drogas, reabilitação e alta de Tequila Watson. Por ordem do Meritíssimo juiz F. Floyd Sackman, Divisão da Corte Criminal Superior de Washington, D.C.

— Quando ele assinou isso? — perguntou Samuel.

— Cerca de três horas atrás.

— Nós mostramos tudo — Noland disse para Clay.

— Eu duvido. Sei quando um dossiê foi rearranjado.

— Muito arrumadinho — Jermaine acrescentou finalmente.

— Não estamos brigando — disse o policial mais encorpado, deixando pouca dúvida de que uma boa luta seria bem-vinda. Por onde começamos?

— As avaliações médicas são confidenciais — Samuel disse. — O privilégio médico-paciente, acredito.

Era um bom argumento, mas um pouco fora de propósito.

— As fichas do médico são confidenciais — Clay explicou —, mas não o paciente. Tenho uma autorização e permissão de Tequila Watson para ver todo o seu dossiê, incluindo as fichas médicas.

Começaram numa sala sem janelas, com arquivos de cores diferentes encostados nas paredes. Depois de alguns minutos, Talmadge X e Samuel desapareceram e a tensão começou a aliviar. Os policiais puxaram cadeiras e aceitaram o café oferecido pela recepcionista. Ela não ofereceu aos cavalheiros do gabinete do defensor público.

Depois de procurar durante uma hora não tinham encontrado nada de útil. Clay e Jermaine deixaram que Rodney continuasse a procura. Tinham de se encontrar com outros policiais.

A batida no Ruas Limpas foi muito semelhante. Os dois advogados entraram no gabinete da frente, com os dois policiais atrás deles. A diretora foi tirada de uma reunião. Lendo o mandado de busca ela resmungou alguma coisa sobre conhecer o juiz Sackman e falar com ele mais tarde. Estava muito irritada, mas o documento falava por si só. A mesma linguagem, todos os dossiês e papéis relacionados com Washad Porter.

— Isto não era necessário — ela disse para Clay — nós sempre cooperamos com os advogados.

— Não foi o que me disseram — Jermaine disse. Realmente, Ruas Limpas tinha fama de contestar o pedido mais benigno do GDP

Quando ela terminou de ler o mandado pela segunda vez, um dos policiais disse: — Não vamos esperar o dia inteiro.

Ela os levou a um escritório grande e chamou uma assistente que começou a apanhar as pastas.

— Quando vão nos devolver isso? — ela perguntou.

— Quando terminarmos — Jermaine disse.

— E quem fica com os arquivos?

— Ficam trancados no gabinete do defensor público.

O ROMANCE COMEÇOU no Abe's Place. Rebecca estava com duas amigas quando Clay passou, a caminho do banheiro. Seus olhos se encontraram e ele parou por um segundo, sem saber ao certo o que fazer. As amigas logo foram abandonadas.

Clay deixou os amigos com quem estava bebendo. Os dois sentaram no bar, conversando sem parar, durante duas horas. O primeiro encontro foi na noite seguinte. Sexo em menos de uma semana. Ela o manteve longe dos pais durante dois meses.

Agora, quatro anos depois, as coisas estavam paradas e ela sob pressão para seguir em frente. Parecia apropriado terminar tudo no Abe's Place.

Clay chegou primeiro e ficou no bar, com um grupo de Hill Rats que bebia sem parar, e todos ao mesmo tempo falavam depressa, em voz alta, sobre problemas cruciais que tinham passado longas horas resolvendo. Ele amava a capital e odiava a capital. Amava sua história, sua energia e importância. E desprezava os inúmeros idiotas que se lançavam num jogo frenético para ver quem era mais importante. A discussão mais próxima e apaixonada era sobre as leis que regiam o tratamento da água usada nas Planícies Centrais.

Abe's Place não passava de um bar estrategicamente localizado perto do Capitólio, a sede do Congresso, para atrair a multidão sedenta antes de ir para suas casas, nos bairros elegantes. Mulheres belas. Bem-vestidas. Muitas delas à caça de homem. Clay atraiu alguns olhares.

Rebecca estava quieta, determinada e fria. Foram para uma mesa entre duas divisórias baixas e pediram drinques fortes para a jornada que tinham pela frente. Ele fez algumas perguntas sem importância sobre a audiência do subcomitê que tinha começado, sem fanfarra, pelo menos segundo o Post. Os drinques chegaram e eles dedicaram toda a atenção à bebida.

— Eu falei com meu pai — ela começou.

— Eu também.

— Por que não me disse que não ia aceitar o emprego em Richmond?

— Por que você não me disse que seu pai estava movendo os cordões para me arrumar um emprego em Richmond?

— Você devia me ter dito.

— Eu deixei bem claro.

— Nada é claro com você.

Os dois tomaram goles dos drinques.

— Seu pai me chamou de perdedor. É essa a ideia que sua família tem de mim?

— No momento, sim.

— E você compartilha dela?

— Tenho minhas dúvidas. Alguém tem de ser realista por aqui.

Tinha havido uma séria interrupção no romance, na melhor das hipóteses uma falha miserável. Mais ou menos há um ano, os dois resolveram deixar as coisas esfriarem um pouco, continuar como bons amigos, mas olhar em volta, talvez namorar, certificando-se de que não havia ninguém por ali. Barb tinha engendrado a

separação porque, como Clay descobriu mais tarde, um jovem muito rico do Clube de Campo Potomac acabara de perder a mulher, vítima de câncer. Bennett era amigo pessoal da família *etc.* Ele e Barb se encarregaram da armadilha, mas o viúvo farejou a isca. Um mês perto da família Van Horn e o cara comprou uma casa em Wyoming.

Mas esta era uma separação muito mais grave. Era quase certo o fim. Clay tomou outro gole da bebida e prometeu a si mesmo que qualquer coisa que fosse dita, em nenhuma circunstância ele diria algo que pudesse magoar Rebecca. Ela podia dar golpes baixos se quisesse. Ele não.

— O que você quer, Rebecca?

— Eu não sei.

— Sim, você sabe. Quer terminar?

— Acho que sim. Os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Há outra pessoa?

— Não.

Não ainda, de qualquer modo. E só dar alguns dias a Barb e Bennett.

— É só que você não está indo a lugar nenhum, Clay — ela disse. — Você é inteligente e talentoso, mas não tem ambição.

— Puxa, é bom saber que sou inteligente e talentoso outra vez. Há poucas horas eu era um perdedor.

— Está tentando ser engraçado?

— Por que não, Rebecca? Por que não dar uma boa risada? Acabou, vamos reconhecer. Nós nos amamos, mas eu sou um perdedor que não vai a lugar algum. Esse é seu problema. Meu problema são seus pais. Eles vão mastigar o pobre coitado com quem você se casar.

— O pobre coitado?

— Isso mesmo. Tenho pena do coitado que se casar com você porque seus pais são insuportáveis. E você sabe disso.

— O pobre coitado com quem eu me casar?

— Escute, eu faço uma oferta. Vamos nos casar agora mesmo. Largamos nossos empregos, fazemos um casamento rápido, sem convidados, vendemos tudo que temos e voamos, digamos para Seattle ou Portland, algum lugar bem longe daqui e vivemos de amor por algum tempo.

— Você não vai para Richmond mas iria para Seattle?

— Richmond é perto demais dos seus pais, certo?

— E depois?

— Então arranjamos empregos.

— Que tipo de empregos? Há falta de advogados no Oeste?

— Está esquecendo de uma coisa. Lembre-se da noite passada, eu sou

inteligente, talentoso, instruído, esperto e até bonito. Grandes firmas de advocacia vão correr atrás de mim. Serei sócio em oito meses. Teremos filhos.

— Então meus pais vão aparecer.

— Não, porque não diremos a eles onde estamos. E se descobrirem, mudamos nossos nomes e vamos morar no Canadá.

Mais dois drinques foram servidos e eles não perderam tempo em terminar os primeiros.

O momento leve passou rapidamente. Mas serviu para que lembrassem do quanto se amavam e do quanto gostavam da companhia um do outro. Sempre houve mais alegria do que tristeza, embora isso estivesse mudando. Menos riso. Mais discussões sem sentido. Mais influência da família dela.

— Não gosto da Costa Oeste — disse ela finalmente.

— Então escolha um lugar — Clay terminou a aventura. O lugar tinha sido escolhido para ela e Rebecca não estava indo para muito longe da mamãe e do papai.

Fosse o que fosse o que ela levara para o encontro tinha de ser dito. Um longo gole do drink e ela se inclinou para a frente, olhando nos olhos dele.

— Clay, eu preciso realmente de um descanso.

— Não se preocupe, Rebecca. Faremos o que você quiser.

— Obrigada.

— Um descanso de quanto tempo?

— Não you negociar, Clay.

— Um mês?

— Mais do que isso.

— Não, não concordo. Vamos passar trinta dias sem nenhum telefonema, certo? Hoje é 7 de maio. Vamos nos encontrar aqui no dia 6 de junho, bem aqui, nesta mesa, e conversaremos sobre a extensão do prazo.

— Uma extensão?

— Chame como quiser.

— Obrigada. Estou falando em terminar, Clay. O big bang. Separação completa. Você segue seu caminho, eu sigo o meu. Podemos conversar daqui a um mês, mas não espero nenhuma mudança. As coisas não mudaram muito neste último ano.

— Se tivesse aceitado aquele emprego horrível em Richmond, você estaria fazendo isso?

— Provavelmente não.

— Isso quer dizer alguma outra coisa além de não?

— Não.

Então, foi tudo uma armação, não foi? O emprego, o ultimato? A noite passada foi exatamente o que pensei que fosse, uma armadilha. Aceite esse emprego, garoto,

se não...

Ela não negou. Em vez disso disse:

— Clay, estou cansada de brigar, certo? Não me telefone durante trinta dias.

Pegou a bolsa e se levantou rapidamente. De saída conseguiu plantar um beijo seco e sem sentido na testa dele, mas Clay não correspondeu. Ele não a viu sair.

Rebecca não olhou para trás.

O APARTAMENTO DE CLAY FICAVA num antigo complexo em Arlington. Há quatro anos, quando ele o alugou nunca ouvira falar do grupo BVH. Mais tarde ficou sabendo que a companhia tinha construído o lugar no começo dos anos oitenta, um dos primeiros empreendimentos de Bennett. O empreendimento faliu, o complexo foi comprado e vendido várias vezes e o aluguel pago por Clay nunca foi parar nas mãos do sr. Van Horn. Na verdade, nenhum membro da família sabia que Clay morava numa coisa construída por eles. Nem mesmo Rebecca.

Ele dividia uma unidade de dois quartos com Jonah, um velho amigo da faculdade, que por quatro vezes foi reprovado no exame para a Ordem dos Advogados, antes de conseguir passar e agora vendia computadores. Trabalhava nas vendas em meio expediente e mesmo assim ganhava mais do que Clay, um fato que estava sempre muito à tona.

Na manhã depois da separação, Clay apanhou o Post no lado de fora da porta e sentou à mesa da cozinha com a primeira xícara de café. Como sempre, foi direto para a seção financeira do jornal para uma rápida e satisfeita olhada no desempenho fraco do grupo BVH. As ações quase não foram negociadas e os poucos investidores mal informados que tinham algumas, queriam se livrar delas por apenas 0,75 centavo cada uma.

Quem era o perdedor?

Não viu nenhuma palavra sobre o crucial depoimento do subcomitê de Rebecca.

Quando terminou sua pequena caça às bruxas passou para a seção de esportes dizendo para si mesmo que estava na hora de esquecer os Van Horns. Todos eles.

Às sete e vinte, a hora em que habitualmente ele comia seus cereais com leite, o telefone tocou. Clay sorriu e pensou, é ela. Já de volta.

Ninguém mais telefonaria tão cedo. Ninguém a não ser o namorado ou o marido de alguma senhora que estivesse curtindo a ressaca com Jonah no outro quarto. Clay tinha recebido vários desses telefonemas em todos aqueles anos. Jonah adorava mulheres, especialmente as comprometidas com outra pessoa. Eram um desafio maior, ele dizia.

Mas não era Rebecca e não era nenhum namorado ou marido.

— Dr. Clay Carter — disse uma voz estranha de homem.

— Falando.

— Dr. Carter, meu nome é Max Pace. Meu trabalho é recrutar pessoal para firmas de advocacia de Nova York. Seu nome chamou nossa atenção e tenho duas propostas muito atraentes que podem interessá-lo. Será que podemos almoçar hoje?

Completamente sem fala, Clay lembraria mais tarde, no chuveiro, que a ideia de um bom almoço foi, estranhamente, a primeira coisa na sua cabeça.

— Ha, claro — conseguiu dizer. Caçadores de cabeças faziam parte da profissão, como de qualquer outra. Mas raramente passavam o tempo procurando no gabinete do defensor público.

— Ótimo. Vamos nos encontrar no saguão do Willard Hotel, digamos ao meio-dia?

— Meio-dia está ótimo — Clay disse, olhando para a pilha de pratos sujos na pia. Sim, era real. Não era um sonho.

— Obrigado. Então vejo o senhor ao meio-dia. Dr. Carter, prometo que vai valer seu tempo.

— Ha, claro.

Max Pace desligou rapidamente e por um momento Clay ficou segurando o fone, olhando para os pratos sujos e imaginando quem da sua classe na faculdade estaria por trás dessa brincadeira. Ou podia ser Bennett, a Escavadeira, completando sua vingança?

Não tinha o telefone de Max Pace. Não teve sequer a presença de espírito de perguntar o nome da companhia para a qual ele trabalhava.

Também não tinha um terno limpo. Clay tinha dois ternos, um grosso e um fino, ambos muito velhos e muito usados. Seu guarda-roupa do tribunal. Felizmente, o GDP não tinha código de vestimenta, por isso ele usava calças caquis e um blazer azul-marinho. Quando tinha de ir ao tribunal, usava gravata, que tirava assim que voltava para o gabinete.

No chuveiro, resolveu que a roupa não importava. Max Pace sabia onde ele trabalhava e devia ter pelo menos uma vaga ideia do pouco que ganhava. Se Clay aparecesse na entrevista com calça caqui puída, então podia exigir mais dinheiro.

No tráfego lento da ponte Arlington Memorial decidiu que era coisa do seu pai. O velho fora banido da capital mas ainda tinha contatos. Finalmente tinha apertado o botão certo, pediu um último favor, encontrou um emprego decente para o filho. Quando o alto perfil legal de Jarrett Carter terminou num longo e colorido fiasco, ele empurrou o filho para o gabinete do defensor público. Agora, o aprendizado tinha terminado. Cinco anos nas trincheiras, estava na hora de um emprego de verdade.

Que tipo de firmas estariam à sua procura? O mistério o intrigava. Seu pai detestava as grandes companhias e os muitos centros de lobby das avenidas Connecticut e Massachusetts. Não queria nada com pequenas firmas que anunciavam nos ônibus e nas ruas e entupiam o sistema com casos frívolos. A antiga firma de Jarrett tinha dez advogados, dez lutadores do tribunal que ganhavam veredictos e eram muito procurados.

— E para lá que estou indo — Clay murmurou, olhando para o rio Potomac lá

embaixo.

DEPOIS DE SUPORTAR A MANHÃ mais improdutiva de sua carreira, Clay saiu às onze e meia e se dirigiu lentamente para o Willard, agora oficialmente conhecido como Willard InterContinental Hotel. Foi imediatamente recebido no saguão por um jovem musculoso que parecia vagamente familiar.

— O sr. Pace está lá em cima — ele explicou. — Ele gostaria de se encontrar com o senhor lá, se não for inconveniente. Estavam andando para os elevadores.

— Claro — Clay disse. Gostaria de saber como fora reconhecido tão facilmente.

No elevador um ignorou o outro. Desceram no nono andar e o jovem bateu na porta da suíte Theodore Roosevelt. A porta se abriu imediatamente e Max Pace disse olá com um sorriso formal. Era um homem de quarenta e poucos anos. Cabelo ondulado, bigode negro, todo o resto negro. Jeans de sarja negro, camiseta com manga, negra, botas de ponta fina negras. Hollywood no Willard. Não exatamente a aparência de uma grande companhia como Clay esperava. Quando trocaram um aperto de mãos, Clay teve a primeira insinuação de que as coisas não eram o que pareciam ser.

Com um rápido olhar, o guarda-costas foi dispensado.

— Obrigado por vir — Max disse, quando entraram numa sala oval cheia de mármore.

— Claro. — Clay estava absorvendo a suíte, couros e tecidos luxuosos, portas de quartos por todo lado. — Belo lugar.

— É meu por mais alguns dias. Achei que podíamos almoçar aqui, pedir alguma coisa para o serviço de quarto, assim podemos conversar com completa privacidade.

— Para mim está bem. — Uma pergunta apareceu em sua mente. O que um caçador de cabeças de Washington fazia numa suíte de hotel horivelmente cara? Por que não tinha um escritório ali perto? Será que precisava mesmo de um guarda-costas?

— Alguma coisa em particular para o almoço?

— Não sou exigente.

— Eles fazem um ótimo prato de capellini e salmão. Eu comi ontem. Soberbo.

— Vou experimentar. — Naquele momento Clay experimentaria qualquer coisa. Estava faminto.

Max foi para o telefone enquanto Clay admirava a vista da avenida Pensilvânia, lá embaixo. Quando o almoço foi pedido, sentaram perto da janela e passaram rapidamente pelo tempo, pela temporada de azar dos Orioles e o estado lamentável da economia. Pace era articulado e parecia à vontade falando sobre qualquer coisa

pelo tempo que Clay quisesse. Era um dedicado levantador de peso e queria que todos soubessem disso. Sua camisa era muito justa e ele gostava de puxar os pelos do bigode. Sempre que fazia isso, seus músculos retesavam e cresciam.

Um dublê de filmes talvez, mas não grande coisa na liga dos caçadores de cabeça.

Dez minutos de conversa e Clay disse:

— Essas duas firmas, por que não me fala um pouco sobre elas?

— Elas não existem — Max disse. — Admito que menti. E prometo que nunca mais vou mentir.

— Você não é um caçador de cabeças, certo?

— Não.

— Então o quê?

— Sou bombeiro.

— Obrigado, isso realmente esclarece as coisas.

— Deixe-me falar por um momento. Preciso explicar uma coisa e quando terminar prometo que ficará satisfeito.

— Sugiro que fale depressa, Max, ou dou o fora daqui.

— Acalme-se, Dr. Carter. Posso chamá-lo de Clay?

— Ainda não.

— Muito bem. Sou um agente, um empreiteiro, um freelancer com uma especialidade. Sou contratado pelas grandes companhias para apagar fogo. Eles fazem bobagens e percebem seu erro antes que os advogados percebam, então me contratam para entrar em cena discretamente, limpar a desordem e com isso economizo muito dinheiro para eles. Meus serviços são muito procurados. Meu nome pode ser Max Pace ou qualquer outra coisa. Não importa. Quem sou e de onde venho é irrelevante. O importante é que fui contratado por uma grande companhia para apagar um incêndio. Perguntas?

— Muito numerosas para serem feitas agora.

— Espere um pouco. Não posso dizer o nome do meu cliente agora, talvez nunca. Se chegarmos a um acordo, então poderia dizer muito mais.

Aqui vai a história. Meu cliente é uma multinacional que fabrica produtos farmacêuticos. O senhor vai reconhecer o nome. Fabrica uma grande variedade de produtos, desde remédios comuns, caseiros, que estão no seu armário neste momento, até drogas complexas contra o câncer e a obesidade. Uma companhia antiga, bluechip, com excelente reputação. Cerca de dois anos atrás, fabricou uma droga que pode curar o vício do ópio e dos narcóticos derivados da cocaína. Muito mais avançada do que a metadona, que, embora ajude muitos viciados, cria hábito também e é usada abusivamente. Vamos chamar essa droga maravilhosa de Tarvan, que foi seu apelido por algum tempo. Foi descoberta por engano e logo usada em

todos os animais de laboratório. Os resultados foram magníficos, mas acontece que é difícil provocar o vício do crack num bando de ratos.

— Precisavam de cobaias humanas.

Pace puxou os pelos do bigode e seus músculos apareceram.

— Sim. O potencial de Tarvan era suficiente para manter os responsáveis acordados a noite inteira. Imagine, tomar um comprimido por dia, durante noventa dias e ficar completamente limpo. Sua necessidade da droga desaparece. Você abandona a cocaína, a heroína, o crack — assim, sem mais nem menos. Depois de estar limpo, tome Tarvan de dois em dois dias e está livre para o resto da vida. Uma cura quase instantânea para milhões de viciados. Pense nos lucros, cobre o que quiser pela droga porque alguém em algum lugar terá prazer em pagar. Pense nas vidas que serão salvas, nos crimes que não serão cometidos, nas famílias unidas, nos bilhões não gastos tentando reabilitar viciados. Quanto mais eles pensavam no quanto Tarvan podia fazer, mais depressa queriam lançar a droga no mercado. Mas, como o senhor diz, precisavam de seres humanos.

Uma pausa, um gole de café. A camiseta perfeita estremecia. Ele continuou.

— Então eles começaram a cometer erros. Escolheram três lugares, Cidade do México, Cingapura e Belgrado, locais distantes da jurisdição da FDA, Administração de Alimentos e Medicamentos. Disfarçados em uma vaga organização de auxílio, construíram clínicas de reabilitação, na verdade belas instalações fechadas onde os viciados podiam ser completamente controlados. Pegaram os piores viciados que puderam encontrar e os limparam com Tarvan, embora eles não tivessem ideia do que estava acontecendo. Na verdade não se importavam. Era tudo de graça.

— Laboratórios de seres humanos — Clay disse. Até ali a história era fascinante e Max o bombeiro tinha o dom da narrativa.

— Nada mais do que laboratórios humanos. Longe do sistema americano de fraudes. E da imprensa americana. E dos órgãos reguladores americanos. Um plano brilhante. E a droga agia maravilhosamente. Depois de trinta dias, Tarvan eliminava a necessidade das drogas. Depois de sessenta dias, os viciados pareciam felizes por estarem limpos e depois de noventa dias não tinham medo de voltar para as ruas. Tudo monitorado, dieta, exercício, terapia, até conversas. Meu cliente tinha pelo menos um empregado como paciente, e essas clínicas tinham cem leitos cada. Depois de três meses, os pacientes eram soltos com a promessa de voltar à clínica a cada dois dias para tomar o Tarvan. Noventa por cento continuaram com o Tarvan e continuaram limpos. Noventa por cento! Só dois por cento voltaram ao vício.

— E os outros oito por cento?

— Eles viriam a ser o problema, mas meu cliente não tinha ideia da gravidade do mesmo. Seja como for, os leitos continuaram ocupados durante dezoito meses e

cerca de mil viciados foram tratados com Tarvan. Os resultados estavam além do previsto. Meu cliente via um lucro de bilhões. E sem competição. Nenhuma outra companhia estava fabricando uma droga contra o vício. A maioria delas desistiu há muitos anos.

— E o erro seguinte?

Depois de uma pausa de um segundo, Max disse: — Houve tantos...

Uma campainha tocou. O almoço tinha chegado. Um garçom entrou com o carrinho e passou cinco minutos arrumando tudo. Clay ficou de pé na frente da janela, olhando para o topo do Monumento a Washington, mas muito absorto em pensamentos para ver alguma coisa. Max deu a gorjeta para o garçom e finalmente ele saiu da sala.

— Está com fome? — ele perguntou.

— Não. Continue falando — Clay tirou o paletó e sentou na cadeira —, acho que está chegando na parte boa.

— Boa, má, depende de como você vê. O erro seguinte foi trazer o show para cá. É onde começa a ficar feio. Meu cliente examinou o globo deliberadamente e escolheu um local para caucasianos, um para hispânicos e um para asiáticos. Precisava de alguns africanos.

— Temos bastante na capital.

— Foi o que meu cliente pensou.

— Você está mentindo, não está? Diga que está mentindo.

— Eu menti uma vez para o senhor, Dr. Carter. E prometi não mentir outra vez.

Clay levantou-se lentamente deu a volta na cadeira, voltou para a janela. Max o observava atentamente. O almoço estava esfriando, mas nenhum dos dois parecia se importar. O tempo fora suspenso.

Clay virou para Max e disse:

— Tequila?

Com um gesto afirmativo, Max respondeu: — Sim.

— E Washad Porter?

— Sim.

Passou-se um minuto. Clay cruzou os braços e encostou na parede, de frente para Max que alisava o bigode.

— Continue — Clay disse.

— Alguma coisa saiu errada em cerca de oito por cento dos pacientes — Max disse. — Meu cliente não tem ideia do quê, como, ou de quem está correndo algum risco. Mas o Tarvan os faz matar. Simplesmente. Depois de mais ou menos cem dias, alguma coisa acontece no cérebro e eles sentem um impulso irresistível de derramar sangue. O fato de terem ou não uma história de violência não faz nenhuma diferença. Idade, sexo, raça, nada distingue os assassinos.

— Isso significa oitenta pessoas mortas?

— Pelo menos. Mas é difícil obter informação nos bairros pobres da Cidade do México.

— Quantas aqui na capital?

Foi a primeira pergunta que pareceu embaraçar Max e ele se desviou dela.

— Direi isso em alguns minutos. Deixe-me terminar a história. Quer, por favor, sentar-se? Não gosto de olhar para cima quando falo.

Clay atendeu o pedido.

— O erro seguinte foi contornar a Administração de Alimentos e Medicamentos.

— É claro.

— Meu cliente tem muitos amigos importantes nesta cidade. É praticamente um profissional na compra de políticos com dinheiro do PAC e em dar emprego às suas mulheres, namoradas e antigos assistentes, o costumeiro jogo com dinheiro que se faz aqui. Foi feito um negócio sujo. Incluía gente importante da Casa Branca, do Departamento de Estado, da Administração de Alimentos e Medicamentos, do FBI e mais umas duas agências, nada por escrito. Nenhum dinheiro mudou de mãos, não houve subornos. Meu cliente fez um bom trabalho convencendo um número suficiente de pessoas de que o Tarvan podia salvar o mundo se conseguisse resultados de mais um laboratório. Uma vez que a FDA levaria dois ou três anos para aprovar, e como a Administração tem poucos amigos na Casa Branca, o acordo foi feito. Todas aquelas pessoas importantes, nomes agora perdidos para sempre, encontraram um meio de contrabandear o Tarvan para algumas clínicas de reabilitação da capital, financiadas pelo governo federal. Se funcionasse aqui então a Casa Branca e os figurões conseguiriam pressionar implacavelmente a FDA para uma rápida aprovação.

— Quando esse acordo estava sendo feito, seu cliente sabia dos oito por cento?

— Eu não sei. Meu cliente não me contou tudo e nunca vai contar. Também não faço perguntas. Meu trabalho é outro. Porém, suspeito que ele não sabia dos oito por cento. Do contrário, fazer experiências aqui seria um risco grande demais. Tudo isso aconteceu muito depressa, Dr. Carter.

— Pode me chamar de Clay agora.

— Obrigado, Clay.

— De nada.

— Eu disse que não houve subornos. Isso também foi o que meu cliente disse. Mas sejamos realistas. A estimativa inicial do lucro do Tarvan nos próximos dez anos é de trinta bilhões de dólares. Lucro, não venda. A estimativa inicial de economia de impostos sobre o Tarvan é de cem bilhões, no mesmo período. Evidentemente algum dinheiro mudaria de mãos no processo.

— Mas tudo isso é história?

— Oh, sim. O medicamento foi retirado de uso há seis dias. Aquelas maravilhosas clínicas na Cidade do México, em Cingapura e Belgrado fecharam as portas no meio da noite e todos os ótimos conselheiros desapareceram como fantasmas. Todas as experiências foram esquecidas. Todos os papéis picados. Meu cliente nunca ouviu falar em Tarvan. Queremos que isso continue assim.

— Sinto que neste ponto entro em cena.

— Só se quiser. Se recusar, estou preparado para procurar outro advogado.

— Recusar o quê?

— O acordo, Clay. O acordo. Até agora cinco pessoas foram mortas por viciados em Tarvan na capital. Uma delas está em coma, e provavelmente não vai sair dessa. A primeira vítima de Washad Porter. Isso faz um total de seis. Sabemos quem são, como morreram, quem as matou, tudo. Queremos que você represente as famílias. Você convoca os familiares, nós pagamos, tudo muito rápido, muito quieto, sem processos judiciosos, sem publicidade, sem nenhuma impressão digital em lugar algum.

— Por que eles iriam me contratar?

— Porque não têm a menor ideia de que têm um caso. Ao que eles sabem, seus entes queridos foram vítimas da violência ocasional das ruas. É um estilo de vida por aqui. Seu filho leva um tiro de um punk da rua, você o enterra, o punk é preso, você vai ao julgamento esperando que ele pegue prisão perpétua. Mas você nem pensa em processo legal. Você vai processar o punk da rua? Nem o advogado mais faminto aceitaria esse caso. Eles o contratam porque você os procura, diz que têm um caso e que você pode conseguir quatro milhões de dólares num acordo muito rápido e muito confidencial.

— Quatro milhões — Clay repetiu, sem saber ao certo se era muito pouco ou demais.

— Aí está o nosso risco. Se o Tarvan for descoberto por algum advogado e, para ser franco, você é o primeiro a ter uma vaga noção do que se trata, então pode haver um julgamento. Digamos que o advogado é muito bom numa corte criminal e escolhe um júri só de negros aqui na capital.

— Isso é fácil.

— Claro que é. E digamos que esse advogado de algum modo consiga a evidência certa. Talvez alguns documentos que não foram inutilizados. Ou, o mais provável, alguém que trabalha para meu cliente resolve denunciá-lo. De qualquer modo o julgamento é ótimo para a família do morto. Pode haver um enorme veredicto. Pior ainda, pelo menos na minha opinião, a publicidade negativa seria horrível. O preço das ações desmoronaria. Imagine o pior, Clay, pinte seu pesadelo e acredite, esses caras também veem isso. Mas estão também tentando limitar seus

danos.

— Quatro milhões é uma pechincha.

— É e não é. Veja Ramon Pumphrey. Vinte e dois anos, trabalhando meio expediente, ganhando seis mil dólares por ano. com uma expectativa normal de mais cinquenta e três anos de vida e supostamente uma renda anual de duas vezes o salário mínimo, o valor econômico de sua vida, descontado em dólares atuais, é cerca de meio milhão de dólares. É quanto ele vale.

— Punição por danos materiais seria fácil.

— Depende. Seria muito difícil provar este caso, Clay, porque não há nenhum documento. Os dossiês que você conseguiu ontem não revelam coisa alguma. Os conselheiros do Campo L e do Ruas Limpas não tinham ideia do tipo de droga que estavam administrando. A FDA nunca ouviu falar em Tarvan. Meu cliente gastaria um bilhão com advogados e peritos e todos aqueles que pudessem protegê-lo. O litígio seria uma guerra porque meu cliente é tão culpado.

— Seis vezes quatro são 24 milhões.

— Acrescente dez para o advogado.

— Dez milhões?

— Sim, esse é o trato, Clay. Dez milhões para você.

— Deve estar brincando.

— Falo muito sério. Trinta e quatro no total. E posso assinar os cheques agora mesmo.

— Preciso sair e andar um pouco.

— Que tal o almoço?

— Não, obrigado.

ANDANDO A ESMO AGORA, na frente da Casa Branca. Perdido por um momento no meio de turistas holandeses que tiravam fotos, esperando que o presidente acenasse para eles, depois um passeio no parque Lafayette onde os sem-teto desapareciam durante o dia, depois num banco na praça Farragut onde comeu um sanduíche frio sem sentir-lhe o gosto. Todos os sentidos estavam embotados, todos os pensamentos lentos e confusos. Era mês de maio, mas o ar não estava claro. A umidade não o ajudava a pensar.

Via doze rostos negros nos bancos do júri, gente zangada que passara uma semana ouvindo a história chocante do Tarvan. Dirigia-se a eles na sua apresentação final: "Eles precisavam de cobaias negras, senhoras e senhores, de preferência americanos porque é aqui que está o dinheiro. Então trouxeram seu Tarvan miraculoso para nossa cidade." Os doze rostos bebiam sedentos cada palavra e concordavam, inclinando as cabeças, ansiosos para sair do tribunal e fazer justiça.

Qual era o maior veredicto da história do mundo? O Livro Guinness registrava isso? Fosse qual fosse, facilmente seria o seu. "Basta preencher o formulário, senhoras e senhores do júri."

O caso jamais iria a julgamento, nenhum júri o ouviria. Quem fez o Tarvan gastaria um bocado mais do que trinta milhões para enterrar a verdade. E contratariam toda espécie de malfeitores para quebrar pernas, roubar documentos, grampear telefones e queimar escritórios, o que fosse preciso para manter seu segredo longe daqueles doze rostos negros zangados.

Ele pensou em Rebecca. Como ela ficaria diferente envolta no luxo do seu dinheiro. com que rapidez deixaria de se preocupar com o Congresso e se retiraria para cuidar dos filhos. Casaria com ele em três meses ou logo que Barb tivesse tempo de planejar tudo.

Pensou nos Van Horns, mas, estranhamente, não como pessoas que ainda conhecia. Estavam fora de sua vida, ele tentava esquecê-los. Estava livre daquela gente, depois de quatro anos de escravidão. Nunca mais o atormentariam.

Estava prestes a se livrar de uma porção de coisas.

Uma hora se passou. Então ele estava no círculo DuPont, olhando para as vitrines das pequenas lojas que davam para a avenida Massachusetts, livros raros, pratos raros, roupas raras, gente rara por toda parte. Numa delas havia um espelho e ele olhou nos olhos da própria imagem pensando em voz alta se Max, o bombeiro, era real, uma fraude ou um fantasma. Seguiu pela calçada, nauseado com a ideia de que uma companhia respeitada tivesse escolhido como vítimas as pessoas mais fracas que encontrou, mas logo entusiasmado com a perspectiva de mais dinheiro do

que jamais teria sonhado. Precisava do seu pai. Jarrett Carter saberia exatamente o que fazer.

Outra hora se passou. Era esperado no gabinete para a reunião semanal do pessoal. "Despeça-me", ele murmurou com um sorriso.

Passou algum tempo na Kramerbooks, sua livraria preferida na capital. Talvez muito em breve poderia passar da seção de brochuras para a de capa dura. Poderia encher suas paredes com fileiras de livros.

Exatamente às 15 horas, a hora marcada, saiu pelos fundos da Kramer, entrou num café e lá estava Max Pace, sozinho, tomando limonada, à sua espera. Obviamente ficou feliz por ver Clay outra vez.

— Você me seguiu? — Clay perguntou, sentando e pondo as mãos nos bolsos da calça.

— Claro. Quer tomar alguma coisa?

— Não. E se eu der entrada amanhã no processo a favor da família de Ramon Pumphrey? Só esse caso pode valer mais do que você está oferecendo pelos seis.

A pergunta evidentemente era esperada. Max tinha a resposta pronta.

— Você tem uma longa lista de problemas. Deixe que eu diga os três mais importantes. Primeiro, você não sabe o tipo de processo que vai usar e pode ser que ninguém jamais venha a saber. Segundo, você não tem dinheiro para enfrentar meu cliente. Seriam precisos pelo menos dez milhões de dólares para organizar um ataque sustentável. Terceiro, você perderia a oportunidade de representar todos os queixosos conhecidos. Se você não disser sim rapidamente, estou preparado para procurar outro nome da minha lista de advogados com a mesma oferta. Meu objetivo é liquidar este caso em trinta dias.

— Eu poderia ir a uma grande firma de fraudes.

— Sim, e isso criaria mais problemas. Primeiro, você teria de dar pelo menos a metade dos seus honorários. Segundo, levaria cinco anos para chegar a um resultado, talvez mais. Terceiro, a maior firma de fraudes no país pode perder esse caso facilmente. A verdade aqui, Clay, talvez nunca seja conhecida.

— Deveria ser conhecida.

— Talvez, mas para mim tanto faz. Meu trabalho é silenciar essa coisa, compensar adequadamente as vítimas, depois enterrar o caso para sempre. Não seja tolo, meu amigo.

— Não somos realmente amigos.

— Verdade, mas estamos fazendo progresso.

— Você tem uma lista de advogados?

— Tenho, tenho mais dois nomes. Ambos muito semelhantes a você.

— Em outras palavras, famintos.

— Sim, você está faminto. Mas também é brilhante.

— Foi o que me disseram. E tenho ombros largos. Os outros dois são daqui da cidade?

— São, mas não vamos nos preocupar com eles. Hoje é quinta-feira. Preciso de uma resposta até segunda-feira, ao meio-dia. Do contrário, vou procurar o outro cara.

— Tarvan foi usado em alguma outra cidade dos Estados Unidos?

— Não, só em Washington, D.C.

— E quantas pessoas foram tratadas com ele?

— Cem, pouco mais ou menos.

Clay tomou um gole da água gelada que o garçom tinha posto na sua frente.

— Então aqui tem menos assassinos?

— É possível. Não preciso dizer que estamos esperando e vigiando com grande ansiedade.

— Vocês não podem impedir que eles matem?

— Impedir assassinatos de rua na capital? Ninguém poderia prever que Tequila saísse do Campo L e dentro de duas horas matasse uma pessoa. Nem Washad Porter. O Tarvan não dá nenhuma pista sobre quem vai pirar. Há alguma evidência de que depois de dez dias sem a medicação a pessoa volta a ser inofensiva. Mas é tudo especulação.

— Então os assassinatos devem parar dentro de mais alguns dias?

— Estamos contando com isso. Espero que possamos sobreviver ao fim de semana.

— Seu cliente devia ir para a prisão.

— Meu cliente é uma corporação.

— Corporações podem ser consideradas criminalmente responsáveis.

— Não vamos discutir isso, certo? Não nos leva a lugar algum. Precisamos focalizar em você e se está ou não disposto a enfrentar o desafio.

— Tenho certeza de que você tem um plano.

— Sim, e muito detalhado.

— Largo meu emprego e, então, o que acontece?

Pace empurrou o copo de limonada para o lado, e se inclinou para a frente, pronto para falar sobre o que valia a pena.

— Você instala sua firma de advocacia. Aluga um espaço. Põe bons móveis e assim por diante. Você tem de vender esta coisa, Clay, e o único modo de fazer isso é parecer e agir como um advogado criminal bem-sucedido. Seus clientes em potencial serão levados ao seu escritório. Precisam ficar impressionados. Precisa de auxiliares e de outros advogados trabalhando para você.

A aparência é tudo, confie em mim. Já fui advogado. Os clientes querem belos escritórios.

Eles querem ver o sucesso. Você estará dizendo a essas pessoas que pode obter-lhes indenizações de quatro milhões de dólares.

— Quatro é muito barato também.

— Mais tarde, está bem? Tem de parecer bem sucedido; é isso que quer dizer.

— Percebi. Cresci numa sociedade de advogados com muito êxito.

— Nós sabemos. É uma das coisas de que gostamos em você.

— Até que ponto é difícil encontrar, neste momento, espaços para escritórios?

— Nós alugamos alguns metros quadrados na Connecticut Avenue. Gostaria de vê-lo?

Deixaram o Kramer pela porta dos fundos e foram caminhando lentamente pela calçada, como dois amigos a passear.

— Eu ainda estou sendo seguido? — Perguntou Clay.

— Porquê?

— Oh, não sei. Simples curiosidade. Não acontece todos os dias. Só gostaria de saber se levaria um tiro se começasse a correr.

Pace riu-se com a frase.

— É um pouco absurdo, não é?

— Uma loucura completa.

— O meu cliente está muito nervoso, Clay.

— E tem boas razões para estar.

— Têm dezenas de pessoas na cidade, neste preciso momento, a observar, à espera, a rezar para que não haja mais homicídios. E têm esperança de que o senhor venha a ser o homem que fará o acordo.

— E os problemas éticos?

— Qual problema ético?

— Ocorrem-me dois — conflito de interesses e solicitação de processo judicial.

— A solicitação é uma piada. Basta olhar os cartazes.

Eles Pararam num cruzamento.

— Neste momento, represento o réu — disse Clay, enquanto esperavam. — Como é que passo para o outro lado e represento a sua vítima?

— Limite-se a fazê-lo. Pesquisamos o código de ética. É um problema espinhoso, mas não há violação do código. Depois de se demitir do GDP, tem toda a liberdade para abrir um escritório e começar a aceitar casos.

— Essa é a parte fácil. E sobre Tequila Watson? Sei por que razão cometeu o homicídio. Não posso sonegar-lhe essa informação, nem ao advogado que me suceder.

— Estar bêbedo ou sob influência de drogas não é defesa para um crime. Ele é culpado. Ramon Pumphrey está morto. Tem de esquecer o Tequila.

Eles estavam andando novamente.

Não gosto dessa resposta — retrucou Clay.

— É a melhor que tenho. Se me disser não e continuar a representar o seu cliente, ser-lhe-á praticamente impossível provar que ele alguma vez tomou uma droga chamada Tarvan. Você sabe, mas não conseguirá provar. Irá parecer doido se fizer a defesa nesses termos.

— Pode não ser uma defesa, mas poderia ser uma circunstância atenuante.

— Só se conseguir provar, Clay. Aqui estamos.

Encontravam-se na Connecticut Avenue, em frente de um grande edifício moderno de três andares, com uma entrada em vidro e bronze.

Clay olhou para cima e disse:

— O bairro das rendas caras.

— Venha daí. Fica no quarto andar, um escritório de esquina com uma vista fantástica.

No enorme átrio de mármore, um painel exibia uma lista de quem é quem no Direito, em Washington, D.C.

— Este não é exatamente o meu terreno — disse Clay, enquanto lia os nomes das empresas.

— Pode ser — retrucou Max.

— E se eu não quiser ficar aqui?

— A decisão é sua. Acontece que temos um espaço. Podemos sublocá-lo mediante um aluguel muito favorável.

— Quando é que o alugaram?

— Não faça muitas perguntas, Clay. Estamos na mesma equipe.

— Ainda não.

Tapetes estavam sendo colocados e paredes pintadas na seção do quarto andar destinada a Clay. Tapete caro. Ficaram de pé junto à janela de um grande escritório vazio observando o trânsito na Connecticut Avenue. Havia mil coisas a fazer para abrir uma nova empresa, e ele só conseguia pensar em uma centena. Tinha um palpite de que Max sabia todas as respostas.

— O que você acha? — Max perguntou.

— Não estou pensando muito bem no momento. Tudo parece embaçado.

— Não perca esta oportunidade, Clay. Nunca mais vai aparecer. E o relógio está funcionando.

— E irreal.

— Você pode registrar sua firma on-line, leva mais ou menos uma hora. Escolha um banco, abra a conta. Papel timbrado e coisas assim podem ser feitos de um dia para o outro. O escritório pode estar completo e mobiliado numa questão de dias. Na próxima quarta-feira você pode estar sentado aqui, atrás de uma mesa elegante,

dirigindo seu show.

— Como contrato os outros casos?

— Seus amigos Rodney e Paulette fazem isso. Eles conhecem a cidade e sua gente. Contrate os dois, triplique seus salários, dê belos escritórios no outro lado do corredor. Eles podem falar com as famílias. Nós ajudaremos.

— Vocês pensaram em tudo. .

— Sim. Absolutamente tudo. Estou dirigindo uma máquina muito eficiente, em compasso quase de pânico. Trabalhamos dia e noite, Clay. Só precisamos de um homem de ponta.

Na descida, o elevador parou no terceiro andar. Três homens e uma mulher entraram, todos muito bem-vestidos e arrumados, com pastas caras de couro, além do ar incurável de importância, inato nos advogados de grandes firmas. Max estava tão entretido com seus detalhes que não os viu. Mas Clay os absorveu — os modos, a fala discreta, a seriedade, a arrogância. Eram grandes advogados, importantes, e ignoraram sua existência. E claro, com sua calça velha e mocassins surrados ele não projetava exatamente a imagem de um membro da Ordem dos Advogados da capital.

Isso podia mudar da noite para o dia, não podia?

Clay despediu-se de Max e saiu para outra longa caminhada, dessa vez na direção do seu gabinete. Quando finalmente chegou, não havia nenhuma mensagem urgente na sua mesa. Era evidente que muitos tinham faltado à reunião. Ninguém perguntou onde ele tinha estado. Ninguém pareceu notar que Clay estivera ausente toda a tarde.

Seu gabinete de repente parecia muito menor e sombrio e os móveis insuportavelmente vulgares. Havia uma pilha de pastas na sua mesa, casos nos quais não podia pensar agora. Afinal de contas, todos os seus clientes eram criminosos.

O GDP exigia aviso prévio de trinta dias para se demitir. Porém a regra não era observada porque não podia ser. As pessoas estavam sempre se demitindo com pouco ou nenhum tempo de aviso prévio. Glenda escreveria uma carta ameaçadora. Ele responderia com uma carta agradável e estava tudo acabado.

A melhor secretária do gabinete era a senhorita Glick, uma guerreira experiente que ia pular de contente com a oportunidade de duplicar seu salário e deixar para trás o GDP. Seu escritório seria um lugar divertido para trabalhar, Clay decidiu. Salários, benefícios e férias longas e talvez até mesmo participação nos lucros.

Clay passou a hora seguinte com a porta trancada, planejando, roubando empregados, debatendo quais advogados e quais paralegais serviriam.

CLAY ENCONTROU-SE com Max pela terceira vez naquele dia para jantar no Old Ebbitt Grille, na rua Quinze, duas quadras atrás do Willard. Para sua surpresa, Max começou com um martíni e isso o descontraiu consideravelmente. A pressão

começou a derreter sob o assalto do gim e ele se tornou uma pessoa real. Max era advogado na Califórnia antes de um infortúnio terminar sua carreira. Por meio de contatos encontrou seu nicho no mercado do litígio, como bombeiro. Um solucionador de problemas. Um agente muito bem pago que chegava discretamente. Limpava a sujeira e saía sem deixar nenhum traço de sua passagem. Enquanto comiam os bifes e depois da primeira garrafa de Bordeaux, Max disse que havia outra coisa à espera de Clay depois do Tarvan.

— Uma coisa muito maior — Max disse olhando em volta para ver se algum espião estava ouvindo.

— O que é? — Clay disse depois de esperar por um longo tempo.

Outro rápido olhar à procura de bisbilhoteiros.

— Meu cliente tem um concorrente que lançou um medicamento ruim no mercado. Ninguém sabe ainda. O medicamento está tendo melhores resultados do que o nosso. Mas meu cliente agora tem provas fidedignas de que o medicamento causa tumores. Meu cliente está esperando o momento ideal para atacar.

— Atacar?

— Sim, como um processo de ação de classe dirigido por um jovem e agressivo advogado que possui as provas certas.

— Está me oferecendo outro caso?

— Estou. Você aceita o caso do Tarvan, arruma as coisas em trinta dias, então lhe entregaremos um dossiê que vale milhões.

— Mais do que o Tarvan?

— Muito mais.

Até ali Clay tinha conseguido comer metade do seu filé mignon sem sentir nenhum gosto. A outra metade ficaria intocada. Ele estava faminto mas sem apetite.

— Por que eu? — ele perguntou mais para si mesmo do que para o novo amigo.

— É o que pergunta quem ganha na loteria. Você ganhou na loteria. A loteria dos advogados. Foi bastante inteligente para farejar o Tarvan e ao mesmo tempo estávamos procurando desesperadamente um jovem advogado em quem pudéssemos confiar. Nós nos encontramos, Clay, e temos este breve momento no tempo no qual você toma uma decisão que mudará o curso da sua vida. Diga que sim e se tornará um grande advogado. Diga não e perde a loteria.

— Mensagem recebida. Preciso de algum tempo para pensar, para clarear minha cabeça.

— Tem todo o fim da semana.

— Obrigado. Escute, vou fazer uma viagem rápida. Saio de manhã e volto sábado à noite. Na verdade não penso que vocês precisem me seguir.

— Posso perguntar aonde vai?

— Ábaco, nas Bahamas.

— Vai ver seu pai?

Clay ficou surpreso, mas não devia ter ficado.

— Sim — ele disse.

— Para quê?

— Não é da sua conta. Para pescar.

— Desculpe, mas estamos muito nervosos. Espero que compreenda.

— Na verdade não compreendo. Posso dar os números dos meus voos, apenas não me sigam, está bem?

— Tem minha palavra.

A GRANDE ILHA ÁBACO é uma longa e estreita faixa de terra na extremidade norte das Bahamas, a cerca de cento e sessenta quilômetros da Flórida. Clay tinha estado na ilha uma vez, há quatro anos quando conseguiu dinheiro suficiente para a passagem de avião. A viagem foi um longo fim de semana, no qual Clay planejava tratar de vários assuntos sérios com o pai e se livrar de alguma bagagem. Não aconteceu. Jarrett Carter estava ainda muito perto da própria desgraça e especialmente preocupado em beber ponche de rum do meio-dia em diante. Ele estava disposto a falar sobre qualquer coisa, exceto direito e advogados. Esta visita seria diferente.

Clay chegou no fim da tarde, num jato muito lotado e muito quente, da Air Coconut. O fiscal na alfândega o mandou passar depois de um rápido olhar para seu passaporte. A viagem de táxi até Marsh Harbor levou cinco minutos, no lado errado da estrada. O taxista gostava de música evangélica a todo volume e Clay não estava disposto a discutir. Nem estava disposto a dar gorjeta. Saiu do carro no porto e foi procurar o pai.

JARRETT CARTER CERTA VEZ tinha entrado com um processo judicial contra o presidente dos Estados Unidos e, embora tivesse perdido o caso, aprendeu com a experiência que cada acusado subsequente era um alvo fácil. Ele não tinha medo de ninguém, no tribunal ou fora dele. Sua reputação estava assegurada com uma grande vitória — um grande veredicto de imperícia profissional contra o presidente da Associação Médica Americana, um bom médico que cometera um erro cirúrgico. Um júri impiedoso num condado conservador tinha dado o veredicto, e Jarrett Carter passou a ser um advogado muito procurado. Escolhia os casos mais difíceis, ganhava a maioria deles, e aos quarenta anos era um famoso advogado criminal. Fundou uma firma conhecida por sua ousadia no tribunal. Clay jamais duvidou de que seguiria o pai e faria carreira no tribunal.

Tudo desmoronou quando Clay estava na faculdade. Houve um caso tenebroso de divórcio que custou caro a Jarrett. Sua firma começou a se desfazer, tipicamente, os sócios processando uns aos outros. Atordado, Jarrett passou dois anos sem ganhar um caso e sua reputação sofreu muito com isso. Ele cometeu seu maior erro quando, com seu contador, começou a alterar os livros escondendo a renda, superfaturando despesas. Quando foi apanhado, o contador cometeu suicídio mas Jarrett não. Porém ficou arrasado e a prisão parecia provável. Felizmente um velho amigo da faculdade, o procurador geral dos Estados Unidos, foi o encarregado da acusação.

Os detalhes do acordo permaneceriam para sempre em segredo. Não houve pronunciamento de culpa pelo Grande Júri, somente um acordo não oficial, e Jarrett fechou seu escritório discretamente, perdeu a licença para advogar e saiu do país. Fugiu sem nada, porém os que estavam mais próximos do caso achavam que ele devia ter alguma coisa guardada fora dos Estados Unidos. Clay jamais viu qualquer indicação disso.

Assim o grande Jarrett Carter se tornou capitão de um barco pesqueiro nas Bahamas, o que, para muitos, parecia uma vida maravilhosa. Clay o encontrou no barco, um Wavedancer de sessenta pés, ancorado numa vaga da marina. Outros barcos de aluguel voltavam de um longo dia no mar. Pescadores queimados de sol admiravam o resultado da sua pesca. Fotos eram tiradas. Os marinheiros do porto descarregavam depósitos de gelo com garoupas e atuns. Carregavam sacolas com garrafas e latas vazias de cerveja.

Jarrett estava na proa com uma mangueira numa das mãos e uma esponja na outra. Clay o observou por um momento, pensando em não interromper o trabalho. Seu pai sem dúvida parecia o expatriado em fuga — descalço, a pele da cor do couro curtido, uma barba grisalha à La Hemingway, cordões de prata no pescoço, boné de pescador, velha camisa de algodão com as mangas arregaçadas até os bíceps. Se não fosse pela pequena barriga de bebedor de cerveja, Jarrett pareceria em ótima forma.

— Ora, ora, vejam só quem está aqui! — ele gritou quando viu o filho.

— Belo barco — Clay disse, subindo a bordo. Um firme aperto de mãos e nada mais. Jarrett não era do tipo afetuoso, pelo menos não com o filho. Várias antigas secretárias contavam outra história. Ele cheirava a suor seco, água salgada, cerveja velha — um longo dia no mar. O short e a camisa branca estavam sujos.

— É de um médico em Boca. Você está ótimo.

— Você também.

— Estou com saúde, isso é o que importa. Pegue uma cerveja. Jarrett apontou para um depósito de gelo no convés.

Abriram as latas e sentaram nas cadeiras de lona enquanto um grupo de pescadores caminhava no píer. O barco balançava suavemente.

— Dia movimentado, certo? — Clay disse.

— Saímos ao nascer do sol, com um pai e dois filhos grandes e fortes, os três, levantadores de peso. De algum lugar em Nova Jersey. Eu nunca tinha visto tanto músculo num barco. Tiravam um agulhão-bandeira de cinquenta quilos do oceano como se fossem trutas.

Duas mulheres quarentonas passaram por eles, com pequenas mochilas e objetos de pesca. Bronzeadas e cansadas como todos os pescadores. Uma era um pouco gorda, a outra não, mas Jarrett olhou para as duas até desaparecerem de vista.

Seu interesse evidente era quase embaraçoso.

— Você ainda tem seu apartamento? — Clay perguntou. Um velho apartamento de dois quartos que ele tinha visto anos atrás, no lado de trás de Marsh Harbor.

— Tenho, mas agora moro no barco. O dono não aparece muito e resolvi ficar por aqui. Tem um sofá na cabine para você.

— Você mora no barco?

— Claro, tem ar-condicionado, bastante espaço. Você sabe, estou sozinho a maior parte do tempo.

Tomaram cerveja e viram passar outro grupo de pescadores.

— Amanhã tenho outro freguês — Jarrett disse. — Você quer ir?

— O que mais posso fazer por aqui?

— Uns palhaços de Wall Street que querem sair às sete horas da manhã.

— Parece divertido.

— Estou com fome — Jarrett disse, levantando-se rapidamente e jogando a lata de cerveja no lixo. — Vamos.

No píer passaram por dezenas de barcos de todos os tipos. Pequenos jantares estavam sendo servidos nos veleiros. Os capitães dos barcos pesqueiros bebiam cerveja e descansavam. Todos gritaram alguma coisa para Jarrett que tinha uma resposta rápida para cada um. Ele ainda estava descalço. Clay andava um passo atrás dele, pensando, esse é meu pai, o grande Jarrett Carter, agora um pescador descalço com short desbotado e camisa desabotoada, o rei de Marsh Harbor. E um homem muito infeliz.

O bar Blue Fin estava cheio e barulhento. Jarrett parecia conhecer todo mundo. Antes que encontrasse duas banquetas juntas, o bartender já tinha os copos de ponche de rum prontos para os dois.

— Saúde — Jarrett disse, tocando o copo de Clay com o seu e imediatamente tomando a metade. Então começou uma conversa séria sobre pesca com outro capitão e por algum tempo Clay foi ignorado, o que estava bem para ele. Jarrett acabou de beber o primeiro copo de rum e gritou pedindo outro. Depois outro.

Um banquete estava sendo organizado numa mesa redonda num canto. Travessas com lagosta, caranguejo e camarão estavam no centro da mesa. Jarrett fez sinal para Clay segui-lo e sentaram à mesa redonda com meia dúzia de outras pessoas. A música tocava alto, a conversa era mais alta ainda. Todos em volta da mesa esforçavam-se para se embriagar, com Jarrett puxando a fila.

O marinheiro à direita de Clay era um hippie velho que afirmava ter escapado do Vietnã e queimado seu cartão de recrutamento. Rejeitava todas as ideias de democracia, incluindo emprego e impostos sobre a renda.

— Há trinta anos estou indo de uma ilha para outra no Caribe ~ ele se gabou, com a boca cheia de camarão. — Os federais nem sabem que eu existo.

Clay suspeitava que os federais pouco se importavam com o fato do homem existir ou não e o mesmo valia para o resto dos desajustados com quem estava jantando. Marinheiros, capitães de barcos, pescadores de tempo integral, todos fugindo de alguma coisa — pagamento de pensão, impostos, acusações formais, negócios escusos. Consideravam-se rebeldes, não conformistas, espíritos livres, piratas dos tempos modernos, por demais independentes para serem limitados pelas regras normais da sociedade.

Um furacão assolara Ábaco no verão anterior e o capitão Floyd, que falava mais alto do que todos, estava em guerra com a companhia de seguros. Isso trouxe à baila várias histórias de furacões, que, é claro, exigiam outra rodada de rum. Clay parou de beber, seu pai não. Jarrett começou a falar mais alto, cada vez mais bêbado, como todos os outros em volta da mesa.

Depois de duas horas a comida tinha desaparecido mas o ponche de rum continuava a fluir. O garçom servia agora em jarras e Clay resolveu sair discretamente. Levantou da mesa sem ser notado e saiu do Blue Fin.

Lá se ia o jantar calmo com seu pai.

ELE ACORDOU NO ESCURO ouvindo seu pai andando na cabine embaixo, assobiando alto, até cantando algo que parecia remotamente uma canção de Bob Marley.

— Acorde! — Jarrett gritou. O barco balançava não tanto pelo movimento da água quanto pelo barulhento ataque de Jarrett ao começo do dia.

Clay continuou por um momento no sofá curto e estreito, tentando se orientar e lembrar da lenda de Jarrett Carter. Ele chegava ao escritório todos os dias às 6 horas da manhã, muitas vezes às 5 e outras vezes às 4. Seis dias por semana, às vezes sete. Deixou de assistir a maior parte dos jogos de beisebol e de futebol de Clay, simplesmente porque estava muito ocupado. Nunca estava em casa depois que anoitecia e muitas vezes não voltava durante toda a noite. Quando Clay cresceu e passou a trabalhar na firma de advocacia, Jarrett era famoso por enterrar os advogados sob pilhas de trabalho. com a deterioração do seu casamento, ele passou a dormir no escritório, às vezes sozinho. Independentemente dos seus maus hábitos, Jarrett sempre atendia à campainha e sempre antes de qualquer outra pessoa. Tentou o alcoolismo mas conseguiu parar quando a bebida começou a interferir no seu trabalho.

Ele não precisava dormir sobre os dias de glória e evidentemente alguns hábitos nunca morriam. Ele passou pelo sofá, cantando alto e cheirando a um recente banho de chuveiro e a loção de barba barata.

— Vamos! — gritou.

Desjejum nem foi considerado. Clay conseguiu um banho rápido e frio no

pequeno espaço chamado chuveiro. Ele não era claustrofobo mas a ideia de viver nos confins restritos do barco lhe parecia impossível. Lá fora as nuvens eram espessas e o ar já estava quente. Jarrett estava na ponte de comando, ouvindo o rádio, franzindo a testa para o céu.

— Más notícias — ele disse.

— O que é?

— Uma grande tempestade vem para cá. A previsão é de chuva grossa o dia inteiro.

— Que horas são?

— Seis e meia.

— A que horas você foi dormir a noite passada?

— Você parece sua mãe. O café está ali. — Clay serviu café numa xícara e sentou na frente do leme.

O rosto de Jarrett estava coberto por óculos grossos, a barba e a aba comprida do boné. Clay suspeitava que os olhos deviam trair uma ressaca daquelas, mas ninguém jamais saberia. No rádio só se ouvia alertas e avisos dos barcos grandes que estavam no mar sobre a tempestade. Jarrett e os outros capitães de barcos de aluguel gritavam uns para os outros, informando o que ouviam, fazendo predições, balançando a cabeça para as nuvens. Ninguém ia sair do porto.

— Droga — Jarrett disse —, um dia desperdiçado.

Quatro jovens de Wall Street chegaram todos com shorts de tênis brancos, sapatos novos de corrida e chapéus novos de pescador. Jarrett os viu e foi ao seu encontro na popa. Antes que eles tivessem tempo de subir a bordo, ele disse: — Lamento, pessoal, não tem pescaria hoje. Aviso de tempestade.

Os quatro olharam para cima examinando o céu. Uma breve abertura nas nuvens os fez concluir que as previsões estavam erradas.

— Está brincando — um deles disse.

— Só um pouco de chuva — disse outro.

— Vamos tentar — disse outro ainda.

— A resposta é não — Jarrett disse. — Ninguém vai pescar hoje.

— Mas nós pagamos pelo aluguel do barco.

— Seu dinheiro será devolvido.

Examinaram outra vez as nuvens que escureciam a cada minuto. A tempestade chegava como canhões distantes.

— Lamento, pessoal — Jarrett disse.

— E amanhã? — um perguntou.

— Amanhã tenho outro grupo. Sinto muito.

Eles foram embora, certos de terem sido roubados dos seus troféus de marlins.

Resolvido o problema trabalhista, Jarrett foi até o depósito de gelo e pegou uma

cerveja.

— Quer uma? — perguntou para Clay.

— Que horas são?

— Hora para uma cerveja, eu creio.

— Ainda não terminei meu café.

Sentaram nas cadeiras de pesca no convés e ouviram a tempestade se aproximar. A marina estava movimentada, com capitães e marinheiros prendendo os barcos, e os tristonhos pescadores corriam no píer carregando depósitos de gelo e sacolas cheias de óleo de bronzear e câmeras. O vento aos poucos acelerava sua marcha.

— Tem falado com sua mãe? — Jarrett perguntou.

— Não.

A história da família Carter era um pesadelo e os dois sabiam que era melhor não falar no assunto.

— Você ainda está no GDP? — Jarrett perguntou.

— Estou e quero falar sobre isso com você.

— Como vai Rebecca?

— É passado, eu acho.

— Isso é bom ou não?

— No momento é apenas doloroso.

— Quantos anos você tem agora?

— Vinte e quatro menos do que você. Trinta e um.

— Certo. Muito moço para casar.

— Obrigado, pai.

O capitão Floyd parou ao lado do barco.

— Gunter está aqui. Pôquer em dez minutos. Vamos! Jarrett se levantou rapidamente, como um menino no dia de Natal.

— Você vai nessa? — perguntou para Clay.

— Nessa o quê?

— Pôquer.

— Eu não jogo pôquer. Quem é Gunter?

Jarrett esticou o corpo e apontou.

— Está vendo aquele iate ali? Uns cem pés. É de Gunter. Um velho alemão com um bilhão de dólares e montes de mulheres. Acredite, é o melhor lugar para esperar a tempestade ir embora.

— Vamos! — o capitão Floyd gritou, se afastando. Jarrett estava saindo do barco para o píer.

— Você vem? — perguntou para Clay.

— Eu passo.

— Não seja bobo. Vai ser muito mais divertido do que ficar aqui sentado o dia todo. — Jarrett já estava indo atrás do capitão Floyd.

Clay sacudiu a mão no ar. — vou ler um livro.

— Como quiser.

Os dois subiram no caíque com outro homem e atravessaram o porto até desaparecerem atrás dos iates.

Era a última vez que Clay veria seu pai por vários meses. Lá se ia o conselho. Estava sozinho.

A SUITE ERA NUM hotel diferente. Pace movia-se na capital como se fosse perseguido por espiões. Depois de um breve olá e de oferecer café, sentaram para tratar de negócios. Clay via que a tensão de guardar segredo pressionava Pace. Ele parecia cansado. Seus movimentos eram ansiosos. Falava mais rapidamente. O sorriso tinha desaparecido. Nenhuma pergunta sobre o fim de semana nem sobre a pescaria nas Bahamas. Pace estava prestes a fechar um negócio com Clay Carter ou com o segundo nome da sua lista. Sentaram a uma mesa, cada um com um bloco de notas e canetas prontos para o ataque.

— Acho que cinco milhões por cada morte é uma quantia melhor — Clay começou. — Certo, são garotos de rua e suas vidas têm pouco valor econômico, mas o que seu cliente fez vale milhões de punição por danos. Então combinamos o real com o punitivo e chegamos a cinco milhões.

— O cara em coma morreu ontem à noite — Pace disse.

— Então temos seis vítimas.

— Sete. Perdemos outro no sábado de manha.

Clay tinha multiplicado cinco milhões por seis tantas vezes que achou difícil modificar a conta.

— Quem? Onde?

— Dou os detalhes sujos depois, certo? Digamos que foi um fim de semana muito longo. Enquanto você pescava, estávamos monitorando os telefonemas para a emergência da polícia, que, num fim de semana movimentado nesta cidade, exige o trabalho de um pequeno exército.

— Tem certeza de que é um caso de Tarvan?

— Temos certeza.

Clay escreveu alguma coisa sem sentido e tentou ajustar sua estratégia.

— Vamos concordar com cinco milhões por morte — ele disse.

— Combinado.

No voo de volta de Ábaco, Clay tinha se convencido de que era um jogo de zeros. Não pense como se fosse dinheiro de verdade, esqueça o que o dinheiro pode comprar. Esqueça as mudanças dramáticas que o esperam. Esqueça o que um júri poderia fazer com o caso. Jogue apenas com os zeros. Ignore a faca afiada girando no seu estômago. Finja que suas entranhas são forradas de aço. Seu oponente está fraco e assustado, e é muito rico e está muito errado.

Clay engoliu em seco e tentou falar normalmente.

— Os honorários dos advogados estão muito baixos — ele disse.

— É mesmo? — Pace disse e sorriu. — Dez milhões não resolvem ?

— Não neste caso. Sua exposição será muito maior se uma grande firma de fraude for envolvida.

— Você pega as coisas rapidamente, não é mesmo?

— A metade vai para impostos. O custo operacional que você planejou para mim será muito alto. Terei de montar uma firma de advocacia de verdade numa questão de dias e no bairro de aluguéis altos. Além disso quero fazer alguma coisa por Tequila e pelos outros acusados que estão sendo sacrificados nisto tudo.

— Diga uma quantia — Pace já estava anotando alguma coisa.

— Quinze milhões facilitarão a transição.

— Você está jogando dardos?

— Não. Só negociando.

— Então você quer cinquenta milhões, trinta e cinco para as famílias, quinze para você. É isso?

— Isso deve bastar.

— Combinado — Pace estendeu a mão e disse: — Meus parabéns.

Clay apertou a mão estendida. Não conseguiu lembrar de dizer outra coisa que não fosse: — Obrigado.

— Há um contrato com alguns detalhes e estipulações. — Max estendeu a mão para sua pasta.

— Que tipo de estipulações?

— Para começar, você não pode nunca mencionar Tarvan para Tequila Watson para o novo advogado dele, nem para qualquer outro acusado envolvido nesse caso. Isso comprometeria gravemente tudo. Como já conversamos, o vício da droga não é uma defesa legal para um crime. Pode ser circunstância atenuante durante a decisão da sentença, mas o sr. Watson cometeu assassinato e fosse o que fosse que ele estivesse tomando na ocasião não é relevante para sua defesa.

— Eu compreendo isso melhor do que você.

— Então esqueça os assassinatos. Você agora representa as famílias das vítimas. Está no outro lado da rua, Clay, portanto aceite isso. Nosso acordo pagará cinco milhões adiantados para você, outros cinco em dez dias e os cinco restantes quando todos os acordos estiverem terminados. Você menciona Tarvan para qualquer pessoa e o negócio está desfeito. Você viola nossa confiança com os acusados e perde um bocado de dinheiro.

Clay assentiu com a cabeça olhando para o grosso contrato agora sobre a mesa.

— Este é basicamente um acordo sigiloso — Max continuou batendo com a mão nos papéis —, é cheio de feios segredos, grande parte dos quais você tem de esconder até da sua secretária. Por exemplo, o nome do meu cliente nunca é mencionado. Há agora uma companhia fictícia instalada nas Bermudas com novas divisões nas Antilhas Holandesas que responde a uma companhia com sede em

Luxemburgo. A trilha dos papéis começa e acaba lá e nem eu posso segui-la sem me perder. Seus novos clientes receberão o dinheiro, não devem fazer perguntas. Não pensamos que isso será problema. Para você, você está ganhando uma fortuna. Não esperamos sermões de moral. Apenas pegue seu dinheiro, termine o trabalho, todo mundo ficará mais feliz.

— Basta vender a minha alma?

— Como eu disse, esqueça o sermão. Você não está fazendo nada fora da ética. Está conseguindo enormes acordos para clientes que não têm a mínima ideia de que alguém deve isso a eles. Isso não é exatamente vender a alma. E daí, se você ficar rico? Não será o primeiro advogado a ter uma maré de sorte.

Clay pensava nos primeiros cinco milhões. Adiantados.

Max preencheu alguns espaços no meio do contrato, depois o empurrou para Clay sobre a mesa.

— Esta é uma preliminar do negócio. Assine e então posso dizer mais alguma coisa sobre meu cliente. you buscar café para nós.

Clay segurou o documento, que parecia pesar cada vez mais, depois tentou ler o primeiro parágrafo. Max estava ao telefone falando com o serviço de quarto.

Ele ia se demitir nesse mesmo dia do GDP e se retirar da defesa de Tequila Watson. A papelada já estava pronta, junto com o contrato. Registraria sua firma imediatamente, contrataria pessoal suficiente, abriria contas nos bancos *etc.* Uma proposta para registro do Escritório de Advocacia de J. Clay Carter também estava anexa ao contrato, tudo mastigado. Logo que fosse possível, ele entraria em contato com as sete famílias e começaria o processo de requerer seus casos.

O café chegou e Clay continuou a ler. Max estava falando ao celular, no outro lado da suíte, em voz muito baixa e séria, sem dúvida relatando os últimos eventos ao seu superior. Ou talvez estivesse monitorando sua rede de informação para saber se tinha acontecido outro crime do Tarvan. Por sua assinatura na página onze, Clay receberia imediatamente por ordem telegráfica, a soma de 5 milhões de dólares, a quantia claramente escrita por Max. Suas mãos tremiam quando ele assinou, não de medo ou de incerteza moral, mas por choque.

Quando o primeiro round de papelada estava completo, eles saíram do hotel e entraram numa camionete dirigida pelo mesmo guarda-costas que recebera Clay no saguão do Willard.

— Sugiro que a primeira coisa a fazer é abrir a conta no banco — Max disse suavemente mas com firmeza. Clay era Cinderela indo para o baile, só pelo passeio, porque tudo era um sonho agora.

— Claro, uma boa ideia — ele conseguiu dizer.

— Algum banco em particular?

O banco de Clay ficaria chocado com aquele tipo de atividade. Há tanto tempo

sua conta mal conseguia se manter acima do mínimo permitido que qualquer depósito maior acionaria o alarme. Um gerente certa vez telefonara para avisar que o prazo do pagamento de um empréstimo há muito estava vencido. Ele quase podia ouvir a exclamação de espanto de um maioral lá de cima quando visse seu depósito.

— Tenho certeza de que você já pensou em algum — Clay disse.

— Temos um bom relacionamento com o Chase. As transferências serão feitas com maior facilidade.

Então que seja o Chase, Clay pensou com um sorriso. Qualquer coisa para apressar as transferências.

— Banco Chase na rua Quinze — Max disse para o motorista que já se dirigia para lá. Max tirou mais papéis da pasta. — Aqui está a locação e sublocação do seu escritório. É espaço nobre, como você sabe, e certamente nada barato. Meu cliente usou uma companhia fictícia para alugar por dois anos a dezoito mil por mês. Podemos sublocar para você por esse mesmo aluguel.

— Isso dá quatrocentos mil, é pegar ou largar.

Max sorriu e disse:

— Você pode pagar. Comece a pensar como um advogado com dinheiro para queimar.

Um vice-presidente de alguma importância estava avisado. Max pediu para falar com a pessoa certa e tapetes vermelhos foram estendidos em todos os corredores. Clay entrou em cena e assinou os documentos apropriados.

A transferência seria efetuada às 17 horas daquele dia, segundo o vice-presidente.

De volta à camionete, Max era agora todo negócios.

— Tomamos a liberdade de preparar o registro social da sua firma de advocacia — ele disse, entregando para Clay mais documentos.

— Eu já vi isso — Clay disse, ainda pensando na transferência do dinheiro.

— É coisa básica, nada especial. Faça on-line. Pague duzentos dólares com cartão de crédito e o negócio está feito. Leva menos de uma hora. Pode fazer da sua mesa no GDP.

Clay apanhou os papéis e olhou para fora, pela janela. Um Jaguar XJ cor de vinho parou ao lado deles no sinal vermelho e ele começou a divagar. Tentava se concentrar nos negócios, mas simplesmente não podia.

— Por falar no GDP — Max dizia —, o que você quer fazer com aquela gente?

— Vamos fazer agora.

— M com Dezoito — Max disse para o motorista que não parecia perder nem uma palavra dos dois.

— Pensou em Rodney e Paulette?

— Sim you falar com eles hoje.

— Ótimo.

— Fico satisfeito com sua aprovação.

— Temos também pessoas que conhecem bem a cidade. Podem ajudar. Trabalham para nós, mas seus clientes não vão saber. — Fez um sinal para o motorista. — Podemos relaxar, Clay, até você ter as sete famílias como clientes.

— Parece que terei de contar tudo para Rodney e Paulette.

— Quase tudo. Eles serão os únicos da sua firma a saber o que aconteceu. Mas nunca poderá mencionar Tarvan ou a companhia e eles nunca verão os acordos. Prepararemos isso para você.

— Mas terão de saber o que estamos oferecendo.

— Evidentemente. Eles terão de convencer as famílias a aceitar o dinheiro. Mas nunca saberão de onde ele vem.

— Isso será um desafio.

— Vamos primeiro contratar os dois.

Aparentemente ninguém no GDP deu pela falta de Clay. Até a confiável senhorita Glick estava ocupada com os telefones e não tinha tido tempo para a pergunta habitual: "Onde você esteve?" Havia uma dezena de mensagens na sua mesa. Glenda estava numa conferência em Nova York e, como sempre, sua ausência significava almoços mais demorados e mais faltas por doença. Clay digitou rapidamente sua carta de demissão e mandou por email para ela. Com a porta fechada, encheu duas malas com seus objetos pessoais e deixou para trás livros antigos e outras coisas que em algum tempo considerara de valor sentimental. Sempre podia voltar, mas estava certo de que não voltaria.

A mesa de Rodney ficava num minúsculo espaço compartilhado por dois outros paralegais.

— Tem um minuto? — Clay disse.

— Na verdade não — Rodney respondeu, mal erguendo os olhos de uma pilha de relatórios.

— Há uma novidade no caso de Tequila Watson. Só vai levar um minuto.

Com relutância, Rodney pôs a caneta atrás da orelha e acompanhou Clay ao seu gabinete, onde as prateleiras estavam vazias e Clay trancou a porta.

— Estou indo embora — Clay começou, quase num murmúrio.

Conversaram por quase uma hora, enquanto Max Pace esperava impaciente na camionete estacionada ilegalmente junto ao meio-fio. Quando Clay apareceu com duas malas cheias, Rodney estava com ele, também carregando uma mala e uma sacola de papel. Ele foi para seu carro e desapareceu. Clay entrou na camionete.

— Ele está dentro — Clay disse.

— Que surpresa.

No escritório da avenida Connecticut, encontraram-se com um consultor de

decoração contratado por Max. Deixaram a critério de Clay a escolha de móveis caros que estavam no armazém e, portanto, podiam ser entregues dentro de vinte e quatro horas. Ele apontou vários estilos e amostras, todos no topo da escala de preços. Assinou uma ordem de compra.

Um sistema de telefones estava sendo instalado. Um consultor de computadores chegou logo depois que o decorador foi embora. Num certo momento, Clay estava gastando dinheiro tão depressa que começou a se perguntar se pedira o bastante para Max.

Um pouco antes das 17 horas, Max saiu de um escritório recentemente pintado e guardou o celular no bolso.

— A transferência foi feita — ele disse para Clay.

— Cinco milhões?

— Isso aí. Agora você é um multimilionário.

— Vou dar o fora daqui — Clay disse. — Vejo você amanhã.

— Aonde você vai?

— Nunca mais faça essa pergunta, está bem? Você não é meu patrão. E pare de me seguir. Nosso negócio está feito.

Clay andou por algumas quadras da Connecticut, acotovelando a multidão da hora do rush, sorrindo idiotamente, os pés mal tocando o chão. Seguiu pela rua Dezessete até ver o lago Refletor e o Monumento a Washington, onde bandos de adolescentes se juntavam para tirar fotos. Virou para a direita e caminhou pelos Jardins da Constituição, passando pelo Memorial do Vietnã. Um pouco além, parou num quiosque, comprou dois charutos baratos, acendeu um e continuou para os degraus do Memorial de Lincoln, onde sentou por um longo tempo olhando para baixo, para o Mall, para o Capitólio e para longe.

Pensar claramente era impossível. Um bom pensamento era imediatamente sobrepujado e empurrado por outro. Pensou no pai morando num barco pesqueiro emprestado, fingindo que era um boa-vida, mas lutando para ganhar a vida. Cinquenta e cinco anos, sem nenhum futuro, bebendo para escapar daquela infelicidade. Deu uma baforada no charuto e mentalmente foi às compras por algum tempo, e só por divertimento fez um cálculo do quanto gastaria se comprasse tudo que desejava — um novo guarda-roupa, um bom carro, um conjunto de som, alguma viagem. O total era apenas uma pequena parte da sua fortuna. A grande questão era que tipo de carro devia comprar. Que refletisse sucesso mas não fosse pretensioso.

E é claro, precisava de um novo endereço. Ia procurar em Georgetown uma pequena casa elegante. Ouvira dizer que algumas delas tinham sido vendidas por seis milhões, mas ele não precisava de tanto. Tinha certeza de que encontraria alguma coisa boa na ordem de um milhão de dólares.

Um milhão aqui. Um milhão ali.

Pensou em Rebecca, embora tentasse não pensar. Nos últimos quatro anos ela fora a única pessoa amiga com quem Clay tinha compartilhado tudo. Agora não tinha com quem conversar. Há cinco dias tinham terminado o relacionamento e tanta coisa acontecera que ele não teve muito tempo para pensar nela.

— Esqueça os Van Horns — ele disse em voz alta, soltando uma espessa nuvem de fumaça.

Faria uma grande doação para o Fundo Piedmont, destinado a preservar a beleza natural da Virgínia do Norte. Contrataria um paralegal para não fazer nada a não ser localizar as últimas compras de terras do grupo BVH e sempre que possível contrataria advogados para pequenos proprietários de terras que nem desconfiavam que seriam vizinhos do Grande Bennett, a Escavadeira. Sim, ia se divertir muito no front ecológico.

Esqueça essa gente.

Acendeu o segundo charuto e telefonou para Jonah, que estava na loja de computadores, fazendo horas extras.

— Tenho uma mesa no Citronelle, oito horas — Clay disse. Naquele momento era o restaurante francês favorito de todo mundo na capital.

— Certo — Jonah disse.

— Falo sério. Vamos comemorar. Estou mudando de emprego. Explico depois. Apenas esteja lá.

— Posso levar uma amiga?

— De jeito nenhum.

Jonah não ia a lugar algum sem a namorada-da-semana. Clay agora queria morar sozinho e não sentiria falta do heroísmo do quarto de dormir de Jonah. Telefonou para dois outros colegas da faculdade, mas os dois tinham filhos e obrigações e o convite foi muito em cima da hora.

Jantar com Jonah. Sempre uma aventura.

NO BOLSO DA CAMISA ele tinha os novos cartões da firma, a tinta mal seca ainda, entregues naquela manhã por uma gráfica que funcionava durante vinte e quatro horas, declarando que ele era o paralegal-chefe dos escritórios de advocacia de J. Clay Carter II, Rodney Albritton, como se a firma tivesse uma divisão inteira de paralegais sob seu controle. Não tinha, mas caminhava rapidamente para ter.

Se tivesse tido tempo de comprar um terno novo, provavelmente não o usaria na sua primeira missão. O velho uniforme funcionaria melhor — blazer azul-marinho, gravata frouxa, jeans desbotado, botas pretas do exército, muito gastas. Estava ainda trabalhando nas ruas e precisava mostrar isso. Encontrou Adelfa Pumphrey no seu posto, olhando sem ver para uma parede de monitores de circuito fechado.

Seu filho estava morto havia dez dias.

Ela olhou para Rodney e apontou para uma prancheta onde todos os convidados deviam assinar. Rodney tirou do bolso um dos cartões e se apresentou.

— Trabalho para um advogado no centro da cidade — ele disse.

— Isso é ótimo — ela disse mansamente, sem olhar para o cartão.

— Gostaria de falar com a senhora por alguns minutos.

— Sobre o quê?

— Sobre seu filho Ramon.

— O que sobre Ramon?

— Sei de algumas coisas sobre a morte dele que a senhora não sabe.

— No momento não é um dos meus assuntos favoritos.

— Eu compreendo e lamento estar falando a respeito. Mas a senhora vai gostar do que tenho para lhe dizer e não demorarei nada.

Ela olhou em volta. No fim do corredor outro guarda uniformizado estava quase dormindo na frente de uma porta.

— Posso ter um descanso em vinte minutos — ela disse. Encontre-me na cantina no andar de cima.

Afastando-se, Rodney pensou, sim, ele de fato valia cada centavo do seu novo salário. Um cara branco que se aproximasse de Adelfa Pumphrey com um assunto tão delicado estaria ainda parado na frente dela, nervoso, tremendo, procurando as palavras certas, porque ela nem ia se mexer. Ela não confiaria nele, não acreditaria em nada do que dissesse, pelo menos não nos primeiros quinze minutos de conversa.

Mas Rodney era suave, inteligente e negro, e ela queria falar com ele.

O DOSSIÊ DE MAX PACE sobre Ramon Pumphrey era breve, mas completo, não havia muita coisa para verificar. Seu suposto pai não era casado com sua mãe.

O nome do homem era Leon Tease e no momento cumpria uma pena de trinta anos, na Pensilvânia, por assalto à mão armada. Evidentemente ele e Adelfa viveram juntos apenas o tempo necessário para produzir dois filhos, Ramon e um irmão pouco mais novo chamado Michael. Mais tarde Adelfa teve outro filho de um homem com quem casou e depois se divorciou. Atualmente estava solteira e tentando criar, além dos dois filhos que restavam, duas jovens sobrinhas, filhas de uma irmã que estava na prisão por vender crack.

Adelfa ganhava 21 mil dólares por ano trabalhando para uma companhia particular contratada para guardar prédios de escritórios de baixo risco, na capital. Todos os dias ia do seu apartamento num conjunto em North East para o centro da cidade, sempre de metrô. Não tinha carro e nunca aprendeu a dirigir. Tinha uma pequena conta no banco e dois cartões de crédito, que só criavam problemas e arruinavam sua avaliação para qualquer crediário. Não tinha ficha criminal. Além do trabalho e da família, seu único interesse parecia ser o velho Centro Evangélico Salem, não muito distante da sua casa.

COMO OS DOIS TINHAM CRESCIDO na cidade, fizeram o jogo do "Quem-você-conhece?", por alguns minutos. Onde você estudou? De onde eram seus pais? Encontraram algumas tênues conexões. Adelfa tomava uma coca diet. Rodney tomava café puro. A cantina estava quase cheia de burocratas conversando sobre tudo, menos sobre o trabalho monótono que deviam estar fazendo.

— Você queria falar sobre meu filho — ela disse, depois de alguns minutos de conversa embaraçosa. Sua voz era suave e baixa, tensa, ainda carregada de sofrimento.

Rodney, um pouco nervoso, inclinou-se para a frente.

— Sim e outra vez lamento ter de falar nele. Eu tenho filhos. Posso imaginar o que você está passando.

— Tem razão.

— Trabalho para um advogado daqui da cidade, um cara jovem, muito inteligente, e ele descobriu um meio de dar a você muito dinheiro.

A ideia de muito dinheiro não pareceu impressionar Adelfa. Rodney continuou: — O garoto que matou Ramon acabava de sair de um tratamento contra o vício de drogas, fechado numa instituição por quatro meses. Era viciado, um garoto da rua, com poucas chances na vida. Tomou alguns medicamentos como parte do tratamento. Acharmos que um desses remédios o deixou suficientemente enlouquecido para escolher uma vítima ao acaso e começar a atirar.

— Não foi um negócio de drogas que não deu certo?

— Não, nada disso.

Adelfa olhou para longe, depois as lágrimas apareceram e por um momento

Rodney viu uma possibilidade de interesse. Mas então Adelfa olhou para ele e disse: — Muito dinheiro. Quanto?

— Mais de um milhão de dólares — ele disse com a maior cara de pau, ensaiada muitas vezes, porque Rodney duvidava seriamente se seria capaz de dizer isso sem parecer maravilhado.

Nenhuma reação visível, pelo menos não no começo. Outro olhar vago em volta.

— Está me gozando? — ela disse.

— Por que eu faria isso? Eu não a conheço. Por que ia entrar aqui e fazer piada? Há dinheiro em jogo, muito dinheiro. Muito dinheiro de uma grande companhia, que alguém quer que você aceite e fique calada.

— Qual grande companhia?

— Olhe, eu disse tudo que sei. Meu trabalho é falar com você, dizer o que está acontecendo e convidá-la a falar com o Dr. Carter, o advogado para quem trabalho. Ele explicará tudo.

— Cara branco?

— Isso aí. Um cara legal. Trabalho há cinco anos para ele. Você vai gostar dele e vai gostar do que ele tem a dizer.

Os olhos estavam secos. Ela deu de ombros e disse: — Tudo bem.

— A que horas você sai? — ele perguntou.

— Quatro e meia.

— Nosso escritório fica na Connecticut, a quinze minutos daqui. O Dr. Carter estará à sua espera. Você tem meu cartão.

Ela olhou outra vez para o cartão.

— E uma coisa muito importante — Rodney disse, quase num murmúrio. — Isso funciona só se você ficar de boca fechada. É um segredo. Você segue o conselho do Dr. Carter e vai receber mais dinheiro do que jamais imaginou. Mas se alguém souber, então não recebe nada.

Adelfa balançava a cabeça afirmativamente.

— E tem de começar a pensar em mudar de casa.

— Mudar?

— Para outra casa, em outra cidade, onde ninguém a conheça e ninguém saiba que recebeu muito dinheiro. Uma casa bonita, numa rua segura onde as crianças podem andar de bicicleta nas calçadas, sem traficantes, sem gangues, sem detectores de metal na escola. Nenhum parente querendo seu dinheiro. Ouça o conselho de quem cresceu como você. Mude de casa. Deixe este lugar. Você leva esse dinheiro para Lincoln Towers e eles comem você viva.

A INVESTIDA DE CLAY no GDP até o momento tinha conseguido a senhorita

Glick, secretária eficiente, que hesitou muito pouco ante a perspectiva de dobrar o salário, e sua velha amiga Paulette Tullos que, embora mantida pelo marido grego ausente, entusiasmou-se com a chance de ganhar 200 mil dólares por ano, em vez de meros 40 mil e é claro, Rodney. O ataque tinha provocado dois telefonemas urgentes de Glenda, ainda não respondidos e uma série de e-mails também ignorados, pelo menos até o momento. Clay prometeu a si mesmo encontrar-se com Glenda num futuro muito próximo e inventar uma desculpa qualquer por ter roubado seus melhores funcionários.

Para compensar os melhores, ele contratou seu companheiro de apartamento, Jonah, que, embora nunca tivesse praticado direito — passara no exame final na quinta tentativa —, era um amigo e confidente, e Clay esperava que ele viesse a desenvolver alguma habilidade para a profissão. Jonah era indiscreto e bebia muito, por isso Clay foi bastante lacônico sobre os detalhes da nova firma. Pretendia ir contando aos poucos para Jonah, mas começou bem devagar. Farejando dinheiro de algum lugar, Jonah negociou um salário inicial de 90 mil dólares por ano, menos do que o do paralegal-chefe, embora ninguém na firma soubesse quanto os outros ganhavam. O novo contador da firma, no terceiro andar, se encarregava dos livros e da folha de pagamento.

Clay deu a Paulette e a Jonah a mesma explicação cautelosa que dera para Rodney. O seguinte: tinha descoberto por acaso uma conspiração que envolvia um medicamento imperfeito — o nome do medicamento e o nome da companhia nunca seriam revelados a eles ou a qualquer outra pessoa. Ele fez contato com a companhia. Um rápido acordo foi feito. Muito dinheiro ia mudar de mãos. O segredo era crucial. Apenas façam seu trabalho e não façam muitas perguntas. Vamos formar uma boa pequena firma de advocacia, com a qual ganharemos muito dinheiro e nos divertiremos também.

Quem podia dizer não a uma oferta dessas?

A srta. Glick recebeu Adelfa Pumphrey como se ela fosse a primeira cliente a entrar na nova firma, o que de fato era. Tudo cheirava a novo — a pintura, o carpete, o papel de parede, os móveis italianos de couro na sala de espera. A srta. Glick serviu água num copo de cristal nunca usado antes, depois voltou ao trabalho de arrumar a nova mesa de vidro e metal. Então foi a vez de Paulette. Levou Adelfa para seu escritório para a preparação preliminar, que foi mais do que uma conversa fútil de mulheres. Paulette tomou uma porção de notas sobre família e histórico, a mesma informação preparada por Max Pace. Ela disse as palavras certas para a mãe enlutada.

Até então todos eram negros, o que deu confiança a Adelfa.

— Você talvez já tenha visto o Dr. Carter — Paulette disse, seguindo o script que ela e Clay tinham preparado. — Ele estava no tribunal quando você esteve lá.

Foi designado pelo juiz para representar Tequila Watson, mas abandonou o caso. Foi assim que se envolveu neste acordo.

Adelfa parecia confusa como eles esperavam que ficasse. Paulette continuou: — Ele e eu trabalhamos juntos há cinco anos no gabinete do defensor público. Saímos há poucos dias e abrimos esta firma. Vai gostar dele. É um homem muito bom e um ótimo advogado. Honesto e leal aos seus clientes.

— Vocês acabam de abrir a firma?

— Sim. Há muito tempo Clay queria ter a própria firma. Ele me pediu para acompanhá-lo. Está em ótimas mãos, Adelfa.

A confusão tornou-se espanto.

— Alguma pergunta? — Paulette disse.

— Tenho tantas que não sei por onde começar.

— Compreendo. Ouça meu conselho. Não faça muitas perguntas. Há uma companhia disposta a pagar muito dinheiro para evitar que você entre com um processo criminal pela morte do seu filho. Se você hesitar e fizer perguntas, pode facilmente acabar sem nada. Apenas pegue o dinheiro, Adelfa. Pegue e vá embora.

Quando finalmente chegou a hora de falar com o Dr. Carter, Paulette levou-a pelo corredor a um grande escritório de canto. Clay estivera andando nervosamente de um lado para o outro, mas cumprimentou-a com calma e disse que ela era bem-vinda à sua firma. Sua gravata estava frouxa, as mangas arregaçadas, a mesa coberta de pastas e papéis, como se ele estivesse litigando em várias frentes. Paulette ficou no escritório até o gelo ser completamente quebrado e então, de acordo com o plano, retirou-se.

— Eu o estou reconhecendo — Adelfa disse.

— Sim, eu estava no tribunal no dia da leitura formal da acusação. O juiz me designou para outro caso, mas eu me livrei dele. Agora estou trabalhando no outro lado da rua.

— Estou ouvindo.

— Provavelmente você está confusa com tudo isto.

— Sim, estou.

— Na verdade é muito simples. — Clay sentou na ponta da mesa e olhou para o rosto perplexo de Adelfa. Cruzou os braços e tentou parecer que tinha feito isso antes, muitas vezes. Começou então a narrativa da sua versão da companhia com a grande droga perniciosa e embora fosse um pouco mais explícito do que Rodney e mais animado, contou a mesma história sem revelar muita coisa nova. Adelfa, mergulhada na poltrona de couro, com as mãos cruzadas no colo da calça do uniforme, olhava atentamente para ele, sem piscar, sem saber no que acreditar.

Quando terminou a história, ele disse:

— Eles querem pagar a você muito dinheiro imediatamente.

— Quem exatamente são eles?
— A empresa fabricante do medicamento.
— Não tem um nome?
— Tem vários e vários endereços, e você jamais saberá sua verdadeira identidade. Nós, você e eu, advogado e cliente, devemos concordar em manter tudo em segredo.

Finalmente ela piscou os olhos, recruzou as mãos e se ajeitou na poltrona. Olhou para o novo e belo tapete persa que cobria a metade do assoalho.

— Quanto dinheiro? — ela perguntou mansamente.
— Cinco milhões de dólares.
— Deus do céu — ela conseguiu dizer antes de desmoronar. Cobriu os olhos com a mão e soluçou por um longo tempo, sem fazer nenhum esforço para parar. Clay tirou um lenço de papel da caixa e estendeu para ela.

O DINHEIRO DO ACORDO estava no banco Chase, perto de Clay, esperando para ser distribuído. A pilha de documentos de Max estava sobre a mesa. Clay mostrou os papéis, explicando que o dinheiro seria transferido na manhã seguinte, assim que o banco abrisse. Folheou rapidamente os papéis, explicando os pontos legais importantes, fazendo Adelfa assinar onde era necessário. Ela estava atordoada demais para falar muito.

— Confie em mim — ele disse mais de uma vez —, se quer o dinheiro, assine aqui.

— Eu me sinto como se estivesse fazendo alguma coisa errada — ela disse, em certo momento.

— Não. O erro foi cometido por outra pessoa. Você é a vítima, Adelfa, a vítima e agora a cliente.

— Preciso falar com alguém — ela disse, pondo mais uma assinatura.

Mas não havia ninguém com quem falar. Um namorado aparecia e desaparecia, segundo as informações de Max e não era do tipo a quem se pede conselhos. Adelfa tinha irmãos e irmãs espalhados da capital até a Filadélfia, mas certamente não eram mais sofisticados do que ela. Seus pais estavam mortos.

— Isso seria um erro — Clay disse, delicadamente —, este dinheiro vai melhorar sua vida se você ficar calada. Se falar ele a destruirá.

— Não sou muito boa para lidar com dinheiro.

— Podemos ajudar. Se quiser, Paulette pode monitorar as coisas para você e dar conselhos.

— Eu gostaria disso.

— Para isso estamos aqui.

Paulette levou-a de carro para casa, uma viagem lenta na hora do rush. Mais

tarde ela disse para Clay que Adelfa quase não falou e quando chegaram à sua casa ela não queria sair do carro. Então as duas ficaram trinta minutos ali sentadas, falando sobre sua nova vida. Não mais depender da assistência social, não mais tiros na noite. Não mais orações pedindo a Deus proteção para seus filhos. Nunca mais se preocuparia em manter os filhos em segurança, como se preocupara com Ramon.

Não mais gangues. Não mais péssimas escolas.

Ela estava chorando quando finalmente se despediu.

O PORSCHE CARRERA PRETO parou debaixo de uma árvore na rua Dumbarton. Clay desceu e por alguns segundos conseguiu ignorar seu mais recente brinquedo, mas depois de um rápido olhar para os lados, voltou-se e admirou outra vez. Seu há três dias e ele ainda não podia acreditar. Acostume-se com ele, pensava constantemente e podia agir como se estivesse acostumado, como se fosse apenas outro carro, nada especial, mas quando o tornava a ver, depois de uma ausência por mais curta que fosse, seu pulso ainda acelerava. "Estou dirigindo um Porsche", ele dizia em voz alta, passando pelo tráfego como um piloto de Fórmula Um.

Estava a oito quadras do campus principal da Universidade Georgetown onde passara quatro anos estudando antes de ir para a faculdade de direito perto do Capitol Hill. As casas eram históricas e pitorescas, os pequenos gramados imaculadamente tratados, as ruas cobertas por carvalhos antigos. As lojas e os bares movimentados na rua M, ficavam apenas a duas quadras ao sul, uma pequena distância para percorrer a pé. Clay tinha caminhado por aquelas ruas durante quatro anos e passara muitas longas noites com os amigos indo de bar em bar, na avenida Wisconsin e na rua M.

Agora ia morar ali.

A casa que chamou sua atenção estava à venda por 1,3 milhão de dólares. Ele a encontrou quando passeava de carro por Georgetown, há dois dias. Havia outra na rua N e outra na Volta, uma muito perto da outra. Clay estava resolvido a comprar uma delas antes do fim da semana.

A casa na rua Dumbarton, sua primeira escolha, fora construída na década de 1850 e cuidadosamente conservada desde então. A fachada de tijolos tinha sido pintada muitas vezes e era agora de um azul desbotado. Quatro andares, incluindo um subsolo. O corretor de imóveis disse que tinha sido imaculadamente conservada por um casal de aposentados que costumava receber os Kennedys e os Kissingers e pode preencher os espaços em branco com qualquer outro nome importante que puder lembrar. Os corretores de Washington citavam nomes mais depressa do que os de Beverly Hills, especialmente quando vendiam propriedades em Georgetown.

Clay chegou quinze minutos adiantado. A casa estava vazia, os donos agora viviam no sistema da previdência, segundo o corretor. Ele passou pelo portão ao lado da casa e admirou o pequeno jardim nos fundos. Não tinha piscina nem espaço para construir uma. Terreno era algo precioso em Georgetown. Havia um pátio com móveis de ferro batido e o mato crescia nos canteiros de flores. Clay arranjaría algumas horas livres para cuidar do jardim, mas não muitas.

Talvez apenas contratasse uma companhia de manutenção de jardins.

Ele adorou a casa e as outras vizinhas. Adorou a rua, o aconchego da vizinhança, todos morando perto, respeitando a privacidade uns dos outros. Sentado nos degraus da frente, ele resolveu oferecer um milhão, depois negociar vigorosamente, blefar e divertir-se vendo o corretor correr de um lado para o outro, mas no fim Clay estaria perfeitamente disposto a pagar o preço pedido.

Olhando para o Porsche, começou outra vez a divagar, fantasiando um mundo onde o dinheiro dava nas árvores e ele podia fazer tudo que quisesse. Ternos italianos, carros esporte alemães, casa em Georgetown, espaço para escritório no centro e o que mais? Tinha pensado num barco para o pai, muito maior, é claro, que desse mais lucro. Podia criar um pequeno negócio de barcos de aluguel nas Bahamas, baratear o barco, eliminar a maior parte dos custos, permitindo assim que seu pai ganhasse a vida decentemente. Jarrett estava morrendo nas Bahamas, bebendo demais, dormindo com o que encontrava, morando num barco emprestado, procurando gorjeta. Clay estava decidido a facilitar a vida dele.

Uma porta bateu e interrompeu seus sonhos de gastar dinheiro, por um momento. O corretor tinha chegado.

A LISTA DE PACE que relacionava as vítimas acabava no número sete. Sete que ele sabia. Sete que ele e seus assistentes tinham conseguido monitorar. O Tarvan tinha sido recolhido há dezoito dias e pela experiência da companhia sabiam que fosse qual fosse o motivo pelo qual o medicamento levava as pessoas a matar, cessava depois de dez dias. Cronologicamente Ramon Pumphrey era o número seis.

O número um era um estudante da George Washington que saía da lanchonete na avenida Wisconsin, em Bethesda, no momento exato para ser visto por um homem com uma arma. O estudante era de Bluefield, Virgínia Ocidental. Clay fez a viagem de cinco horas em tempo recorde, sem se apressar, mas como um piloto de carro de corrida no vale Shenandoah. Seguindo as instruções precisas de Pace, encontrou a casa dos pais, um pequeno e tristonho bangalô perto do centro da cidade. Sentado no carro, na entrada da casa, ele disse em voz alta: — Não posso acreditar que estou fazendo isso.

Duas coisas o motivaram a sair do carro. Primeiro, não tinha escolha. Segundo, a perspectiva dos 15 milhões completos, não apenas um terço ou dois terços. Tudo.

Estava vestido casualmente e deixou a pasta de couro no carro. A mãe estava em casa, mas o pai ainda estava no trabalho. Ela o fez entrar relutantemente, mas depois ofereceu biscoitos. Clay esperou num sofá, na sala com retratos do filho morto por toda parte. As cortinas estavam fechadas. A casa estava em desordem.

"O que estou fazendo aqui?"

Ela falou sobre o filho por um longo tempo e Clay ouviu atento cada palavra.

O pai vendia apólices de seguro perto dali e chegou antes do gelo derreter no

copo de chá. Clay apresentou seu caso para eles, tanto quanto possível. A princípio eles tentaram algumas perguntas: Quantos mais morreram por causa disso? Por que não podemos procurar as autoridades? Isso não devia ser levado a público? Clay se esquivou como um veterano. Pace o tinha preparado bem.

Como todas as vítimas, eles tinham uma escolha. Podiam ficar zangados, fazer perguntas, pedidos, exigir justiça, ou podiam aceitar o dinheiro discretamente. A quantia de cinco milhões de dólares a princípio não foi registrada, ou eles disfarçaram muito bem. Queriam estar zangados e desinteressados do dinheiro, pelo menos inicialmente. Mas com o passar das horas começaram a ver a luz.

— Se não pode me dizer o nome verdadeiro da companhia, não posso aceitar o dinheiro — o pai disse, em certo momento.

— Eu não sei o nome verdadeiro — Clay disse.

Houve lágrimas e ameaças, amor e ódio, perdão e retribuição, quase todas as emoções chegaram e se foram durante a tarde e o começo da noite. Acabaram de enterrar seu filho mais novo e a dor era atordoante e imensurável. Não gostavam de Clay por ele estar ali, mas agradeceram profusamente sua preocupação. Não confiavam nele como um grande advogado da cidade que obviamente mentia sobre o acordo absurdo, mas o convidaram para jantar fosse o que fosse que podiam ter para oferecer.

O jantar logo chegou. Quatro senhoras da igreja apareceram com comida suficiente para uma semana. Clay foi apresentado como um amigo de Washington e imediatamente submetido a todo o tipo de interrogatório pelas quatro senhoras. Um advogado criminal não seria mais curioso.

Finalmente as senhoras se foram. Depois do jantar, à medida que a noite se adiantava, Clay começou a pressionar o casal. Estava oferecendo o único acordo que eles jamais teriam. Um pouco depois das 22 horas, eles começaram a assinar os papéis.

O NÚMERO TRÊS FOI evidentemente o mais difícil. Era uma prostituta de dezessete anos que durante quase toda a vida tinha trabalhado nas ruas. A polícia achava que ela e seu assassino tinham tido um relacionamento no passado, mas nada que indicasse a causa do crime. Ele atirou nela no lado de fora de um banheiro feminino, na frente de três testemunhas.

O nome dela era Bandy, sem nenhum sobrenome. A pesquisa de Pace não revelou marido, mãe, pai, irmãos, filhos, endereço, igreja, escolas, nem o que era mais incrível, passagem pela polícia.

Não houve funeral. Como dezenas de outros a cada ano, na capital, Bandy foi enterrada como indigente. Quando um dos agentes de Pace perguntou no Instituto Médico Legal, a resposta foi: "Ela está enterrada no jazigo da prostituta

desconhecida."

O assassino era a única pista. Disse para a polícia que Bandy tinha uma tia em Little Beirut, o gueto mais perigoso do sudoeste da capital. Mas depois de duas semanas de procura incansável a tia não fora encontrada.

Sem herdeiros conhecidos, era impossível um acordo.

OS ÚLTIMOS CLIENTES DO TARVAN a assinar os documentos foram os pais de uma aluna da Universidade Howard, que tinha fechado a matrícula numa semana e na semana seguinte foi assassinada. Moravam em Warrenton, Virgínia, sessenta e cinco quilômetros a oeste da capital. Por uma hora ficaram no escritório de Clay de mãos dadas, como se nenhum deles pudesse funcionar sozinho. Choravam às vezes, externando a dor indizível. Outras vezes eram estoicos, tão rígidos e fortes e aparentemente não impressionados com o dinheiro, que Clay chegava a duvidar que fossem aceitar o acordo.

Mas aceitaram, embora de todos os clientes dos quais se aproximara, ele estava certo que seriam os menos afetados pela nova riqueza. Depois de algum tempo, agradeceriam. Por agora, só queriam a filha de volta.

Paulette e a senhorita Glick os acompanharam para fora do escritório, até os elevadores, onde todos se abraçaram outra vez. Quando as portas se fecharam, os pais procuravam conter as lágrimas.

A pequena equipe de Clay se reuniu na sala de reuniões onde deixaram passar o momento, agradecendo o fato de que não seriam mais visitados por viúvas e pais enlutados, pelo menos não num futuro próximo. Champanhe cara tinha sido gelada para a ocasião e Clay começou a servir. A srta. Glick declinou porque era a única da firma que não bebia álcool. Paulette e Jonah pareciam especialmente sedentos. Rodney preferia cerveja Budweiser, mas tomou champanhe com os outros.

Quando estavam na segunda garrafa, Clay levantou-se para falar.

— Tenho algumas informações — ele disse, batendo com a mão no copo. — Primeiro, os casos de Tylenol estão completos. Meus parabéns e muito obrigado a todos. — Usara Tylenol como um código para Tarvan, um nome que eles jamais ouviriam. Também jamais saberiam a quantia paga pelos acordos. Nem os seus honorários. Obviamente Clay estava recebendo uma fortuna, mas eles não sabiam quanto.

Eles aplaudiram a si mesmos.

— Segundo, começamos a comemorar esta noite com um jantar no Citronelle. Oito horas em ponto. Pode ser uma longa noite, porque amanhã ninguém trabalha. O escritório estará fechado.

Mais aplausos, mais champanhe.

— Terceiro, dentro de duas semanas partimos para Paris. Nós todos e cada um pode levar um amigo, de preferência cônjuge, quem for casado. Todas as despesas pagas. Passagens de primeira classe, hotel luxuoso, tudo do melhor. Passaremos uma semana. Sem exceções. Eu sou o patrão e ordeno que todos vão a Paris.

A srta. Glick cobriu a boca com as duas mãos. Estavam todos atônitos. Paulette foi a primeira a falar.

— Não é Paris, Tennessee?

— Não, querida. Paris de verdade.

— E se eu por acaso encontrar meu marido por lá? — ela perguntou com um meio sorriso e todos riram às gargalhadas.

— Você pode ir ao Tennessee se quiser — Clay disse.

— De jeito nenhum, benzinho.

Quando finalmente conseguiu falar, a srta. Glick disse: — Preciso de um passaporte.

— Os formulários estão na minha mesa. Eu trato disso. Levará menos de uma semana. Mais alguma coisa?

Falaram sobre o tempo, comida e o que deviam vestir. Paulette era a única que já tinha estado em Paris na sua lua de mel, um breve encontro de amor que acabou mal quando o grego foi chamado para um negócio urgente. Ela voltou sozinha para casa, na segunda classe, embora tivesse ido de primeira.

— Meu bem, eles servem champanhe na primeira classe — ela explicou. — E as poltronas são verdadeiros sofás.

— Posso levar qualquer pessoa? — Jonah perguntou ainda indeciso.

— Vamos limitar a escolha a alguém que não seja casado, está bem? — Clay disse.

— Isso limita muito o campo.

— Quem você vai levar? — Paulette perguntou.

— Talvez ninguém — Clay disse, e todos ficaram quietos por um momento.

Tinham comentado sobre Rebecca e a separação, Jonah fornecendo a maior parte da história. Queriam seu patrão feliz, mas não tinham bastante intimidade para intervir.

— Que torre é aquela em Paris? — Rodney perguntou.

— A Torre Eiffel — Paulette disse. — A gente pode subir até lá em cima.

— Não, não me parece segura.

— Estou vendo que você vai ser mesmo um grande viajante.

— Quanto tempo vamos ficar lá? — perguntou a srta. Glick.

— Sete noites — Clay disse —, sete noites em Paris. — E todos começaram a devanear, levados pelo champanhe. Há um mês estavam trancados na mesmice do GDP. Todos, menos Jonah, que vendia computadores em meio expediente.

MAX PACE QUERIA CONVERSAR e como a firma estava fechada, Clay sugeriu que se encontrassem lá, ao meio-dia, depois que as teias de aranha da noite anterior tivessem desaparecido.

Só ficou uma dor de cabeça.

— Você está horrível — Pace começou, agradavelmente.

— Nós comemoramos.

— O que precisamos conversar é muito importante. Está disposto?

— Posso acompanhar você. Vá falando.

Pace começou a andar pela sala com um copo de café na mão.

— A confusão do Tarvan terminou — ele disse, como quem põe um ponto final. Só acabava quando ele dizia que tinha acabado, não antes. — Nós ajeitamos os seis casos. Se aparecer alguém dizendo que é parente da nossa jovem Bandy, então esperamos que você trate do assunto. Mas estou convencido de que ela não tinha família.

— Eu também.

— Fez um bom trabalho, Clay.

— Estou sendo muito bem pago.

— Vou transferir a última parcela hoje. Os quinze milhões estarão na sua conta.

O que resta deles.

— O que espera que eu faça? Que continue com um carro velho, dormindo num apartamento decrepito, usando roupas baratas? Você mesmo disse que eu teria de gastar algum dinheiro para causar a impressão certa.

— Estou brincando. E você está fazendo um ótimo trabalho parecendo rico.

— Obrigado.

— Está se adaptando da pobreza à riqueza com notável facilidade.

— É um talento.

-Apenas tenha cuidado. Não chame muita atenção.

— Vamos falar do próximo caso.

Pace sentou-se e empurrou uma pasta sobre a mesa.

— O medicamento é Dyloft, manufaturado pelos Laboratórios Ackerman. É um poderoso anti-inflamatório usado por portadores de artrite aguda. O Dyloft é novo e os médicos estão apaixonados por ele. Faz maravilhas, os pacientes o adoram. Porém tem dois problemas: primeiro, é feito por um concorrente do meu cliente, e segundo, está sendo ligado à formação de pequenos tumores na bexiga. Meu cliente, o mesmo cliente do Tarvan, fabrica um medicamento similar, muito popular até doze meses atrás, quando o Dyloft foi lançado no mercado. O mercado total é de mais ou menos três bilhões por ano. O Dyloft já está em segundo lugar e provavelmente atingirá um bilhão este ano. É difícil dizer, porque está crescendo muito depressa. O medicamento do meu cliente está fazendo um bilhão e meio e perdendo terreno rapidamente. Dyloft é o remédio da moda, logo desbancará toda a concorrência. É bom de verdade.

Alguns meses atrás meu cliente comprou uma pequena companhia de produtos farmacêuticos na Bélgica. Essa companhia tinha antes uma divisão que mais tarde

foi absorvida pelos Laboratórios Ackerman. Alguns pesquisadores foram mandados embora e tratados injustamente. Alguns estudos de laboratório desapareceram e os documentos provaram que os Laboratórios Ackerman sabiam do problema em potencial há pelo menos seis meses. Está me acompanhando?

— Sim. Quantas pessoas tomaram o Dyloft?

— Realmente é difícil dizer, porque o número está crescendo muito depressa. Provavelmente um milhão.

— Qual a porcentagem dos que adquiriram o tumor?

— A pesquisa indica cerca de cinco por cento, o suficiente para acabar com o remédio.

— Como se sabe se o paciente tem o tumor?

— Exame de urina.

— Você quer que eu mova um processo contra os Laboratórios Ackerman?

— Espere um pouco. A verdade sobre o Dyloft logo será revelada. Até hoje não houve nenhum processo criminal, nenhuma reclamação, nenhum estudo sobre os danos causados pelo medicamento nas revistas especializadas. Nossos espiões nos dizem que Ackerman está muito ocupado contando o dinheiro e guardando para pagar os advogados quando as pedras começarem a ser lançadas. Ackerman pode também estar tentando consertar o defeito do medicamento, mas isso leva tempo e precisa da aprovação da Associação de Alimentos e Medicamentos. Estão realmente numa enrascada porque precisam de dinheiro. Fizeram grandes empréstimos para adquirir outras companhias, a maior parte dos quais não foi pago ainda. Suas ações estão sendo vendidas a mais ou menos quarenta e dois dólares. Há um ano o preço era oitenta.

— O que acontecerá com a companhia com a revelação dos danos causados pelo Dyloft?

— Uma grande baixa no preço das ações, exatamente o que meu cliente quer. Se o processo for bem conduzido e suponho que você e eu podemos fazer a coisa certa, a notícia assassinará os Laboratórios Ackerman. Uma vez que tenhamos a prova incontestável de que o Dyloft causa danos, a companhia não terá escolha senão fazer um acordo. Não podem arriscar um julgamento, não com um produto tão perigoso.

— Qual é o lado negativo da situação?

— Noventa e cinco por cento dos tumores são benignos e muito pequenos. Não causam dano real à bexiga.

— Então o litígio é usado para abalar o mercado?

— Sim e é claro para recompensar as vítimas. Eu não quero tumores na minha bexiga, benignos ou malignos. A maioria dos jurados pensará assim. Aqui está o cenário: você reúne um grupo de cinquenta queixosos, mais ou menos, e dá entrada

num grande processo legal a favor dos pacientes do Dyloft. Exatamente ao mesmo tempo, você lança uma série de anúncios na televisão, solicitando mais casos. Você ataca rápida e violentamente, e consegue milhares de casos. Os anúncios vão de costa a costa, breves, mas que deixarão as pessoas morrendo de medo e elas telefonam para seu número de ligação gratuita daqui mesmo da capital, onde você tem um armazém cheio de paralegais atendendo os telefonemas e fazendo o trabalho chato. Vai custar algum dinheiro, mas se você conseguir, digamos, cinco mil casos e fizer um acordo de vinte mil dólares para cada um, isso representa cem milhões de dólares. Sua parte é um terço.

— Isso é um escândalo!

— Não, Clay, é litígio de fraude em massa na melhor forma. E assim que o sistema funciona nos nossos dias. E se você não fizer, garanto que alguém vai fazer. Muito em breve. É tanto dinheiro em jogo que os advogados especialistas em ações indenizatórias coletivas esperam como aves de rapina por qualquer sugestão de um medicamento prejudicial. E acredite, existem montes desses medicamentos.

— Por que eu sou o felizardo?

— Uma questão de momento meu amigo. Se meu cliente souber exatamente quando você dará entrada no processo, então ele pode reagir ao mercado.

— Onde encontro cinquenta clientes? — Clay perguntou. Max apanhou outra pasta.

— Sabemos de pelo menos mil. Nomes, endereços, está tudo aqui.

— Você falou num armazém cheio de paralegais?

— Uma meia dúzia. Precisa disso para atender o telefone e manter os arquivos organizados. Você pode acabar com cinco mil clientes individuais.

— Anúncios na televisão?

— Isso mesmo. Tenho o nome de uma agência que pode fazer um anúncio em menos de três dias. Nada sofisticado, uma voz de fundo, imagens de comprimidos caindo numa mesa, o mal em potencial do Dyloft, quinze segundos de terror destinados a fazer com que as pessoas telefonem para os escritórios de advocacia de Clay Carter II. Esses anúncios funcionam, acredite. Veicule-os em todos os principais mercados durante uma semana e terá mais clientes do que pode contar.

— Quanto vai custar?

— Uns dois milhões, mas você pode.

Foi a vez de Clay começar a andar de um lado para o outro, fazendo o sangue circular. Tinha visto anúncios de comprimidos para dieta que não deram certo, anúncios nos quais advogados invisíveis tentavam assustar as pessoas convencendo-as a fazer a ligação gratuita para um determinado número. Certamente ele não ia cair tão baixo.

Mas trinta e três milhões de dólares de honorários! Ele ainda estava atordoado

com a primeira fortuna.

— Qual é o esquema?

Pace tinha uma lista das primeiras coisas que deviam ser feitas.

— Você terá de registrar os clientes, o que levará no máximo duas semanas.

Três dias para terminar o anúncio. Alguns dias para comprar tempo na televisão. Precisa contratar paralegais e ter um espaço alugado fora do centro. Aqui é muito caro. A ação judicial deve ser preparada. Você tem uma boa equipe. Deve conseguir fazer tudo em menos de trinta dias.

— Vou levar meu pessoal para passar uma semana em Paris, mas faremos.

— Meu cliente quer a ação judicial dando entrada em menos de um mês. No dia dois de julho, para ser exato.

Clay voltou para a mesa e olhou demoradamente para Pace.

— Eu nunca preparei um processo como esse — ele disse.

Pace tirou uma coisa da sua pasta.

— Vai estar ocupado neste fim de semana? — ele perguntou, olhando para um folheto.

— Na verdade não.

— Esteve em Nova Orleans ultimamente?

— Há mais ou menos dez anos.

— Já ouviu falar do Círculo de Causídicos?

— Talvez.

— É um velho grupo com uma nova vida, um bando de advogados que se especializa em ações indenizatórias em massa. Reúnem-se duas vezes por ano e conversam sobre as últimas tendências do processo judicial. Será um fim de semana muito produtivo. Empurrou a brochura para Clay em cima da mesa. Na capa havia uma foto colorida do Royal Sonesta Hotel, no French Quarter.

NOVA ORLEANS ESTAVA QUENTE e úmida como sempre, especialmente no Quarter.

Estava sozinho e satisfeito com isso. Mesmo que ainda estivesse com Rebecca, ela não teria feito aquela viagem. Estaria muito ocupada no trabalho, e com as compras que faria no sábado com a mãe. A rotina de sempre. Clay tinha pensado em convidar Jonah, mas o relacionamento dos dois estava tenso no momento. Clay acabava de se mudar do apartamento apertado para o conforto de Georgetown sem se oferecer para levar Jonah, uma afronta, mas que Clay tinha antecipado e estava preparado para enfrentar. A última coisa que ele queria na sua nova casa era um companheiro que entrava e saía a qualquer hora com a primeira mulher que encontrava.

O dinheiro começava a isolá-lo. Velhos amigos para quem antes telefonava

estavam sendo ignorados porque ele não queria perguntas demais. Velhos lugares não eram mais frequentados porque agora podia ir a lugares melhores. Em menos de um mês tinha mudado de emprego, casa, carro, banco, guarda-roupa, restaurante, academia de ginástica e estava definitivamente no processo de mudar de namorada, embora sem nenhuma substituta em vista. Há vinte e oito dias não falava com Rebecca. Estava certo de que telefonaria no trigésimo dia, como combinado, mas tanta coisa tinha mudado desde então.

Quando Clay entrou no saguão do Royal Sonesta sua camisa estava molhada e grudada nas costas. O depósito para o registro era de cinco mil dólares, uma quantia absurda para confraternizar por poucos dias com um bando de advogados. O depósito dizia que ao mundo do direito nem todos eram convidados, só os ricos que levavam a sério o julgamento em massa de fraudes. Seu quarto custava outros 450 dólares por noite e ele pagou com um cartão de crédito platina, ainda não usado.

Vários seminários estavam em andamento. Ele entrou em um onde a discussão era sobre delitos civis relacionados a drogas, conduzido por dois advogados que haviam processado uma companhia de produtos químicos por poluir a água potável que podia ou não ter causado câncer, mas a companhia pagou meio bilhão e os dois advogados ficaram ricos. Em outra sala, um advogado que Clay tinha visto na televisão falava entusiasmado sobre como tratar a mídia, mas tinha poucos ouvintes. Na verdade, havia poucos ouvintes na maior parte dos seminários. Mas era a tarde de sexta-feira e os pesos pesados chegariam no sábado.

Finalmente Clay encontrou muita gente na pequena sala de exibição onde uma companhia aérea mostrava um vídeo do seu futuro jato luxuoso, o mais sofisticado da sua geração. O vídeo era exibido numa tela grande num canto da sala, e advogados se comprimiam, em silêncio, todos encantados com aquele último milagre da aviação. Autonomia de seis mil e quinhentos quilômetros — "Costa a costa, ou de Nova York a Paris, sem escalas, é claro." Queimava menos combustível do que os outros quatro jatos dos quais Clay nunca tinha ouvido falar, e era muito veloz. O interior era espaçoso com poltronas e sofás por toda parte e até uma comissária graciosa de minissaia, segurando uma garrafa de champanhe e uma vasilha com cerejas. O couro era bege claro. Para o prazer ou para o trabalho, porque o Galaxy 9000 tinha um sistema especial de telefones e um receptor de satélite que permitia ao advogado ligar para qualquer lugar do mundo, e fax e copiadoras e, é claro, acesso instantâneo à Internet. O vídeo mostrava um grupo de advogados muito sérios sentados em volta de uma pequena mesa, com as mangas arregaçadas como se estivessem trabalhando num acordo, enquanto a loura atraente de minissaia, com o champanhe, era ignorada.

Clay entrou no meio dos espectadores, sentindo-se um intruso. Sensatamente o vídeo não dava o preço do Galaxy 9000. Havia negócios melhores que envolviam

time-shares, trade-ins, e leasebacks que podiam ser explicados pelos representantes que estavam ali perto, prontos para fazer negócio. Quando o vídeo terminou, os advogados começaram a falar todos ao mesmo tempo, não sobre medicamentos perniciosos ou processos coletivos, mas sobre jatos e quanto custam os pilotos. Os representantes de vendas foram rodeados pelos compradores ávidos. Em certo momento Clay ouviu alguém dizer: "Um novo fica na ordem de trinta e cinco."

Certamente não eram trinta e cinco milhões.

Outras exposições ofereciam todo tipo de itens luxuosos. Um fabricante de barcos tinha um grupo de advogados interessado em iates. Havia um especialista em imóveis no Caribe. Outro vendia ranchos de gado em Montana. Uma cabine eletrônica, que exibia os mais novos e absurdamente dispendiosos aparelhos estava cheia.

E os automóveis. Uma parede inteira exibia carros caros — um Mercedes-Benz cupê conversível, um Bentley castanho que todo advogado respeitável especialista em ações indenizatórias devia possuir. O Porsche revelava sua luxuosa camionete, e um vendedor anotava os pedidos. A maior concentração de advogados estava na frente de um Lamborghini azul royal. O preço estava quase escondido, como se o fabricante tivesse medo de mostrar. Só 290 mil dólares e um suprimento muito limitado. Vários advogados pareciam prontos a brigar pelo carro.

Numa parte quieta do salão, um alfaiate e seu assistente mediam um advogado grande para um terno italiano. Uma tabuleta dizia que eram de Milão, mas Clay ouviu inglês muito americano.

Na faculdade de direito, certa vez Clay tomou parte numa mesa-redonda sobre grandes acordos, e o que os advogados deviam fazer para proteger seus clientes da tentação de enriquecer de uma hora para a outra. Vários advogados contaram histórias de horror de famílias de trabalhadores que arruinaram suas vidas com seus acordos, e as histórias eram estudos fascinantes do comportamento humano. Num certo momento, um advogado observou: "Nossos clientes gastam o dinheiro quase tão depressa quanto nós."

Olhando para o salão de exposição ele viu advogados gastando dinheiro com a maior rapidez possível. Seria ele também culpado disso?

Claro que não. Limitara-se às necessidades básicas, pelo menos até agora. Quem não ia querer um carro novo e uma casa melhor? Não estava comprando iates, aviões e ranchos de gado. Não queria nada disso. E se Dyloft lhe desse outra fortuna, em nenhuma circunstância gastaria seu dinheiro em jatos e em outras casas. Deixaria no banco, ou enterraria no fundo do quintal.

A orgia frenética de consumo o deixara nauseado, e Clay saiu do hotel. Queria algumas ostras e cerveja Dixie.

A ÚNICA SESSÃO DO SÁBADO, às nove horas, foi uma atualização sobre a legislação de ação coletiva, no momento debatida no Congresso. O tópico atraiu um pequeno grupo de advogados. Dos poucos presentes, ele parecia ser o único sem uma ressaca. Copos grandes de café escaldante eram tomados.

O orador, um advogado lobista de Washington começou mal, contando duas piadas sujas, que não provocaram riso algum. Todos eram brancos, todos homens, uma fraternidade, mas não dispostos a piadas de mau gosto. A apresentação rapidamente passou do mau humor ao tédio. Porém, pelo menos para Clay, o material era interessante e levemente informativo. Ele sabia muito pouco sobre ações coletivas, por isso, tudo era novidade.

As dez horas teve de escolher entre uma mesa-redonda sobre os últimos eventos do Skinny Ben e a apresentação por um advogado cuja especialidade era tinta com chumbo, um tópico que parecia muito árido, por isso escolheu a primeira opção. A sala estava cheia.

Skinny Ben era o apelido de um infame comprimido contra a obesidade receitado para milhões de pacientes. O fabricante tinha ganho bilhões e estava pronto para conquistar o mundo quando começaram a aparecer os problemas em um grande número de usuários. Problemas cardíacos. Facilmente relacionados ao uso do medicamento. O litígio explodiu de um dia para o outro e a companhia não queria ir a julgamento. Seus bolsos eram bem fundos e começou a comprar os reclamantes com grandes acordos. Nos últimos três anos, advogados de ações indenizatórias coletivas dos cinquenta estados lutavam para conseguir casos do Skinny Ben.

Quatro advogados e um moderador sentavam-se a uma mesa de frente para o público. A cadeira ao lado de Clay estava vazia até a chegada, no último momento, de um advogado pequeno com ar decidido. Ele tirou da pasta blocos de notas, materiais de seminário, dois celulares e um pager. Quando seu posto de comando estava arrumado e Clay tinha se afastado o mais possível, ele murmurou: — Bom-dia.

— 'dia — Clay murmurou, sem nenhuma disposição para conversar. Olhou para os celulares e imaginou para quem exatamente ele ia querer telefonar às 10 horas da manhã de sábado.

— Quantos casos você conseguiu? — o advogado murmurou. Uma pergunta interessante que Clay não estava preparado para responder. Acabava de resolver o caso do Tarvan e estava planejando o assalto ao Dyloft, mas, no momento, não tinha caso algum. Mas essa resposta não era suficiente naquele ambiente onde todos os números eram grandes e exagerados.

— Uns doze — ele mentiu.

O homem franziu a testa como se aquilo fosse totalmente inaceitável e a conversa congelou, pelo menos por alguns minutos. Um dos advogados da mesa-redonda começou a falar e a sala ficou em silêncio. O assunto era o relatório financeiro sobre o laboratório Vida Saudável, fabricante dos Skinny Bens. A companhia tinha várias divisões, a maioria delas lucrativa. O preço das ações não tinha sofrido nada. Na verdade, depois de cada grande acordo o capital era o mesmo, prova de que os investidores sabiam que a companhia tinha muito dinheiro.

— Esse é Patton French — o pequeno advogado murmurou.

— Quem é ele? — Clay perguntou.

— O mais quente advogado de ações indenizatórias coletivas do país. Trezentos milhões de honorários no ano passado.

— É ele quem vai discursar no almoço, não é?

— Isso mesmo. Não perca.

O dr. French explicou com exaustivos detalhes que aproximadamente trezentos mil casos do Skinny Ben tinham feito acordos de cerca de 7,5 bilhões. Ele e outros peritos estimavam que havia ainda mais uns cem mil casos que valiam de dois a três bilhões. A companhia e as seguradoras tinham bastante dinheiro para cobrir esses processos, portanto estava nas mãos dos presentes sair correndo e encontrar esses casos. A sala pegou fogo.

Clay não tinha nenhuma vontade de saltar num abismo. Não podia deixar de pensar que o pequeno, gorducho, pomposo idiota com o microfone tinha ganho 300 milhões em honorários no ano anterior e estava ainda motivado para ganhar mais. Passaram a falar então nos modos criativos de atrair novos clientes. Um dos homens da mesa ganhara tanto dinheiro que tinha dois médicos na sua folha de pagamento, em tempo integral, apenas para ir de cidade em cidade procurando pessoas que tinham tomado o Skinny Ben. Outro falou sobre os anúncios da televisão, um assunto que interessou Clay por um momento, mas logo se dissolveu num triste debate sobre se o advogado devia ou não aparecer ou contratar um ator havia muito tempo desempregado.

Estranhamente não houve nenhum debate sobre estratégias de tribunal — testemunhas especializadas, informantes, seleção de júri, provas médicas — a informação habitual que os advogados trocavam nos seminários. Clay estava aprendendo que esses casos raramente iam a julgamento. As habilidades do tribunal não eram importantes. Tudo era sobre como apressar os casos. E ganhar enormes honorários. Em vários momentos da discussão, os quatro homens da mesa e vários dos que faziam perguntas sem grande importância, tiveram de revelar que tinham ganho milhões em acordos recentes.

Clay queria tomar outro banho de chuveiro.

Às onze horas, o vendedor local do Porsche ofereceu uma recepção Bloody-Mary que era muito popular. Ostras cruas, Bloody-Mary e conversas sobre quantos casos cada um tinha tido. E como conseguir mais. Mil aqui. Dois mil ali. Evidentemente, a tática popular era reunir o maior número de casos possível, depois juntar-se a Patton French que de boa vontade os incluiria na sua ação coletiva, no seu território no Mississippi, onde os juízes, os júris e os veredictos sempre eram a favor dele e onde os fabricantes tinha pavor de pôr os pés. French trabalhava a multidão como um chefe de gangue de Chicago.

Ele falou outra vez às 13 horas, depois de um almoço de bufê com comida Cajun (culinária típica do estado da Louisiana) e cerveja Dixie. Seu rosto estava vermelho, sua língua solta e pitoresca. Falando de improviso contou uma breve história do sistema americano de fraude e como era crucial proteger as massas da ganância e da corrupção das grandes companhias que fabricavam produtos perigosos. E, aproveitando a deixa, disse que não gostava de seguradoras e bancos, nem de multinacionais e republicanos. O capitalismo sem controle criava a necessidade de pessoas como as almas valentes do Círculo dos Causídicos, os que estavam nas trincheiras, que não tinham medo de atacar grandes organizações em favor dos trabalhadores, dos pequenos.

Com 300 milhões por ano de honorários, era difícil imaginar Patton French como um desprivilegiado. Mas ele representava para a plateia. Clay olhou em volta e se perguntou, não pela primeira vez, se ele era o único são na sala. Será que toda aquela gente estava tão cega pelo dinheiro que acreditava sinceramente estar defendendo os pobres e os doentes?

Muitos deles tinham jatos!

As histórias da guerra de French foram contadas com a maior naturalidade. O acordo de uma ação coletiva de 400 milhões contra um medicamento prejudicial destinado a acabar com o colesterol. Um bilhão para um medicamento para diabéticos que matou pelo menos cem pacientes. Por uma rede elétrica defeituosa instalada em duzentas mil casas particulares que provocou 1.500 incêndios matando dezessete pessoas e queimando outras quarenta, 150 milhões. Os advogados bebiam cada palavra. Aqui e ali havia indicações de para onde tinha ido seu dinheiro. "Isso custou a eles um novo Gulfstream", ele brincou e a plateia aplaudiu. Clay sabia, depois de estar a menos de vinte e quatro horas no Royal Sonesta que um Gulfstream era o mais sofisticado de todos os jatos particulares e um novo custava cerca de 45 milhões.

O rival de French era um advogado que processava fabricantes de cigarro em algum lugar do Mississippi, que ganhou mais ou menos um milhão e comprou um iate de 180 pés. O velho iate de French tinha só 140 pés, por isso ele o trocou por outro de 200 pés. A plateia achou graça também. Sua firma tinha agora trinta

advogados e ele precisava de mais trinta. Estava na quarta mulher. A última ficou com o apartamento de Londres.

E assim por diante. Uma fortuna ganha, uma fortuna gasta. Não admira que ele tivesse de trabalhar sete dias por semana.

Pessoas normais teriam ficado embaraçadas com aquela conversa vulgar sobre riqueza, mas French conhecia sua plateia. No mínimo ele os energizava para ganhar mais, gastar mais, processar mais, correr atrás de mais clientes. Durante uma hora ele foi grosseiro e desavergonhado, mas raramente tedioso.

Cinco anos no GDP sem dúvida tinham protegido Clay de muitos aspectos da advocacia dos tempos modernos. Tinha lido sobre ações coletivas, mas não tinha ideia de que os que as praticavam formavam um grupo tão organizado e especializado. Não pareciam excepcionalmente brilhantes. Sua estratégia consistia em arranjar os casos e fazer os acordos, sem um verdadeiro trabalho de tribunal.

French poderia falar para sempre, mas depois de uma hora saiu da sala debaixo de uma ovação de pé, embora um tanto constrangida. Voltaria às três horas para um seminário sobre pesquisa do foro — como encontrar a melhor jurisdição para seu caso. A tarde prometia ser uma repetição da manhã e Clay estava farto.

Ele passeou pelo Quarter, visitando não os bares e clubes de strip mas as lojas de antiguidades e as galerias, sem comprar nada porque estava dominado pelo impulso de acumular dinheiro. Mais tarde sentou sozinho num café na calçada, na praça Jackson, vendo o povo da rua passar. Bebeu devagar, tentando sentir prazer na chicória quente, mas não estava conseguindo. Embora não tivesse escrito os números, tinha feito a matemática mentalmente. Os honorários do Tarvan menos 45 por cento de impostos e despesas comerciais, menos o que já tinha gasto, o deixava com cerca de 6,5 milhões. Podia enterrar esse dinheiro num banco ganhando 300 mil de juros por ano, cerca de oito vezes o que ganharia no GDP. Trezentos mil por ano eram 25 mil por mês, e ele não podia, ali sentado na sombra de uma tarde quente de Nova Orleans, imaginar como poderia gastar tanto dinheiro.

Não era um sonho. Era real. O dinheiro já estava na sua conta. Seria rico pelo resto da vida e não se tornaria um daqueles palhaços do Royal Sonesta falando sobre o preço de pilotos ou de capitães de iates.

O único problema era significativo. Tinha contratado pessoas e feito promessas. Rodney, Paulette, Jonah e a srta. Glick tinham deixado empregos de muito tempo, confiando cegamente nele. Não podia simplesmente desligar a tomada agora, pegar seu dinheiro e fugir.

Passou a beber cerveja e tomou uma profunda decisão. Trabalharia arduamente por um curto período nos casos Dyloft, que francamente seria estupidez recusar, uma vez que Max Pace estava dando a ele uma mina de ouro. Quando terminasse o Dyloft daria grandes bônus à sua equipe e fecharia o escritório. Levaria uma vida

tranquila em Georgetown, viajando pelo mundo quando tivesse vontade, pescando com seu pai, vendo seu dinheiro crescer e nunca, em circunstância alguma, chegaria outra vez perto do Círculo dos Causídicos.

MAL ACABARA DE PEDIR o desjejum para o serviço de quarto quando o telefone tocou. Era Paulette, a única pessoa que sabia onde ele estava.

— Você está num bom quarto? — ela perguntou.

— Pode apostar.

— Tem fax?

— Claro que tem.

— Dê-me o número. vou mandar uma coisa para você.

Era a cópia de um recorte da edição de domingo do Post. Uma participação de casamento. Rebecca Allison Van Horn e Jason Shubert Myers IV. "O sr. e a sra. Bennett Van Horn, de McLean, Virgínia, participam o noivado de sua filha Rebecca com o sr. Jason Shubert Myers IV, filho do sr. e sra. D. Stephen Myers de Falls Church..." A foto, embora copiada e enviada por fax, de mais de dois mil quilômetros de distância era bem nítida — uma jovem muito bonita que ia casar com outra pessoa.

D. Stephens Myers era filho de Dallas Myers, consultor jurídico dos presidentes, começando com Woodrow Wilson e terminando com Dwight Eisenhower. Segundo a participação, Jason Myers tinha estudado em Brown e na Faculdade de Direito de Harvard e já era sócio da firma Myers & O'Malley, talvez a firma de advocacia mais antiga da capital e certamente a mais conservadora. Ele havia criado a divisão da propriedade intelectual e tornou-se o mais jovem sócio da história de Myers & O'Malley. A não ser pelos óculos redondos, não parecia haver nada de intelectual nele, embora Clay soubesse que não podia ser justo nem que quisesse. Não era feio, mas evidentemente não era páreo para Rebecca.

O casamento estava planejado para dezembro numa igreja episcopal em McLean, com recepção no Clube de Campo Potomac.

Em menos de um mês Rebecca tinha encontrado alguém a quem amava o bastante para casar. Alguém disposto a suportar uma vida com Bennett e Barb. Alguém com bastante dinheiro para impressionar os Van Horns.

O telefone tocou outra vez e era Paulette.

— Você está legal? — ela perguntou.

— Estou ótimo — ele disse, tentando parecer que estava.

— Eu lamento muito, Clay.

— Tinha acabado, Paulette. Havia um ano vinha acabando. Isto é uma boa coisa. Agora posso esquecer Rebecca completamente.

— Se você diz.

— Estou bem. Obrigado por telefonar.

— Quando você volta?

— Hoje. Estarei no escritório amanhã de manhã.

O desjejum chegou mas ele tinha esquecido. Tomou um pouco de suco, mas ignorou todo o resto. Talvez aquele pequeno romance estivesse acontecendo há algum tempo. Tudo que ela precisava era se livrar de Clay, o que conseguiu fazer com facilidade. Sua traição crescia à medida que os minutos passavam. Ele podia ver e ouvir a mãe dela puxando os cordões no fundo do palco, manipulando a separação, fazendo a armadilha para Myers, agora planejando cada detalhe do casamento.

— Já vão tarde — ele resmungou.

Então ele pensou em sexo, em Myers tomando seu lugar e atirou o copo vazio contra a parede fazendo-o em pedaços. Praguejou por estar agindo como um idiota.

Quantas pessoas naquele momento estariam vendo a participação e pensando em Clay? Dizendo: "Ela o colocou para escanteio depressa, não foi?" "Nossa, foi rápido, não foi mesmo?"

Rebecca estaria pensando nele? Quanta satisfação ela teria em admirar a participação do seu casamento e pensar no velho Clay? Provavelmente muita. Provavelmente pouca. Que diferença fazia? O sr. e a sra. Van Horn sem dúvida tinham esquecido dele de um dia para o outro. Por que ele simplesmente não podia retribuir o favor?

Ela estava se apressando, disse Clay não tinha dúvida. O romance tinha sido muito longo e muito intenso e o fim era ainda muito recente para que Rebecca pudesse se descartar dele e passar para outro. Tinham dormido juntos por quatro anos; Myers só por um mês, ou menos. Clay esperava que não por mais tempo.

Ele voltou a pé para a praça Jackson, onde os artistas, leitores de taro, malabaristas e músicos de rua já estavam agindo. comprou um sorvete e sentou num banco perto da estátua de Andrew Jackson. Resolveu telefonar para ela e pelo menos desejar tudo de bom. Então resolveu procurar uma loura bonita e desfilar com ela na frente de Rebecca. Talvez a levasse ao casamento, é claro que de minissaia com pernas de um quilômetro de comprimento. Com seu dinheiro, não seria difícil encontrar esse tipo de mulher. Que diabo, ele alugaria uma se fosse preciso.

"Acabou, meu velho", ele pensou, mais de uma vez. "Trate de se controlar."
Deixe-a ir.

O CÓDIGO DE VESTIMENTA do escritório tinha evoluído rapidamente para o estilo de qualquer-coisa-serve. O tom foi determinado pelo patrão que passou a usar jeans e camisetas caras, com um paletó esporte à mão para o caso de sair para almoçar. Tinha ternos de grife para reuniões e para o tribunal, mas no momento eram eventos raros, uma vez que a firma tinha clientes, mas nenhum caso. Para sua satisfação, todos tinham melhorado a qualidade do guarda-roupa.

Encontraram-se quase no fim da manhã de segunda-feira na sala de reuniões — Paulette, Rodney e Jonah, de cara fechada. Embora tivesse adquirido considerável influência na curta história da firma, a srta. Glick continuava como secretária recepcionista.

— Minha gente, temos muito trabalho — Clay abriu a sessão. Ele apresentou o Dyloft e, seguindo os sumários concisos de Pace, descreveu o medicamento e contou sua história. Sem consultar notas, fez uma rápida revisão dos Laboratórios Ackerman: vendas, lucro, dinheiro, concorrentes, outros problemas legais. Então as coisas boas, os desastrosos efeitos colaterais do Dyloft, os tumores na bexiga e o fato de a companhia saber disso.

— Até hoje, nenhum processo deu entrada na justiça. Mas nós vamos mudar isso. No dia dois de julho, começaremos a guerra com uma ação coletiva aqui na capital em favor de todos os pacientes prejudicados pelo medicamento. Isso vai criar um caos e estaremos bem no meio dele.

— Já temos alguns desses clientes? — Paulette perguntou.

— Ainda não. Mas temos nomes e endereços. Começamos a registrá-los como clientes a partir de hoje. Desenvolveremos um plano para reunir clientes, então você e Rodney ficam encarregados de pôr em prática. — Embora tivesse reservas sobre anúncios na televisão, Clay acabou se convencendo, na viagem de volta de Nova Orleans, de que não havia outra alternativa viável. Uma vez dado entrada ao processo e denunciado o medicamento, aqueles abutres que acabava de conhecer no Círculo dos Causídicos voariam em enxames à procura de clientes. O único meio efetivo de conseguir rapidamente um grande número de pacientes do Dyloft era anunciar na televisão.

Clay explicou isso para a firma e disse: — Vai custar no mínimo dois milhões de dólares.

— Esta firma tem dois milhões de dólares? — Jonah fez a pergunta que todos estavam fazendo.

— Tem. Começamos a trabalhar nos anúncios hoje.

— Você não vai aparecer, vai chefe? — Jonah perguntou, quase suplicando. —

Por favor.

Como todas as cidades, a capital estava inundada de comerciais matutinos e noturnos pedindo aos prejudicados para telefonar para o advogado — citavam o nome — que estava pronto para chutar traseiros e não cobrava nada pela primeira consulta. Muitas vezes os advogados apareciam nos anúncios, geralmente com resultados embaraçosos.

Paulette balançava a cabeça devagar, parecendo assustada também.

— Claro que não. Será feito por profissionais.

— Em quantos clientes estamos pensando? — Rodney perguntou.

— Milhares. É difícil dizer.

Rodney apontou para cada um deles, contando quatro.

— Pelos meus cálculos — ele disse — nós somos quatro.

— Teremos mais. Jonah fica encarregado da expansão. Alugaremos algum espaço fora do centro e encheremos de paralegais. Eles atenderão os telefones e organizarão os arquivos.

— Onde vamos encontrar paralegais? — Jonah perguntou.

— Nas seções de empregos das revistas de direito. Comecem a trabalhar nos anúncios. E vocês têm uma reunião esta tarde com um corretor de imóveis em Manassas. Precisamos de cerca de 1.500 metros quadrados, nada luxuoso, mas bastante fiação para telefones e um sistema completo de computadores, o que, como sabemos é a especialidade de vocês. Aluguem, instalem os fios, arranjem o pessoal, depois organizem tudo. Quanto mais depressa melhor.

— Sim, senhor.

— Quanto vale um caso de Dyloft? — Paulette perguntou.

— Tanto quanto os Laboratórios Ackerman estiverem dispostos a pagar. Pode ir de dez a cinquenta mil, dependendo de vários fatores, o mais importante deles, a extensão do dano produzido na bexiga.

Paulette fazia cálculos no bloco de notas.

— E quantos casos podemos conseguir?

— É impossível dizer.

— Que tal um palpite?

— Eu não sei. Vários milhares.

— Tudo bem, digamos três mil casos. Três mil casos vezes o mínimo de mil dólares são trinta milhões, certo?

— Certo.

— E de quanto serão os honorários dos advogados? — ela perguntou. Os outros três olhavam atentamente para Clay.

— Um terço — ele disse.

— São dez milhões — ela disse devagar. — Tudo para esta firma?

— Sim. E vamos compartilhar os honorários.

A palavra compartilhar ecoou na sala por alguns segundos. Jonah e Rodney olharam para Paulette como quem diz: "Vá em frente. Acabe de uma vez."

— Compartilhar? Como? — ela perguntou muito deliberadamente.

— Dez por cento para cada um.

— Então segundo meu cálculo hipotético, minha parte seria de um milhão?

— Exatamente.

— E, bem, o mesmo para mim? — Rodney perguntou.

— O mesmo para você. O mesmo para Jonah. E devo dizer, acho que seu cálculo está por baixo.

Por baixo ou não, eles absorveram os números em silêncio durante o que pareceu um longo tempo, cada um instintivamente gastando parte do dinheiro. Para Rodney significava curso superior para os filhos. Para Paulette, divórcio do grego que ela tinha visto só uma vez no ano anterior. Para Jonah, significava viver num veleiro.

— Está falando sério, não está, Clay? — Jonah perguntou.

— Muito sério. Se trabalharmos arduamente nos próximos anos, há grande probabilidade de podermos optar por uma aposentadoria precoce.

— Quem contou a você essa história do Dyloft — Rodney perguntou.

— Não posso responder a essa pergunta, Rodney. Desculpe. Apenas confie em mim. — E naquele momento Clay esperava que sua confiança cega em Max Pace não fosse tolice.

— Quase esqueci de Paris — Paulette disse.

— Não esqueça. Estaremos lá na próxima semana. Jonah se levantou e pegou seu bloco de notas.

— Como é o nome daquele corretor? — ele perguntou.

NO TERCEIRO ANDAR da sua nova casa, Clay instalou um pequeno escritório, não que pretendesse trabalhar muito em casa, mas precisava de um lugar para seus papéis. A mesa era um velho cepo de açougueiro encontrado numa loja de antiguidades em Fredericksburg, naquela mesma rua. Ocupava toda uma parede e tinha tamanho suficiente para telefone, fax e um laptop.

Foi ali que ele fez a primeira tentativa para entrar no mundo da solicitação da fraude em massa. Esperou quase até as 21 horas, uma hora em que muita gente vai dormir, especialmente os mais velhos e talvez os que sofrem de artrite. Um drinque forte para ter coragem e digitou os números.

O telefone foi atendido por uma mulher, talvez a sra. Ted Worley, de Upper Marlboro, Maryland. Clay se apresentou gentilmente, identificando-se como advogado, como se eles telefonassem o tempo todo para os Worleys e eles não

tivessem nenhum motivo para ficar alarmados.

— Ele está assistindo ao jogo dos Orioles — ela disse. Evidentemente Ted não atendia o telefone quando os Orioles estavam jogando.

— Sim. Seria possível falar com ele por um momento?

— Disse que é advogado?

— Sim, senhora, daqui mesmo da capital.

— O que ele fez agora?

— Oh, nada, nada. Eu gostaria de falar sobre a artrite dele. O primeiro impulso de desligar veio e foi embora. Clay agradeceu a Deus por ninguém estar ouvindo ou vendo. Pense no dinheiro, dizia para si mesmo. Pense nos honorários.

— A artrite dele? Pensei que fosse advogado, não médico.

— Sim, senhora, sou advogado e tenho motivos para acreditar que ele está tomando um remédio perigoso. Se não se importa, só preciso dele por alguns minutos.

Vozes no fundo quando ela gritou alguma coisa para Ted que gritou alguma coisa em resposta. Finalmente ele atendeu o telefone.

— Quem está falando? — perguntou, e Clay se apresentou rapidamente.

— Como está o jogo? — Clay perguntou.

— Três a um para o Red Sox no quinto. Eu o conheço? — o senhor Worley tinha setenta anos.

— Não, senhor. Sou advogado aqui da capital, especializado em processos que envolvem medicamentos perigosos. Eu processo companhias farmacêuticas o tempo todo, quando lançam produtos prejudiciais.

— Muito bem, o que você quer?

— Através de fontes da Internet soubemos que o senhor é um usuário potencial de um medicamento para artrite chamado Dyloft. Pode me dizer se usa esse remédio?

— Talvez eu não queira dizer o que estou tomando.

Um argumento perfeitamente válido, e Clay pensou que estava preparado para ele.

— E claro que não precisa, sr. Worley. Mas o único modo de determinar se o senhor tem direito a um acordo de indenização é me dizer se está usando o Dyloft.

— Essa maldita Internet — o sr. Worley resmungou, depois trocou algumas palavras com a mulher que evidentemente estava perto do telefone.

— Que tipo de acordo? — ele perguntou.

— Falaremos sobre isso num minuto. Preciso saber se está ou não usando Dyloft. Se não estiver, o senhor é um homem de sorte.

— Bem, creio que não é segredo, certo?

— Não senhor, não é. — Claro que era um segredo. Por que o histórico médico

de uma pessoa não seria confidencial? As pequenas mentiras eram necessárias, Clay dizia a si mesmo. Olhe para o quadro todo. O sr. Worley e milhares como ele podiam jamais vir a saber que estão usando um produto pernicioso, a não ser que alguém dissesse. Os Laboratórios Ackerman certamente nunca diriam. Competia a Clay dizer.

— Sim, eu tomo Dyloft.

— Há quanto tempo?

— Talvez um ano. Funciona maravilhosamente.

— Alguns efeitos colaterais?

— Como o quê?

— Sangue na urina. Uma sensação de ardor quando urina? — Clay estava resignado ao fato de que ia falar sobre bexigas e urina com muita gente nos próximos meses. Não tinha escapatória.

As coisas para as quais a faculdade de direito não prepara.

— Não. Por quê?

— Temos algumas pesquisas preliminares que os Laboratórios Ackerman, os fabricantes do Dyloft, estão tentando esconder. Foi descoberto que em algumas pessoas o Dyloft causa tumores na bexiga.

Assim o sr. Ted Worley, que até poucos momentos atrás cuidava da própria vida e assistia a seus adorados Orioles, passaria o resto daquela noite e grande parte da próxima semana preocupado com a ideia de tumores crescendo descabidamente na sua bexiga. Clay se sentiu péssimo e queria pedir desculpas, mas outra vez disse a si mesmo que tinha de fazer aquilo. Do contrário como o sr. Worley poderia saber a verdade? Se o pobre homem tinha realmente os tumores, não ia querer saber?

Com o fone numa das mãos e com a outra massageando o lado do corpo o sr. Worley disse: — Quer saber, pensando bem, lembro de uma sensação de ardor alguns dias atrás.

— Do que você está falando? — Clay ouviu a sra. Worley perguntar.

— Quer me deixar em paz? — o sr. Worley disse para a mulher. Clay atacou antes que a discussão esquentasse.

— Minha firma representa uma porção de usuários do Dyloft. Acho que o senhor devia pensar em fazer uns exames.

— Que tipo de exames?

— Um exame de urina. Temos um médico que pode fazer isso amanhã. O senhor não vai pagar nada.

— E se ele descobrir alguma coisa errada?

— Então podemos discutir suas opções. Quando a notícia sobre o Dyloft vier a público, dentro de poucos dias, haverá muitas ações judiciais. Minha firma estará liderando o ataque aos Laboratórios Ackerman. Eu gostaria de ter o senhor como

cliente.

— Talvez eu deva falar com meu médico.

— Certamente que sim, sr. Worley. Mas ele pode ter alguma responsabilidade no caso também. Ele receitou o remédio. Eu achava melhor o senhor ter uma opinião imparcial.

— Espere um minuto. — O sr. Worley tapou o bocal do telefone com a mão e teve uma conversa acalorada com a mulher. Quando voltou, disse: — Eu não acredito em processar médicos.

— Nem eu. Minha especialidade é atacar as grandes companhias que prejudicam as pessoas.

— Acha que eu devo parar de tomar o remédio?

— Vamos fazer o exame primeiro. O Dyloft provavelmente será retirado do mercado neste verão.

— Onde faço o exame?

— O médico é em Chevy Chase. O senhor pode ir amanhã?

— Sim, é claro, por que não? Parece tolice esperar, não acha?

— Sim, parece — Clay deu o nome e o endereço de um médico, dado por Max Pace. O exame de 80 dólares custaria a Clay 300, mas era apenas o preço de fazer negócio.

Combinados os detalhes, Clay pediu desculpas pela intrusão, agradeceu ao sr. Worley seu tempo e o deixou sofrendo enquanto assistia ao resto do jogo. Só quando desligou Clay sentiu as gotas de suor logo acima das sobrancelhas. Solicitando casos por telefone? Que tipo de advogado tinha se tornado?

Um advogado rico, repetiu várias vezes para si mesmo.

Isso exigia casca grossa, uma coisa que Clay não tinha e não estava certo de poder adquirir.

DOIS DIAS DEPOIS, CLAY parou o carro na entrada da casa dos Worleys em Upper Marlboro e foi recebido por eles na porta da frente. O exame de urina que incluía um exame citológico, tinha revelado células anormais na urina, um sinal claro, segundo Max Pace e sua extensiva e mal adquirida pesquisa médica, de que havia tumores na bexiga. Foi recomendado um urologista ao sr. Worley ao qual ele foi na semana seguinte. O exame e a remoção dos tumores seriam feitos com cirurgia citoscópica, que consistia em inserir na bexiga um pequeno microscópio e um bisturi num tubo passando pelo pênis e embora fosse considerado um procedimento de rotina, o sr. Worley não via nada de rotineiro no processo. Ele estava morrendo de medo. A sra. Worley disse que o marido não dormia há duas noites e ela também não.

Por mais que quisesse, Clay não podia dizer a eles que os tumores eram

provavelmente benignos. Era melhor deixar que os médicos dissessem depois da cirurgia.

Tomando café instantâneo com creme em pó, Clay explicou o contrato para seus serviços e respondeu às perguntas sobre a ação judicial. Quando Ted Worley assinou no fim da página, tornou-se o primeiro queixoso do país contra o Dyloft.

E durante um tempo parecia que seria o único. Usando o telefone continuamente, Clay conseguiu convencer onze pessoas a aparecer para o exame de urina. Os onze resultados foram negativos.

— Continue insistindo — Max Pace dizia. Cerca de um terço das pessoas desligava o telefone ou se recusava acreditar que Clay falava sério.

Ele, Paulette e Rodney dividiram suas listas entre clientes em perspectiva brancos e negros. Evidentemente os negros não eram tão desconfiados quanto os brancos, porque eram mais facilmente persuadidos a consultar o médico. Ou talvez gostassem da atenção. Ou talvez ainda, como Paulette sugeriu mais de uma vez, ela fosse mais convincente.

No fim da semana, Clay tinha conseguido três clientes com testes positivos de células anormais. Rodney e Paulette, trabalhando como uma equipe, tinham mais sete já contratados.

A ação coletiva contra o Dyloft estava pronta para a guerra.

A AVENTURA EM PARIS custou a Clay 95.300 dólares, segundo os números tão cuidadosamente anotados por Rex Crittle, um homem que cada vez se familiarizava mais com quase todos os aspectos da vida de Clay. Crittle era auditor com uma firma de contabilidade de tamanho médio diretamente debaixo da suíte de Carter. Não é de surpreender que também tivesse sido recomendado por Max Pace.

Pelo menos uma vez por semana, Clay descia ou Crittle subia a escada dos fundos e passavam parte do tempo falando sobre o dinheiro de Clay e o melhor modo de administrá-lo. O sistema contábil para a firma de advocacia era básico e de instalação simples. A srta. Glick anotava os números e simplesmente os mandava para os computadores de Crittle.

Na opinião de Crittle, essas fortunas feitas da noite para o dia certamente tinham como resultado uma auditoria do serviço do Imposto de Renda. Apesar das promessas de Pace ao contrário, Clay concordou e insistiu em registros perfeitos, sem nenhuma área duvidosa quando se tratava de write-offs e deduções. Acabava de ganhar mais dinheiro do que jamais sonhara. Não fazia sentido tentar sonegar impostos ao governo. Pague os impostos e durma bem.

— O que é este pagamento de um milhão de dólares para East Media? — Crittle perguntou.

— Estamos fazendo alguns anúncios na televisão, para litígio. Essa é a primeira prestação.

— Prestação? Quantas mais? — Ele olhou por cima dos óculos de leitura com uma expressão que Clay já tinha visto antes, que dizia: "Filho, você ficou louco?"

— Um total de dois milhões de dólares. Estamos dando entrada numa grande ação judicial dentro de poucos dias. Será coordenada com uma blitz de anúncios a cargo da East Media.

— Muito bem — Crittle disse, obviamente desconfiado de uma despesa tão grande. — E eu suponho que haverá alguns honorários adicionais para cobrir essa despesa.

— Espero que sim — Clay riu.

— E este novo escritório em Manassas. Um depósito com aluguel de 1.500 dólares?

— Sim, estamos expandindo. Vou contratar seis paralegais para esse escritório. O aluguel é mais barato.

— É bom ver que se preocupa com as despesas. Seis paralegais?

— Sim, quatro já foram contratados. Tenho os contratos e a informação sobre o pagamento, na minha mesa.

Crittles estudou por um momento um impresso de computador, uma dezena de perguntas clicando na calculadora atrás dos seus óculos.

— Posso perguntar por que precisa de mais seis paralegais quando tem tão poucos casos?

— Pergunta interessante — Clay disse. Explicou rapidamente a ação coletiva sem mencionar o remédio nem o fabricante e se seu rápido sumário respondeu às perguntas de Crittles não dava para perceber. Como contador, ele era naturalmente cético quando se tratava de qualquer esquema que incitasse mais pessoas a mover processos.

— Tenho certeza de que sabe o que está fazendo — ele disse, na verdade, suspeitando que Clay estivesse ficando louco.

— Confie em mim, Rex. O dinheiro vai jorrar.

— Sem dúvida está jorrando para fora.

— Você tem de gastar dinheiro para fazer dinheiro.

— É o que dizem.

O ASSALTO COMEÇOU LOGO depois do pôr-do-sol, no dia primeiro de julho. Todos, exceto a srta. Glick, na frente da televisão, na sala de reuniões, esperaram até exatamente 20h32 e então ficaram quietos e imóveis. Era um anúncio de quinze segundos que começava com um ator jovem e bonito com paletó branco, segurando um livro grosso e olhando sinceramente para a câmera. "Atenção sofredores de artrite. Se estão tomando o medicamento Dyloft, podem ter uma reclamação a fazer contra os fabricantes do remédio. Dyloft foi considerado responsável por vários efeitos colaterais, incluindo tumores na bexiga." Na parte inferior da tela apareceram as palavras em maiúsculas: LINHA QUENTE DYLOFT — TELEFONE PARA 1-800-555-DYLO. O médico continuou: "Ligue para este número imediatamente. A linha Quente Dyloft pode providenciar um exame médico gratuito para você. Telefone agora!"

Ninguém respirou por quinze segundos e ninguém falou quando o anúncio terminou. Para Clay foi um momento especialmente angustiante, porque ele acabava de lançar um ataque inesperado e potencialmente destruidor contra uma firma enorme que, sem dúvida, responderia com violência. E se Max Pace estivesse enganado sobre o medicamento? E se Pace estivesse usando Clay como um peão numa grande partida de xadrez? E se Clay não pudesse provar com o testemunho de peritos que a droga provocava a formação de tumores? Essas perguntas o atormentavam há várias semanas e ele havia procurado interrogar Pace várias vezes. Tinham discutido duas vezes e trocado palavras duras em várias ocasiões. Max finalmente entregou a pesquisa roubada, ou pelo menos mal adquirida, sobre os efeitos do Dyloft. Clay pediu a um companheiro da fraternidade de Georgetown, que

era agora médico em Baltimore, para fazer uma revisão. A pesquisa parecia sólida e sinistra.

Clay finalmente se convenceu de que a pesquisa estava certa e Ackerman errado. Mas vendo o anúncio e estremecendo com a acusação, sentiu fraqueza nas pernas.

— Bastante desagradável — disse Rodney, que tinha visto o vídeo do anúncio uma dezena de vezes. Mas era muito menos agressivo do que na televisão. A East Media tinha prometido que 16 por cento de cada mercado veria a transmissão. Os anúncios seriam transmitidos um dia sim, um dia não, durante dez dias em noventa mercados, de costa a costa. A estimativa de espectadores era de oitenta milhões.

— Vai funcionar — Clay disse, sempre o líder.

Na primeira hora foi exibido em trinta mercados na costa Leste, então se espalhou por dezoito mercados do fuso horário. Quatro horas depois de ter começado, finalmente chegou à outra costa e atingiu quarenta e quatro mercados. A pequena firma de Clay gastou exatamente 400 mil dólares na primeira noite com o anúncio de costa a costa.

O telefone 800 encaminhava os chamados para a Sweatshop[1], o novo apelido para a divisão do centro comercial dos escritórios de advocacia de J. Clay Carter II. Lá os seis novos paralegais atendiam as chamados, preenchiam formulários, faziam todas as perguntas do script, enviavam os interessados para o web site Linha Quente Dyloft e prometiam que um dos advogados da firma retornaria os telefonemas. Depois de duas horas dos primeiros anúncios, todos os telefones estavam ocupados. Um computador registrava os números dos telefones dos que não conseguiam completar a ligação. Uma mensagem computadorizada os enviava para o Web site.

Às nove horas da manhã seguinte, Clay recebeu um telefonema urgente do advogado de uma grande firma na mesma rua. Ele representava os Laboratórios Ackerman e insistia para que os anúncios parassem imediatamente. Foi pomposo e condescendente e ameaçou Clay com todo o tipo de ações legais se ele não obedecesse. Trocaram palavras ásperas, mas logo se acalmaram.

— Vai estar no seu escritório daqui a alguns minutos? — Clay perguntou.

— Sim, é claro. Por quê?

— Vou lhe mandar uma coisa. Mandarei por mensageiro. Não demora mais de alguns minutos.

Rodney, o mensageiro, saiu apressado com uma cópia da ação judicial de vinte páginas. Clay foi para o tribunal para dar entrada no original. Seguindo as instruções de Pace, cópias foram também enviadas por fax para o Washington Post, The Wall Street Journal e o New York Times.

Pace sugeriu também que seria uma boa manobra de investimento a venda a descoberto das ações dos Laboratórios Ackerman. Na sexta-feira anterior as ações

tinham fechado a 42,50. Quando a bolsa abriu na segunda de manhã, Clay entrou com uma ordem de venda de cem mil ações. Ele as compraria de volta dentro de poucos dias, mais ou menos por 30 dólares esperava, e ganharia outro milhão. Pelo menos esse era o plano.

SEU ESCRITÓRIO ESTAVA AGITADO quando ele voltou. Havia seis linhas das chamadas gratuitas para a Sweatshop em Manassas e no horário comercial, quando as seis estavam ocupadas, os chamados eram transferidos para o escritório central na avenida Connecticut. Rodney, Paulette e Jonah, cada um num telefone, falavam com usuários do Dyloft de toda a América.

— Você talvez queira ver isto — disse a srta. Glick. O papel cor-de-rosa das mensagens trazia o nome de um repórter do The Wall Street Journal — e o sr. Pace está no seu escritório.

Max estava na frente de uma janela, segurando um copo com café.

— Dei entrada — Clay disse. — Mexemos num vespeiro.

— Aproveite o momento.

— Os advogados deles já telefonaram. Mandeí uma cópia da ação judicial para eles.

— Ótimo. Eles já estão morrendo. Acabam de cair numa emboscada e sabem que serão massacrados. Isto é o sonho de todo advogado, Clay, aproveite o mais possível.

— Sente-se. Tenho uma pergunta.

Pace, todo de preto, como sempre, sentou e cruzou as pernas. As botas de caubói pareciam ser de pele de cascavel.

— O que você faria se fosse contratado agora pelos Laboratórios Ackerman?
— Clay perguntou.

— O contra-ataque é crucial. Eu começaria a divulgação pela imprensa, negaria tudo, pondo a culpa nos ambiciosos advogados. Defenderia meu medicamento. O objetivo inicial, depois da explosão da bomba e da poeira acalmar, é proteger o preço das ações. Elas abriram em 42,50, o que é muito baixo. Já estão em trinta e três. Eu mandaria o executivo-chefe ir à televisão e dizer todas as coisas certas. Faria os representantes da imprensa agitar a propaganda. Faria os advogados preparar e organizar a defesa. Mandaria os vendedores garantir aos médicos que o medicamento é born.

— Mas não é.

— Eu me preocuparia com isso mais tarde. Nos primeiros dias, o contra-ataque é tudo, pelo menos na superfície. Se os investidores acreditarem que há alguma coisa errada com o medicamento, eles abandonam o navio e as ações continuam a baixar. Uma vez organizado o contra-ataque, eu teria uma conversa séria com os

maiorais. Uma vez verificado que há problema com o medicamento, chamaria os contadores e calcularia o preço dos acordos. Você nunca vai a julgamento com um medicamento perigoso. Cada júri pode optar por um veredicto e não é possível controlar os custos. Outro júri dá ao queixoso um milhão de dólares. Outro ainda, em outro estado fica zangado e concede vinte milhões de indenização por danos. É um enorme jogo de dados. Então você faz o acordo. Como você está aprendendo depressa, os advogados de ação indenizatória coletiva tiram essa porcentagem do total, portanto é fácil chegar ao acordo.

— De quanto dinheiro Ackerman pode dispor?

— Os laboratórios estão segurados por pelo menos trezentos milhões. Além disso, têm cerca de meio bilhão em dinheiro, a maior parte originada do Dyloft. Estão quase no limite máximo no banco, mas se dependesse de mim planejava pagar um bilhão. E faria isso depressa.

— Ackerman fará isso depressa?

— Eles não me contrataram, portanto não são tão brilhantes. Venho observando a companhia há um longo tempo e eles não são particularmente espertos. Como todos fabricantes de medicamentos, têm horror a litígio. Em vez de usar um bombeiro como eu, fazem a coisa à moda antiga, confiam nos seus advogados que, é claro, não têm interesse em acordos rápidos. A firma principal é Walker-Steams em Nova York. Muito em breve você terá notícias deles.

— Então, nada de um acordo rápido?

— Você deu entrada na ação judicial há menos de uma hora. Relaxe.

— Eu sei, mas estou torrando todo aquele dinheiro que você me deu.

— Vá com calma. Dentro de um ano estará ainda mais rico.

— Um ano?

— É o meu palpite. Os advogados precisam engordar primeiro. Walker-Steams encarregará cinquenta advogados do caso, com os medidores de tempo e de trabalho a toda a força. A ação coletiva do sr. Worley vale cem milhões aos advogados da Ackerman. Não se esqueça disso.

— Por que eles simplesmente não me pagam cem milhões para ir embora?

— Agora você está pensando como um verdadeiro advogado de ação indenizatória, menino. Eles pagarão muito mais, porém antes precisam pagar seus advogados. É assim que a coisa funciona.

— Mas você não faria isso?

— Claro que não. Com o Tarvan, o cliente me disse a verdade, o que raramente acontece. Fiz meu dever de casa, encontrei você e resolvi tudo discreta e rapidamente e sem gastar muito. Cinquenta milhões e nem um centavo para os advogados do meu cliente.

A srta. Glick apareceu na porta e disse: — O repórter do The Wall Street

Journal está ao telefone outra vez.

Clay olhou para Pace que disse:

— Converse com ele. E lembre, o outro lado tem uma unidade inteira de assessores de imprensa organizando o contra-ataque.

O TIMES E O POST publicaram rápidas reportagens sobre a ação coletiva contra o Dyloft na primeira página da seção de negócios na manhã seguinte. Ambos mencionaram o nome de Clay, uma emoção que ele desfrutou discretamente. Mais tinta foi usada para a reação do acusado. O diretor executivo chamou as ações de "frívolas" e de apenas "outro exemplo do abuso do direito litigioso pela profissão". O vice-presidente da Pesquisa disse: "O Dyloft foi extensivamente pesquisado sem nenhuma evidência de efeitos colaterais adversos." Os dois jornais notavam que as ações dos Laboratórios Ackerman, que tiveram uma baixa de 50 por cento nos três trimestres anteriores, foram atingidas por outro golpe com a surpresa da ação judicial.

O The Wall Street Journal entendeu direito, pelo menos na opinião de Clay. Nas preliminares, o repórter perguntara a idade de Clay. "Só trinta e um?", ele disse, o que levou a uma série de perguntas sobre a experiência de Clay, sua firma et cetera. David contra Golias é muito mais interessante do que dados financeiros secos ou relatórios de laboratórios, e a história ganhou vida própria. Um fotógrafo apareceu e enquanto Clay posava, sua equipe observava divertida.

Na primeira página, coluna da esquerda, a manchete dizia: O NOVATO ENFRENTA OS PODEROSOS LABORATÓRIOS ACKERMAN

Ao lado uma caricatura de Clay Carter sorridente. O primeiro parágrafo dizia: "Há menos de dois meses, o advogado da capital Clay Carter trabalhava para o sistema judiciário como um defensor público mal pago e desconhecido. Ontem, como dono de uma firma de advocacia, entrou com uma ação de um bilhão de dólares contra a terceira maior companhia farmacêutica do mundo, afirmando que seu medicamento maravilhoso, Dyloft, não só alivia as dores agudas da artrite, como também provoca a formação de tumores na bexiga dos pacientes."

O artigo estava cheio de perguntas sobre como Clay tinha feito aquela transformação radical em tão pouco tempo. Uma vez que ele não podia mencionar o Tarvan e nada relacionado a ele, Clay se referiu vagamente a alguns rápidos acordos de ações judiciais envolvendo pessoas que o tinham conhecido como defensor público. Os Laboratórios Ackerman mereceram algumas citações da sua posição típica sobre o abuso da ação judicial e referência sobre perseguidores de ambulância que arruinavam a economia, mas o forte da reportagem era sobre Clay e sua incrível escalada para o topo do litígio em massa. Foram ditas coisas agradáveis sobre seu pai, um "lendário litigante da capital" que se "aposentara" e vivia nas Bahamas.

Glenda, do GDP, elogiou Clay descrevendo-o como um "diligente defensor dos pobres", uma observação elegante que a fez merecer um almoço num restaurante luxuoso. O presidente da Academia Nacional dos Advogados Criminais admitiu que nunca ouvira falar em Clay Carter, mas mesmo assim estava "muito impressionado com seu trabalho".

Um professor de direito de Yale lamentou "outro exemplo do uso errado do litígio por ação coletiva", enquanto um de Harvard disse que era "um exemplo perfeito de como as ações coletivas deviam ser usadas para combater as companhias transgressoras".

— Providencie para que isto esteja no Web site — Clay disse quando entregou o artigo para Jonah. — Nossos clientes vão adorar.

TEQUILA WATSON se declarou culpado do assassinato de Ramon Pumphrey e foi condenado à prisão perpétua. Seria elegível para condicional dentro de vinte anos, mas a reportagem no Post não mencionou isso. Dizia que sua vítima era uma das muitas pessoas mortas a tiro numa série de crimes que pareciam estranhamente aleatórios, mesmo para uma cidade acostumada à violência sem sentido. A polícia não tinha nenhuma explicação. Clay fez uma anotação para lembrar de telefonar para Adelfa e ver como ia sua vida.

Ele devia alguma coisa a Tequila, mas não sabia bem o quê. Também não tinha nenhum meio de compensar seu ex-cliente. Procurou racionalizar, dizendo a si mesmo que ele tinha passado a maior parte da vida viciado em drogas e provavelmente passaria o resto atrás das grades, com ou sem o Tarvan, mas isso pouco o ajudou a sentir que estava sendo correto. Tinha abandonado a luta, pura e simplesmente. Pegou o dinheiro e enterrou a verdade.

Duas páginas adiante outro artigo chamou sua atenção e o fez esquecer Tequila Watson. O rosto gorducho do sr. Bennett Van Horn aparecia numa foto, sob o capacete com monograma, tirada num local de construção, em algum lugar. Ele olhava atentamente para um conjunto de plantas com outro homem identificado como o engenheiro projetista do grupo BVH. A companhia estava envolvida numa briga feia por causa da construção de um complexo perto do campo de batalha de Chancellorsville, cerca de uma hora ao sul da capital.

Bennett, como sempre, propunha construir uma das suas horrorosas coleções de casas, condomínios, apartamentos, lojas, playgrounds, quadras de tênis e a piscina obrigatória, tudo a um quilômetro e meio do centro do campo de batalha e muito perto do local onde o general Stonewall Jackson fora morto pelas sentinelas dos Confederados. Preservacionistas, advogados, historiadores, ambientalistas e a Sociedade Confederada desembainharam espadas e estavam no processo de massacrar Bennett, a Escavadeira. Não era surpresa o fato do Post elogiar esses grupos e não dizer nada de bom sobre Bennett. Entretanto, as terras em questão pertenciam a um fazendeiro idoso e ele aparentemente era quem mandava no assunto, pelo menos até aquele momento.

O artigo era longo e descrevia outros campos de batalha arrasados por construtores. Uma organização chamada Truete da Guerra Civil estava na frente dos que lutavam contra. Seu advogado era descrito como um radical que não temia usar o litígio para preservar a história. "Mas precisamos de dinheiro para o litígio", o jornal o citava.

Dois telefonemas mais tarde e Clay tinha o homem no outro lado da linha.

Conversaram durante meia hora e quando desligou, Clay fez um cheque de 100 mil dólares para o Truste da Guerra Civil, fundos para o processo judicial de Chancellorsville.

A SRTA. GLICK DEU a mensagem quando Clay passou por sua mesa. Ele leu o nome duas vezes e estava ainda cético quando sentou na sala de reuniões e digitou o número.

— Dr. Patton French — ele disse ao telefone. — A mensagem dizia que era urgente.

— Quem quer falar com ele, por favor?

— Clay Carter, da capital.

— Oh, sim, ele estava à sua espera.

Era difícil imaginar um advogado ocupado e poderoso como Patton French esperando um telefonema de Clay. Em poucos segundos o grande homem estava ao telefone.

— Olá Clay, obrigado por retornar meu telefonema — ele disse, tão casualmente que apanhou Clay desprevenido. — Boa reportagem no The Journal certo? Nada mal para um novato. Ouça, lamento não ter falado com você quando estive em Nova Orleans. — Era a voz que Clay tinha ouvido ao microfone, mas muito mais relaxada.

— Sem problema — Clay disse.

Havia duzentos advogados na reunião do Círculo dos Causídicos. Não havia nenhuma razão para que Clay se encontrasse com Patton French e nenhuma razão para que French soubesse que Clay estava lá. Evidentemente o homem tinha feito suas pesquisas.

— Eu gostaria de me encontrar com você, Clay. Acho que podemos fazer alguns negócios juntos. Há dois meses eu estava na pista do Dyloft. Você me venceu por pouco, mas há uma tonelada de dinheiro aí.

Clay não tinha nenhuma vontade de "ir para a cama" com Patton French. Por outro lado, seus métodos para extrair enormes acordos dos fabricantes de medicamentos eram lendários.

— Podemos conversar — Clay disse.

— Olhe, estou indo para Nova York neste momento. E se eu o apanhar na capital e levar você comigo? Tenho um Gulfstream 5 novo e gostaria de exibi-lo. Ficamos em Manhattan. Um jantar maravilhoso esta noite. Conversamos sobre negócios. Voltamos para casa amanhã no fim do dia. O que você acha?

— Bem, estou bastante ocupado. — Clay lembrou sua repulsa em Nova Orleans quando French repetidamente mencionava seus brinquedos no discurso. O novo Gulfstream, o iate, um castelo na Escócia.

— Aposto que está. Olhe, estou ocupado também. Que diabo, nós todos estamos. Mas esta pode ser a viagem mais lucrativa da sua vida. Não you aceitar não como resposta. Encontro-me com você no Reagan National dentro de três horas. Combinado?

A não ser alguns telefonemas e um jogo de raquetball naquela noite, Clay tinha pouca coisa para fazer. Os telefones do escritório tocavam sem parar com usuários do Dyloft assustados, mas Clay não estava atendendo aos chamados. Há vários anos não ia a Nova York.

— Combinado, por que não? — ele disse, tão ansioso para ver o Gulfstream 5 quanto para comer num grande restaurante.

— Agora está sendo esperto. Muito esperto.

O terminal privado do Reagan National estava repleto de executivos preocupados e burocratas apressados, que iam e vinham. Perto do balcão de recepção uma morena bonitinha de minissaia segurava uma tabuleta com seu nome. Ele se apresentou a ela. A jovem era Julia, sem sobrenome.

— Siga-me — ela disse com um sorriso perfeito.

Saíram do terminal para uma van de cortesia. Dezenas de Lears, Falcons, Hawkers, Challengers e Citations estavam estacionados ou taxiando, saindo ou chegando. O pessoal das rampas guiava cuidadosamente os jatos, as asas passando a poucos centímetros de distância de uns e de outros. Os motores roncavam no cenário nervoso.

— De onde você é? — Clay perguntou.

— Nossa base é em Biloxi — Julia disse. — É onde fica o escritório principal do dr. French.

— Há algumas semanas eu o ouvi falar em Nova Orleans.

— Sim, estivemos lá. Raramente estamos em casa.

— Ele trabalha o tempo todo, certo?

— Cerca de cem horas por semana. Pararam ao lado do maior jato da rampa.

— Aqui estamos nós — Julia disse e desceram da van. Um piloto pegou a maleta de Clay e desapareceu com ela.

Patton French, é claro, estava ao telefone. Acenou para Clay subir a bordo, enquanto Julia pegava seu paletó e perguntava o que ele queria beber. Só água, com limão. Sua primeira visão do interior de um jato não podia ser mais espetacular. Os vídeos que tinha visto em Nova Orleans não faziam justiça à realidade.

O aroma era de couro, couro muito caro. As poltronas, os sofás, descansos para a cabeça, painéis, até as mesas eram de vários tons de azul e couro bege. As luminárias, maçanetas e instrumentos de controle eram revestidos de ouro. As guarnições de madeira eram escuras e polidas, provavelmente de mogno. Era uma suíte luxuosa num hotel cinco estrelas com asas e motores.

Clay tinha um metro e oitenta e cinco de altura e sobrava espaço acima da sua cabeça. A cabine era longa com uma espécie de escritório no fundo, onde French continuava a falar ao telefone. O bar e a cozinha ficavam logo atrás do cockpit. Julia apareceu com a água.

— É melhor sentar — ela disse. — Vamos começar a taxiar.

Quando o avião começou a se mover, French terminou bruscamente sua conversa ao telefone e caminhou para Clay atacando-o com um violento aperto de mão e um sorriso aberto, pedindo desculpas outra vez por não terem se encontrado em Nova Orleans. Ele era um pouco pesado, cabelo atraentemente grisalho e ondulado, provavelmente uns cinquenta e cinco anos, mas não ainda sessenta. O vigor brotava de cada poro e de cada respiração.

Sentaram-se a uma das mesas, de frente um para o outro.

— Bela carona, hein? — French disse, indicando a cabine com um gesto.

— Muito bonita.

— Você já tem um jato?

— Não. — E Clay se sentiu inadequado por não ter. Que tipo de advogado era ele?

— Não vai demorar, filho. Não pode viver sem um. Julia, traga-me uma vodca. É o número quatro, o jato, não a vodca. São precisos doze pilotos para quatro jatos. E cinco Julias. Ela é bonitinha, não é?

— Sim, é.

— Uma porção de despesas, mas também uma porção de honorários. Você me ouviu falar em Nova Orleans?

— Ouvi. Foi muito agradável. — Clay mentiu um pouco. Por mais irritante que tivesse sido a palestra fora também divertida e informativa.

— Detesto falar de dinheiro assim, mas eu estava procurando agradecer ao povo. A maior parte daqueles caras me trará um grande caso de fraude. Tenho de estimulá-los, você sabe. Construí a firma mais quente da América de fraude em massa e tudo que fazemos é ir contra os maiores. Quando você processa uma companhia como os Laboratórios Ackerman e uma daquelas instituições Fortuna 500, precisa ter munição, alguma influência. O dinheiro deles é infundável. Só estou tentando nivelar o campo.

Julia levou o drinque, sentou e prendeu o cinto de segurança.

— Quer almoçar? — French perguntou. — Ela sabe cozinhar qualquer coisa.

— Não obrigado, estou bem.

French tomou um longo gole de vodca, então bruscamente recostou na poltrona, fechou os olhos e parecia estar rezando, enquanto o Gulfstream corria pela pista e levantava voo. Clay aproveitou a pausa para admirar o avião. Era quase obsceno tanto luxo e tanta riqueza de detalhes. Quarenta, 45 milhões de dólares por um jato

particular! E, de acordo com os comentários no Círculo dos Causídicos, os fabricantes do Gulfstream mal podiam dar conta dos pedidos. Estavam com dois anos de atraso na produção.

Depois de alguns minutos, o avião nivelou e Julia desapareceu na cozinha. French saiu da meditação e tomou outro gole de vodka.

— Todo aquele negócio do The Journal é verdade? — ele perguntou, muito mais calmo. Clay teve a impressão de que French passava de um estado de espírito para outro, rápida e dramaticamente.

— Sim, está tudo certo.

— Já estive duas vezes na primeira página, nunca com nada de bom. Não é de surpreender que eles não gostem de nós, da ação indenizatória de massa. Ninguém gosta, na verdade, o que você logo vai aprender. O dinheiro cria uma imagem negativa. Você acaba se acostumando. Nós todos nos acostumamos. Eu conheci seu pai. — Seus olhos se apertavam e iam de um lugar para o outro quando ele falava, como se estivesse sempre pensando em três frases adiante.

— Conheceu? — Clay não sabia se acreditava ou não.

— Eu trabalhei para o Departamento de Justiça anos atrás. Estávamos com um processo judicial sobre terras indígenas. Os índios levaram Jarrett Carter da capital e a guerra acabou. Ele era muito born.

— Obrigado — Clay disse, com orgulho imenso.

— Tenho de dizer uma coisa, Clay, esta sua armadilha com o Dyloft é uma beleza. E muito fora do comum. Na maioria dos casos, a notícia de um medicamento perigoso se espalha lentamente, à medida que aumenta o número de queixosos. Os médicos demoram uma eternidade para se comunicarem. Estão mancomunados com os fabricantes, por isso não têm incentivo para dar o alarme. Além disso, para começar, na maioria das jurisdições os médicos são processados por terem receitado o medicamento. Os advogados se envolvem aos poucos. O tio Luke de repente apresenta sangue na urina, sem nenhum motivo e depois de olhar para aquilo durante mais ou menos um mês ele vai ao médico em Podunk, Louisiana. E o médico finalmente o faz parar de tomar o remédio milagroso que tinha receitado. Tio Luke pode ou não consultar o advogado da família, geralmente um advogado comum que trata de testamentos e divórcios e na maioria dos casos não reconheceria uma fraude nem que fosse atropelado por ela. Leva tempo para esses medicamentos prejudiciais serem descobertos. O que você fez é um caso único.

Clay se limitava a ouvir e balançar a cabeça afirmativamente. Aquilo estava levando a alguma coisa.

— O que me diz que você tem alguma informação de dentro. Uma pausa, uma breve lacuna dando a Clay a oportunidade de confirmar que realmente tinha. Clay não deu nenhuma pista.

— Eu tenho uma vasta rede de advogados e de contatos de costa a costa. Ninguém, mas ninguém mesmo, tinha ouvido falar de problemas com o Dyloft até poucas semanas atrás. Dois advogados da minha firma estavam fazendo o trabalho preliminar sobre o medicamento, mas não estávamos nem perto de dar entrada numa ação judicial. Então, de repente vejo a notícia da sua emboscada e seu rosto sorridente na primeira página do The Wall Street Journal. Eu conheço o jogo, Clay, e sei que você tem alguma informação de dentro.

— Eu tenho. E nunca direi a ninguém.

— Ótimo. Isso me faz sentir melhor. Eu vi seus anúncios. Monitoramos essas coisas em todos os mercados. Nada mal. Na verdade, o método dos quinze segundos que está usando tem provado que é o mais eficiente. Sabia disso?

— Não.

— Ataque rapidamente tarde da noite, muito cedo de manhã. Uma breve mensagem para assustá-los, depois um número de telefone com o qual podem pedir socorro. Fiz isso milhares de vezes. Quantos casos você já criou?

— E difícil dizer. Eles têm de fazer primeiro o exame de urina. Os telefones não param de tocar.

— Meus anúncios começam amanhã. Tenho seis pessoas em tempo integral só para trabalhar nos anúncios, dá para acreditar? Seis pessoas em tempo integral só para isso. E não ganham pouco.

Julia apareceu com dois pratos de comida — uma bandeja com camarões e outra coberta com queijos e frios — presunto, salame e outros.

— Uma garrafa daquele vinho branco chileno — Patton disse. — Já deve estar gelado.

— Gosta de vinho? — ele perguntou, segurando um camarão pela cauda.

— De alguns. Não sou entendido.

— Eu adoro vinho. Tenho cem garrafas neste avião. — Outro camarão. — Calculamos que deve haver de cinquenta a cem mil casos de Dyloft. Acha que é um bom cálculo?

— Cem mil talvez seja demais — Clay disse cautelosamente.

— Estou um pouco preocupado com os Laboratórios Ackerman. Eu já os processei duas vezes, sabia?

— Não, eu não sabia disso.

— Há dez anos, quando eles tinham muito dinheiro. Mas alguns dos executivos deles fizeram algumas péssimas aquisições. Agora eles têm uma dívida de dez bilhões. Coisa idiota. Típica dos anos 90. Os bancos estavam jogando dinheiro para as bluechips, que tentavam com ele comprar o mundo. Seja como for, Ackerman não corre perigo de falir ou coisa assim. E eles têm seguro. — French estava pescando e Clay resolveu morder a isca.

— Eles têm seguro de pelo menos trezentos milhões — ele disse. — E talvez meio bilhão para gastar com o Dyloft.

French sorriu, quase babando com a informação. Não podia e não tentou esconder sua admiração.

— Grande negócio, filho, maravilhoso. Sua informação de dentro é boa?

— Excelente. Temos pessoas lá dentro que contam tudo e temos pesquisas de laboratórios que não devíamos ter. Ackerman não pode sequer chegar perto de um júri com Dyloft.

— Espantoso — ele disse, fechando os olhos e absorvendo essas palavras. Um advogado faminto com seu primeiro caso de acidente de carro não estaria mais feliz.

Julia voltou com o vinho e serviu em duas pequenas taças de valor inestimável. French cheirou e avaliou lentamente o vinho e quando ficou satisfeito tomou um pequeno gole. Estalou os lábios, balançou afirmativamente a cabeça e se inclinou para a frente para mais fofoca.

— A sensação de pegar de surpresa uma companhia grande, rica e orgulhosa é melhor do que sexo. E a maior das sensações que conheço. Você pega os desgraçados cobiçosos lançando no mercado produtos que prejudicam pessoas inocentes e você, o advogado, sai em campo para puni-los. E para isso que eu vivo. Certo, o dinheiro é sensacional, mas vem depois que você os pegar. Eu jamais vou parar, independentemente de quanto possa ganhar. Pensam que sou ganancioso porque eu poderia desistir e morar numa praia pelo resto da vida. Uma chatice! Prefiro trabalhar cem horas por semana tentando pegar os grandes ladrões. É a minha vida.

Naquele momento, seu entusiasmo era contagioso. Seu rosto cintilava com fanatismo. Ele respirou profundamente e disse: — Você gostou desse vinho?

— Não, tem gosto de querosene — Clay disse.

— Tem razão. Julia! Jogue isto fora! Traga uma garrafa daquele Meursault que compramos ontem.

Porém, antes ela levou um telefone.

— É Muriel.

French pegou o telefone e disse:

— Alô.

Julia se inclinou ao lado de Clay e murmurou: — Muriel é a secretária-chefe, a madre superiora. Ela consegue falar com ele quando as mulheres dele não conseguem.

French fechou o celular e disse:

— Deixe que eu descreva um cenário para você, Clay. Prometo que tem o objetivo de dar a você mais dinheiro num curto período de tempo. Muito mais.

— Estou ouvindo.

— Vou acabar com tantos casos de Dyloft quanto você. Agora que você abriu a porta, centenas de advogados vão correr atrás desses casos. Nós, você e eu, podemos controlar o processo judicial se passarmos nossa ação da capital para meu território no Mississippi. Isso vai apavorar os Laboratórios Ackerman mais do que qualquer coisa que se possa imaginar. Eles estão preocupados agora porque você os pegou na capital, mas também estão pensando: "Bem, ele é apenas um principiante, nunca esteve aqui antes, nunca teve um caso de responsabilidade civil, essa é sua primeira ação coletiva" e assim por diante. Mas se juntarmos seus casos com os meus, combinando tudo numa ação coletiva, e a passarmos para o Mississippi, então Ackerman vai ter um enfarto enorme e maciço na companhia toda.

Clay estava quase tonto com tanta dúvida e tantas perguntas.

— Estou ouvindo — foi tudo que conseguiu dizer.

— Você fica com seus casos. Eu fico com os meus. Nós os juntamos e à medida que outros casos forem aparecendo e os advogados subirem a bordo, vou ao juiz criminal e peço para apontar um Comitê de Orientação aos Queixosos. Faço isso sempre. Eu serei o presidente, você estará no comitê porque foi o primeiro a dar entrada numa ação. Monitoraremos a ação Dyloft, tentando mantela organizada, embora lidar com um bando de advogados decididos seja difícil como o diabo. Já fiz isso dezenas de vezes. O comitê nos dará o controle. Começaremos a negociar com Ackerman logo. Eu conheço os advogados deles. Se sua informação for tão forte quanto você diz, insistiremos num acordo rápido.

— Em quanto tempo?

— Depende de vários fatores. Quantos casos existem realmente? com que rapidez podemos contratá-los? Quantos advogados vão entrar na luta? E, muito importante, qual a gravidade dos danos em nossos clientes?

— Não muito graves. Praticamente todos os tumores são benignos.

French absorveu a informação, primeiro franzindo a testa à má notícia, então rapidamente vendo o que havia de bom nela.

— Melhor ainda. O tratamento é cirurgia citoscópica.

— Correto. Um processo sem internação, que pode custar cerca de mil dólares.

— E o prognóstico a longo prazo?

— Cura completa. Fique longe do Dyloft e a vida volta ao normal, o que, para alguns daqueles que sofrem de artrite não é nada agradável.

French cheirou o vinho, girou a taça e finalmente tomou um pequeno gole.

— Muito melhor, não acha?

— Acho — Clay disse.

— Eu fiz uma excursão na Borgonha para provar vinho. Passei uma semana cheirando e cuspiando. Muito agradável. — Outro pequeno gole enquanto ele avaliava e priorizava os três pensamentos seguintes, sem cuspir.

— Isso é melhor ainda — French disse —, melhor para nossos clientes, obviamente, porque não estão tão doentes quanto podiam estar. Melhor para nós porque os acordos serão feitos mais depressa. A chave aqui é conseguir os casos. Quantos mais conseguirmos, maior controle teremos sobre a ação coletiva. Mais casos, mais honorários.

— Já entendi.

— Quanto você está pagando pelos anúncios?

— Uns dois milhões.

— Nada mal, nada mal. — French queria perguntar onde exatamente um novato conseguia dois milhões para pagar anúncios na televisão. Mas se controlou e não perguntou.

Houve uma queda de energia quando o avião abaixou o nariz levemente.

— Quanto tempo até Nova York? — Clay perguntou.

— Da capital, cerca de quarenta minutos. Este passarinho faz novecentos e setenta quilômetros por hora.

— Qual aeroporto?

— Teterboro, Nova Jersey. Todos os jatos particulares pousam lá.

— Então por isso nunca ouvi falar.

— Seu jato está a caminho, Clay, vá se preparando para ele. Você pode tirar todos os meus brinquedos, mas deixe um jato. Precisa ter um.

— Usarei o seu.

— Comece com um pequeno Lear. Pode ser comprado por uns dois milhões. Precisa de dois pilotos, 75 mil cada um. É só parte da despesa. Tem de ter. Você vai ver.

Pela primeira vez na vida, Clay ouvia um conselho sobre jatos.

Julia tirou as travessas com comida e disse que pousariam em cinco minutos. Clay ficou encantado com a vista de Manhattan a leste. French dormiu.

Eles aterrissaram e taxiaram, passando por uma fileira de terminais particulares, onde dezenas de belos jatos estavam estacionados ou em manutenção.

— Aqui você vê mais jatos particulares do que em qualquer outro lugar do mundo — French explicou, enquanto os dois olhavam pela janela. — Todos os maiores de Manhattan estacionam seus aviões aqui. É uma viagem de carro de quarenta e cinco minutos até a cidade. Quem é realmente endinheirado tem seu helicóptero. São só dez minutos.

— Nós temos um helicóptero? — Clay perguntou.

— Não. Mas se eu morasse aqui, teria.

Uma limusine os apanhou na rampa, a poucos metros do avião. Os pilotos e Julia ficaram, fazendo a arrumação e sem dúvida providenciando para que o vinho estivesse gelado para a próxima viagem.

— O Península — French disse para o motorista.

— Sim, sr. French — ele respondeu. O carro seria alugado ou pertencia a Patton? Certamente o maior advogado do mundo em ações indenizatórias em massa não usaria uma limusine alugada. Clay resolveu não perguntar. Que diferença fazia?

— Estou curioso sobre seus anúncios — French disse, quando o carro entrou no tráfego congestionado de Nova Jersey. — Quando começaram?

— Domingo à noite, em noventa mercados, costa a costa.

— Como estão sendo processados?

— Nove pessoas atendem os telefones, sete paralegais, dois advogados. Na segunda-feira recebemos mil telefonemas, ontem três mil. Nosso Web site Dyloft está sendo acessado por oito mil pessoas por dia. Calculando pela média de acesso, são cerca de mil clientes.

— E o conjunto de recursos é grande?

— Cinquenta a setenta e cinco mil, segundo minha fonte, que até aqui tem sido bastante precisa.

— Eu gostaria de conhecer sua fonte.

— Esqueça.

French estalou as juntas dos dedos tentando aceitar a rejeição.

— Temos de ter esses casos, Clay. Meus anúncios começam amanhã. E se dividíssemos o país? Você fica com o Norte e o Leste e me dá o Sul e o Oeste. É mais fácil para atingir os mercados menores e muito mais fácil tratar dos casos. Dentro de poucos dias, um cara em Miami estará na televisão. E outro na Califórnia que, eu garanto, está copiando seus anúncios neste momento. Somos tubarões, certo, nada mais do que abutres. A corrida para o tribunal começou, Clay. Estamos muito na frente, mas o estouro da boiada está chegando.

— Estou fazendo o melhor possível.

— Diga o seu orçamento — French disse, como se ele e Clay fizessem negócio juntos há anos.

Que diabo, Clay pensou. Sentados lado a lado da limusine, certamente pareciam sócios.

— Dois milhões para anúncios, outros dois milhões para o exame de urina.

— Vamos fazer uma coisa — French disse, sem a menor pausa na conversa. — Gaste todo seu dinheiro nos anúncios. Pegue os malditos casos, tudo bem! Eu pago todos os exames de urina e faremos os Laboratórios Ackerman nos reembolsar por ocasião dos acordos. É uma parte normal de todos os acordos, fazer a companhia cobrir todas as despesas médicas.

— Os exames custam trezentos dólares cada um.

— Você está sendo roubado. Reunirei alguns técnicos e faremos muito mais barato. — O que o fez lembrar uma história sobre os primeiros dias da ação judicial

do Skinny Ben. Ele tinha convertido quatro ônibus Greyhound em clínicas móveis e percorreu todo o país à procura de clientes em potencial. Clay ouvia com pouco interesse quando atravessavam a ponte George Washington. Outra história se seguiu.

A suíte no Península tinha vista para a Quinta Avenida. Quando estava seguro, com a porta trancada, longe de Patton French, Clay pegou o telefone e começou a procurar Max Pace.

O TERCEIRO CELULAR encontrou Pace num lugar não identificado. O homem sem lar tinha estado menos vezes na capital nas últimas semanas. Certamente estava apagando outro incêndio, organizando outra partida de desagradáveis ações judiciais para outro cliente, embora não admitisse. Não precisava. Clay agora o conhecia muito bem para saber que ele era um bombeiro muito procurado. Não havia falta de produtos defeituosos no mercado.

Clay se surpreendeu com a sensação reconfortante que teve ao ouvir a voz de Pace. Explicou que estava em Nova York, com quem estava e por quê. A primeira palavra de Pace fechou o negócio.

— Brilhante — ele disse. — Simplesmente brilhante.

— Você o conhece?

— Todo mundo neste negócio conhece Patton French — Pace disse. — Nunca tivemos oportunidade de fazer negócio, mas ele é uma lenda.

Clay disse os termos da oferta de French. Pace entendeu e começou a pensar adiante.

— Se você der nova entrada na ação em Biloxi, Mississippi, as ações de Ackerman sofrerão outro golpe — ele disse. — Estão sob tremenda pressão neste momento, pressão dos bancos e dos acionistas. É brilhante, Clay. Faça isso!

— Tudo bem. Feito.

— E veja o New York Times de manhã. Ótimo artigo sobre o Dyloft. Saiu o primeiro relatório médico. É devastador.

— Ótimo.

Pegou uma cerveja no minibar: oito dólares, mas quem se importava — e por um longo tempo sentou na frente da janela vendo o movimento frenético da Quinta Avenida. Não era ideal ser obrigado a depender do conselho de Max Pace, mas simplesmente não tinha mais ninguém. Ninguém, nem mesmo seu pai, algum dia teve de fazer essa escolha: "Vamos trazer seus cinco mil casos para cá e juntá-los com os meus cinco mil, e faremos não duas, mas uma ação coletiva e eu entro com um milhão e pouco para os exames médicos, enquanto você duplica seu plano de anúncios e unimos quarenta por cento do total, depois as despesas e faremos uma fortuna. O que você diz, Clay?"

No último mês tinha ganho mais dinheiro do que jamais sonhara ganhar. Agora, quando as coisas ameaçavam sair do controle, sentia que estava gastando mais depressa ainda. Seja ousado, dizia para si mesmo, esta é uma oportunidade rara. Seja ousado, ataque depressa, arrisque, role os dados e pode ficar podre de rico. Outra voz o incitava a ir mais devagar, a não jogar fora o dinheiro, a enterrá-lo e

assim teria para sempre.

Clay tinha transferido um milhão de dólares para uma conta no estrangeiro, não para esconder, mas para proteger. Jamais tocaria nesse dinheiro, em nenhuma circunstância. Se fizesse más escolhas e perdesse tudo, ainda teria dinheiro para a praia. Sairia de mansinho da cidade como seu pai e nunca mais voltaria.

O milhão de dólares na conta secreta era seu compromisso.

Tentou falar com seu escritório, mas todas as linhas estavam ocupadas, um born sinal. Conseguiu Jonah ao celular, sentado à sua mesa.

— Está uma loucura dos diabos — Jonah disse, muito cansado. — Caos total.

— Ótimo.

— Por que você não vem ajudar?

— Amanhã.

Às sete e trinta e dois, Clay ligou a televisão e encontrou seu anúncio num canal a cabo. O Dyloft parecia ainda mais sinistro em Nova York.

O JANTAR FOI NO MONTRACHET, não pela comida, que era muito boa, mas pela lista dos vinhos, mais grossa do que qualquer outra em Nova York. French queria experimentar vários borgonhas tintos com sua carne de vitela. Cinco garrafas foram levadas para a mesa, com um copo para cada vinho. Deixava pouco espaço para o pão e a manteiga.

O sommelier e Patton falavam outra língua quando discutiam o que havia em cada garrafa. Clay estava entediado com o processo. Teria preferido uma cerveja e um hambúrguer, embora pudesse prever uma mudança dramática nos seus gostos num futuro muito próximo.

Quando os vinhos respiravam, abertos, French disse: — Telefonei para meu escritório. Aquele advogado de Miami já está no ar com os anúncios de Dyloft. Ele instalou duas clínicas para exames e as está tocando como gado. Chama-se Carlos Hernandez e ele é muito, muito bom.

— Meu pessoal não consegue atender todos os telefonemas Clay disse.

— Estamos juntos nisso? — French perguntou.

— Vamos examinar o negócio.

Imediatamente French apresentou um documento dobrado.

— Aqui está um memorando — ele disse, entregando o documento para Clay, servindo-se da primeira garrafa de vinho. — É um sumário do que conversamos até agora.

Clay leu cuidadosamente e assinou. French, entre um gole e outro, assinou também e a sociedade nasceu.

— Vamos dar entrada na ação coletiva em Biloxi amanhã, French disse. — Faço isso quando chegar em casa. Tenho dois advogados trabalhando nisso neste momento. Assim que dermos entrada, você pode dispensar a sua na capital. Conheço

o advogado particular dos laboratórios Ackerman. Acho que posso falar com ele. Se a companhia negociar diretamente conosco, deixando de lado seus advogados externos, poderá economizar uma fortuna e dar toda para nós. E apressar bastante as coisas. Se os advogados externos se encarregarem da negociação, podemos perder meio ano nas negociações.

— Cerca de cem milhões, certo?

— Alguma coisa assim. Esse dinheiro podia ser nosso. — Um telefone tocou e French o tirou do bolso com a mão esquerda, enquanto com a direita segurava um copo com vinho. — com licença — ele disse para Clay.

Era uma conversa Dyloft com outro advogado no Texas, obviamente um velho amigo, capaz de falar mais depressa do que Patton French. A conversa foi cortês, mas French cauteloso. Quando fechou o celular disse: — Droga!

— Alguma competição?

— Competição séria. O nome é Vic Brennan, grande advogado em Houston, muito inteligente e agressivo. Ele está no Dyloft e quer saber o plano do jogo.

— Não conseguiu nada de você.

— Ele sabe disso. Está lançando alguns anúncios amanhã, rádio, televisão, jornais. Vai pegar vários milhares de casos. — Por um momento, ele se consolou com um gole de vinho que o fez sorrir. — A corrida começou, Clay. Temos de conseguir esses casos.

— Está cada vez mais louca — Clay disse.

French, com a boca cheia de Pinot Noir não podia falar. Olhou para Clay como quem pergunta: "O quê?"

— Amanhã de manhã, grande reportagem no New York Times. O primeiro relatório contra o Dyloft, segundo minhas fontes.

Era a coisa errada para dizer num jantar. French esqueceu a vitela que ainda estava na cozinha. E esqueceu os vinhos caros que cobriam a mesa, embora conseguisse consumi-los nas três horas seguintes. Mas qual o advogado especializado em ação indenizatória coletiva que podia se concentrar em comida e em vinho quando dentro de poucas horas o New York Times ia expor seu próximo acusado e seu medicamento perigoso?

O TELEFONE TOCOU e ainda estava escuro lá fora. O relógio, quando ele conseguiu focalizar, marcava cinco horas e quarenta e cinco.

— Levante! — French rosnou. — E abra a porta. — Assim que ele abriu, French empurrou a porta e passou por ele com jornais e uma xícara de café nas mãos. — Incrível! — ele disse, jogando o Times na cama de Clay.

— Você pode dormir o dia inteiro, filho. Leia isto! — Estava vestido com roupa de hotel, o roupão atalhado e chinelos brancos para chuveiro.

— Não são ainda nem seis horas.

— Há trinta anos não durmo depois das cinco. Há muitas ações judiciais lá fora.

Clay estava só de cueca. French leu a reportagem outra vez, tomando café, com os óculos de leitura na ponta do nariz.

Nem sinal de ressaca. Clay tinha cansado dos vinhos, todos com o mesmo gosto para ele e terminara a noite com uma garrafa de água. French continuou a batalha, resolvido a declarar um vencedor entre os cinco borgonhas, mas sem entusiasmo por causa das perspectivas do Dyloft.

O Atlantic Journal of Medicine dizia que o dylofedamint, conhecido como Dyloft era considerado responsável pela formação de tumores na bexiga em cerca de seis por cento dos que o tomaram durante um ano.

— Mais de cinco por cento — Clay disse, lendo.

— Isso não é maravilhoso? — French perguntou.

— Não se você estiver entre os seis por cento.

— Eu não estou.

Alguns médicos já estavam deixando de receitar o medicamento. Os Laboratórios Ackerman negam fracamente, como sempre jogando a culpa em cima dos cobiçosos advogados, embora a companhia pareça estar caindo rapidamente. Nenhum comentário da Administração de Alimentos e Medicamentos. Um médico em Chicago em meia coluna diz o quanto o Dyloft é maravilhoso e o bem que fez aos pacientes. A boa notícia, se é que pode ser chamada assim, é que os tumores parecem não ser malignos, pelo menos até agora. Lendo a reportagem, Clay teve a impressão de que Max Pace a tinha lido há um mês.

Havia só um parágrafo sobre a ação coletiva que tinha dado entrada na capital, na segunda-feira e não mencionava o jovem advogado responsável por ela.

As ações dos Laboratórios Ackerman caíram de 42,50, na manhã de segunda-feira, para 32,50 no fechamento da bolsa, na quarta-feira.

— Deviam ter feito a compra a descoberto da maldita coisa French resmungou. Clay mordeu a língua e guardou segredo, um dos poucos que tinha guardado nas últimas vinte e quatro horas.

— Podemos ler outra vez no avião — French disse. — Vamos sair daqui

AS AÇÕES ESTAVAM a 28 dólares quando Clay entrou no seu escritório e tentou dizer olá ao seu pessoal exausto. Acessou on-line um Web site com os últimos movimentos da bolsa e o verificava a cada cinco minutos, contando seu lucro. Queimando dinheiro numa frente de batalha, era consolador ver algum lucro na outra.

Jonah foi o primeiro a entrar no escritório.

— Ficamos aqui até meia-noite ontem — ele disse. — É uma loucura.

- Vai ficar pior. Estamos repetindo os anúncios na televisão.
 - Não podemos dar conta agora.
 - Contrate alguns paralegais temporários.
 - Precisamos de pessoal de computador, pelo menos dois. Não podemos calcular os dados com a rapidez necessária.
 - Você pode encontrá-los?
 - Talvez alguns temporários. Conheço um cara, talvez dois, que podem vir à noite e procurar colocar os dados em dia.
 - Vá buscar.
- Jonah ia saindo, mas então virou para trás e fechou a porta.
- Clay, escute, estamos sozinhos, certo? Clay olhou em volta e não viu mais ninguém.
 - Qual o problema?
 - Bem, você é um cara inteligente e tudo o mais. Mas sabe o que está fazendo aqui? Quero dizer, você está queimando dinheiro mais depressa do que jamais foi queimado. E se alguma coisa sair errada?
 - Você está preocupado?
 - Nós todos estamos um pouco preocupados, está bem? Esta firma está pronta para um grande começo. Queremos ficar e nos divertir e ganhar dinheiro e tudo isso. Mas e se você estiver errado e levar um tombo? É uma pergunta justa.
- Clay levantou-se e sentou na ponta da mesa.
- Vou ser muito franco com você. Acho que sei o que estou fazendo, mas como nunca fiz isso antes não posso ter certeza. É um jogo enorme. Se eu ganhar, nós todos ganhamos muito dinheiro. Se eu perder, continuamos com a firma. Apenas não ficaremos ricos.
 - Se tiver oportunidade, diga isso aos outros, está bem?
 - Vou dizer.

O almoço foi um sanduíche de dez minutos na sala de reuniões. Jonah tinha os números mais recentes: nos três primeiros dias, a linha quente tinha atendido a setenta mil e cem telefonemas e o Web site uma média de oito mil consultas por dia. Informações gerais e contratos para prestação de serviço legal foram enviados o mais depressa possível, mas mesmo assim estavam atrasados. Clay autorizou Jonah a contratar dois assistentes de computadores de meio expediente. Paulette ficou com a tarefa de encontrar três ou quatro paralegais para trabalhar na Sweatshop. E a srta. Glick recebeu a incumbência de contratar tantos auxiliares de escritório quantos fossem necessários para cuidar da correspondência dos clientes.

Clay descreveu seu encontro com Patton French e explicou a nova estratégia legal. Mostrou cópias do artigo do Times que ninguém tinha notado por estarem todos muito ocupados.

— A corrida começou, minha gente — ele disse, tentando motivar do melhor modo possível o grupo exausto. — Os tubarões estão atrás dos nossos clientes.

— Nós somos os tubarões — Paulette disse.

Patton French telefonou no fim da tarde dizendo que fora feita uma emenda na ação coletiva para acrescentar os queixosos do Mississippi e para dar entrada no tribunal do Estado, em Biloxi.

— Temos a coisa onde queríamos, amigo.

— Amanhã retiro a ação daqui da capital — Clay disse, esperando não estar entregando sua ação judicial.

— Você vai informar a imprensa?

— Não estava planejando isso — Clay disse. Não tinha ideia de como se informava a imprensa.

— Deixe que eu faço.

As ações dos Laboratórios Ackerman fecharam o dia em 26,25 dólares, um lucro projetado de 1.625.000, se Clay tivesse comprado agora e coberto sua venda em aberto. Ele resolveu esperar. A notícia da entrada da ação em Biloxi chegaria de manhã e só agravaria a situação das ações.

À meia-noite ele estava sentado à sua mesa conversando com um cavalheiro em Seattle que tinha tomado Dyloft por quase um ano e estava agora apavorado, com medo de provavelmente ter tumores. Clay o aconselhou a procurar um médico o mais depressa possível para o exame de urina. Deu a ele o Web site e prometeu enviar pelo correio o pacote de informações logo cedo no dia seguinte. Quando desligou, o homem estava quase chorando.

MÁS NOTÍCIAS CONTINUARAM a perseguir o medicamento milagroso Dyloft. Dois outros estudos médicos foram publicados, um deles afirmando convincentemente que os Laboratórios Ackerman economizaram nas pesquisas e usaram todos os métodos possíveis para que o medicamento fosse aprovado. Finalmente a FDA deu ordem para que o Dyloft fosse retirado do mercado.

As más notícias eram, é claro, notícias maravilhosas para os advogados e o frenesi aumentava à medida que mais e mais clientes apareciam. Pacientes que usavam o Dyloft recebiam avisos por escrito dos Laboratórios Ackerman e dos seus médicos, e essas mensagens terríveis eram quase sempre acompanhadas por sinistras solicitações de advogados especializados em ações indenizatórias coletivas. A mala-direta era extremamente eficiente. Anúncios em jornais eram usados em todos os grandes mercados. E linhas quentes estavam em todos os canais da televisão. A ameaça de tumores crescendo descontroladamente fazia com que praticamente todos os usuários do Dyloft procurassem os advogados.

Patton French nunca tinha visto uma ação coletiva em massa tão perfeita. Porque ele e Clay venceram a corrida ao tribunal, em Biloxi, sua coletiva fora confirmada em primeiro lugar. Todos os outros queixosos do Dyloft que queriam dar entrada numa ação coletiva seriam obrigados a se juntar à deles, com o Comitê de Orientação dos Queixosos cobrando honorários adicionais. O juiz amigo de French já tinha apontado os cinco advogados do comitê — French, Clay, Carlos Hernandez, de Miami, e dois outros de Nova Orleans. Teoricamente o comitê trataria do grande e complicado julgamento contra os Laboratórios Ackerman. Na realidade os cinco se descartariam da papelada e cobririam a tarefa administrativa de manter mais ou menos cinco mil clientes e seus advogados organizados de algum modo.

Um queixoso Dyloft podia sempre "optar pela desistência" da coletiva e processar sozinho os Laboratórios Ackerman num julgamento separado. A medida que advogados de todo o país coligiam casos e juntavam suas coalizões, surgiam os inevitáveis conflitos. Alguns desaprovavam a coletiva de Biloxi e queriam a sua, particular. Alguns desprezavam Patton French. Alguns queriam um julgamento na sua jurisdição, com a chance de um enorme veredicto.

Mas French tinha estado nessa batalha muitas vezes antes. Ele vivia no seu Gulfstream, voando a jato de costa a costa, encontrando-se com os advogados especializados em ações indenizatórias de massa que colecionavam casos às centenas e algumas vezes mantendo a frágil coalizão unida. O acordo seria maior em Biloxi, ele prometia.

Ele falava todos os dias com o advogado particular dos Laboratórios

Ackerman, um velho guerreiro que tentara se aposentar duas vezes, mas os diretores executivos não tinham permitido. A mensagem de French era clara e simples — vamos falar de um acordo agora, sem os advogados de fora, porque você sabe que vocês não irão a julgamento com esse medicamento. Ackerman começava a ouvir.

Em meados de agosto, French convocou uma reunião de cúpula dos advogados do Dyloft no seu rancho, perto de Ketchun, Idaho. Explicou para Clay que sua presença era obrigatória, como membro do Comitê Orientador dos Queixosos, e, o que era mais importante, a maioria dos rapazes estava ansiosa para conhecer o jovem principiante que abriu o caso Dyloft.

— Além disso, com esses caras, você não pode perder uma única reunião, do contrário eles começarão a apunhalá-lo pelas costas.

— Estarei lá — Clay disse.

— Mando um jato — French ofereceu.

— Não, obrigado. Eu chego lá.

Clay alugou um Lear 35. Um belo jatinho mais ou menos com um terço do tamanho do Gulfstream 5, mas como estava viajando sozinho era bastante adequado. Encontrou-se com os pilotos no terminal particular do Reagan National, onde se misturou com os outros maiores, todos mais velhos do que ele e tentou desesperadamente agir como se não houvesse nada de especial em subir a bordo do próprio jato. O avião pertencia a uma companhia, mas pelos próximos três dias era seu.

Levantando voo para o norte, Clay viu o Potomac, depois o Lincoln Memorial e rapidamente os pontos importantes do centro da cidade. Lá estava o prédio do seu escritório e a distância, não muito longe, o gabinete do defensor público. O que Glenda, Jermaine e todos os que ele havia deixado lá iam pensar se o vissem agora?

O que Rebecca pensaria?

Se ela tivesse esperado pelo menos mais um mês.

Clay tinha tão pouco tempo para pensar nela!

Entraram nas nuvens e a vista desapareceu. Washington logo ficou quilômetros para trás. Clay Carter estava indo para uma reunião secreta dos mais ricos advogados da América, os especialistas em fraude em massa, que tinham os cérebros e a força para atacar as mais poderosas corporações.

E eles queriam conhecê-lo!

SEU JATO ERA O menor no aeroporto de Ketchum-Sun Valley em Friedman, Idaho. Quando ele taxiou, passando pelos Gulfstreams e pelos Challengers, teve um pensamento ridículo. Pensou que seu jato era inadequado, que precisava de um maior. Então riu da bobagem. Ali estava ele na cabine forrada de couro de um Lear de três milhões de dólares, debatendo sobre se devia comprar outro maior. Pelo

menos ainda podia rir. O que seria dele quando o riso acabasse?

Pararam perto de um avião conhecido, com o número 000MT na cauda. Zero, Zero, Zero, Mass Tort, ou responsabilidade civil, o lar longe do lar de Patton French. O Gulfstream fazia o jato de Clay parecer menor ainda e por um segundo ele olhou com inveja para o melhor jato de luxo do mundo.

Uma van esperava, com o que parecia uma imitação de caubói na direção. Felizmente, o motorista não falava muito e Clay desfrutou com prazer a viagem de quarenta e cinco minutos em silêncio. Começaram a subir por estradas sinuosas, cada vez mais estreitas. O rancho de Patton, como era de esperar, era um cartão-postal perfeito e muito novo. A casa, com alas e níveis suficientes para abrigar uma firma de advocacia tamanho grande. Outro caubói levou a mala de Clay.

— O dr. French o espera no deque, lá atrás — ele disse, como se Clay tivesse estado ali muitas vezes.

O assunto era a Suíça quando Clay os encontrou — qual a isolada estação de esquí que eles preferiam. Aproximando-se ouviu a conversa por um tempo. Os outros quatro membros do Comitê de Orientação aos Queixosos estavam recostados nas cadeiras, de frente para as montanhas, fumando charutos negros e tomando drinques. Quando viram Clay, ainda sentados ficaram em posição de sentido, como se um juiz tivesse entrado no tribunal. Nos primeiros três minutos de conversa animada, ele foi chamado de "brilhante", "esperto", "corajoso", e seu favorito, "visionário".

— Tem de nos contar como descobriu o Dyloft — Carlos Hernandez disse.

— Ele não quer contar — French disse, preparando uma bebida esquisita para Clay.

— Ora, vamos — disse Wes Saulsberry, o mais novo amigo de Clay. Em poucos minutos, Clay ficou sabendo que Wes tinha ganho cerca de meio bilhão com o acordo do fumo, três anos atrás.

— Jurei silêncio — Clay disse.

O outro advogado de Nova Orleans era Damon Didier, um dos oradores numa das sessões a que Clay tinha comparecido no seu fim de semana com o Círculo dos Causídicos. Didier tinha traços duros e olhos de aço e Clay lembrou de ter pensado como aquele cara podia se comunicar com um júri. Didier, ele logo ficou sabendo, fizera muito dinheiro quando um barco fluvial cheio de garotos de uma fraternidade naufragou no lago Pontchartrain. Uma tragédia.

Precisavam de divisas e medalhas, como heróis de guerra.

— Esta aqui me deram por aquela explosão do navio petroleiro que matou vinte. Ganhei esta por aqueles homens que foram queimados na plataforma marítima. Esta grande aqui foi pela campanha do Skinny Ben. Esta pela guerra contra Big Tobacco. Esta pela batalha contra HMOs.

Como não tinha histórias de guerra, Clay só ouvia. Tarvan provocaria uma explosão de entusiasmo, mas ele jamais podia contar.

Um mordomo com camisa estilo Roy Rogers informou ao sr. French que o jantar seria servido dentro de uma hora. Eles desceram para uma sala de recreação com mesas de bilhar e grandes telas. Uma dezena de homens bebia e conversava, alguns com tacos de bilhar nas mãos.

— O resto da conspiração — Hernandez murmurou para Clay.

Patton o apresentou ao grupo. Os nomes, rostos e cidades natais logo se tornaram confusos. Seattle, Houston, Topeka, Boston e outros que ele não entendeu. E Effingham, Illinois. Todos prestaram homenagem àquele jovem e "brilhante" lutador que os deixara chocados com seu ousado assalto ao Dyloft.

— Eu vi o anúncio na primeira noite — disse Bernie alguma coisa, de Boston. — Nunca tinha ouvido falar em Dyloft. Então ligo para sua linha quente, um cara agradável atende. Digo que tomei o medicamento, sigo o programa, você sabe. Vou para o Web site. Era brilhante. Disse para mim mesmo: "Estou nessa armadilha." Três dias depois estou no ar com minha danada de linha quente Dyloft.

Todos riram, provavelmente porque suas histórias eram iguais. Clay nunca tinha pensado que outros advogados podiam ligar para sua linha quente e usar seu Web site para conseguir casos. Mas por que isso o surpreendeu?

Quando a admiração finalmente terminou, French disse que precisavam conversar sobre alguma coisa antes do jantar, que, a propósito, incluía uma fabulosa seleção de vinhos australianos. Clay já estava atordoado com o excelente charuto cubano e a primeira dose da bomba de vodca. Ele era o advogado mais jovem do grupo e se sentia como um principiante. Especialmente no que se referia à bebida. Estava na presença de profissionais.

O mais jovem advogado. O menor jato. Nenhuma história de guerra. Fígado mais fraco. Clay decidiu que estava na hora de crescer.

Eles se reuniram em volta de French, que vivia para momentos como aquele. Ele começou.

— Como sabem, passei muito tempo com Wicks, do departamento jurídico dos Laboratórios Ackerman. O resultado é que eles vão fazer acordo, rapidamente. Estão sendo atacados de todas as direções e querem que isso acabe o mais depressa possível. Suas ações baixaram tanto que temem perder o controle da companhia. Os abutres, incluindo nós, estão se preparando para o golpe de misericórdia. Se souberem quanto o Dyloft vai custar a eles, podem reestruturar algumas dívidas e talvez se aguentar. O que não querem é um litígio demorado em muitas frentes, com veredictos por toda a parte. Também não querem gastar dezenas de milhões na defesa.

— Pobres coitados — alguém disse.

— A Business Week mencionou falência — alguém disse. — Eles usaram essa ameaça?

— Ainda não. E não espero que usem. Ackerman tem muitos bens. Só agora terminamos a análise financeira final, faremos os cálculos de manhã, e nossos rapazes acham que a companhia tem de dois a três bilhões para o acordo do Dyloft.

— Quanta cobertura de seguro está em jogo?

— Só três milhões. A divisão de cosméticos está à venda há um ano. Querem um bilhão. O valor real é cerca de três quartos disso. Eles podem vender por meio bilhão e ficar com dinheiro suficiente para satisfazer nossos clientes.

Clay tinha notado que os clientes raramente eram mencionados.

Os abutres fecharam o círculo em volta de French que continuou: — Precisamos determinar duas coisas importantes. A primeira, quantos queixosos em potencial existem. Segunda, o valor de cada caso.

— Vamos fazer a soma — alguém do Texas disse, com sua fala arrastada. — Eu tenho mil.

— Eu tenho oitocentos — French disse. — Carlos?

— Dois mil — Hernandez disse, começando a tomar notas. — Wes?

— Novecentos.

O advogado de Topeka tinha seiscentos, o menor número. Dois mil era o mais alto até French deixar o melhor para o fim.

— Clay? — ele disse, e todos ouviram atentamente.

— Três mil e duzentos — Clay disse, conseguindo ficar impassível. Sua nova irmandade, entretanto, ficou encantada. Ou pelo menos parecia.

— E isso aí, garoto — alguém disse.

Clay suspeitava que, sob os sorrisos abertos e os "é isso aí, garoto", havia alguma inveja.

— Vinte e quatro mil — Carlos disse, fazendo a soma rapidamente.

— Podemos duplicar isso facilmente, chegando perto de cinquenta, o número que Ackerman calculou. Cinquenta mil por dois bilhões são quarenta mil dólares por caso. Nada mau para começar.

Clay fez um rápido cálculo de cabeça: quarenta mil dólares vezes seus três mil e duzentos casos daria algo superior a cento e vinte milhões. E a terça parte daquilo, bem, seu cérebro congelou e os joelhos bambearam.

— A companhia sabe quantos desses casos envolvem tumores malignos? — perguntou Bernie de Boston.

— Não, não sabe. Seu melhor palpite é cerca de um por cento.

— Isso significa quinhentos casos.

— Ao mínimo de um milhão de dólares cada um.

— Isso é outro meio bilhão.

- Um milhão de dólares é uma piada.
- Cinco milhões, um pequeno estalo, em Seattle.
- Estamos falando de ação de indenização.

Como era de esperar, cada advogado tinha uma opinião e as expressou ao mesmo tempo. Quando French restaurou a ordem, disse: — Senhores, vamos comer.

O JANTAR FOI UM FIASCO. A mesa era uma tábua de madeira polida tirada de uma grande e majestosa árvore de bordo que viveu durante séculos até ser necessitada pela rica América. Acomodava pelo menos quarenta pessoas. Os dezoito advogados foram sensatamente espalhados. Do contrário, alguém poderia se desentender.

Numa sala cheia de egos resplandecentes, onde cada um era o maior advogado criado por Deus, o falastrão mais irritante era Victor K. Brennan, um texano de Houston, com voz alta e estridente. No terceiro ou quarto vinho, mais ou menos no meio dos grossos e suculentos bifés, Brennan começou a se queixar das baixas expectativas para cada caso individual. Ele tinha um cliente de quarenta anos que tinha ganho muito dinheiro e agora estava com tumores malignos, graças ao Dyloft.

— Posso conseguir dez milhões do acordo e vinte milhões punitivos de qualquer júri, no Texas — ele se vangloriou.

A maioria dos outros concordou. Alguns até afirmaram que podiam ganhar mais dinheiro no seu território. French ficou firme, mantendo a teoria de que se alguns conseguissem milhões então as massas teriam muito pouco. Brennan não aceitou isso, mas foi incapaz de argumentar logicamente contra. Ele tinha uma vaga noção de que os Laboratórios Ackerman tinham muito mais dinheiro do que mostravam.

O grupo se dividiu nesse ponto, mas as linhas divisórias mudavam tão rapidamente e as lealdades eram tão temporárias que Clay tinha dificuldade para determinar de que lado cada um estava. French desafiou a opinião de Brennan de que os danos punitivos seriam fáceis de provar.

— Você tem os documentos, certo? — Brennan perguntou.

— Clay forneceu alguns documentos. Ackerman ainda não sabe. Seu pessoal não os viu. E talvez você não os veja se não ficar na coletiva.

As facas e os garfos ficaram imóveis quando os dezessete (menos Clay) começaram a gritar ao mesmo tempo. Os garçons saíram da sala. Clay quase podia vê-los na cozinha, inclinados sobre as mesas. Brennan queria brigar com alguém. Wes Saulsberry não recuava. A linguagem deteriorou. E no meio da desordem, Clay olhou para a cabeceira da mesa e viu Patton French cheirar um copo com vinho, tomar um pequeno gole, fechar os olhos e avaliar outro vinho.

A quantas daquelas brigas French tinha assistido? Provavelmente umas cem. Clay cortou um pedaço do bife.

Quando as coisas se acalmaram, Bernie, de Boston, contou uma piada sobre um padre católico e a sala explodiu em gargalhadas. A comida e o vinho foram degustados com prazer por cerca de cinco minutos até Albert, de Topeka, sugerir a estratégia de forçar os Laboratórios Ackerman à falência. Ele tinha feito isso duas vezes com resultados satisfatórios. Nas duas vezes as companhias visadas tinham usado as leis da falência para deixar de pagar os bancos e outros credores, desse modo sobrando mais dinheiro para Albert e seus mil clientes. Os que eram contra se manifestaram, Albert ficou ofendido e logo começou outra briga.

Eles brigavam por qualquer coisa — documentos outra vez, se deviam ou não exigir um julgamento, ignorando um acordo rápido, território, falsa propaganda, como conseguir outros casos, despesas, honorários. O estômago de Clay estava cheio de nós e ele não disse uma palavra. O resto parecia saborear imensamente a comida enquanto discutia dois ou três assuntos ao mesmo tempo.

Experiência, Clay pensou.

Depois do jantar mais longo da vida de Clay, French os levou para baixo, de volta à sala de bilhar onde os esperava o conhaque e mais charutos. Aqueles que tinham brigado e se ofendido durante três horas, agora bebiam e riam como irmãos de uma fraternidade. Na primeira oportunidade, Clay saiu discretamente da sala e, depois de muito esforço encontrou seu quarto.

O "BARRY E HARRY SHOW" estava marcado para as 10 horas da manhã de sábado, com tempo para todo mundo curar a ressaca e tomar um reforçado desjejum. French oferecia pescaria de truta e tiro ao prato, mas nenhum advogado se interessou.

Barry e Harry tinham uma firma em Nova York especializada em analisar as finanças das companhias alvos. Tinham fontes, contatos e espiões e a fama de tirar a pele e encontrar a verdade. French os trouxera de avião para a apresentação de uma hora.

— Isso nos custa duzentos mil — ele murmurou para Clay, com orgulho — e faremos os Laboratórios Ackerman nos reembolsar. Imagine só.

O show era um trabalho de equipe, Barry fazendo os gráficos, Harry com a ponteira, dois professores na cátedra. Os dois de frente para o pequeno teatro, um nível abaixo da sala de bilhar. Para variar, os advogados estavam em silêncio.

Os Laboratórios Ackerman tinham cobertura de seguro de pelo menos 500 milhões de dólares contra prejuízos e perdas em geral e outros 200 milhões de dólares de resseguro. A análise do fluxo de caixa era densa e precisou que Harry e Barry falassem ao mesmo tempo para completar. Números e porcentagens jorraram e logo afogaram todos na sala.

Falaram sobre o departamento de cosméticos de Ackerman que podia alcançar

600 milhões numa liquidação. Havia um departamento de plásticos, no México, que os Laboratórios queriam vender por 200 milhões. Levaram quinze minutos explicando a estrutura do débito da companhia.

Barry e Harry eram também advogados, desse modo entendidos em avaliar a possível reação de uma companhia ao desastre de uma ação de responsabilidade civil em massa contra algo como o Dyloft. Seria prudente para Ackerman fazer um acordo rapidamente, em estágios.

— Um acordo panqueca — Harry disse.

Clay tinha certeza de ser a única pessoa na sala que não tinha ideia do que era um acordo panqueca.

— O primeiro estágio seria dois bilhões para os queixosos do nível um — Harry continuou, misericordiosamente explicando os elementos desse plano.

— Achamos que eles podem fazer isso em noventa dias — Barry acrescentou.

— O segundo estágio seria meio bilhão para os queixosos do nível dois, com tumores malignos, mas que não morreram ainda.

— E o terceiro estágio seria deixado em aberto por cinco anos para cobrir os casos de morte.

— Achamos que Ackerman pode pagar cerca de 2,5 a três bilhões, durante o próximo ano, depois mais meio bilhão durante cinco anos.

— Qualquer coisa além disso e vocês podem estar considerando um capítulo onze.

— O que não é aconselhável para essa companhia. Muitos bancos têm muitas hipotecas prioritárias.

— E uma falência deteria seriamente o fluxo de dinheiro. Levaria de três a cinco anos para se conseguir um acordo decente.

É claro, os advogados queriam conversar sobre o assunto por algum tempo. Vincent, de Pittsburgh, estava determinadamente resolvido a impressionar os outros com seus conhecimentos de finanças, mas Harry e Barry logo o puseram no seu lugar. Depois de uma hora, eles saíram para pescar.

French tomou o lugar deles na frente da sala. Todos os argumentos estavam completos. As brigas tinham cessado. Era hora de concordar com um plano.

O primeiro passo era juntar os outros casos. Cada um por si. Nenhuma barreira. Uma vez que tinham metade do total, havia ainda muitos queixosos Dyloft lá fora. Vamos encontrá-los. Procurem os pequenos advogados só com vinte ou trinta casos, tragam para o rebanho. Façam o que for preciso para conseguir os casos.

O segundo passo será uma conferência com os Laboratórios Ackerman sobre os acordos, dentro de sessenta dias. O Comitê de Orientação dos Queixosos marcará a data e enviará avisos.

O terceiro passo será um esforço geral para manter todos na ação coletiva. A

força está nos números. Os que preferirem sair da coletiva e quiserem um julgamento particular não terão acesso aos documentos letais. Era simples como isso. Dureza, mas era ação judicial.

Cada advogado na sala se opunha a uma parte do plano, mas a aliança não foi desfeita. Dyloft aparentemente seria o acordo mais rápido na história dos casos de ações indenizatórias em massa e os advogados farejavam o dinheiro.

A REORGANIZAÇÃO SEGUINTE da jovem firma ocorreu com o mesmo caos da primeira e pelas mesmas razões — muitos clientes novos, muita papelada nova, falta de pessoal, uma cadeia de comando pouco clara e um estilo de administração incerto porque ninguém lá de cima jamais tinha administrado, com exceção talvez da srta. Glick. Três dias depois de Clay voltar de Ketchum, Paulette e Jonah o procuraram no seu escritório com uma longa lista de problemas urgentes. O motim estava no ar. Os nervos estavam desgastados e a fadiga piorava o que já não era bom.

Segundo a melhor estimativa, a firma tinha agora 3.320 casos Dyloft e uma vez que esses casos eram novos em folha, todos precisavam de atenção imediata. Sem contar Paulette, que assumia com relutância o papel de superintendente do escritório e sem contar Jonah, que passava dez horas por dia num sistema de computadores para acompanhar os casos, e é claro, sem contar Clay, porque ele era o patrão e tinha de dar entrevistas e viajar para Idaho, a firma tinha contratado dois advogados e agora tinha dez paralegais, nenhum com mais de três meses de experiência, exceto Rodney.

— Não distingo quem é bom e quem não é — Paulette disse. É cedo demais.

Ela estimava que cada paralegal podia se encarregar de cem a duzentos casos.

— Esses clientes estão assustados — ela disse. — Estão assustados porque têm os tumores. Estão assustados porque o Dyloft está em todos os jornais. Que diabo, estão assustados porque nós os deixamos mortos de medo.

— Querem que alguém fale com eles — Jonah disse. — E querem um advogado no outro lado da linha, não um paralegal nervoso numa linha conjunta. Tenho a impressão de que logo estaremos perdendo clientes.

— Não vamos perder clientes — Clay disse, pensando em todos aqueles agradáveis tubarões que acabava de conhecer em Idaho e em como eles ficariam felizes se pudessem pegar seus clientes insatisfeitos.

— Estamos nos afogando na papelada — Paulette disse, pegando o bastão da corrida da mão de Rodney e ignorando Clay. Cada exame preliminar tem de ser analisado, depois verificado com um acompanhamento. Neste momento, calculamos que temos cerca de quatrocentas pessoas que precisam de novo exame. Podem ser casos graves, podem estar morrendo, Clay. Mas alguém precisa coordenar com os médicos os cuidados recebidos. Isso não está sendo feito, certo Clay?

— Estou ouvindo — ele disse. — De quantos advogados precisamos?

Paulette lançou um olhar cansado para Jonah: — Dez? — ela disse.

— No mínimo dez — Jonah disse. — Dez por enquanto, imediatamente, e

talvez mais depois.

— Estamos aumentando os anúncios — Clay disse.

Uma pausa longa e cansada enquanto Jonah e Paulette absorviam a informação. Clay os tinha informado sobre os pontos principais de Ketchum, mas não os detalhes. Garantiu a eles que cada caso que conseguiam logo estaria dando grande lucro, mas não falou nada sobre as estratégias dos acordos. Línguas soltas, ações judiciais soltas, French o tinha avisado e com um pessoal inexperiente era melhor que não soubessem.

Uma firma de advocacia na mesma rua acabava de despedir trinta e cinco contratados. A economia estava fraca, os casos diminuindo, uma fusão com outra firma estava em andamento; fosse qual fosse o motivo real, a história era notícia na capital porque o mercado de trabalho continuava à prova de bala. Suspensões temporárias. Na profissão do direito? Na capital?

Paulette sugeriu que contratassem alguns daqueles advogados despedidos — oferecendo contrato de um ano, sem promessas de nenhuma promoção ou aumento. Clay se ofereceu para dar os telefonemas na manhã seguinte. Ele também se encarregaria de alugar espaço para escritório, e dos móveis.

Jonah teve a ideia bastante original de contratar um médico por um ano, alguém para coordenar os exames e a evidência médica.

— Podemos procurar um recém-formado por cem mil por ano — ele disse. — Ele não terá muita experiência, mas quem se importa? Não vai fazer cirurgia, apenas cuidar da papelada.

— Faça isso — Clay disse.

O item seguinte da lista de Jonah era a questão do Web site. Os anúncios o tinham tornado muito popular, mas eles precisavam de pessoal em tempo integral para as respostas. Além disso precisava ser atualizado quase semanalmente com o desenvolvimento da ação coletiva e as últimas más notícias sobre o Dyloft.

— Todos esses clientes estão desesperados por informação, Clay — ele disse.

Para aqueles que não usavam a Internet, e Paulette calculava que pelo menos a metade dos clientes estava nesse grupo, um boletim informativo era crucial.

— Precisamos de uma pessoa em tempo integral para editar e enviar o boletim — ela disse.

— Você pode achar alguém?

— Suponho que sim.

— Pois então faça.

Ela olhou para Jonah, como se tudo que precisava ser dito devesse vir dele. Jonah jogou um bloco de notas na mesa e estalou as juntas dos dedos.

— Clay, estamos gastando muito dinheiro aqui — ele disse. Tem certeza de que sabe o que está fazendo?

— Não, mas acho que sim. Apenas confie em mim, está bem? Estamos prestes a ganhar muito dinheiro. Para isso, porém, temos de gastar algum.

— E você tem esse algum? — Paulette perguntou.

— Tenho.

PACE QUERIA TOMAR UM ÚLTIMO drinque num bar em Georgetown. Podiam ir a pé da casa de Clay. Ele ora estava na cidade, ora não estava, continuava muito vago como sempre sobre onde e qual o incêndio estava apagando. Tinha clareado seu guarda-roupa e agora usava marrom — sapatos marrons de bico fino, botas de pele de cobra, paletó marrom de seda. Parte do seu disfarce, Clay pensou. Na metade da primeira cerveja, Pace começou a falar no Dyloft, e ficou evidente que fosse qual fosse seu projeto atual ainda tinha algo a ver com os Laboratórios Ackerman.

Clay, com o entusiasmo do advogado novato, descreveu sua viagem ao rancho de French, a gangue de ladrões que tinha conhecido lá, o tumultuado jantar de três horas onde todos estavam embriagados e brigando ao mesmo tempo e o "Show de Barry e Harry". Não hesitou em contar os detalhes para Pace porque Pace sabia mais do que ninguém.

— Já ouvi falar de Barry e Harry — Pace disse, como se fossem personagens do submundo.

— Eles parecem conhecer o assunto e por duzentos mil devem conhecer.

Clay falou de Carlos Hernandez, de Wes Saulsberry e de Damon Didier, seu novo companheiro no Comitê de Orientação dos Queixosos. Disse que tinha ouvido falar de todos eles.

Na segunda cerveja Pace perguntou:

— Você vendeu Ackerman em aberto, certo? — Olhou em volta, mas ninguém estava ouvindo. Era um bar universitário e tinha pouca gente.

— Cem mil ações a quarenta e dois e cinquenta — Clay disse, com orgulho.

— Ackerman hoje fechou a vinte e três.

— Eu sei. Faço as contas todos os dias.

— Está na hora de cobrir o aberto e comprar de volta. Amanhã, o mais cedo possível.

— Alguma coisa vai acontecer?

— Sim e enquanto está com a mão na massa, compre todas que puder a vinte e três, depois espere a corrida.

— Para onde vai a corrida?

— Para o dobro.

Seis horas depois, Clay estava no escritório antes do nascer do sol, tentando se preparar para outro dia frenético. E também ansioso para que a bolsa abrisse. Sua

lista de coisas para fazer tinha duas páginas, quase tudo relacionado com a enorme tarefa de empregar imediatamente dez novos advogados e encontrar espaço para acomodar alguns deles. Parecia impossível, mas não tinha escolha. Telefonou para um corretor de imóveis às sete e meia e o tirou do chuveiro. Às oito e meia teve uma entrevista de dez minutos com um advogado recentemente demitido chamado Oscar Mulrooney. O pobre homem fora um dos melhores alunos em Yale, depois recrutado para uma grande firma, e então perdeu o emprego quando uma megafirma implodiu. Estava também casado há dois meses e desesperado por um trabalho. Clay o empregou imediatamente por 75 mil dólares por ano. Mulrooney tinha quatro amigos, também de Yale, também à procura de emprego. Vá buscá-los.

Às 10 horas da manhã, Clay telefonou para seu corretor e cobriu a venda a descoberto das ações Ackerman, com um lucro de 1,9 milhão de dólares e alguns trocados. No mesmo telefonema, ele retirou todo o lucro e comprou mais cem mil ações a 23 dólares, usando sua margem e algum crédito em conta. On-line ele acompanhou o movimento da bolsa toda a manhã. Nada mudou.

Oscar Mulrooney voltou ao meio-dia com os amigos, todos ávidos como escoteiros. Clay empregou os outros e os encarregou da tarefa de alugar os móveis, ligar os telefones, fazer tudo que fosse preciso para começar as novas carreiras como advogados especializados em ações indenizatórias em massa. Oscar ficou com a incumbência de contratar mais cinco advogados que teriam de procurar o espaço para seu escritório *etc.*

A Divisão Yale estava formada.

As 17 HORAS, HORA do Leste, Philo Products anunciou que compraria as ações dos Laboratórios Ackerman por 50 dólares cada uma, uma união de empresas no valor de 14 bilhões. Clay assistiu ao drama na tela grande da sala de reuniões, sozinho, porque todos os outros estavam atendendo aos benditos telefonemas. Os canais permanentes de movimento de dinheiro se alvoroçaram com a notícia. A CNN mandou repórteres para White Plains, Nova York, para a sede dos Laboratórios Ackerman, onde ficaram na frente dos portões, como se a companhia sitiada fosse sair e chorar na frente das câmeras.

Uma fila interminável de peritos e analistas de mercado dava as opiniões mais desencontradas. O Dyloft foi mencionado logo no princípio e depois constantemente. Embora os Laboratórios Ackerman tivessem sido mal administrados durante anos, não havia dúvida de que o Dyloft conseguira jogá-los no abismo.

Philo seria o fabricante do Tarvan? O cliente de Pace? Clay teria sido manipulado para provocar a tomada do controle da empresa por 14 bilhões de dólares? E o que o preocupava mais, o que tudo isso significava para o futuro dos Laboratórios Ackerman e do Dyloft? Sem dúvida era emocionante calcular seus

novos lucros com as ações Ackerman, porém tinha de se perguntar se significava o fim do sonho Dyloft?

Mas a verdade era que não tinha meios de saber. Ele era um pequeno jogador num grande negócio entre duas empresas enormes. Os Laboratórios Ackerman tinham bens, Clay garantiu a si mesmo. E a empresa tinha fabricado um produto muito prejudicial que causou danos a muita gente. A justiça prevaleceria.

Patton French telefonou do avião, sobre algum lugar entre a Flórida e o Texas e pediu a Clay para ficar onde estava por uma hora, mais ou menos. O Comitê de Orientação aos Queixosos precisava de uma reunião de emergência. Sua secretária estava organizando.

French voltou a telefonar depois de uma hora, já pousado em Beaumont onde, no dia seguinte, ia se encontrar com advogados que tinham alguns casos de um medicamento contra o colesterol e queriam sua ajuda, casos com toneladas de dinheiro, mas ele não conseguia encontrar o resto do comitê orientador. Já tinha falado com Barry e Harry em Nova York e eles não estavam preocupados com a tomada do controle dos Laboratórios Ackerman pela Philo.

— Ackerman tem vinte milhões de ações, agora valendo pelo menos cinquenta dólares cada uma, mas talvez mais, antes da poeira assentar. A empresa acabava de captar mais de seiscentos milhões, só de equidade. Além disso, o governo tem de aprovar a fusão e tipicamente vai querer a ação judicial fora do caminho, antes de dizer sim. Philo também é uma empresa famosa por evitar os tribunais. Eles fazem o acordo rápida e silenciosamente.

Está parecendo Tarvan, Clay pensou.

— De um modo geral é uma boa notícia — French disse, com um fax zunindo no fundo. Clay podia vê-lo andando de um lado para o outro no Gulfstream na rampa do Beaumont. — Eu o mantenho informado. — E ele desligou.

REX CRITTLE QUERIA ESBRAVEJAR, ser tranquilizado, fazer sermão, ensinar, mas seu cliente sentado do outro lado da mesa parecia completamente desinteressado dos números.

— Sua firma tem seis meses de vida — Crittle disse, olhando por cima dos óculos de leitura com uma pilha de relatórios na frente dele. A evidência! Crittle tinha prova de que a firma da moda dos escritórios de advocacia de J. Clay Carter II estava de fato sendo dirigida por idiotas.

— Sua despesa fixa começou com um impressionante setenta e cinco mil por mês. Três advogados, um assistente, uma secretária, aluguel alto, belo escritório. Agora é de meio milhão de dólares por mês, e aumentando a cada dia.

— Você tem de gastar para ganhar. — Clay disse, tomando café e sentindo prazer com o desconforto do contador. Era sinal de que Crittle era um born contador, um homem que perdia mais sono pensando nas despesas do que o cliente.

— Mas você não está ganhando isso — Crittle disse cautelosamente. — Nenhuma renda nos últimos três meses.

— Foi um born ano.

— Oh, sim. Quinze milhões em honorários faz um ótimo ano. O problema é que está evaporando. Você gastou catorze mil dólares no mês passado em aluguel de jatos.

— Por falar nisso, estou pensando em comprar um. Quero que você faça os cálculos.

— Estou calculando agora mesmo. Você não pode justificar um jato.

— Não se trata disso. Trata-se de saber se eu posso ou não pagar.

— Não, você não pode pagar um jato.

— Espere um pouco, Rex. O socorro está vindo.

— Suponho que está falando dos casos Dyloft? Quatro milhões de dólares para anúncios. Três mil por mês para um Web site Dyloft. Agora três mil por mês para o boletim Dyloft. Todos aqueles assistentes em Manassas. Todos aqueles novos advogados.

— Eu acho que a. pergunta deve ser, devo fazer um leasing por cinco anos ou comprar direto?

— O quê?

— O Gulfstream.

— O que é um Gulfstream?

— O mais belo jato particular do mundo.

— O que você vai fazer com um Gulfstream?

— Voar.
— Por que exatamente acha que precisa de um?
— É o preferido de todos os grandes advogados especializados em ações coletivas.

— Oh, isso faz sentido.
— Eu achei que você concordaria.
— Alguma ideia de quanto pode custar?
— Quarenta, quarenta e cinco milhões.
— Detesto dar a notícia, Clay, mas você não tem quarenta milhões.
— Tem razão. Acho que vou só arrendar um.

Crittle tirou os óculos de leitura e massageou o nariz longo e fino, como se uma severa dor de cabeça estivesse começando ali.

— Escute, Clay, sou apenas seu contador. Mas não tenho certeza se alguém mais está aconselhando você a ir mais devagar. Vá com calma, amigo. Você ganhou uma fortuna, aproveite. Não precisa de uma firma grande com tantos advogados. Não precisa de jatos. O que vem depois? Um iate?

— Isso mesmo.
— Fala sério?
— Sim.
— Pensei que você detestasse barcos.
— Eu detesto. É para o meu pai. Posso barateá-lo?
— Não.
— Aposto que posso.
— Como?
— Eu o alugo quando não estiver usando.

Quando Crittle terminou de massagear o nariz, pôs os óculos e disse: — O dinheiro é seu, amigo.

ELES SE ENCONTRARAM na cidade de Nova York, em território neutro, no sombrio salão de baile de um velho hotel perto do Central Park, o último lugar onde qualquer pessoa esperaria que fosse realizada uma reunião tão importante. De um lado da mesa estava o Comitê Orientador dos Queixosos Dyloft, cinco homens, incluindo o jovem Clay que se sentia deslocado, e atrás deles vários assistentes, associados e office-boys, empregados do dr. Patton French. No outro lado da mesa estava a equipe Ackerman, liderada por Cal Wicks, um distinto veterano, flanqueado por um número igual de auxiliares.

Uma semana antes o governo tinha aprovado a fusão com Philo Products, a 53 dólares a ação, o que para Clay significava outro lucro, cerca de seis milhões. Ele depositou metade fora do país, para nunca ser tocado. Assim a veneranda empresa

fundada há um século pelos irmãos Ackerman estava para ser absorvida pela Philo, uma empresa com apenas metade da sua renda anual, mas muito menos dívidas e uma administração muito mais brilhante.

Quando Clay se sentou, espalhou suas pastas na mesa, tentando se convencer de que, sim, que diabo, ele pertencia àquele grupo, notou alguns olhares severos no outro lado da mesa. Finalmente, o pessoal dos Laboratórios Ackerman estava vendo em pessoa o jovem arrivista da capital que tinha começado seu pesadelo Dyloft.

Patton French podia ter um grande grupo de apoio, mas não precisava. Ele se encarregou da primeira sessão e logo todos ficaram de boca fechada, com exceção de Wicks, que falava só quando era necessário. Passaram a manhã enumerando os casos Dyloft. A coletiva Biloxi tinha 36.700 queixosos. Um grupo de advogados renegados, da Geórgia, tinha 5.200 e ameaçava terminar a corrida com outra ação coletiva. French tinha certeza de que podia dissuadi-los. Outros advogados tinham se desligado da coletiva e planejavam julgamentos separados, mas French também não se preocupava com eles. Não tinham os documentos cruciais, e jamais os teriam.

Os números jorravam e logo Clay ficou entediado com tudo aquilo. O único número que importava para ele era 5.380, sua parte do Dyloft. Continuava com mais do que qualquer advogado sozinho, mas French havia diminuído brilhantemente a distância entre os dois com mais de 5 mil.

Depois de três horas de estatísticas, concordaram em uma hora para almoço. O Comitê dos Queixosos subiu para uma suíte, onde comeram sanduíches e tomaram só água. French imediatamente pegou o telefone, falando e gritando ao mesmo tempo. Wes Saulsberry queria um pouco de ar fresco e convidou Clay para uma volta rápida no quarteirão. Andaram pela Quinta Avenida, no outro lado do parque. Estavam em meados de novembro, o ar frio e claro, as folhas levadas pelo vento na rua. Um belo tempo para estar na cidade.

— Eu adoro vir para cá e adoro ir embora — Saulsberry disse. No momento, são oito e cinco em Nova Orleans, a umidade ainda em noventa por cento.

Clay apenas ouvia. Estava muito preocupado com a excitação do momento, o acordo que estava para sair dentro de poucas horas, os enormes honorários, a completa liberdade de ser jovem, solteiro e tão rico.

— Quantos anos você tem, Clay? — Wes perguntou.

— Trinta e um.

— Quando eu tinha trinta e três, meu sócio e eu fizemos o acordo da explosão de um navio petroleiro por uma tonelada de dinheiro. Um caso horrível, doze homens queimados. Dividimos igualmente vinte e oito milhões de honorários. Meu sócio pegou seus catorze milhões e se aposentou. Eu investi em mim mesmo. Comprei uma firma de advocacia cheia de dedicados advogados criminais, pessoas realmente

talentosas que gostavam do que faziam. Construí um prédio no centro da cidade de Nova Orleans e continuei contratando as melhores pessoas que podia encontrar. Agora somos mais de noventa advogados e nos últimos dez anos ganhamos oitocentos milhões em honorários. Meu antigo sócio? Um caso triste. Você não se aposenta com trinta e três anos, não é normal. A maior parte do dinheiro desapareceu. Três casamentos errados. Problemas de jogo. Eu o empreguei dois anos atrás como assistente, com um salário de sessenta mil por ano e ele não vale isso.

— Não penso em me aposentar — Clay mentiu.

— Não se aposente. Você está para ganhar uma tonelada de dinheiro e merece. Aproveite. Compre um avião, compre um belo barco, um condomínio na praia, um lugar em Aspen, todos os brinquedos. Mas traga dinheiro verdadeiro para sua firma. Ouça o conselho de um cara que esteve lá.

— Obrigado, eu acho.

Entraram na Setenta e Três e seguiram para o leste. Saulsberry não tinha terminado.

— Você sabe alguma coisa dos casos da tinta com chumbo?

— Não realmente.

— Não são tão famosos quanto os casos de medicamentos, mas um bocado lucrativos. Lancei a moda há uns dez anos. Nossos clientes são escolas, igrejas, hospitais, prédios comerciais, todos com camadas de tinta com chumbo nas paredes. Uma coisa muito perigosa. Processamos os fabricantes da tinta, fizemos acordos com alguns. Uns dois bilhões até agora. Durante a descoberta contra uma empresa descobri outra bela fraude em massa que talvez o interesse. Não posso tratar do caso por causa de alguns conflitos.

— Estou ouvindo.

— A empresa é em Reedsburg, Pensilvânia, e fabrica a argamassa usada por pedreiros nas construções de novas casas. Coisa de técnica muito inferior, mas uma mina de ouro em potencial. Parece que eles estão tendo problemas com a argamassa. Uma remessa ruim. Depois de uns três anos, começa a esfarelar. Quando a argamassa se quebra, os tijolos começam a cair. Os casos estão todos na área de Baltimore, provavelmente umas mil casas. E apenas começam a ser notados.

— Qual o valor das indenizações?

— Custa aproximadamente quinze mil para consertar cada casa.

Quinze mil vezes duas mil casas. Um contrato de um terço e os honorários dos advogados saem por dez milhões; Clay estava ficando rápido nos cálculos.

— A prova será fácil — Saulsberry disse. — A empresa sabe que está exposta. Um acordo não deve ser problema.

— Eu gostaria de dar uma olhada.

— Mando o dossiê para você, mas tem de proteger minha confidência.
— Você fica com uma parte?
— Não. É meu pagamento pelo Dyloft. E é claro, se você tiver oportunidade de retribuir o favor algum dia, então ficarei muito agradecido. É assim que alguns de nós trabalhamos, Clay. A irmandade dos advogados especializados em ação indenizatória coletiva está cheia de cortadores de gargantas e egomaniacos, mas alguns de nós tentam cuidar uns dos outros.

NO FIM DA TARDE, os Laboratórios Ackerman concordaram com um mínimo de 62 mil dólares para cada um do Grupo dos Queixosos Dyloft, aqueles com tumores benignos que podiam ser removidos com uma cirurgia relativamente fácil, que também seria paga pela empresa. Aproximadamente quarenta mil queixosos pertenciam a essa classe e o dinheiro estaria disponível imediatamente. Grande parte da discussão que se seguiu envolvia o método a ser usado na qualificação para o acordo. Uma briga feroz explodiu quando o assunto dos honorários dos advogados foi posto em pauta. Como muitos dos outros advogados, Clay tinha um contrato de contingência que dava a ele um terço de qualquer quantia recuperada, mas em acordos como aquele essa porcentagem era normalmente reduzida. Uma fórmula muito complicada foi usada e discutida, com French extremamente agressivo. Afinal era seu dinheiro. Ackerman finalmente concordou com 28 por cento para os honorários do Grupo Um.

O Grupo Dois de queixosos consistia nos que tinham tumores malignos e como o tratamento levaria meses ou anos, o acordo ficaria em aberto. Não foi determinada nenhuma quantia para esses danos, evidência de que Philo Products garantia à Ackerman algum dinheiro extra. Os advogados receberiam 25 por cento no Grupo Dois, mas Clay não entendia por que French estava fazendo cálculos com tanta pressa.

Os queixosos do Grupo Três eram os do Grupo Dois que morriam por causa do Dyloft. Uma vez que até então ninguém tinha morrido, essa classe foi deixada em aberto. Os honorários foram calculados em 22 por cento.

A reunião terminou às sete horas, com o plano de continuar no dia seguinte para acertar os detalhes para os Grupos Dois e Três. Quando desciam no elevador, French entregou a Clay um impresso de computador.

— Não foi um mau dia de trabalho — ele disse com um sorriso. Era um sumário dos casos de Clay e dos honorários antecipados, incluindo mais sete por cento por seu desempenho no Comitê de Orientação dos Queixosos.

Seus honorários previstos, só do Grupo Um, eram de 106 milhões.

— Quando finalmente ele ficou sozinho foi para a janela do seu quarto e viu a noite cair sobre o Central Park. Evidentemente o Tarvan não o tinha preparado para

o choque da riqueza instantânea. Clay ficou muito tempo na janela, atordoado, sem fala, gelado, enquanto pensamentos desencontrados entravam e saíam rapidamente da sua cabeça severamente sobrecarregada. Tomou duas garrafinhas de uísque do minibar, sem nenhum efeito.

Ainda na janela, telefonou para Paulette, que atendeu na metade do primeiro toque.

— Fale comigo — ela disse, quando reconheceu a voz dele.

— Fim do primeiro round — Clay disse.

— Não venha com rodeios!

— Você acaba de ganhar dez milhões de dólares — ele disse, as palavras saindo da sua boca, mas com uma voz que pertencia a outra pessoa.

— Não minta para mim, Clay — foi só o que ela disse.

— E verdade. Não estou mentindo.

Fez-se uma pausa e ela começou a chorar. Clay recuou, sentou na beirada da cama e por um momento teve vontade de chorar também.

— Ó, meu Deus — ela conseguiu dizer duas vezes.

— Ligo outra vez daqui a poucos minutos — Clay disse.

Jonah ainda estava no escritório. Ele começou a gritar ao telefone, depois o largou e foi buscar Rodney. Clay os ouviu falando. Uma porta bateu. Rodney pegou o telefone e disse: — Estou ouvindo.

— Sua parte é de dez milhões — Clay disse, pela terceira vez, bancando Papai Noel como nunca mais bancaria na vida.

— Misericórdia, misericórdia, misericórdia — Rodney dizia. Jonah gritava alguma coisa atrás dele.

— Difícil de acreditar — Clay disse. Por um momento ele viu Rodney sentado à sua velha mesa no GDP, pastas e papéis por toda parte, fotos da mulher e dos filhos pregadas na parede, um bom homem trabalhando duro e ganhando pouco.

O que ele ia dizer para a mulher quando telefonasse dentro de alguns minutos?

Jonah pegou uma extensão e eles conversaram por algum tempo sobre a conferência do acordo — quem estava lá, onde foi, como foi. Não queriam parar, mas Clay disse que tinha prometido ligar outra vez para Paulette.

Quando ele acabou de dar a notícia, sentou na beirada da cama por um longo tempo, triste por não ter mais ninguém para telefonar. Podia ver Rebecca e ouvir sua voz, senti-la e tocá-la. Podiam comprar uma casa na Toscana ou em Maui, ou onde ela quisesse. Podiam viver felizes com uma dezena de filhos e sem os sogros, com babás e empregados e cozinheiros e talvez até um mordomo. Ele a mandaria para casa duas vezes ao ano por jato, para que ela pudesse brigar com os pais.

Ou talvez os Van Horns não fossem tão horrorosos com mais ou menos cem milhões na família, longe do seu alcance, mas suficientemente perto para se

vangloriar.

Com os músculos tensos, Clay digitou o número. Era quarta-feira, uma noite calma no clube de campo. Sem dúvida ela estava no seu apartamento. Depois de três toques, ela disse "Alô" e ao som da sua voz Clay sentiu seu corpo amolecer.

— Oi, é Clay — ele disse, tentando parecer casual. Nem uma palavra em seis meses, mas o gelo foi imediatamente quebrado.

— Olá, estranho — ela disse. Cordial.

— Como vai você?

— Muito bem, ocupada como sempre. Você?

— A mesma coisa. Estou em Nova York, tratando de alguns casos.

— Ouvi dizer que as coisas vão bem para você. Era dizer pouco.

— Nada mal. Não posso me queixar. Como vai seu emprego?

— Ainda tenho seis dias.

— Vai sair?

— Vou. Vai haver um casamento, você sabe.

— Foi o que ouvi. Quando?

— Vinte de dezembro.

— Não recebi convite.

— Bem, eu não mandei. Não achei que ia querer vir.

— Provavelmente não. Tem certeza de que quer casar?

— Vamos falar de outra coisa.

— Na verdade, não há outra coisa.

— Está saindo com alguém?

— As mulheres me perseguem por toda a cidade. Onde você conheceu esse cara?

— E você comprou uma casa em Georgetown?

— Isso já faz tempo. — Mas ficou satisfeito vendo que ela sabia. Talvez ela estivesse curiosa sobre seu novo sucesso. — Esse cara é um verme — ele disse.

— Ora, Clay. Vamos manter a coisa calma.

— Ele é um verme e você sabe disso, Rebecca.

— Vou desligar agora.

— Não case com ele, Rebecca. Dizem por aí que ele é gay.

— Ele é um verme. Ele é gay. O que mais? Descarregue tudo, Clay, assim se sentirá melhor.

— Não faça isso, Rebecca. Seus pais vão devorá-lo vivo. Além disso, seus filhos serão parecidos com ele. Um bando de pequenos vermes.

A linha estava vazia.

Clay deitou na cama e olhou para o teto, ainda ouvindo a voz de Rebecca e de repente compreendeu, atônito, o quanto sentia falta dela. Assustou-se quando o

telefone tocou. Era Patton French, no saguão, com uma limusine esperando. Jantar e vinho nas três horas seguintes. Alguém tinha de fazer aquilo.

TODOS OS PARTICIPANTES JURARAM guardar segredo. Documentos grossos foram assinados pelos advogados, prometendo completo sigilo a respeito das negociações e acordos Dyloft. Antes de deixarem Nova York, Patton French disse ao seu grupo: "Estará nos jornais dentro de quarenta e oito horas. Philo vai dar a informação e suas ações subirão."

Na manhã seguinte, o The Wall Street Journal publicou a reportagem, é claro, pondo toda a culpa nos advogados.

ADVOGADOS DE RESPONSABILIDADE CIVIL FORÇAM RÁPIDO ACORDO DYLOFT, dizia a manchete. Fontes não identificadas tinham muito a dizer. Os detalhes eram precisos. Um fundo de 2,5 bilhões será instituído para o primeiro round de acordos, com outro potencial de 1,5 bilhão como reserva para casos mais sérios.

As ações de Philo Products abriram em 82 dólares e logo saltaram para 85. Um analista disse que os investidores ficaram aliviados com a notícia do acordo. A empresa poderia controlar os custos da ação judicial. Nada de longos processos. Nada de ameaça de veredictos absurdos. Os advogados de tribunal foram contidos neste caso e fontes não identificadas na Philo cantavam vitórias. Clay acompanhou o noticiário na televisão do seu escritório.

Também se encarregou dos repórteres. Às onze horas, chegou um de The Journal com um fotógrafo. Durante as preliminares, Clay viu que ele sabia tanto sobre os acordos quanto o próprio Clay.

— Essas coisas nunca ficam em segredo — ele disse. — Sabemos em qual hotel vocês se esconderam.

Com o gravador desligado, Clay respondeu a todas as perguntas. Então quando estava sendo gravado, ele não fez nenhum comentário sobre o acordo. Ofereceu algumas informações sobre si mesmo, sua rápida subida das profundezas do GDP a zilionário da responsabilidade civil em poucos meses e a firma que estava formando *etc.* Ele podia ver a história se formando e seria espetacular.

Na manhã seguinte ele leu a reportagem on-line, antes do sol nascer. Lá estava seu rosto em um daqueles famosos desenhos horríveis do The Journal e bem em cima a manchete: O REI DAS FRAUDES, DE 40 MIL DÓLARES A 100 MILHÕES EM SEIS MESES.

E o subtítulo: "Você tem de adorar a lei!"

Era uma reportagem longa e toda sobre Clay. A história da sua vida, crescendo na capital, seu pai, a Faculdade de Direito Georgetown, citações generosas de Glenda e Jermaine sobre seu trabalho no GDP, o comentário de um professor há

muito esquecido, um breve resumo do caso Dyloft. A melhor parte era uma longa conversa com Patton French, na qual o "famoso advogado especializado em causas indenizatórias coletivas" descrevia Clay como nosso "brilhante e jovem astro" e "destemido" e "uma nova e importante força a ser considerada". "As grandes empresas da América deviam tremer ao ouvir seu nome", continuava o elogio bombástico. E finalmente: "Sem dúvida, Clay é o mais novo Rei da Fraude."

Ele leu duas vezes, depois enviou por e-mail para Rebecca com uma nota em cima e embaixo: "Rebecca, Por Favor Espere, Clay." Mandou para o apartamento e para o escritório dela e aproveitando o texto, retirou a mensagem pessoal e enviou por fax para os escritórios do grupo BVH. Faltava um mês para o casamento.

Quando finalmente Clay chegou ao escritório, a srta. Glick entregou a ele uma pilha de mensagens — cerca de metade, dos amigos da faculdade que, brincando, pediam empréstimos, e metade de jornalistas de todos os tipos. O escritório estava mais caótico que de hábito. Paulette, Jonah e Rodney ainda flutuavam, completamente desligados. Todos os clientes queriam o dinheiro naquele dia.

Felizmente, foi a Divisão Yale, orientada pelo brilhantismo emergente do dr. Oscar Mulrooney que se encarregou da tarefa e fez um plano para sobreviver até que o acordo tivesse sido feito. Clay passou Mulrooney para um escritório no fim do corredor, dobrou seu salário e o deixou encarregado do caos. Clay precisava de um descanso.

PORQUE O PASSAPORTE DE JARRETT Carter fora discretamente confiscado pelo Departamento de Justiça dos Estados Unidos, seus movimentos eram de certo modo limitados. Ele nem sabia ao certo se podia voltar ao país, pois durante aqueles seis anos nunca tinha tentado. O "arranjo" que o fez sair da cidade sem uma acusação formal era um tanto vago. "Acho melhor ficar nas Bahamas", ele disse para Clay, ao telefone.

Saíram de Ábaco num Cessna Citation V, outro brinquedo da frota que Clay tinha descoberto. Dirigiam-se para Nassau, a trinta minutos de viagem. Jarrett esperou o avião levantar voo para dizer: — Muito bem, comece a falar.

Já estava bebendo cerveja, com um velho short, sandálias e um velho boné de pescador, a imagem perfeita do expatriado banido para as ilhas e levando vida de pirata.

Clay abriu uma cerveja, começou com o Tarvan e acabou com o Dyloft. Jarrett tinha ouvido rumores do sucesso do filho, mas nunca lia jornais e tentava do melhor modo possível ignorar as notícias de casa. Outra cerveja enquanto tentava digerir a ideia de ter cinco mil clientes de uma vez.

Os 100 milhões de dólares o fizeram fechar os olhos, empalidecer, ou pelo menos parecer um pouco menos bronzeado de sol e desenharam uma onda de rugas

grossas na testa curtida de sol. Ele balançou a cabeça, tomou alguns goles de cerveja e começou a rir.

Clay pressionou, resolvido a terminar antes do avião pousar.

— O que você está fazendo com o dinheiro? — Jarrett perguntou, ainda em choque.

— Gastando feito louco.

Fora do aeroporto de Nassau encontraram um táxi, um Cadillac 1974, amarelo, com o taxista fumando maconha. Ele os levou em segurança ao Sunset Hotel and Casino, em Paradise Island, de frente para o porto de Nassau.

Jarrett foi para as mesas de vinte e um com os cinco mil dados pelo filho. Clay foi para a piscina e para o creme de bronzear. Ele queria sol e biquínis.

O BARCO ERA UM catamarã de sessenta e três pés feito por um ótimo fabricante de barcos em Fort Lauderdale. O capitão/vendedor era um velho e rabugento britânico chamado Maltbee com um amigo esquelético das Bahamas como marinheiro. Maltbee ranzinhou e se agitou até saírem do porto de Nassau e entrarem na baía. Rumaram para a ponta sul do canal durante meio dia, no sol brilhante e na água calma, uma longa viagem experimental para um barco com o qual, segundo Jarrett podia-se ganhar um bom dinheiro.

Quando os motores foram desligados e as velas içadas, Clay desceu para examinar a cabine. Supostamente podia acomodar oito pessoas, mais um ou dois membros da tripulação. Apertada, mas tudo era em tamanho pequeno. O chuveiro mal dava para virar o corpo. A suíte principal caberia no menor closet. A vida num veleiro.

Segundo Jarrett, era impossível ganhar dinheiro com a pesca. Era um negócio esporádico. Precisaria de um afretamento por dia para ter lucro, mas isso dava muito trabalho. Era impossível manter tarefeiros. As gorjetas nunca eram suficientes. A maioria dos clientes era tolerável, mas havia um grande número de insuportáveis. Há cinco anos ele era capitão de barco alugado e começava a sentir o peso do trabalho.

O verdadeiro dinheiro estava no arrendamento de um veleiro particular para pequenos grupos de gente rica que queria trabalhar, não ser servido. Marinheiros amadores compenetrados. Arranje um barco grande, de preferência sem nenhuma hipoteca e veleje no Caribe uma vez por mês. Jarrett tinha um amigo de Freeport com dois barcos desse tipo há anos e estava ganhando muito dinheiro. Os clientes mapeavam o curso, escolhiam suas equipes e sua rota, os cardápios e as bebidas e saíam com um capitão e um piloto para um mês de viagem.

— Dez mil dólares por semana — Jarrett disse. — Além disso você está velejando, desfrutando o vento, o sol e o mar, indo a lugar algum. Ao contrário da pesca, onde você tem de pegar um grande marlin, do contrário todo mundo fica

furioso.

Quando Clay saiu da cabine, Jarrett estava no timão, parecendo muito à vontade, como se há anos viesse pilotando iates. Clay foi para o convés e se deitou ao sol.

Encontraram algum vento e começaram a cortar a água lisa para o leste, ao longo da baía, com Nassau desaparecendo a distância. Clay estava só de short, coberto com creme de bronzear. Estava quase dormindo quando Maltbee apareceu ao seu lado.

— Seu pai disse que você é o homem do dinheiro. — Os olhos dele estavam escondidos atrás das grossas lentes dos óculos escuros.

— Acho que ele está certo — Clay disse.

— Este é um barco de quatro milhões de dólares, praticamente novo, um dos nossos melhores. Construído por um daqueles arrivistas que gastavam seu dinheiro mais depressa do que ganhavam. Um bando de infelizes, se quer minha opinião. De qualquer modo estamos empatados com ele. O mercado está fraco. Se vendermos por três milhões seremos acusados de roubo. Se incorporarmos o barco às leis das Bahamas numa empresa de arrendamento, há uma porção de truques com impostos. Não posso explicar quais são, mas temos um advogado em Nassau que se encarrega da papelada. Quando se consegue pegá-lo sóbrio.

— Eu sou advogado.

— Então por que está sóbrio?

Ha, ha, ha. Os dois riram, meio embaraçados.

— E o que me diz do barateamento? — Clay perguntou.

— Pesado, muito pesado, mas afinal isso é para vocês, advogados. Sou apenas um vendedor. Mas acho que seu velho gosta do barco. Barcos como este estão na moda desde as Bermudas até a América do Sul. Eles dão dinheiro.

É o que diz o vendedor e um mau vendedor. Se Clay comprasse um barco para o pai, seu único sonho era que fosse uma coisa melhor, não que se tornasse um buraco negro. Maltbee desapareceu tão bruscamente quanto tinha aparecido.

Três dias depois, Clay assinou um contrato para pagar 2,9 milhões de dólares pelo barco. O advogado que, na verdade, não estava completamente sóbrio durante os dois encontros com Clay, o registrou na empresa arrendadora das Bahamas, só no nome de Jarrett. O barco era um presente de filho para pai, um bem para ser escondido nas ilhas, como o próprio Jarrett.

Durante o jantar na última noite dos dois em Nassau, nos fundos de um bar cheio de traficantes, sonegadores de impostos e de pensões, praticamente todos americanos, Clay descascando pernas de caranguejos, finalmente fez a pergunta que há semanas queria fazer.

— Alguma chance de você algum dia voltar aos Estados Unidos?

— Para quê?

— Para exercer advocacia. Para ser meu sócio. Para processar e chutar traseiros outra vez.

Jarrett sorriu. A ideia de pai e filho trabalhando juntos. A ideia de que Clay queria que ele voltasse para um escritório, para uma coisa respeitável. O filho vivera sob uma nuvem negra deixada pelo pai. Porém, dado seu recente sucesso, a nuvem certamente estava desaparecendo.

— Eu duvido, Clay. Renunciei à minha licença e prometi ficar longe.

— Você gostaria de voltar?

— Talvez para limpar meu nome, mas nunca para praticar novamente a advocacia. A bagagem é muito grande, são muitos os velhos inimigos ainda na espreita. Estou com cinquenta e cinco anos e é um pouco tarde para recomeçar.

— Onde você estará daqui a dez anos?

— Não penso nisso. Não acredito em calendários e horários e listas de coisas para fazer. Determinar objetivos é um hábito americano completamente idiota. Não serve para mim. Tento viver o dia de hoje, talvez com um ou dois pensamentos para amanhã, isso é tudo. Planejar o futuro é completamente ridículo.

— Desculpe por ter perguntado.

— Viva o momento, Clay. O amanhã cuidará de si mesmo. Você tem as mãos cheias agora, suponho.

— O dinheiro deve me manter ocupado.

— Não jogue fora, filho. Sei que isso parece impossível, mas ficaria surpreso. Novos amigos vão aparecer por toda parte. As mulheres cairão do céu.

— Quando?

— Espere só. Certa vez li um livro — Fool's Gold [Tolos do ouro] — ou coisa parecida. Uma história depois de outra sobre grandes fortunas perdidas pelos idiotas que as ganharam. Leitura fascinante. Tenho o livro ainda.

— Acho que vou passar.

Jarrett pôs um camarão na boca e mudou de assunto.

— Você vai ajudar sua mãe?

— Provavelmente não. Ela não precisa de ajuda. O marido dela é rico, está lembrado?

— Quando falou com ela?

— Há onze anos, pai. Por que quer saber?

— Só por curiosidade. É estranho. Você casa com uma mulher, vive com ela durante vinte e cinco anos e às vezes gostaria de saber o que ela está fazendo.

— Vamos falar de outra coisa.

— Rebecca?

— Depois.

— Vamos para as mesas de dados. Tenho ainda quatro mil dólares.

QUANDO O SR. TED WORLEY de Upper Marlboro, Maryland, recebeu um grosso envelope dos escritórios de advocacia de J. Clay Carter II, abriu imediatamente. Tinha visto várias reportagens sobre o acordo Dyloft. Acompanhava o Web site Dyloft religiosamente, esperando o sinal de que estava na hora de receber seu dinheiro dos Laboratórios Ackerman.

A carta começava: "Caro Sr. Worley. Parabéns. Sua demanda da ação coletiva contra os Laboratórios Ackerman foi resolvida no Tribunal Distrital dos Estados Unidos para o distrito Sul do Mississippi. Como Queixoso do Grupo Um, sua parte do acordo é de 62 mil dólares. Segundo o Contrato para Serviços Legais, feito entre o senhor e esta firma de advocacia, 28 por cento de contingência para honorários de advogados é agora aplicável. Além disso, uma dedução de 1.400 dólares para despesas de litígio foi aprovada pelo tribunal. Sua parte líquida é de 43.240 dólares. Por favor, assine o acordo anexo e os formulários e os devolva imediatamente no envelope anexo. Sinceramente, Oscar Mulrooney, advogado."

— Cada vez um advogado diferente — o Sr. Worley disse, folheando as páginas. Havia uma cópia da ordem do tribunal, aprovando o acordo, um aviso a todos os queixosos da ação coletiva e alguns outros papéis que de repente ele não sentiu vontade de ler.

43.240 dólares! Essa era a grande quantia que ia receber de uma gigantesca e descuidada empresa farmacêutica que lançara deliberadamente no mercado um medicamento que tinha provocado a formação de quatro tumores na sua bexiga? 43.240 dólares por meses de medo, estresse e incerteza sobre viver ou morrer?

43.240 dólares pela penosa experiência de um bisturi microscópico e um microscópio inseridos através do pênis, na sua bexiga, de onde os quatro tumores foram removidos um a um, também através do pênis? 43.240 dólares por três dias com caroços e sangue na urina?

Ele estremeceu lembrando.

Telefonou seis vezes, deixou seis mensagens e esperou seis horas pelo telefonema do dr. Mulrooney.

— Quem diabo é você? — O sr. Worley começou, agradavelmente.

Oscar Mulrooney, nos últimos dez dias, se tornara um perito em lidar com aquele tipo de telefonema. Explicou que era o advogado encarregado do caso do sr. Worley.

— Esse acordo é uma piada! — o sr. Worley disse. — Quarenta e três mil dólares é um crime!

— Seu acordo é de 62 mil dólares, Sr. Worley — Oscar disse.

— Estou recebendo quarenta e três, filho.

— Não, o senhor está recebendo sessenta e dois mil. O senhor concordou em dar um terço ao seu advogado, sem o qual não estaria recebendo coisa alguma. Foi reduzido a 28 por cento pelo acordo. A maioria dos advogados cobra cinquenta por cento.

— Muito bem, não sou um infeliz de sorte? Não vou aceitar.

Então Oscar ofereceu uma breve e bem ensaiada narrativa sobre como os Laboratórios Ackerman só podiam pagar essa quantia sem ir à falência, o que deixaria o sr. Worley com menos ainda, se recebesse alguma coisa.

— Isso é ótimo — disse o sr. Worley. — Mas não vou aceitar o acordo.

— O senhor não tem escolha.

— Uma ova que não tenho.

— Veja o Contrato para Serviços Legais, sr. Worley. Está na página onze no pacote que o senhor recebeu. O parágrafo oito chama-se pré-autorização. Leia o que diz, senhor, e verá que o senhor autorizou esta firma a concordar com qualquer coisa acima de cinquenta mil dólares.

— Lembro disso, mas foi descrito como um ponto de partida. Eu esperava muito mais.

— Seu acordo já foi aprovado pelo tribunal, senhor. É assim que a ação coletiva funciona. Se o senhor não assinar o formulário de aceitação, então sua parte ficará de reserva e finalmente irá para outra pessoa.

— Vocês são um bando de ladrões, sabe disso? Eu não sei quem é pior, a empresa que fabricou o medicamento ou meus advogados que estão me impedindo de fazer um acordo justo.

— Lamento que o senhor pense assim.

— Você não lamenta coisa nenhuma. O jornal diz que vocês estão ganhando cem milhões de dólares. Ladrões!

O sr. Worley bateu o telefone e jogou os papéis no chão da cozinha.

A CAPA DE DEZEMBRO da Capitol Magazine mostrava Clay Carter, bronzeado e bonito, com um terno Armani, sentado na ponta da sua mesa, no seu belo escritório. Era uma substituição de última hora de uma história intitulada "Natal no Potomac", a edição habitual das festas, na qual um velho e rico senador e sua mais recente esposa troféu mostravam a todos sua nova mansão em Washington. O casal e suas decorações, seus gatos e suas receitas favoritas foram relegados para o meio da revista porque a capital era sempre e em primeiro lugar uma cidade ligada a dinheiro e poder. Quantas vezes mais a revista teria a chance da história incrível de um jovem advogado quebrado que ficou rico tão depressa?

Lá estava Clay no seu pátio com o cão emprestado por Rodney, e Clay posando ao lado da bancada do júri num tribunal vazio, como se estivesse extraindo enormes veredictos dos bandidos, e, é claro, Clay lavando seu novo Porsche. Ele confessou que sua paixão era velejar e que tinha um novo barco ancorado nas Bahamas. Nenhum romance importante no momento, e a história imediatamente o etiquetou como um dos solteiros mais cobiçados da cidade.

Quase no fim da revista estavam as fotos de noivas, seguidas das datas dos casamentos. Todas as debutantes e jovens das escolas particulares e dos clubes de campo sonhavam com o dia em que estariam nas páginas da Capitol Magazine. Quanto maior a foto, mais importante a família. Muitas mães ambiciosas mediam com a régua as fotos das filhas e as das rivais, então, ou se regozijavam, ou guardavam o ressentimento durante anos.

Lá estava Rebecca Van Horn, resplandecente num banco de vime num jardim, em algum lugar, uma bela foto arruinada pelo rosto do noivo e futuro marido, o Ilustre Jason Shubert Myers IV, abraçado com ela e evidentemente adorando a câmara. Casamentos são para noivas, não para noivos. Por que eles insistiam em permitir que eles aparecessem também?

Bennett e Barb tinham manejado os cordões certos; a comunicação do casamento de Rebecca era a segunda maior entre uma dúzia. Seis páginas adiante, Clay viu um anúncio de página inteira do grupo BVH. O suborno.

Clay sentiu prazer pensando na infelicidade que a revista estava levando à casa dos Van Horns. O casamento de Rebecca, a grande ocasião social em que Bennett e Barb podiam jogar dinheiro fora e impressionar o mundo, cedia o lugar para sua antiga nêmesis. Quantas vezes sua filha teria o casamento anunciado na Capital Magazine? Quanto eles tinham trabalhado para garantir que ela fosse proeminentemente exibida? E tudo isso agora arruinado pela fama de Clay.

E seu roubo de cena não tinha ainda acabado.

JONAH JÁ HAVIA ANUNCIADO que sua aposentadoria era uma possibilidade real. Ele passou dez dias em Antigua, não com uma mulher, mas com duas e quando voltou para a capital, no meio de uma precoce tempestade de neve, disse para Clay que estava mental e psicologicamente incapaz de continuar praticando a advocacia. Não aguentava mais. Sua carreira legal estava acabada. Estava procurando um veleiro. Conhecera uma jovem que adorava velejar e porque ela estava terminando um péssimo casamento precisava também de algum tempo no mar. Jonah era de Annapolis, e ao contrário de Clay, tinha velejado a vida inteira.

— Preciso de uma mulher, de preferência loura — Clay disse, sentando na cadeira na frente da mesa de Jonah. A porta estava trancada. Passava das 18 horas de quarta-feira e Jonah abriu a primeira garrafa de cerveja. Tinham se comprometido a obedecer uma regra não escrita de que não beberiam antes das 18 horas. Do contrário, Jonah estaria bebendo desde o almoço.

— O solteiro mais quente da cidade com problemas para arranjar mulher?

— Estive fora do circuito. Vou ao casamento de Rebecca e preciso de uma gata que roube o espetáculo.

— Oh, isso é uma beleza — ele riu e tirou uma pasta da gaveta da mesa. Só Jonah para ter um arquivo de mulheres. Remexeu alguns papéis e encontrou o que queria. Jogou uma pasta na mesa, para Clay. Era um anúncio de lingerie de uma loja de departamentos. A deslumbrante jovem deusa estava praticamente despida abaixo da cintura e mal cobria os seios com os braços cruzados. Clay lembrou de ter visto o anúncio na primeira manhã que apareceu. A data era de quatro meses atrás.

— Você a conhece?

— É claro que a conheço. Você pensa que eu guardo anúncios de lingerie só pela sensação de olhar?

— Não me surpreenderia.

— O nome dela é Ridley. Pelo menos é como a chamam.

— Ela mora aqui? — Clay olhava a beleza estonteante em preto e branco.

— Ela é da Geórgia.

— Oh, uma sulista.

— Não, uma russa. Geórgia o país. Ela veio num programa de intercâmbio de estudantes e nunca mais foi embora.

— Ela parece ter dezoito anos.

— Vinte e poucos.

— Qual a altura?

— Um metro e oitenta mais ou menos.

— As pernas parecem ter um metro e meio de comprimento.

— Você está se queixando?

Esforçando-se para parecer indiferente, Clay jogou a pasta na mesa.

— Alguma coisa negativa?

— Sim, dizem que ela é bissexual.

— Como assim?

— Gosta de homem e de mulher.

— Nossa.

— Sem confirmação, mas muitas modelos são. Pelo que eu sei pode ser só boato.

— Você saiu com ela.

— Não. O amigo de um amigo. Ela está na minha lista. Eu estava só esperando confirmação. Experimente. Se não gostar, encontraremos outra.

— Você pode telefonar?

— Claro, sem problema. É um telefonema fácil, agora que você é o sr. Garoto da Capa, o solteiro mais cobiçado, o Rei da Fraude. Será que na Geórgia sabem o que é uma fraude?

— Não, se tiverem sorte. Apenas dê o telefonema.

ENCONTRARAM-SE PARA JANTAR no restaurante do mês, japonês, frequentado pelos jovens prósperos. Ridley era mais bonita em pessoa do que na foto. Cabeças se voltaram e pescoços se esticaram quando foram levados ao centro do restaurante para uma mesa poderosa. As conversas paravam no meio das frases. Garçons enxameavam em volta deles. O inglês com um leve sotaque era perfeito e suficientemente exótico para acrescentar mais sexo ao pacote, como se ela precisasse disso.

Roupas velhas e usadas de um brechó pareceriam especiais em Ridley. Seu desafio era se vestir discretamente, desse modo a roupa não competia com o cabelo louro, os olhos azuis, os malarres altos e o resto dos traços perfeitos.

Seu nome verdadeiro era Ridal Petashnakol, que ela teve de soletrar duas vezes antes que Clay conseguisse entender. Felizmente, modelos, como jogadores de futebol, podem sobreviver só com o primeiro nome, assim ela era apenas Ridley. Não bebia álcool e pediu suco de uva-do-monte. Clay esperava que ela não pedisse um prato de cenouras para o jantar.

Ridley tinha a beleza e ele tinha o dinheiro, e uma vez que não podiam falar de nenhum dos dois, debateram-se em águas profundas antes de encontrar terra firme. Ela era georgiana, não russa e não se interessava por política, terrorismo ou futebol. Ah, o cinema! Ela assistia a tudo e adorava. Até coisas horríveis que ninguém queria ver. Desastres de bilheteria eram adorados por Ridley e Clay começava a ter dúvidas.

Ela é só uma cabeça vazia, Clay pensou. Jantar agora, o casamento de Rebecca

mais tarde e ela é história.

Ridley falava cinco línguas, mas como a maior parte era da Europa Oriental, pareciam inúteis no dia a dia. Para alívio de Clay ela pediu um primeiro prato, um segundo e sobremesa. A conversa não era fácil, mas os dois se esforçaram ao máximo. As histórias de suas vidas eram tão diferentes. O advogado que havia nele queria um exame completo da testemunha: nome verdadeiro, idade, tipo sanguíneo, ocupação do pai, salário, história conjugal, história sexual — ela seria na realidade bissexual? Mas ele conseguiu se conter e não ser indiscreto. Andou por perto da pergunta uma ou duas vezes, não conseguiu nada, e voltou aos filmes. Ela conhecia cada ator de filmes B de vinte anos e sabia com quem ele estava saindo no momento, coisa dolorosamente tediosa, mas afinal, provavelmente não tanto quanto ouvir um bando de advogados falando sobre suas recentes vitórias nos julgamentos ou nos acordos de fraudes.

Clay ficou mais desinibido depois que tomou vinho, um borgonha tinto. Patton French ficaria orgulhoso. Se ao menos seus "companheiros de atividade" pudessem vê-lo agora, sentado com aquela Boneca Barbie.

O único ponto negativo era a desagradável possibilidade de o rumor ser verdadeiro. Certamente ela não podia gostar de mulheres. Ridley era perfeita demais, requintada demais, atraente demais para o sexo oposto. Seu destino era ser uma esposa troféu! Mas havia alguma coisa nela que o deixava desconfiado. Passado o choque inicial da sua beleza, pelo menos duas horas depois e uma garrafa de vinho, Clay percebeu que não estava indo além da superfície. Ou não havia muita profundidade, ou era cuidadosamente protegida.

Durante a sobremesa, uma mousse de chocolate com a qual ela brincou, mas não comeu, ele a convidou para acompanhá-lo a uma recepção de casamento. Confessou que a noiva fora sua noiva, mas mentiu quando disse que agora eram amigos. Ridley deu de ombros, como se preferisse ir ao cinema.

— Por que não? — ela disse.

QUANDO ELE CHEGOU à entrada de veículos do Clube de Campo Potomac, Clay sentiu-se abalado pelo significado do momento. Sua última visita àquele lugar horrível, há mais de sete meses fora um jantar atormentado com os pais de Rebecca. Tinha escondido seu Honda atrás das quadras de tênis. Agora exibia um Porsche Carrera novo em folha. Naquela noite, tinha evitado o manobrista, para não gastar dinheiro. Agora, deu uma gorjeta extra. Naquela noite estava sozinho e temendo as próximas poucas horas com os Van Horns. Agora, estava acompanhado pela preciosa Ridley que segurava seu cotovelo e que, quando cruzava as pernas, a abertura lateral da saia deixava à mostra quase até a cintura; e onde quer que estivessem naquele momento, os pais dela nada tinham a ver com sua vida. Naquela noite sentiu-se

como um vagabundo em solo sagrado. Agora o Clube de Campo Potomac aprovaria sua requisição para sócio no dia seguinte se ele assinasse o cheque devido.

— Recepção Van Horn — ele disse para o guarda que os fez entrar.

Estavam uma hora atrasados, o que era perfeito. O salão de baile estava cheio e uma banda de rhythm e blues tocava numa extremidade.

— Fique perto de mim — Ridley murmurou quando entraram.

— Não conheço ninguém aqui.

— Não se preocupe — Clay disse. Ficar perto não era problema. E embora fingisse o contrário, ele também não conhecia ninguém.

As cabeças começaram a se voltar imediatamente. Queixos caíam. Com vários drinques tomados, os homens não hesitavam em admirar abertamente Ridley quando ela e seu acompanhante se adiantavam.

— Oi, Clay! — alguém gritou, e Clay virando viu o rosto sorridente de Randy Spino, um colega da faculdade que trabalhava numa megafirma e nunca, em circunstâncias normais, teria falado com Clay naquele ambiente. Um encontro casual na rua e talvez Spino dissesse: "Como vão as coisas?", sem parar. Mas nunca num clube de campo e especialmente um tão dominado por membros de grandes firmas.

Mas lá estava ele, estendendo a mão para Clay e mostrando todos os dentes para Ridley. Uma pequena multidão se aproximou. Spino se encarregou da apresentação de todos os seus bons amigos ao seu bom amigo Clay Carter e a Ridley sem sobrenome. Ela apertou o cotovelo de Clay com mais força. Todos os rapazes queriam dizer olá.

Para chegar perto de Ridley eles precisavam conversar com Clay, por isso não demorou para que alguém dissesse: "Ei, Clay, meus parabéns por pegar os Laboratórios Ackerman." Clay nunca tinha visto aquela pessoa. Supôs que fosse um advogado, provavelmente de uma grande firma que provavelmente representava uma grande empresa como os Laboratórios Ackerman e teve certeza, antes de o homem terminar a frase, de que a falsa congratulação era cheia de inveja. E de desejo de ver Ridley de perto.

— Obrigado — Clay disse, como se fosse apenas outro dia no escritório.

— Cem milhões. Uau! — Aquele rosto também pertencia a um estranho que parecia estar bêbado.

— Bem, a metade vai para impostos — Clay disse. — Quem nestes dias pode viver com apenas 50 milhões?

O grupo explodiu em gargalhadas, como se Clay tivesse contado a piada mais engraçada do mundo. Mais gente se aproximou, todos homens, todos procurando chegar perto daquela loura formidável que parecia vagamente familiar. Talvez eles não a reconhecessem na cor natural e vestida.

Um tipo intenso e carrancudo disse:

— Nós temos a Philo. Rapaz, ficamos satisfeitos quando acabou a confusão do Dyloft.

Uma aflição sofrida por grande parte dos advogados da capital. Todas as empresas do mundo tinham advogados na capital, mesmo que só no nome, portanto todas as disputas e transações tinham sérias consequências entre os advogados de Washington, D.C. Uma refinaria explode na Tailândia e um advogado diz: "Sim a Exxon é nossa." Um filme fracassa... "Nós temos Disney." Uma caminhonete perde a direção e mata cinco... "Nós temos a Ford."

"Nós temos" era um jogo que Clay ouvia até não poder mais.

Ridley é minha, ele queria dizer, por isso fiquem com as mãos longe dela.

Estavam anunciando alguma coisa no palco e todos se calaram. A noiva e o noivo iam dançar, depois a noiva dançaria com o pai, o noivo com sua mãe e assim por diante. Todos se reuniram para assistir. A banda começou a tocar "Smoke Gets in Your Eyes".

— Ela é muito bonita — Ridley murmurou, muito perto da orelha direita de Clay. Sim, ela era. E estava dançando com Jason Myers que, embora cinco centímetros mais baixo, parecia ser a única pessoa no mundo para Rebecca. Ela sorria e cintilava enquanto giravam lentamente na pista de dança, a noiva fazendo quase todo o trabalho, porque o noivo era duro como uma tábua.

Clay queria atacar, abrir caminho no meio da multidão e dar um murro em Myers com toda a força. Resgataria sua mulher, a levaria embora e daria um tiro em Barb se ela os encontrasse.

— Você ainda a ama, não ama? — Ridley murmurou.

— Não, acabou — respondeu também em voz baixa.

— Ama sim. Dá para ver.

— Não.

Os recém-casados iriam a algum lugar naquela noite para consumir o casamento, mas conhecendo Rebecca tão intimamente, Clay sabia que ela não tinha passado sem sexo todo aquele tempo. Provavelmente levaria seu verme Myers e ensinaria a ele os truques da cama. Homem de sorte. As coisas que Clay tinha ensinado, ela agora ia passar para outra pessoa. Não era justo.

Era doloroso ver os dois, e Clay se perguntou por que estava ali. Fechamento, fosse o que fosse o que isso significava. Um adeus. Mas ele queria que Rebecca o visse e visse Ridley e soubesse que ele estava bem e não tinha saudades dela.

Ver Bennett, a Escavadeira, dançar era doloroso por outros motivos. Ele era partidário da doutrina do homem branco de dançar sem mover os pés e quando tentava rebolar a banda ria. Ele já estava vermelho de tanto Chivas.

Jason Myers dançou com Barbara Van Horn mantendo distância. Ela parecia ter tido mais um ou dois rounds com o cirurgião plástico. Estava apertada num vestido

que, embora bonito, parecia ser vários tamanhos menor do que ela, de modo que a flacidez aparecia nos lugares errados, prestes a escapar e deixar todo mundo nauseado. No rosto o sorriso fixo mais falso possível — sem rugas, em excesso Botox — e Myers sorria para ela como se os dois pudessem ser amigos íntimos para sempre. Ela já o apunhalara nas costas e ele era muito burro para perceber. O mais triste era que provavelmente ela também não sabia. Apenas a natureza da besta.

— Quer dançar? — alguém perguntou para Ridley.

— Cai fora — Clay disse e a levou para a pista de dança, onde vários pares giravam ao som de um Motown muito bom. Se Ridley parada era uma obra de arte, Ridley em movimento era um tesouro nacional. Ela se movia com ritmo natural e graça instintiva, com o decote do vestido na medida certa e a abertura da saia abrindo para revelar a carne. Os homens se agrupavam para ver.

E Rebecca também estava vendo. Conversando com os convidados, ela notou a comoção, procurou a causa e viu Clay dançando com uma mulher espetacular. Ela também ficou perplexa com Ridley, mas por outras razões. Continuou a conversar por um momento e então voltou outra vez a atenção para a pista de dança.

Enquanto isso, os olhos de Clay procuravam ver a reação de Rebecca, sem perder nenhum movimento de Ridley. A música terminou, começou outra lenta e Rebecca se pôs entre eles.

— Olá, Clay — ela disse, ignorando Ridley. — Que tal uma dança?

— Claro — ele disse. Ridley deu de ombros e se afastou sozinha só por um segundo, antes da investida do estouro da boiada. Ela escolheu o mais alto, passou os braços em volta do pescoço dele e começou a pulsar.

— Não lembro de ter convidado você — Rebecca disse, com um braço no ombro dele.

— Quer que eu vá embora? — Clay a puxou um pouco mais para ele, mas o vestido de noiva não permitiu o contato que queria.

— Todos estão olhando — ela disse, sorrindo em benefício dos assistentes. — Por que você está aqui?

— Para comemorar seu casamento. E para ver melhor seu novo par.

— Não seja grosseiro, Clay. Você está com ciúmes.

— Estou com mais do que ciúmes. Tenho vontade de quebrar o pescoço dele.

— Onde arranjou a peça?

— Agora, quem está com ciúmes?

— Eu.

— Não se preocupe Rebecca, ela não chega nem aos seus pés na cama. — Pensando bem, talvez ela gostasse de experimentar.

— Jason não é ruim.

— Na verdade não quero saber. Só não engravide, está bem?

— Isso não é da sua conta.

Ridley e seu par passaram por eles. Pela primeira vez Clay olhou bem para as costas dela, quase toda à mostra porque o vestido só começava a existir poucos centímetros acima das nádegas perfeitas. Rebecca viu também.

— Ela está na folha de pagamento?

— Ainda não.

— É menor?

— Oh, não. É muito adulta. Diga que ainda me ama.

— Não amo.

— Está mentindo.

— Talvez seja melhor você ir agora e leve a peça com você.

— Claro, a festa é sua. Não tive intenção de ser penetra.

— É só por isso que você está aqui, Clay. — Ela se afastou um pouco, mas continuou a dançar.

— Espere um ano, está bem? — ele disse. — Então terei duzentos milhões. Podemos entrar no meu jato, explodir este buraco, passar o resto da vida num iate. Seus pais jamais nos encontrarão.

Rebecca ficou imóvel e disse:

— Adeus, Clay.

— Vou esperar — ele disse e então foi empurrado por Bennett carrancudo que dizendo: "com licença", agarrou a filha e a empurrou para o outro lado do salão.

Barbara chegou então. Segurou a mão de Clay e com um sorriso artificial disse: — Não vamos fazer uma cena — disse quase sem mover os lábios. Eles começaram a se mover rigidamente, de um modo que ninguém podia achar que estavam dançando.

— Então, como vai, sra. Van Horn — Clay disse, nas garras de uma víbora.

— Bem, até ver você. Tenho certeza de que não foi convidado para esta pequena festa.

— Eu já estava de saída.

— Ótimo. Eu detestaria ter de chamar a segurança.

— Não será necessário.

— Por favor, não estrague este momento para ela.

— Como eu disse, estava de saída.

A música parou e Clay se afastou bruscamente da sra. Van Horn. Uma pequena multidão rodeava Ridley, mas Clay a resgatou. Foram para o fundo da sala onde um bar atraía mais fãs do que a banda. Clay pegou uma cerveja e planejava sua saída quando foram rodeados por outro grupo de curiosos. Advogados do grupo queriam conversar sobre as vantagens das ações coletivas, ao mesmo tempo procurando chegar o mais perto possível de Ridley.

Depois de alguns momentos de conversa idiota com pessoas que ele detestava, um jovem gordo num smoking alugado apareceu perto de Clay e murmurou: — Sou segurança. — Tinha um rosto simpático, parecia muito profissional.

— Estou indo — Clay murmurou.

Expulso da recepção dos Van Horns. Expulso do grande Clube de Campo Potomac. No carro, com Ridley enroscada nele, Clay disse para si mesmo que era um dos seus melhores momentos.

A PARTICIPAÇÃO DIZIA que os recém-casados passariam a lua de mel no México. Clay resolveu fazer uma viagem. Se alguém merecia um mês em uma ilha, era ele.

Sua equipe, antes formidável, perdera completamente a direção. Talvez por causa do Natal, talvez por causa do dinheiro. Fosse porque fosse, Jonah, Paulette e Rodney passavam menos horas no escritório.

Como Clay, o lugar estava cheio de tensão e de luta. Muitos clientes Dyloft estavam descontentes com o pouco dinheiro do acordo. A correspondência era brutal. Esquivar-se do telefone era agora um esporte. Vários clientes tinham encontrado o endereço e se apresentavam à srta. Glick exigindo falar com o Dr. Carter que, por acaso, estava sempre num grande julgamento, em algum lugar. Geralmente ele estava no escritório com a porta trancada, enfrentando outra tempestade. Depois de um dia especialmente perturbado, Clay telefonou para Patton French para pedir conselho.

— Fique firme, amigo velho — French disse. — Faz parte do território. Você está ganhando uma fortuna com essas ações coletivas, esse é o único inconveniente. Precisa ter casca dura.

O maior casca dura da firma era Oscar Mulrooney, que continuava a espantar Clay com sua capacidade organizacional e sua ambição. Mulrooney estava trabalhando quinze horas por dia e incitando sua Divisão Yale a receber o dinheiro Dyloft o mais depressa possível. Ele logo assumiu uma tarefa ingrata. Como Jonah não fazia segredo do seu plano de dar a volta ao mundo num veleiro, como Paulette estava sempre insinuando que queria passar um ano na África para estudar arte, e com Rodney os acompanhando com uma vaga conversa de simplesmente se demitir, era óbvio que logo haveria uma vaga no topo.

Era óbvio também que Oscar queria ser sócio, ou pelo menos fazer parte da ação. Estava estudando a ação coletiva que atormentava ainda Skinny Ben, o comprimido de dieta que não tinha dado certo, e se convenceu de que havia pelo menos dez mil casos não reclamados, apesar dos quatro anos de publicidade contínua.

A Divisão Yale agora tinha onze advogados, sete dos quais tinham realmente estudado em Yale. A Sweatshop crescera para doze assistentes, todos mergulhados até as orelhas em pastas e papelada. Clay não hesitaria em deixar as duas unidades sob a supervisão de Mulrooney durante algumas semanas. Tinha certeza de que quando voltasse o escritório estaria em melhor estado do que agora.

ELE TENTOU IGNORAR as festas de Natal, mas não era fácil. Clay não tinha família. Rebecca sempre se esforçava para incluí-lo em fosse o que fosse que os Van Horns fizessem, mas, embora ele apreciasse esse esforço, sempre achou que ficar sozinho num apartamento vazio tomando vinho barato e assistindo a filmes antigos na véspera de Natal era muito melhor do que abrir presentes com aquela gente. Nenhum presente que Clay desse era suficientemente bom.

A família de Ridley estava ainda na Georgia e ao que tudo indicava ficaria lá para sempre. No começo ela estava certa de que não podia mudar sua agenda e sair da cidade por algumas semanas. Mas a determinação dela de fazer a viagem aqueceu o coração de Clay. Ela queria realmente ir de jato para as ilhas e brincar com ele na praia. Por fim ela disse a um cliente que podia despedi-la, ela não se importava.

Era sua primeira viagem num jato particular. Clay quis impressioná-la de todos os modos. Voo sem escala de Washington a Sta. Lúcia, quatro horas e um milhão de quilômetros.

Fazia frio na capital e o céu estava cinzento quando partiram, e ao desembarcarem do avião o sol e o calor os atingiram vigorosamente. Passaram pela alfândega sem atrair nenhum olhar, pelo menos não para Clay. Todas as cabeças masculinas se voltaram para admirar Ridley. Estranhamente, Clay começava a se acostumar. Ela nem parecia notar. Há tanto tempo convivia com aquilo que simplesmente ignorava todo mundo, o que só servia para piorar as coisas para os admiradores. Uma criatura tão requintada, perfeita dos pés à cabeça, mas tão distante, tão intocável.

Tomaram um avião menor para a viagem de quinze minutos até Mustique. A ilha exclusiva, propriedade dos ricos e famosos, uma ilha com tudo, menos uma pista suficientemente longa para jatos particulares. Astros do rock, atrizes e bilionários tinham mansões na ilha. A casa em que Clay e Ridley iam passar a semana tinha pertencido a um príncipe que a vendera para um emergente que a alugava quando estava ausente.

A ilha era uma montanha circundada pelas águas tranquilas do Caribe. Do alto de 915 metros, parecia escura e viçosa, uma foto de cartão-postal. Ridley procurava se segurar quando começaram a descer e a pequena pista apareceu. O piloto, com seu boné de palha, podia pousar de olhos vendados.

Marshall, o chofer/mordomo, esperava com um largo sorriso e um jipe aberto. Puseram as malas bastante leves na parte de trás e seguiram pela estrada sinuosa. Nenhum hotel, nenhum condomínio, nenhum turista, nenhum tráfego. Por dez minutos não viram outro veículo. A casa ficava no lado de uma montanha, como Marshall chamava, mas na verdade era só uma colina. A vista era de tirar o fôlego — sessenta metros acima da água e quilômetros de oceano infundável. Não se via nenhuma outra

ilha, nem barcos, nem gente.

A casa tinha quatro ou cinco quartos, Clay perdeu a conta, espalhados em volta do centro e ligados por passarelas de ladrilhos. O almoço foi pedido; o que quisessem, porque tinham um chef em tempo integral. E um jardineiro, duas governantas e um mordomo. Uma equipe de cinco pessoas — fora Marshall — que morava em algum lugar da casa. Antes de começar a desfazer as malas na suíte principal, Ridley ficou praticamente nua e foi para a piscina. De topless, e se não fosse por uma tirinha quase invisível, ela estaria completamente nua. Justo quando Clay pensou que estava acostumado a olhar para ela, ficou outra vez atordoado.

Ela se vestiu para almoçar. Frutos do mar frescos, é claro camarões grelhados e ostras. Duas cervejas e Clay cambaleou para uma rede para uma longa siesta. O dia seguinte era véspera de Natal e ele não se importava. Rebecca estava longe, em algum horrível hotel para turistas, fazendo amor com Jason. E ele não se importava.

DOIS DIAS DEPOIS DO NATAL, Max Pace chegou acompanhado. O nome dela era Valeria, uma mulher vigorosa, do tipo que vive ao ar livre, ombros largos, sem nenhuma maquiagem e sorriso relutante. Max era um homem muito bonito, mas sua amiga não tinha nada de atraente. Clay esperava que Valeria não se despisse na piscina. Quando apertou a mão dela, sentiu os calos. Bem, pelo menos não seria uma tentação para Ridley.

Pace logo vestiu o short e foi para a piscina. Valeria calçou botas de caminhar e perguntou onde ficavam as trilhas. Marshall teve de ser consultado e disse que não sabia de nenhuma trilha, o que, é claro, aborreceu Valeria, que saiu assim mesmo à procura de rochas para escalar. Ridley desapareceu na sala de estar da casa principal onde tinha uma pilha de vídeos para assistir.

Como Pace não tinha nenhuma história de família, quase não tinham o que conversar. Pelo menos no princípio. Porém logo se tornou aparente que ele tinha algo importante para dizer.

— Vamos falar de negócios — ele disse, depois de uma cochilada no sol. Foram para o bar e Marshall serviu os drinques.

— Há outro medicamento no mercado — Pace começou e Clay imediatamente viu dinheiro. — E é coisa grande.

— Lá vamos nós outra vez.

— Mas o plano é um pouco diferente desta vez. Eu quero uma parte da ação.

— Para quem você está trabalhando?

— Para mim. E para você. Eu fico com vinte e cinco por cento dos honorários dos advogados.

— Quais as vantagens?

— Pode ser maior do que Dyloft.

— Então você fica com vinte e cinco por cento. Mais, se você quiser. — Os dois lavavam juntos tanta roupa suja, como Clay podia dizer não?

— Vinte e cinco é justo — Max disse e estendeu a mão. O acordo estava feito.

— Agora fale.

— Há um hormônio feminino chamado Maxatil. Usado pelo menos por quatro milhões de mulheres na menopausa e na pós-menopausa, idades de quarenta e cinco a setenta e cinco. Foi lançado há cinco anos, outro medicamento maravilhoso. Alivia os calores e outros sintomas da menopausa. Muito eficiente. É também considerado eficaz para preservar a força dos ossos, reduzir a hipertensão e os riscos de doença cardíaca. A empresa é a Goffman.

— Goffman? Lâminas de barbear e colutório?

— Essa mesmo. Vinte e um bilhões de vendas no ano passado. A mais azul das bluechips. Poucas dívidas, boa administração. Uma tradição americana. Mas eles se apressaram com o Maxatil, a história de sempre, os lucros pareciam enormes, o medicamento parecia seguro, eles forçaram a aprovação da FDA e nos primeiros cinco anos todo mundo estava feliz. Os médicos adoravam. As mulheres ficaram loucas com o efeito maravilhoso.

-Mas?

— Mas há problemas. Problemas enormes. Um estudo do governo rastreou vinte mil mulheres que tomam Maxatil há quatro anos. O estudo só agora foi completado, e um relatório deve sair dentro de poucas semanas. Será devastador. Para uma porcentagem de mulheres o medicamento aumenta o risco de câncer da mama, ataques cardíacos e derrames.

— Qual a porcentagem?

— Cerca de oito por cento.

— Quem sabe do relatório?

— Pouca gente. Eu tenho uma cópia.

— Por que não estou surpreso? — Clay tomou um grande gole na garrafa e olhou em volta, procurando Marshall. Seu pulso estava acelerado. De repente sentiu-se farto de Mustique.

— Alguns advogados estão no rastro, mas não viram o relatório do governo — Pace continuou —, uma ação já entrou na justiça, no Arizona, mas não é uma ação coletiva.

— Então o que é?

— Um tipo antigo de caso de fraude isolado.

— Uma bobagem

— Na realidade não. O advogado é um cara chamado Dale Mooneyham, de Tucson. Ele julga uma de cada vez e nunca perde. Ele está no páreo para ser o primeiro a atacar a Goffman. Pode determinar o tom do acordo. A chave é dar

entrada na primeira ação coletiva. Você aprendeu com Patton French.

— Podemos ser os primeiros a dar entrada — Clay disse, como se fizesse aquilo há anos.

— E você pode fazer isso sozinho, sem French e aqueles ladrões. Dê entrada na capital, depois ataque com anúncios. Vai ser uma coisa enorme.

— Como Dyloft.

— Com a diferença que você está no timão. Eu fico como figura de fundo, movendo os cordões, fazendo o trabalho sujo. Tenho muitos contatos com todos os tipos de reputação duvidosa. Será nossa ação judicial e com seu nome nela. Goffman vai fugir correndo.

— Um acordo rápido?

— Provavelmente não tão rápido quanto o Dyloft, mas, afinal, esse foi notavelmente rápido. Você tem de fazer o dever de casa, coletar a evidência certa, contratar peritos, processar os médicos que estão receitando o medicamento, empurrar o caso para o primeiro julgamento. Tem de convencer Goffman de que você não está interessado em acordo, que quer um julgamento, um julgamento enorme, público, espetacular, no seu território.

— O lado negativo? — Clay perguntou, tentando parecer cauteloso.

— Nenhum que eu saiba, a não ser que vai custar milhões em anúncios e na preparação do julgamento.

— Isso não é problema.

— Você parece que tem o dom de gastar dinheiro.

— Eu mal chego abaixo da superfície.

— Eu gostaria de um adiantamento de um milhão de dólares. Por conta dos meus honorários — Pace tomou um gole de cerveja —, ainda estou limpando alguns negócios lá em casa.

Clay estranhou o fato de Pace querer dinheiro. Porém com tanto dinheiro em jogo, e com o segredo do Tarvan, ele não estava em posição de negar.

— Aprovado — ele disse.

Estavam nas redes quando Valeria voltou, encharcada de suor e parecendo relaxada. Ela tirou toda a roupa e mergulhou na piscina.

— Uma garota da Califórnia — Pace disse em voz baixa.

— Alguma coisa séria? — Clay perguntou, cautelosamente.

— Juntos e separados várias vezes há muitos anos. — Não disse mais nada.

A garota da Califórnia pediu um jantar que não incluía carne, peixe, galinha, ovos e queijo. Também não bebia álcool. Clay pediu peixe-espada grelhado para os três. A refeição foi rápida, com Ridley ansiosa para se esconder no quarto e Clay também ansioso para ficar longe de Valeria.

Pace e a amiga ficaram dois dias, o que foi pelo menos um dia a mais. O

objetivo da viagem tinha sido só negócios e uma vez isso resolvido, Pace estava pronto para partir. Clay os viu sair, com Marshall dirigindo mais depressa do que nunca.

— Mais alguns convidados? — Ridley perguntou, desconfiada.

— Diabo, não — Clay disse.

— Ótimo.

TODO O ANDAR ACIMA da sua firma foi desocupado no fim do ano. Clay alugou a metade e consolidou suas operações. Levou para lá os doze assistentes e cinco secretárias da Sweatshop. A Divisão Yale que estava em outro lugar foi também transferida para a avenida Connecticut, para a terra dos aluguéis altos, onde se sentiam mais à vontade. Ele queria toda a firma debaixo do mesmo teto, e perto dele, porque planejava fazer todos trabalharem até cair de cansaço.

Clay atacou o novo ano com um feroz esquema de trabalho. No escritório às seis horas com desjejum, almoço e às vezes jantar, na sua mesa. Geralmente ficava até as oito ou nove horas da noite e deixava claro que esperava o mesmo horário de trabalho para os que queriam continuar com ele.

Jonah não quis. Foi embora em meados de janeiro, seu escritório desocupado, suas despedidas rápidas. O veleiro estava à espera. Não precisa telefonar. Apenas envie o dinheiro para uma conta em Aruba.

Oscar Mulrooney estava medindo o escritório de Jonah antes de ele sair. Era maior e tinha uma vista melhor, o que nada significava para ele, mas ficava mais perto de Clay e era o que importava. Mulrooney farejava dinheiro, grandes honorários. Ele falhou no Dyloft, mas não ia acontecer outra vez. Ele e o resto da equipe de Yale tinham sido injustiçados pela lei das sociedades anônimas, que tinham sido treinados para cobiçar e agora estavam decididos a compensar ganhando muito dinheiro. E qual o melhor meio para isso do que solicitar e agir como perseguidores de ambulância? Nada ofendia mais do que os emproados das firmas de sangue azul. A ação judicial indenizatória não era advocacia. Era uma forma marota de empreendimento.

O velho playboy grego que tinha casado com Paulette Tullos, e depois a deixou, ficou sabendo do novo dinheiro dela. Ele apareceu na capital, telefonou para o luxuoso apartamento que tinha dado a ela e deixou uma mensagem na secretária eletrônica. Quando Paulette ouviu a voz dele, saiu correndo de casa e foi para Londres, onde passou as festas e ainda estava escondida. Passou dezenas de e-mails para Clay quando ele estava em Mustique, explicando a situação e dizendo a ele exatamente como devia tratar do seu divórcio quando ela voltasse. Clay preparou os papéis necessários, mas não conseguiu encontrar o grego em parte alguma. Nem Paulette. Ela devia voltar dentro de alguns meses, ou talvez não.

— Desculpe, Clay — ela disse ao telefone. — Mas na verdade não quero mais trabalhar.

Assim Mulrooney se tornou o confidente, o sócio não-oficial com grandes ambições. Ele e sua equipe estavam estudando a mudança da paisagem da ação

coletiva. Aprenderam a lei e os procedimentos. Leram os artigos dos acadêmicos e leram as histórias dos advogados de tribunal da guerra de fronteiras. Havia muitos Web sites — um que relacionava todas as ações coletivas pendentes nos Estados Unidos, num total de onze mil; um que ensinava queixosos em potencial a entrar para uma ação coletiva e receber compensação; um que se especializava em ações judiciais relacionadas com a saúde da mulher; um para os homens; vários para o fiasco do comprimido de dieta Skinny Ben; vários para o litígio do fumo. Nunca tanto esforço de inteligência, escorado por tanto dinheiro, foi usado para atacar empresas que fabricavam produtos defeituosos.

Mulrooney tinha um plano. Com tantas ações coletivas já entradas, a firma podia gastar seus recursos consideráveis para conseguir novos clientes. Uma vez que Clay tinha o dinheiro para anunciar e negociar, podiam escolher as ações coletivas mais lucrativas e se concentrar em queixosos ainda não-relacionados. Como o Dyloft, quase todas as ações judiciais resolvidas com acordo ficavam em aberto durante alguns anos para permitir que novos participantes recebessem o que tinham direito. A firma de Clay podia simplesmente apanhar os restos das ações indenizatórias de massa de outros advogados, mas por enormes honorários. Ele usou o exemplo do Skinny Ben. A melhor estimativa do número de queixosos em potencial era cerca de trezentos mil, talvez com cem mil ainda não identificados e certamente não representados. O processo judicial fora acertado, a empresa tinha milhões reservados. Bastava a um queixoso se registrar com o administrador da ação coletiva, provar com seus exames médicos e receber o dinheiro.

Como um general movimentando suas tropas, Clay designou dois advogados e um paralegal para o front do Skinny Ben. Era menos do que Mulrooney pedia, mas Clay tinha planos maiores. Ele iniciou uma guerra contra o Maxatil, uma ação judicial que ele próprio dirigiria. O relatório do governo, ainda não publicado e evidentemente roubado por Max Pace, tinha cento e quarenta páginas cheias de efeitos adversos. Clay leu duas vezes antes de dar para Mulrooney.

Numa noite de neve no fim de janeiro, trabalharam até depois da meia-noite, examinando o relatório e fazendo planos detalhados de ataque. Clay designou Mulrooney e dois outros advogados, dois paralegais e três secretárias para a ação judicial Maxatil.

Às duas horas da manhã, com a neve pesada batendo na janela da sala, Mulrooney disse que precisava conversar sobre algo desagradável.

— Precisamos de mais dinheiro.

— Quanto? — Clay perguntou.

— Somos treze agora, todos vindos de firmas grandes, onde ganhávamos bem.

Dez são casados, quase todos tem filhos, estamos sentindo a pressão, Clay. Você nos deu contratos de um ano a setenta e cinco mil por ano, e acredite, ficamos felizes por

conseguir isso. Você não tem ideia do que é estudar em Yale, ou numa faculdade igual, ser cortejado por grandes firmas, aceitar um emprego, casar, depois ser jogado na rua sem nada. Faz alguma coisa ao velho ego, sabe?

— Eu compreendo.

— Você duplicou meu salário e eu agradeço mais do que pode imaginar. Vou indo bem. Mas os outros estão lutando. E são homens muito orgulhosos.

— Quanto?

— Eu detestaria perder um deles. São todos brilhantes. Trabalham duro.

— Vamos fazer uma coisa, Oscar. Eu sou um cara muito generoso. Darei a vocês um novo contrato de um ano, a duzentos mil. O que recebo de volta é uma tonelada de horas. Estamos perto de uma coisa enorme, maior que a do ano passado. Vocês trabalham duro e eu dou bônus. Grandes bônus. Adoro bônus, Oscar, por motivos óbvios. Combinado?

— Negócio fechado, chefe.

A neve estava muito pesada para sair de carro por isso eles continuaram a maratona. Clay tinha relatórios preliminares da empresa em Reedsburg, Pensilvânia, que fabricava argamassa defeituosa. Wes Saulsberry tinha entregue o dossiê secreto que mencionara em Nova York. Cimento de alvenaria não era tão emocionante quanto tumores na bexiga, coágulos de sangue ou válvulas cardíacas enfraquecidas, mas o dinheiro tinha a mesma cor. Eles designaram dois advogados e um assistente para preparar a ação coletiva e encontrar alguns queixosos.

Trabalharam juntos dez horas seguidas na sala de conferências, tomando café, comendo bagels amanhecidos, vendo a neve se transformar em tempestade, planejando o ano. Embora a reunião tivesse começado como uma troca de ideias, se transformou em algo muito mais importante. Uma nova firma de advocacia tomou forma com um sentido claro de para onde estava indo e do que se tornaria.

O PRESIDENTE PRECISAVA DELE! Embora a dois anos ainda da reeleição, seus inimigos já estavam angariando dinheiro para a campanha. Ele ficara firme ao lado dos advogados desde o seu tempo de senador novato. Na verdade fora também um advogado de cidade pequena e ainda se orgulhava disso e agora precisava da ajuda de Clay para aparar os golpes dos interesses egoístas das grandes empresas. O veículo proposto por ele para conhecer Clay pessoalmente foi uma coisa chamada Revisão Presidencial, um grupo seletivo de poderosos advogados de tribunal e do trabalho que podiam assinar belos cheques e passar algum tempo falando sobre os assuntos que os interessavam.

Os inimigos planejavam outro assalto maciço chamado Reforma da Fraude Agora. Queriam pôr limites hediondos nos processos legais reais e de indenização por danos. Queriam dismantelar o sistema de ações coletivas que os tinha servido

(aos rapazes das ações indenizatórias) tão bem. Queriam evitar que o povo processasse os médicos.

O presidente ficaria firme, como sempre, mas sem dúvida precisava de alguma ajuda. A bonita carta de três páginas terminava com um pedido angustiado de dinheiro, muito dinheiro. Clay telefonou para Patton French que, por incrível que pareça, estava no escritório em Biloxi. French foi brusco como de hábito.

— Faça o maldito cheque — ele disse.

Foram trocados vários telefonemas entre Clay e o diretor da Revisão Presidencial. Mais tarde Clay não lembrava com quanto pretendia contribuir, mas nem chegava perto do cheque de 250 mil dólares que assinou. Um mensageiro apanhou o cheque e o levou para a Casa Branca. Quatro horas depois, outro mensageiro entregou a Clay um pequeno envelope da Casa Branca. O bilhete, escrito à mão no cartão de correspondência do presidente dizia: "Caro Clay: estou numa reunião do gabinete (tentando me manter acordado), se não fosse isso, eu teria telefonado. Obrigado pela ajuda. Vamos jantar juntos e nos conhecer."

Assinado pelo presidente.

Bonito, mas por um quarto de milhão ele não esperava nada menos. No dia seguinte, um mensageiro entregou um grosso convite da Casa Branca.

PEDE-SE RESPOSTA URGENTE,

estava gravado no lado de fora. Clay e um acompanhante estavam convidados para um jantar oficial de Estado, em honra do presidente da Argentina. Traje a rigor, é claro. RSVP[2] imediatamente porque o evento seria daí a quatro dias. Espantoso o que 250 mil dólares podiam comprar em Washington.

Ridley, é claro, precisava de um vestido adequado, e, como Clay estava pagando, foram comprar juntos. E ele fez isso sem se queixar, porque queria saber com antecedência o que ela iria vestir. Sem supervisão, ela podia chocar os argentinos e todos os outros com tecidos transparentes e aberturas na saia que iam até a cintura. Não senhor, Clay queria ver o vestido antes de Ridley comprar.

Mas ela foi surpreendentemente modesta no gosto e no preço. Tudo caía bem em Ridley. Afinal ela era modelo, embora parecesse trabalhar cada vez menos. Finalmente escolheu um vestido vermelho estonteante mas simples que revelava muito menos do que ela mostrava normalmente. Por três mil dólares era uma pechincha. Sapatos, um colar de pérolas pequenas, um bracelete de ouro e brilhantes e Clay escapou com pouco menos de 15 mil dólares de danos.

Na limusine, do lado de fora da Casa Branca, esperando os que estavam na frente serem revistados por um enxame de guardas, Ridley disse: — Não acredito que estou fazendo isto. Eu, uma pobre garota da Georgia, na Casa Branca. — Ela estava enroscada no braço direito de Clay. A mão dele na coxa dela. Seu sotaque era mais pronunciado, o que acontecia quando ficava nervosa.

— Difícil de acreditar — ele disse, também emocionado.

Quando desceram da limusine, sob a marquise da Ala Oeste, um fuzileiro com uniforme de gala segurou o braço de Ridley e começou a escoltá-los para o Salão Oeste da Casa Branca, onde os convidados reunidos tomavam drinques. Clay os acompanhou, olhando para o traseiro de Ridley, deliciando-se com cada segundo. Relutantemente o fuzileiro largou o braço dela e foi apanhar outra convidada. Um fotógrafo fez uma foto deles.

Dirigiram-se para o primeiro grupo de conversação e se apresentaram a pessoas que jamais veriam outra vez. O jantar foi anunciado e todos foram para a Sala de Jantar do Estado, onde quinze mesas com dez lugares cada uma, muito juntas umas das outras, estavam cobertas com mais porcelana, prata e cristal do que parecia possível reunir num lugar só. Os lugares eram marcados e ninguém sentava ao lado do cônjuge ou do companheiro ou companheira. Clay levou Ridley até a mesa dela, ajudou-a a se sentar, a beijou no rosto e disse: "Boa sorte." Ridley deu um sorriso brilhante e confiante de modelo, mas ele sabia que naquele momento ela era uma garotinha assustada da Georgia. Antes que ele estivesse a três metros de distância, dois homens pairavam sobre ela, segurando sua mão, apresentando-se calorosamente.

Era o começo de uma longa noite para Clay. À sua direita estava uma rainha da sociedade de Manhattan, encarquilhada, enrugada, mal-humorada, que parecia um cadáver de tanto passar fome. Era surda e falava a todo volume. À esquerda estava a filha de um magnata dos shoppings do Meio-Oeste que fora colega do presidente na universidade. Clay voltou sua atenção para ela e trabalhou arduamente por cinco minutos até se convencer de que ela não tinha nada para dizer.

O relógio parou.

Estava de costas para Ridley. Não tinha ideia de como ela estava sobrevivendo.

O presidente falou, o jantar foi servido. Um cantor de ópera, na frente de Clay, sentindo o efeito do vinho começou a contar piadas sujas. Sua voz era alta e anasalada e o homem era completamente desinibido, quando se tratava de usar palavras obscenas em companhia mista e na Casa Branca, além de tudo.

Três horas depois de ter sentado, Clay levantou-se e se despediu de todos seus maravilhosos amigos. O jantar terminou e uma banda afinava os instrumentos no Salão Leste. Clay pegou Ridley e foram para onde estava a música. Um pouco antes da meia-noite, quando os convidados estavam reduzidos a uns doze, o presidente e a primeira-dama se juntaram aos mais animados, para uma ou duas danças. Ele pareceu ter realmente prazer em conhecer o dr. Clay Carter.

— Tenho lido a seu respeito na imprensa, born trabalho, filho.

— Obrigado, sr. presidente.

— Quem é o broto?

— Uma amiga. — O que as feministas fariam se soubessem que o presidente tinha usado a palavra broto?

— Posso dançar com ela?

— Claro, sr. presidente.

E com isso a srta. Ridal Petashnakol, uma ex-estudante da Geórgia, de um programa de intercâmbio, de vinte e quatro anos, foi apertada e abraçada pelo presidente dos Estados Unidos.

O TEMPO DE ESPERA PARA A ENTREGA de um novo Gulfstream 5 era de no mínimo vinte e dois meses, provavelmente mais, porém esse não era o maior obstáculo. O preço atual era de 44 milhões de dólares, completamente equipado, é claro, com todos os últimos aparelhos e brinquedos. Era simplesmente muito dinheiro, mas Clay estava tentado a arriscar. O corretor explicou que a maioria dos G-5 era comprada por grandes empresas com bilhões de dólares de capital, que encomendavam dois ou três de cada vez e os mantinham no ar. O melhor negócio para ele, como único proprietário, era alugar por um tempo, digamos uns seis meses, um aparelho mais antigo, para ter certeza de que era o que queria. Então poderia converter o aluguel em uma compra, com 90 por cento do pagamento aplicado no preço total.

O corretor tinha o avião certo para isso. Era um modelo 1998 G-4 SP (desempenho especial) que uma empresa Fortune 500 recentemente trocara por um novo G-5. Quando Clay viu o avião majestosamente estacionado na rampa do Reagan National, seu coração disparou. Era branco, com uma elegante listra azul-escura. Paris em seis horas. Londres em cinco.

Ele subiu a bordo com o corretor. Se era uns dois centímetros menor do que o G-5 de Patton French, não dava para notar. Tinha couro, mogno e bronze por toda parte. Cozinha, bar e sala de descanso na parte de trás; os últimos apetrechos de aviação na frente, para os pilotos. Um sofá-cama, e por um segundo ele pensou em Ridley, os dois sob as cobertas a treze mil metros de altitude. Sistemas perfeitos de estéreo, vídeo e telefone. Fax, PC, acesso à Internet.

O avião parecia novo em folha e o vendedor explicou que acabava de sair da oficina, onde tinham pintado a parte externa e reformado a parte interna. Quando Clay insistiu, ele disse: — É seu por trinta milhões.

Sentaram a uma pequena mesa e começaram a fazer negócio. A ideia de alugar por um tempo foi completamente abandonada. Com sua renda, Clay não teve dificuldade para conseguir um bom financiamento. Suas notas promissórias de apenas 300 mil dólares por mês, eram pouco mais do que o pagamento do aluguel. E se mais tarde ele quisesse trocar, então o corretor o aceitaria de volta pela maior avaliação do mercado e forneceria todos os acessórios que ele quisesse.

Os pilotos custariam 200 mil dólares por ano, incluindo benefícios, treinamento, tudo. Clay podia considerar a possibilidade de registrar o avião numa empresa arrendadora de aviões.

— Dependendo do quanto você o usar, pode ganhar até um milhão por ano de aluguel — o corretor disse, preparando o golpe final —, isso cobrirá as despesas dos

pilotos, espaço no hangar e manutenção.

— Alguma ideia de quanto vou usá-lo? — Clay perguntou, sua mente girando com as possibilidades.

— Já vendi muitos aviões para advogados — o vendedor disse, apanhando a lista das pesquisas. — Trezentas horas por ano, no máximo. Pode alugá-lo pelo dobro.

Uau, Clay pensou. Esta coisa pode realmente gerar alguma renda.

A voz da razão o mandava ser cauteloso, mas por que esperar? E a quem, exatamente podia pedir conselho? As únicas pessoas que conhecia com experiência no assunto eram seus companheiros da responsabilidade civil e todos diriam: "Você ainda não tem seu jato? Compre!"

E Clay comprou.

O LUCRO DA GOFFMAN NOS últimos três meses do ano foi maior do que os do ano anterior, com recorde de vendas. Suas ações estavam em 65 dólares, o maior em dois anos. Na primeira semana de janeiro, a empresa lançou uma campanha diferente, promovendo não apenas um produto, mas a própria companhia. "Goffman sempre esteve aqui" era o slogan e tema, e todos os comerciais na televisão eram uma montagem de produtos conhecidos usados para proteger e dar conforto à América: a mãe aplicando um pequeno curativo no ferimento do filho pequeno; um belo jovem com a obrigatória barriga musculosa e lisa, fazendo a barba com imenso prazer; um casal grisalho na praia, feliz, livre das hemorroidas; um corredor em agonia, tomando um analgésico e assim por diante. A lista dos consumidores confiantes dos produtos da Goffman era longa.

Mulrooney observava a empresa com mais atenção do que um analista da bolsa, e estava convencido de que a campanha publicitária não passava de um plano para preparar os investidores e consumidores para o choque do Maxatil. Sua pesquisa não encontrou nenhuma outra mensagem de "sinta-se bem" na história do marketing da Goffman. A companhia estava entre as cinco primeiras anunciantes do país, mas sempre empregava o dinheiro num produto específico de cada vez, com ótimos resultados.

Max Pace compartilhava dessa opinião. Pace estava agora instalado no Hay-Adams Hotel. Clay foi à suíte dele para um jantar de serviço de quarto, tarde da noite. Pace estava inquieto e ansioso para lançar a bomba em Goffman. Leu as últimas revisões da ação coletiva que daria entrada na capital. Como sempre, fez notas na margem.

— Qual é o plano? — ele disse, ignorando a comida e o vinho. Clay não estava ignorando o jantar.

— Os anúncios começam em oito mercados, costa a costa. A linha quente está

instalada. O Web site está pronto. Minha pequena firma está a postos. Entrarei no tribunal às dez horas mais ou menos e darei entrada na ação.

— Parece born.

— Já fizemos isso antes. Os escritórios de advocacia de J. Clay Carter II são uma máquina de ações indenizatórias de massa, muito obrigado.

— Seus novos amigos não sabem de nada?

— Claro que não. Por que eu contaria? Estamos juntos no Dyloft, mas French e aqueles caras são meus competidores também. Eu os deixei chocados então, vou chocá-los agora. Mal posso esperar.

— Não esqueça que isto não é Dyloft. Você teve sorte então porque pegou uma empresa fraca num mau momento. Goffman vai ser muito mais difícil.

Finalmente Pace pôs as ações judiciais sobre a cômoda e se sentou para comer.

— Mas eles fabricaram um medicamento defeituoso — Clay disse —, e você não vai a julgamento com um remédio defeituoso.

— Não numa ação coletiva. Minhas fontes dizem que Goffman pode querer litigar o caso em Flagstaff, uma vez que é o único queixoso.

— O caso Mooneyham.

— Isso mesmo. Se perderem, serão mais brandos no acordo. Se ganharem, então esta pode ser uma longa luta.

— Você disse que Mooneyham não perde.

— Há mais ou menos vinte anos. Os júris o adoram. Ele usa chapéus de caubói e casacos de camurça, botas vermelhas e coisas assim. Uma volta aos dias em que os advogados de tribunal julgavam de verdade seus casos. Uma obra de arte. Você devia conhecê-lo. Valeria a pena a viagem.

— Vou anotar na minha lista. — O Gulfstream estava no hangar, ansioso para viajar.

Um telefone tocou e Pace passou cinco minutos conversando em voz baixa, na outra extremidade da suíte.

— Valeria — ele disse quando voltou para a mesa. Clay imaginou a criatura assexuada comendo uma cenoura. Pobre Max. Ele podia ter coisa muito melhor.

Clay dormiu no escritório. Tinha mandado instalar um pequeno quarto com banheiro ao lado da sala de reuniões. Quase sempre ficava acordado até depois da meia-noite, em seguida algumas horas de sono, um rápido banho de chuveiro e de volta à mesa de trabalho às seis horas da manhã.

Seus hábitos de trabalho estavam se tornando lendários não só na firma, mas na cidade. Grande parte dos comentários nos círculos de direito eram a seu respeito, pelo menos no momento, e suas dezesseis horas de trabalho por dia, geralmente passavam a dezoito e vinte nos comentários dos bares e dos coquetéis.

E por que não trabalhar o tempo todo, dia e noite? Estava com trinta e dois

anos, solteiro, sem nenhuma obrigação séria para roubar seu tempo. Com sorte e uma pequena dose de talento recebera uma oportunidade única de sucesso como poucos recebiam. Por que não se dedicar inteiramente à sua firma durante alguns anos, depois chutar tudo e apenas aproveitar o resto da vida?

Mulrooney chegou logo depois das seis, com quatro xícaras de café tomadas e centenas de ideias na cabeça.

— Dia-D!

— Vamos chutar alguns traseiros!

As sete horas, a firma vibrava, com advogados e assistentes olhando para os relógios, esperando a invasão. Secretárias levavam café e bagels de escritório a escritório. Às oito horas, reuniram-se na sala de reuniões na frente da grande tela de TV. A afiliada da ABC da capital passou o primeiro anúncio: Uma mulher atraente de sessenta e poucos anos, cabelo grisalho cortado curto, óculos de grife, sentada a uma pequena mesa na cozinha, olhava tristemente pela janela. Voz de fundo [uma voz bastante ameaçadora]: "Se você tem tomado o hormônio feminino Maxatil, pode ter aumentado o risco de câncer da mama, doença cardíaca e derrame." Perto da mão da senhora, na mesa, o close-up de um vidro de comprimidos com a palavra MAXATIL em letras grandes. [Uma caveira com ossos cruzados embaixo não seria mais assustador.] Voz de fundo: "Por favor, consulte seu médico imediatamente. Maxatil pode representar uma grande ameaça à sua saúde." Close no rosto da mulher, mais triste agora e seus olhos começam a ficar úmidos. Voz de fundo: "Para mais informações ligue para a Linha Quente Maxatil." Aparece um número 800 na parte inferior da tela. A imagem final é a mulher tirando os óculos e enxugando uma lágrima do rosto.

Eles aplaudiram e deram vivas, como se o dinheiro estivesse pronto para ser entregue por mensageiro na manhã seguinte. Então Clay mandou todos de volta aos seus postos ao lado dos telefones para começar a colecionar clientes. Exatamente às nove horas, como estava marcado, cópias da ação judicial foram enviadas por fax para os jornais e os canais a cabo especializados em finanças. Clay telefonou para seu velho amigo do The Wall Street Journal e deu a notícia. Disse que poderia pensar numa entrevista dentro de um ou dois dias.

Goffman abriu na bolsa a 65,25, mas logo despencou com a notícia da ação judicial contra o Maxatil na capital. Clay foi fotografado por vários fotógrafos dando entrada na ação no tribunal.

Ao meio-dia, Goffman caíra para 61 dólares. A empresa se apressou em divulgar uma declaração para a imprensa negando decisivamente que o Maxatil tivesse aqueles efeitos terríveis alegados na ação judicial. Defenderia o caso vigorosamente.

Patton French telefonou na hora do "almoço". Clay, de pé atrás da sua mesa,

comia um sanduíche vendo crescer o número de mensagens por telefone.

— Espero que saiba o que está fazendo — French disse, desconfiado.

— Nossa, espero que sim, Patton. Como vai você?

— Bem. Examinamos cuidadosa e longamente o Maxatil há seis meses.

Resolvemos passar ao largo. Uma causa pode ser um grande problema.

Clay largou o sanduíche e tentou respirar. Patton French dizendo não a um caso de responsabilidade civil. Deixando passar uma ação coletiva contra uma das mais ricas empresas do país? Clay percebeu então o silêncio na linha.

— Bem, Patton, vemos as coisas de modo diferente. — Estendeu a mão para trás, procurando o apoio da cadeira. Finalmente sentou-se pesadamente.

— Na verdade todos passaram, menos você. Saulsberry, Didier, Carlos em Miami. Um cara em Chicago tem um monte de casos, mas ainda não deu entrada. Eu não sei, talvez você esteja certo. Nós simplesmente não vimos.

French estava pescando.

— Temos boas evidências — Clay disse. Os relatórios do governo! É isso! Clay tinha os relatórios e French não tinha. Finalmente respirou e o sangue recomeçou a circular.

— Acho bom você se organizar, Clay. Esses caras são muito bons. Fazem o velho Wicks e os rapazes dos Laboratórios Ackerman parecerem escoteiros.

— Parece que está com medo, Patton. Estou surpreso.

— Não com medo. Mas se houver uma falha na sua teoria de responsabilidade, eles o devoram vivo. E nem pense num acordo rápido.

— Você está dentro?

— Não. Não gostei do caso há seis meses e não gosto dele agora. Além disso, tenho muitas outras panelas no fogo. Boa sorte.

Clay fechou e trancou a porta do escritório. Foi até a janela e ficou pelo menos uns cinco minutos até sentir o frio da camisa grudada nas costas. Levou a mão à testa e sentiu que estava molhada de suor.

A MANCHETE NO Daily Profit gritava:
UM MERO MILHÃO NÃO É SUFICIENTE.

E as coisas ficavam piores depois disso. O artigo começava com um breve parágrafo sobre a "frívola" ação judicial que dera entrada na véspera na capital, contra Goffman, uma das melhores companhias de produtos de consumo da América. Seu medicamento maravilhoso, o Maxatil ajudara um sem-número de mulheres durante o pesadelo da menopausa, mas agora estava sendo atacada pelos mesmos tubarões que tinham levado à falência a A. H. Robins, Johns Manville, Owens-Illinois e praticamente toda a indústria de amianto da América.

O texto ganhava força quando atacava o tubarão líder, um jovem figurão imprudente da capital chamado Clay Carter que, segundo suas fontes, nunca julgara uma ação judicial perante um júri. Entretanto havia ganho mais de 100 milhões de dólares no ano anterior na Loteria das ações indenizatórias. Evidentemente o repórter tinha um estábulo completo de fontes confiáveis. A primeira era um executivo da Câmara do Comércio dos Estados Unidos, que se rebelava contra ações judiciais em geral e contra advogados de tribunal em particular. "Os Clay Carters do mundo só servem para inspirar os outros a entrar com ações judiciais. Há um milhão de advogados neste país. Se um desconhecido como o Dr. Carter ganha tanto tão depressa, então nenhuma empresa decente está segura." Um professor de direito de uma faculdade que Clay nunca tinha ouvido falar, disse: "Esses caras são impiedosos. Sua cobiça é enorme e por causa disso eles acabarão estrangulando a galinha dos ovos de ouro." Um senador bombástico de Connecticut escolheu o momento para pedir a aprovação imediata do projeto de sua autoria de reforma da lei da ação coletiva. Haveria audiências do Comitê e o Dr. Carter podia ser intimado a testemunhar perante o Congresso.

Fontes não identificadas dentro da Goffman disseram que a empresa se defenderia vigorosamente, que não cederia à chantagem da ação coletiva e que no tempo certo exigiria o reembolso dos honorários dos seus advogados e os custos do litígio devido à natureza ultrajante e frívola da acusação.

As ações da companhia tiveram uma queda de 11 por cento, uma equidade de perda de investidores de cerca de dois bilhões de dólares, tudo por causa do caso absurdo. "Por que os acionistas da Goffman não processam pessoas como Clay Carter?", perguntava o professor da faculdade desconhecida.

Era material difícil de ser lido, mas Clay certamente não podia ignorá-lo. Um editorial no Investment Times pedia ao Congresso para examinar seriamente a reforma da ação judicial. Também chamava a atenção para o fato de o jovem Dr.

Carter ter feito uma fortuna em menos de um ano. Ele não passava de um "fanfarrão", cujos lucros mal adquiridos só podiam inspirar outros aventureiros a processar todo mundo.

A palavra "fanfarrão" pairou por alguns dias no escritório, provisoriamente substituindo "O Rei". Sorrindo, Clay agia como se fosse uma honra. "Um ano atrás ninguém falava em mim", ele se gabava. "Agora é tudo o que eles fazem." Mas atrás da porta trancada do escritório estava inquieto e preocupado com a pressa com que tinha iniciado o processo contra Goffman. O fato de os seus amigos especializados em responsabilidade civil não terem entrado no jogo não era born sinal. A imprensa hostil o provocava. Até então não tinha aparecido ninguém em sua defesa. Pace desaparecera, o que não era de estranhar, mas não exatamente o que Clay precisava naquele momento.

Seis dias depois de ter dado entrada no processo, Pace telefonou da Califórnia.

— Amanhã é o grande dia — ele disse.

— Preciso de alguma boa notícia. O relatório do governo? Clay perguntou.

— Não posso dizer — Pace respondeu. — E nada de telefonemas. Alguém pode estar escutando. Explico quando chegar aí. Mais tarde.

Alguém pode estar ouvindo? De que lado da linha, de Clay ou de Pace? E quem, pode me dizer? Outra noite em claro.

O estudo do Conselho Americano sobre Idosos originalmente tinha como finalidade pesquisar vinte mil mulheres entre as idades de quarenta e cinco e setenta e cinco anos, durante sete anos. O grupo foi dividido igualmente, uma parte tomando uma dose diária de Maxatil, a outra tomando placebo. Mas depois de quatro anos os pesquisadores abandonaram o projeto devido aos péssimos resultados. Encontraram um aumento no risco de câncer da mama, doença cardíaca e derrame numa grande porcentagem das participantes. Para aquelas que tomaram o medicamento, o risco de câncer da mama era de 33 por cento, doenças cardíacas, 21 por cento, e derrames, 20 por cento.

O estudo previa que para cada cem mil mulheres que usavam Maxatil durante quatro anos ou mais, quatrocentas teriam câncer da mama, trezentas sofreriam de algum grau de doença cardíaca e haveria trezentos derrames de moderados a severos.

Na manhã seguinte o relatório foi publicado. As ações da Goffman sofreram outra queda chegando a 51 dólares por unidade. Clay e Mulrooney passaram a tarde monitorando Web sites e canais a cabo, esperando uma reação da companhia, mas não houve nenhuma. Os repórteres comerciais que haviam atacado Clay quando ele deu entrada no processo não telefonaram para saber sua reação ao estudo.

Mencionaram brevemente a história no dia seguinte. O Post publicou um sumário bastante lacônico da publicação do relatório, mas o nome de Clay não apareceu. Ele

se sentiu vingado, mas ignorado. Tinha muita coisa para dizer em resposta às críticas, mas ninguém queria ouvir.

Sua ansiedade foi aliviada pelo dilúvio de telefonemas das pacientes do Maxatil.

O GULFSTREAM FINALMENTE TINHA de escapar. Oito dias no hangar e Clay estava ansioso para viajar. Com Ridley a bordo seguiu para Oeste, primeiro para Las Vegas, mas ninguém no escritório sabia dessa parada. Era uma viagem de negócios, e muito importante. Clay tinha hora marcada com o grande Dale Mooneyham, em Tucson, para conversar sobre o Maxatil.

Passaram duas noites em Las Vegas, num hotel com leopardos e panteras exibidos numa falsa reserva de caça, no lado de fora da entrada principal. Clay perdeu 30 mil dólares no vinte e um e Ridley gastou 25 mil dólares em roupas das inúmeras boutiques de grife no saguão do hotel. O Gulfstream voou para Tucson.

Mott & Mooneyham tinham convertido uma velha estação de trens no centro da cidade num agradavelmente simples conjunto de escritórios. O saguão era a antiga área de espera, uma sala longa de teto abobadado onde duas secretárias trabalhavam cada uma numa extremidade, como se tivessem sido separadas para manter a paz. Vistas de perto pareciam incapazes de brigar. Ambas tinham setenta e poucos anos e pareciam perdidas num mundo à parte. Era uma espécie de museu, uma coleção de produtos que Dale Mooneyham levava ao tribunal para mostrar aos jurados. Sobre um alto gabinete estava o aquecedor de água a gás e a placa de bronze acima da porta dava o nome do caso e a quantia do veredicto — 4,5 milhões, 3 de outubro, 1988, Stone County, Arkansas. Havia um triciclo danificado que tinha custado à Honda três milhões na Califórnia e um rifle barato que enraivecera de tal modo um júri do Texas que deu 11 milhões de dólares ao queixoso. Dezenas de produtos — um cortador de grama, o chassis queimado de um Toyota Celica, uma prensa de broca, um colete salva-vidas defeituoso, uma escada de madeira amassada. E nas paredes os recortes de jornais e grandes fotos do grande homem entregando cheques aos seus clientes lesados. Clay, sozinho porque Ridley estava fazendo compras, examinou um a um os objetos exibidos, encantado com as conquistas, sem perceber que o fizeram esperar quase uma hora.

Um assistente então o conduziu por um largo corredor ladeado por escritórios espaçosos. As paredes eram cobertas de ampliações de manchetes e reportagens de jornais, todas contando as emocionantes vitórias no tribunal. Fosse quem fosse, Mott certamente era uma figura insignificante. O papel timbrado só mencionava quatro outros advogados.

Dale Mooneyham estava sentado à sua mesa e se levantou apenas a meio quando Clay entrou sem ser anunciado e sentindo-se como um vagabundo qualquer.

O aperto de mãos foi frio e convencional. Ele não era bem-vindo ali e ficou confuso com a recepção. Mooneyham tinha pelo menos setenta anos, um homem grande com peito largo e grande barriga. Calça jeans, botas vermelhas vistosas, camisa de caubói amarrotada e é claro, sem gravata. Tingia o cabelo de preto e estava na hora de outra tintura porque os lados estavam brancos, a parte de cima penteada para trás com muito óleo. Rosto longo e largo, os olhos inchados de quem bebia bastante.

— Belo escritório, realmente original — Clay disse, tentando derreter um pouco o gelo.

— Comprei há quarenta anos — Mooneyham disse —, por quinhentos dólares.

— Uma bela coleção de lembranças.

— Eu me dei bem, filho. Não perdi um julgamento em vinte e um anos.

Suponho que está na hora de começar a perder, pelo menos é o que dizem meus oponentes.

Clay olhou em volta e tentou relaxar na cadeira baixa de couro. O escritório era pelo menos cinco vezes maior do que o seu, com cabeças empalhadas de animais cobrindo as paredes e observando cada movimento. Não havia telefones tocando, nenhum fax estalando a distância. Não havia nenhum computador no escritório de Mooneyham.

— Acho que estou aqui para falar sobre o Maxatil — Clay disse, sentindo que podia ser mandado embora a qualquer momento.

Hesitação, nenhum movimento a não ser um reajuste casual dos pequenos olhos escuros.

— Um medicamento ruim — ele disse simplesmente, como se Clay não tivesse ideia. — Eu dei entrada num processo há cinco meses em Flagstaff. Temos uma via expressa aqui no Arizona chamada de agenda-foguete, portanto devemos ter um julgamento no começo do outono. Ao contrário de você, só dei entrada no processo depois do meu caso ser completamente pesquisado e preparado e estou pronto para o julgamento. Faça desse modo e o outro lado jamais o alcançará. Escrevi um livro sobre a preparação da pré-ação judicial. Ainda leio sempre. Você devia ler também.

Devo ir embora agora? Clay queria perguntar. — E o seu cliente?

— Só tenho um. Ações coletivas são ilegais, pelo menos do modo que você e seus amigos as usam. São meios ilegais de ganhar dinheiro e um assalto aos consumidores, uma loteria impulsionada pela cobiça, que algum dia vai prejudicar todos nós. A ganância descontrolada vai levar o pêndulo para o outro lado. Severas reformas serão feitas. Vocês ficarão sem trabalho, mas não se importarão porque têm o dinheiro. Os prejudicados serão os futuros queixosos, toda aquela gente humilde que não poderá processar as firmas fabricantes de produtos defeituosos porque vocês burlaram a lei.

— Perguntei do seu cliente.

— Sessenta anos, mulher branca, não fumante, tomou Maxatil durante quatro anos. Eu a conheci há um ano. Aqui não nos apressamos, fazemos o dever de casa antes de começar a atirar.

Clay pretendia falar sobre grandes coisas, grandes ideias, como quantos clientes do Maxatil em potencial eles tinham, o que Mooneyham esperava da Goffman e quais os tipos de peritos que ele pretendia usar no julgamento. Em vez disso, procurava um modo de sair dali rapidamente.

— Não espera um acordo? — ele perguntou, conseguindo parecer interessado.

— Eu não faço acordos, filho. Meus clientes sabem disso logo no começo. Aceito três casos por ano cuidadosamente selecionados por mim. Gosto de casos diferentes, produtos e teorias que nunca experimentei antes. Tribunais que nunca vi. Posso escolher porque os advogados me procuram todos os dias. E sempre vou a julgamento. Quando aceito um caso sei que não haverá acordo. Isso elimina uma grande distração. Logo no começo digo ao acusado: "Não vamos perder tempo pensando num acordo, está bem?"

Finalmente ele mudou o peso do corpo de um lado para o outro, como se tivesse dor nas costas ou coisa parecida.

— Esta é uma boa notícia para você, filho. Eu vou ser o primeiro a atacar Goffman e se o júri enxergar as coisas como eu vejo, então dou à minha cliente um belo veredicto. Todos vocês, imitadores, podem fazer fila, saltar para o vagão, anunciar para conseguir novos clientes e fazer um acordo e tirar sua comissão. Assim faço outra fortuna para vocês.

— Eu gostaria de ir a julgamento — Clay disse.

— Se o que tenho lido está certo, você nem sabe onde fica o tribunal.

— Posso encontrar. Um dar de ombros.

— Provavelmente não vai precisar. Quando eu acabar com Goffman, eles vão fugir correndo de qualquer júri.

— Não preciso fazer acordo.

— Mas vai fazer. Você tem milhares de casos. Não terá coragem de ir a julgamento.

E com isso, ele se levantou vagarosamente estendeu a mão flácida e disse: — Tenho muito trabalho.

Clay saiu rapidamente do escritório, seguiu pelo corredor, passou pelo saguão do museu e enfrentou o calor escaldante do deserto.

MÁ SORTE EM VEGAS e um desastre em Tucson, mas a viagem foi salva em algum lugar sobre Oklahoma a 130 mil metros de altitude. Ridley dormia no sofá, debaixo das cobertas, completamente morta para o mundo, quando o fax começou a zumbir. Clay foi para a parte de trás da cabine escura e apanhou a folha transmitida.

Era de Oscar Mulrooney. Tinha encontrado uma reportagem na Internet — a classificação real das firmas e dos honorários, da revista American Attorney. Na lista dos vinte advogados mais bem pagos do país, estava o dr. Clay Carter, em oitavo lugar com a estimativa de ter ganho 110 milhões de dólares no ano anterior. Tinha até uma pequena foto de Clay com a legenda "Novato do Ano".

Nada mau como palpite, Clay pensou. Infelizmente, 30 milhões do seu acordo Dyloft fora pago em bônus para Paulette, Jonah e Rodney, recompensas que a princípio pareceram generosas, mas que, pensando bem, foram simplesmente uma tolice. Nunca mais. A boa gente da American Attorney não sabia daqueles bônus dados de coração. Não que Clay se queixasse. Nenhum outro advogado da capital estava entre os dez primeiros.

O número um era uma lenda de Amarillo chamado Jock Ramsey que tinha negociado um caso de lixo tóxico que envolvia várias empresas de produtos químicos e de petróleo. O caso se arrastou por nove anos. A parte de Ramsey era estimada em 450 milhões de dólares. Um advogado de Palm Beach que processara uma empresa de tabaco tinha uma estimativa de ganhos de 400 milhões de dólares. Outro de Nova York era o terceiro, com 325 milhões. Patton French era o quarto da lista o que, sem dúvida, o irritava sobremaneira.

Na privacidade do seu Gulfstream, olhando para o artigo da revista com sua foto, Clay disse a si mesmo outra vez que tudo era um sonho. Havia 76 mil advogados na capital e ele era o número um. Um ano atrás nunca ouvira falar em Tarvan, Dyloft ou Maxatil, nem prestava muita atenção às ações indenizatórias coletivas. Há um ano seu maior sonho era fugir do GDP e conseguir um lugar numa firma respeitável, que pagasse o suficiente para alguns ternos novos e um carro melhor. Seu nome num papel timbrado impressionaria Rebecca e manteria seus pais longe deles. Um belo escritório com clientes de alta classe permitiria que ele deixasse de evitar seus colegas da faculdade. Sonhos tão modestos.

Clay resolveu não mostrar o artigo para Ridley. Ela começava a se encantar com o dinheiro e a ficar mais interessada em joias e em viagens. Ridley nunca tinha estado na Itália e falava constantemente em Roma e Florença.

Todo mundo em Washington devia estar comentando o fato de o nome de Clay estar no topo da lista dos vinte. Pensou nos amigos e nos rivais, nos colegas da faculdade e no velho grupo do GDP. Porém, pensou especialmente em Rebecca.

A HANNA PORTLAND CEMENT COMPANY fora fundada em Reedsburg, Pensilvânia, em 1946, a tempo de pegar a explosão de novas casas do pós-guerra. Imediatamente se tornou a maior geradora de empregos na pequena cidade. Os irmãos Hanna a dirigiam com pulso de ferro, mas eram justos com os empregados que eram também seus vizinhos. Quando os negócios iam bem, os operários recebiam ordenados generosos. Quando as coisas ficavam mais lentas, todos apertavam os cintos e iam em frente. Demissões eram raras e só como último recurso. Os operários estavam satisfeitos e nunca formaram um sindicato.

Os Hannas aplicavam seus lucros na fábrica, no equipamento e na comunidade. Construíram um centro cívico, um hospital, um teatro e o mais belo campo de futebol para estudantes. Com o passar dos anos, uma vez ou outra, foram tentados a vender, receber um bom dinheiro e jogar golfe, mas os irmãos Hanna nunca puderam ter certeza de que sua fábrica continuaria em Reedsburg. Por isso não venderam.

Depois de cinquenta anos de boa administração, a empresa empregava quatro mil dos onze mil residentes na cidade. As vendas anuais eram de 60 milhões de dólares, mas os lucros não correspondiam a essa quantia. A competição forte do estrangeiro e a queda no ritmo das construções pressionavam o total de renda. Era um negócio muito cíclico, uma coisa que o Hanna mais novo tentara em vão corrigir diversificando com produtos relacionados com o cimento. O balancete atual apresentava mais dívidas que de hábito.

Marcus Hanna era o atual diretor executivo, mas nunca usava esse título. Ele era somente o patrão, o maioral. Seu pai era um dos fundadores e Marcus tinha passado a vida na fábrica. Havia mais oito outros Hannas na administração, com sete da terceira geração na fábrica, lavando o chão e fazendo os mesmos trabalhos braçais que seus pais tinham feito.

No dia que a ação judicial chegou, Marcus estava em reunião com seu primo Joel Hanna, o advogado não oficial da firma. Um oficial da justiça passou agressivamente pela recepcionista e pelas secretárias e se apresentou a Marcus e Joel com um grosso envelope.

— O senhor é Marcus Hanna? — o oficial de justiça perguntou.

— Sou. Quem é o senhor?

— Um oficial de justiça. Aqui está sua ação judicial. — Entregou e foi embora.

Era uma ação apresentada em Howard County, Maryland, investigando danos não específicos para uma classe de proprietários de casas que se queixavam de danos atribuídos à argamassa Portland fabricada pela Hanna. Joel leu devagar para Marcus e quando terminou os dois ficaram sentados por um longo tempo,

amaldiçoando os advogados em geral.

Uma rápida pesquisa feita por uma secretária encontrou uma impressionante coleção de artigos recentes sobre o advogado dos queixosos, um tal de Clay Carter da capital.

Não era a primeira vez que tinham problemas em Howard County. Uma remessa defeituosa de cimento Portland tinha chegado àquele condado alguns anos atrás. Através dos canais normais, foi usada por vários construtores para firmar os tijolos em casas novas. As reclamações eram recentes. Evidentemente o cimento levava cerca de três anos para começar a enfraquecer e então os tijolos caíam. Marcus e Joel foram a Howard County para se encontrar com seus fornecedores e com os construtores.

Inspecionaram várias casas. Calculavam que devia haver quinhentos queixosos e o custo do conserto de cada unidade era de 12 mil dólares. A empresa tinha seguro de responsabilidade do produto que cobria cinco milhões destinados a atender os queixosos.

Mas a ação judicial significava uma ação coletiva de "pelo menos dois mil queixosos em potencial", cada um exigindo 25 mil dólares por danos reais.

— Isso dá cinquenta milhões — Marcus disse.

— E o maldito advogado vai ganhar quarenta por cento — Joel acrescentou.

— Ele não pode fazer isso — Marcus observou.

— Estão fazendo todos os dias.

Outra vez amaldiçoaram os advogados em geral. Depois algumas imprecações específicas contra o dr. Clay Carter. Joel saiu com os papéis. Ia notificar sua companhia de seguros que enviaria a ação a uma firma de advocacia, provavelmente de Filadélfia. Acontecia pelo menos uma vez por ano, mas nunca uma tão grande. Como as indenizações pretendidas eram muito maiores do que o valor que o seguro cobria, a Hanna seria obrigada a contratar uma firma de advocacia para trabalhar com a seguradora. Nenhum dos advogados seria barato.

O ANÚNCIO DE PÁGINA INTEIRA no Larkin Gazette provocou alvoroço na pequena cidade escondida do mundo nas montanhas do sudoeste da Virgínia. Com suas três fábricas, Larkin tinha pouco mais de dez mil habitantes, um centro com população regular no condado da mineração. Dez mil era o limiar para anúncios de página inteira e a procura de usuários do Skinny Ben, estabelecida por Oscar Mulrooney. Suas pesquisas tinham revelado também que as mulheres da zona rural e as apalachianas eram mais gordas que as das cidades. Território do Skinny Ben!

De acordo com o anúncio, a escolha seria feita no dia seguinte, num motel ao norte da cidade, conduzida por um médico verdadeiro. Era de graça, acessível a qualquer pessoa que tivesse tomado benafoxadil, ou seja, Skinny Ben. Era

confidencial. E podia levar à recuperação de algum dinheiro do fabricante do medicamento.

No fim da página, em letras pequenas, nome, endereço e número do telefone dos escritórios de advocacia de J. Clay Carter II, na capital, embora muitos dos leitores, quando chegavam a esse ponto desistiam ou ficavam nervosos com a ideia do exame médico.

Nora Tackett morava num trailer a dois quilômetros de Larkin. Ela não viu o anúncio porque não lia jornais. Não lia nada. Assistia à televisão dezesseis horas por dia, comendo o tempo todo. Nora morava com dois enteados deixados pelo marido quando ele saiu de casa, há dois anos. Eram filhos dele, não dela, e Nora ainda não tinha certeza de como exatamente acabaram ficando com ela. Mas o marido tinha ido embora sem uma palavra, sem deixar um centavo para criar os filhos, sem um cartão, uma carta ou um telefonema para saber das duas crianças esquecidas. Então ela comia.

Nora tornou-se cliente de J. Clay Carter quando sua irmã viu o Larkin Gazette e resolveu levá-la para o exame médico. Nora tinha tomado Skinny Ben durante um ano, até seu médico parar de receitar o medicamento porque não estava mais no mercado. Ela não sabia se tinha emagrecido ou não com os comprimidos.

Sua irmã a fez entrar numa minivan e pôs na frente dela o anúncio de página inteira.

— Leia isso — MaryBeth mandou. MaryBeth tinha começado a ficar obesa há vinte anos, mas um derrame aos vinte e seis anos de idade foi o alarme para acordar. Estava cansada de chamar a atenção de Nora; brigavam há anos. E começaram a brigar quando a minivan se dirigiu para o motel.

O Village Inn foi escolhido pela secretária de Oscar Mulrooney porque parecia ser o mais novo motel da cidade. Era o único citado na Internet, o que esperavam que significasse alguma coisa. Oscar tinha dormido no motel na noite anterior e quando tomava o café da manhã na lanchonete suja do motel, mais uma vez se perguntou como tinha caído tanto tão depressa.

O terceiro da classe na faculdade de direito de Yale! Prestigiado pelas firmas bluechip de Wall Street e pelos maiores de Washington. Seu pai era um médico proeminente em Buffalo. Seu tio fazia parte da Suprema Corte de Vermont. Seu irmão era sócio de uma das mais lucrativas firmas de advocacia do mundo teatral de Manhattan.

Sua mulher achava embaraçoso ele estar outra vez na rua, correndo atrás de casos. E ele também!

Seu companheiro na empreitada era um interno boliviano que falava inglês, mas com um sotaque tão forte que até seu "Bom-dia" era difícil de entender. Tinha vinte e cinco anos e aparentava dezesseis, mesmo com a roupa verde da sala de cirurgia,

que, segundo Oscar, ele usava para ter credibilidade. Tinha feito a faculdade de medicina na ilha de Granada, no Caribe. Oscar descobriu o dr. Livan num anúncio de procura de emprego e estava pagando a ele a absurda quantia de dois mil dólares por dia.

Oscar se encarregava da frente e Livan dos fundos. A única sala de reunião do motel tinha uma fina divisória dobrável que os dois com esforço conseguiram alisar e pôr na sala, dividindo-a mais ou menos ao meio. Quando Nora entrou na parte da frente às oito e quarenta e cinco, Oscar olhou para o relógio e disse, do modo mais agradável possível: "Bom-dia, madame." — Ela estava quinze minutos adiantada, mas era comum os clientes em perspectiva chegarem cedo.

O "madame" ele tinha ensaiado dirigindo o carro na capital. Não era uma palavra com a qual fora criado.

Dinheiro no banco, ele pensou olhando para Nora. Pelo menos cento e cinquenta quilos e provavelmente perto dos duzentos. Era triste ele poder calcular o peso como um adivinho de parque de diversões. Era triste ele estar realmente fazendo isso.

— Você é o advogado? — MaryBeth perguntou, desconfiada. Oscar tinha passado por isso uma centena de vezes.

— Sim, madame, o médico está lá atrás. Tenho alguns papéis para a senhora. — Deu a ela uma prancheta com questionários feitos para os leitores mais simples. — Se tiver alguma pergunta pode fazer.

MaryBeth e Nora sentaram nas cadeiras dobráveis. Nora mergulhou profundamente nas perguntas. Já estava suando. As duas logo ficaram absortas nos formulários. Tudo estava quieto até a porta se abrir e outra mulher gorda espiar para dentro da sala. Viu imediatamente Nora que estava no fundo, um gamo iluminado pelos holofotes. Duas gorduchas apanhadas na sua procura de indenização.

— Entre — Oscar disse com um sorriso caloroso, o perfeito vendedor agora. Ele a fez passar pela porta, entregou-lhe os formulários e a levou para o outro lado da sala. Entre cento e vinte e cinco a cento e trinta e sete quilos.

Cada exame custava mil dólares. Uma em dez viria a ser uma cliente Skinny Ben. A média dos casos estava entre 150 mil e 200 mil dólares. E eles estavam catando os restos, porque 80 por cento dos casos já tinham encontrado o caminho dos escritórios de advocacia em todo o país.

Mas os restos ainda valiam uma fortuna. Não o dinheiro de Dyloft, mas de qualquer modo, milhões.

Respondidas as perguntas, Nora conseguiu se levantar. Oscar apanhou os questionários, leu, certificou-se de que ela tinha realmente tomado o Skinny Ben e assinou.

— Por aquela porta madame, o médico está esperando. Nora passou por uma

grande abertura na divisória; MaryBeth ficou na sala e começou a conversar com o advogado.

Livan se apresentou a Nora que não compreendeu nada do que ele disse. Ele também não entenderia nada do que ela dissesse. Tirou a pressão e balançou a cabeça com desgosto — 14 por 18. O pulso era letal: 130 por minuto. Livan apontou para a balança comercial para pesar carnes e Nora subiu relutantemente — 141 quilos.

Quarenta e quatro anos. Naquelas condições, Nora teria sorte se chegasse aos cinquenta.

Ele abriu uma porta lateral e a fez sair do motel. Uma van com equipamentos médicos estava estacionada ali perto.

— Fazemos os exames aqui — ele disse.

As portas traseiras da van estavam abertas; dois técnicos de ultrassom, um homem e uma mulher, esperavam com jalecos brancos. Ajudaram Nora a entrar na van e a fizeram deitar numa cama.

— O que é aquilo? — ela perguntou apavorada, apontando para o aparelho mais próximo.

— É um ecocardiograma — o homem disse, em inglês que ela podia entender.

— Examinamos seu tórax com isto — disse a mulher —, e tiramos uma foto digital do seu coração. Não demora mais de alguns minutos.

— Não dói nada — disse o homem.

Nora fechou os olhos e rezou, pedindo para sobreviver.

O processo contra o Skinny Ben era tão lucrativo porque a evidência era tão fácil. Com o tempo, o medicamento que afinal pouco fazia para a perda de peso, enfraquecia a aorta. E o dano era permanente. Insuficiência aórtica, ou prolapso da válvula mitral, de pelo menos 20 por cento, era automaticamente um processo judicial.

O dr. Livan leu o resultado do exame de Nora enquanto ela ainda rezava e levantou o polegar para os técnicos: 22 por cento. Levou para a parte da frente, onde Oscar distribuía os papéis para uma sala cheia de clientes em perspectiva. Oscar foi com ele para a parte de trás onde Nora estava agora sentada, muito pálida, tomando suco de laranja. Ele queria dizer: "Meus parabéns, Sra. Tackett, sua aorta foi suficientemente danificada", mas os parabéns eram só para os advogados. MaryBeth foi chamada e Oscar explicou o cenário do processo judicial, descrevendo só os pontos altos.

O ecocardiograma seria estudado por um cardiologista registrado e seu relatório seria arquivado pelo administrador da ação coletiva. A escala de indenização já fora aprovada pelo juiz.

— Quanto? — perguntou MaryBeth, que parecia mais preocupada com o

dinheiro do que com a irmã. Nora parecia estar rezando outra vez.

— Com base na idade de Nora, mais ou menos cerca de cem mil dólares — Oscar disse, omitindo, no momento o fato de que 30 por cento iriam para os escritórios de advocacia de J. Clay Carter II.

Nora completamente acordada disse:

— Cem mil dólares!

— Sim, madame. — Como um cirurgião antes de uma operação de rotina, Oscar aprendera a minimizar suas chances de sucesso. Mantenha as expectativas baixas, desse modo o choque dos honorários dos advogados não seria tão grande.

Nora estava pensando num novo trailer duplo e uma nova antena parabólica. MaryBeth pensava num caminhão de Ultra Slim-Fast. A papelada estava completa e Oscar agradeceu a elas por terem comparecido.

— Quando receberemos o dinheiro? — MaryBeth perguntou.

— Nós? — foi a vez de Nora perguntar.

— Dentro de sessenta dias.

Infelizmente as dezessete pessoas seguintes apresentavam danos aórticos insuficientes e Oscar precisava de um drinque. Mas acertou na mosca com o número dezenove, um jovem cujo peso era de 207,5 quilos. Seu ecocardiograma era uma beleza insuficiência de 40 por cento. Ele tinha tomado Skinny Ben durante dois anos. Como tinha vinte e seis anos e pelo menos, estatisticamente, viveria mais trinta e um com um coração danificado, seu caso valia no mínimo 500 mil dólares.

No fim da tarde houve um feio incidente. Uma senhora jovem e pesada ficou furiosa quando o dr. Livan a informou que seu coração estava ótimo. Nenhum dano. Mas ela tinha ouvido na cidade, no cabeleireiro, que Nora Tackett ia receber 100 mil dólares e embora ela pesasse menos que Nora, tomara o medicamento e tinha direito à mesma indenização.

— Eu preciso muito de dinheiro — ela repetia.

— Desculpe. Dr. Levan disse.

Oscar foi chamado. A jovem senhora começou a esbravejar com palavras vulgares e para tirá-la do motel ele prometeu que seu ecocardiograma seria revisto por seus cardiologistas.

— Estudaremos de novo o resultado e pediremos uma revisão aos médicos de Washington — ele disse, como se soubesse do que estava falando. Isso foi suficiente para acalmá-la.

O que estou fazendo aqui? Oscar perguntava a si mesmo. Duvidava que alguém em Larkin tivesse estudado em Yale, mas assim mesmo estava assustado. Ficaria arruinado se fosse descoberto. O dinheiro, pense apenas no dinheiro, ele repetia sem parar.

Examinaram quarenta e um usuários do Skinny Ben em Larkin. Três foram

positivos. Oscar os registrou como clientes e saiu da cidade com a brilhante perspectiva de cerca de 200 mil dólares de honorários para os advogados. Nada mal para o passeio. Dirigindo velozmente seu BMW foi direto para a capital. Sua incursão seguinte no interior seria outra viagem secreta para a Virgínia Ocidental. Tinha dezenas de viagens planejadas para o mês seguinte.

Apenas faça dinheiro. É uma negociata. Não tem nada a ver com ser advogado. Encontre os clientes, registre, acerte tudo, pegue o dinheiro e fuja.

NO DIA PRIMEIRO DE MAIO, Rex Crittle deixou a firma de contabilidade para a qual trabalhava havia dezoito anos e mudou-se para o andar de cima como gerente comercial de JCC. Simplesmente não podia recusar a oferta de um enorme aumento no salário e benefícios. O sucesso da firma de advocacia era desordenado, mas o caos crescia tão depressa que os negócios pareciam fora de controle. Clay deu a ele ampla autoridade e o instalou num escritório na frente do seu.

Embora Crittle certamente apreciasse o próprio salário era cético em relação aos outros membros da firma. Na sua opinião, que por enquanto ele não revelava, a maioria dos empregados ganhava demais. A firma tinha agora catorze advogados, todos ganhando pelo menos 200 mil dólares por ano; vinte e um paralegais a 75 mil; vinte e seis secretárias a 50 mil dólares, com a exceção da srta. Glick que ganhava 60 mil dólares; mais ou menos uma dúzia de funcionários de vários tipos, cada um ganhando uma média de 20 mil dólares por ano e quatro office-boys a 15 mil cada um. Um total de setenta e sete, sem incluir Crittle e Clay. Acrescentando o custo dos benefícios, o total da folha de pagamento anual era de 8,4 milhões, e crescia quase a cada semana.

O aluguel era de 72 mil dólares por mês. Despesas de escritório — computadores, telefones. O Gulfstream, a maior despesa de todas e único bem sem o qual Clay não podia viver, custava à firma 300 mil dólares por mês das promissórias e outros 30 mil dólares para pilotos, manutenção e hangar. A renda do aluguel do avião que Clay esperava ainda não tinha aparecido nos livros. Uma das razões era que ele na verdade não queria que ninguém usasse o avião.

De acordo com os números que Crittle monitorava diariamente a firma queimava cerca de 1,3 milhão de dólares por mês em despesas — 15,6 milhões por ano, mais ou menos. Certamente o bastante para apavorar um contador, mas depois do choque do Dyloft e dos enormes honorários que jorraram com o acordo, ele não estava em posição de se queixar. Pelo menos não ainda. Agora ele se encontrava com Clay no mínimo três vezes por semana e qualquer gasto questionável era recebido com a frase: "Você tem de gastar para ganhar."

E estavam realmente gastando. Se as despesas fixas faziam Crittle estremecer, os anúncios e os exames médicos lhe provocavam úlceras. Para o Maxatil a firma tinha gasto 6,2 milhões de dólares nos primeiros quatro meses em jornais, rádio, televisão e on-line. Crittle se queixou disso. "Para a frente a toda a velocidade", Clay respondeu. "Eu quero vinte e cinco mil casos!" A contagem estava mais ou menos em dezoito mil e praticamente impossível de ser monitorada porque mudava a cada hora.

Segundo o boletim de uma empresa on-line que Crittle verificava todos os dias, o motivo da firma de Carter conseguir tantos casos de Maxatil era que poucos outros advogados os procuravam agressivamente. Mas ele não comentou com ninguém essa informação.

— O Maxatil vai pagar muito mais do que o Dyloft — Clay repetia para todos no escritório, para estimular as tropas. E ele parecia realmente acreditar nisso.

Skinny Ben estava custando muito menos à firma, mas as despesas se acumulavam e os honorários não. Até maio tinham gasto 600 mil em anúncios e cerca da mesma quantia em exames médicos. A firma tinha 150 clientes e Oscar Mulrooney passou um memorando afirmando que cada caso valia, em média, 180 mil dólares. A 30 por cento, Mulrooney projetava os honorários em cerca de nove milhões de dólares nos próximos "poucos meses".

O fato de que um ramo da firma estava para produzir esse resultado animou a todos, mas a espera começava a preocupar. Nem um centavo fora recebido com o acordo da ação coletiva do Skinny Ben, um pagamento que supostamente seria automático. Centenas de advogados estavam envolvidos na ação, e devido a isso vários eram os desentendimentos. Crittle não compreendia as complexidades legais, mas estava aprendendo. Era fluente em despesa fixa e na falta de honorários.

No dia seguinte à mudança de Crittle para a firma, Rodney saiu, embora uma coisa não tivesse nada a ver com a outra. Rodney estava simplesmente trocando suas fichas por dinheiro e mudando para um bairro residencial, para uma bela casa, numa rua muito segura, com uma igreja numa das extremidades, uma escola na outra, um parque na esquina. Seu plano era ser treinador de tempo integral dos quatro filhos. Emprego podia aparecer mais tarde, e podia não aparecer. Esqueceu a faculdade de direito. Com 10 milhões no banco, menos os impostos, não tinha planos definidos, apenas a determinação de ser pai e marido e avaro. Ele e Clay foram discretamente a uma delicatessen na mesma rua, horas antes de Rodney deixar o escritório para sempre e se despediram. Tinha trabalhado seis anos juntos — cinco no GDP, o último na nova firma.

— Não gaste tudo, Clay — ele avisou o amigo.

— Não posso. É muito dinheiro.

— Não seja tolo.

A verdade era que a firma não precisava mais de alguém como Rodney. Os rapazes de Yale e os outros advogados eram corteses e respeitosos, especialmente por causa da sua amizade com Clay, mas ele era apenas um paralegal. E Rodney não precisava mais da firma. Queria esconder e proteger seu dinheiro. Secretamente estava chocado vendo Clay jogar fora aquela fortuna. Você paga um preço pelo desperdício.

Com Jonah num veleiro e Paulette ainda se escondendo em Londres,

aparentemente sem intenção de voltar, a turma original não existia mais. Era triste, mas Clay estava por demais ocupado para sentir saudades.

Patton French tinha convocado uma reunião do Comitê Orientador, uma impossibilidade logística que levou um mês para ser organizada. Clay perguntou por que ele não podia fazer as coisas pelo telefone, por fax, e-mail e por meio de secretárias, mas French disse que precisava de um dia com eles, os cinco na mesma sala. Uma vez que a ação judicial fora registrada em Biloxi ele queria todos lá.

Ridley estava pronta para a viagem. Sua atividade como modelo tinha praticamente acabado. Ela passava o tempo na academia de ginástica e várias horas por dia fazendo compras. Clay não tinha nada contra a ginástica, porque fornecia a cobertura do bolo. As compras diziam respeito a ele, mas Ridley era bastante controlada. Ela podia fazer compras durante horas e gastar uma quantia modesta.

Há um mês, depois de um longo fim de semana em Nova York, tinham voltado para a casa de Clay, na capital, onde ela passou a noite, não pela primeira vez e evidentemente não pela última. Embora nada tivesse sido dito a respeito de Ridley se mudar para a casa de Clay, simplesmente aconteceu. Clay não lembrava de quando percebeu que o roupão de banho, a escova de dentes, os apetrechos de maquiagem e a lingerie de Ridley estavam em sua casa. Clay jamais a viu levar suas coisas para seu apartamento. Tudo pareceu se materializar de repente. Ela não foi inconveniente, nada foi dito. Ridley ficou três noites seguidas, fazendo todas as coisas certas e nunca atrapalhando, então murmurou que precisava passar uma noite em casa. Eles não se falaram por dois dias, então ela voltou.

Casamento nunca foi mencionado, embora Clay estivesse comprando joias e roupas suficientes para um harém. Nenhum dos dois parecia querer alguma coisa permanente. Gostavam da companhia um do outro, mas ambos continuavam completamente livres. Havia mistérios em Ridley que Clay não queria descobrir. Ela era espetacular, agradável e formidável na cama e não parecia estar atrás de dinheiro. Mas Ridley tinha segredos.

Clay também tinha. Seu maior segredo era que se Rebecca telefonasse na hora certa, ele venderia tudo, menos o Gulfstream, a levaria para bordo e voaria para Marte.

Mas em vez disso estava voando para Biloxi com Ridley que, para a viagem, escolheu uma minissaia de camurça que mal cobria o essencial, que ela não tinha interesse em cobrir porque estavam só os dois no avião. Em algum lugar acima da Virgínia Ocidental, Clay pensou brevemente em saltar do sofá e atacar Ridley. A ideia demorou um pouco, mas ele a afastou, em parte por frustração. Porque era sempre ele quem começava a brincadeira. Ela estava sempre disposta a entrar no jogo, mas nunca começava.

Além disso, a sua pasta estava cheia de papéis do Comitê Orientador.

UMA LIMUSINE OS ESPERAVA no aeroporto de Biloxi e os levou a um porto que ficava a alguns quilômetros, onde um barco de corrida esperava. Patton French passava a maior parte do tempo no seu iate, no Golfo, a dez milhas da costa. No momento ele estava entre casamentos. Um divórcio muito litigioso estava em andamento. Sua mulher atual queria metade do seu dinheiro e toda a sua pele. A vida era muito mais quieta num barco, como ele chamava o iate luxuoso de duzentos pés.

Ele os recebeu de short e descalço. Wes Saulsberry e Damon Didier já estavam lá, com os drinques na mão. Carlos Hernandez, de Miami, ia chegar a qualquer momento. French os fez dar uma volta pelo iate, durante a qual Clay contou pelo menos oito homens com trajes impecáveis de marinheiro, todos prontos para atender se ele precisasse de alguma coisa. O barco tinha cinco níveis, seis cabines grandes, custara 20 milhões de dólares e assim por diante. Ridley se instalou num quarto de dormir e começou a tirar a roupa.

Os rapazes se reuniram para drinques "na varanda", como French chamava um pequeno convés de madeira no nível mais alto. French tomaria parte num julgamento dentro de duas semanas, uma raridade para ele, porque as empresas acusadas, com medo, normalmente davam imediatamente o dinheiro. Ele disse que mal podia esperar o julgamento, e enquanto tomavam vodca aborreceu a todos descrevendo os detalhes.

Ele parou de falar no meio de uma frase quando viu alguma coisa lá embaixo. Num convés inferior, Ridley apareceu de topless e à primeira vista sem a outra parte do biquíni também. Mas na verdade estava com um fio dental, de certo modo no lugar certo. Os três homens mais velhos se endireitaram nas cadeiras, quase sem respirar.

— Ela é europeia — Clay explicou, esperando o primeiro enfarte —, quando ela chega perto da água, tira a roupa.

— Então compre um maldito barco para ela — Saulsberry disse.

— Melhor ainda, ela pode ficar com este — French disse, tentando se controlar. Ridley olhou para cima, viu a comoção que estava provocando e desapareceu. Sem dúvida seguida por todo o resto do pessoal de bordo.

— Onde eu estava? — French perguntou, respirando outra vez.

— Você tinha terminado sua história, fosse lá o que fosse Didier disse.

Outro barco a motor se aproximava. Era Hernandez não com uma, mas duas mulheres a bordo. Depois que desembarcaram e French os acomodou, Carlos se reuniu aos rapazes na varanda.

— Quem são as meninas? — Wes perguntou.

— Minhas paralegais — Carlos disse.

— Só não as faça sócias — French disse.

Falaram sobre mulheres por alguns minutos. Evidentemente, os quatro tinham passado por vários casamentos. Talvez por isso continuavam a trabalhar tão arduamente. Clay não disse nada, só ouvia.

— O que há com o Maxatil? — Carlos perguntou. — Tenho mil casos e não sei bem o que fazer com eles.

— Está me perguntando o que deve fazer com seus casos? Clay disse.

— Quantos você tem? — French perguntou. O ambiente tinha mudado dramaticamente, agora o assunto era sério.

— Vinte mil — Clay disse, exagerando um pouco. Na verdade ele não sabia. O que seria um pequeno exagero entre os rapazes da responsabilidade civil?

— Não cataloguei os meus — Carlos disse —, provar a causa pode ser um pesadelo.

Palavras que Clay ouvira bastante e não queria ouvir outra vez. Havia quase quatro meses esperava que outro grande nome mergulhasse no poço do Maxatil.

— Eu ainda não estou gostando — French disse —, estive falando com Scotty Gaines ontem, em Dallas. Ele tem dois mil casos, mas também não sabe o que fazer com eles.

— É muito difícil provar a causa baseado só num estudo Didier disse olhando para Clay, quase como quem dá uma aula. — Também não estou gostando.

— O problema é que as doenças provocadas pelo Maxatil são causadas por vários outros fatores também — Carlos disse. — Pedi a quatro peritos para estudar o medicamento. Os quatro disseram que, quando uma mulher está tomando Maxatil e tem câncer da mama, é impossível ligar a doença ao remédio.

— Alguma coisa da Goffman? — French perguntou. Clay que estava a ponto de saltar do barco, tomou um longo gole do drinque, tentando parecer que tinha a empresa na mira da sua arma.

— Nada — ele disse. — A descoberta apenas começou. Acho que estamos todos esperando Mooneyham.

— Falei com ele ontem — Saulsberry disse.

Eles podiam não gostar do Maxatil, mas estavam todos monitorando o medicamento. Clay era advogado especializado em ações indenizatórias coletivas por tempo suficiente para saber que o grande medo de todos era perder uma grande ação coletiva. E tinha aprendido com o Dyloft que a maior emoção era lançar um ataque de surpresa, quando todos estavam dormindo.

Não sabia ainda o que Maxatil ia ensinar. Aqueles caras estavam mordiscando as beiradas, tateando, esperando saber alguma coisa da linha de frente. Mas como Goffman tinha tão eficientemente erguido um muro na frente da ação judicial desde o dia em que ele dera entrada, Clay não tinha nada para dar a eles.

Saulsberry disse:

— Conheço Mooneyham muito bem. Julgamos alguns casos juntos há alguns anos.

— Ele é um fanfarrão — French disse, como se o advogado típico fosse calado e um falastrão representasse uma desgraça para a profissão.

— Sim é, mas é muito born. O velho não perde há vinte anos.

— Vinte e um — Clay corrigiu —, pelo menos foi o que ele me disse.

— Que seja — Saulsberry disse, pondo o assunto de lado porque tinha notícias novas em folha. — Você tem razão, Clay, todo mundo está de olho em Mooneyham. Até a Goffman. O julgamento está marcado para meados de setembro. Eles afirmam que querem um julgamento. Se Mooneyham puder ligar os pontos e provar a causa e a responsabilidade, então há uma chance de a empresa criar um plano nacional de indenização. Mas se o júri ficar do lado da Goffman, então a guerra está declarada, porque a empresa não vai pagar um centavo para ninguém.

— Isso tudo é segundo Mooneyham? — French perguntou.

— Sim.

— Ele é um fanfarrão.

— Não. Eu também ouvi isso — Carlos disse —, uma das minhas fontes diz exatamente o que Wes está dizendo.

— Nunca vi um acusado insistir num julgamento — French disse.

— Goffman é um páreo duro — Didier acrescentou. — Eu a processei há quinze anos. Se você puder provar a responsabilidade, eles pagam um acordo justo. Mas do contrário você está perdido.

Mais uma vez Clay teve vontade de ir nadar. Felizmente o Maxatil foi esquecido quando duas paralegais cubanas desfilaram no convés inferior com biquínis sumários.

— Paralegais uma ova — French disse, tentando ver melhor.

— Qual é a sua? — Saulsberry perguntou, inclinando-se para a frente na cadeira.

— Podem escolher, rapazes — Carlos disse —, elas são profissionais. Eu as trouxe como um presente. Nós nos revezaremos.

E com isso os falastrões do convés superior mergulharam num silêncio de morte.

UMA TEMPESTADE CHEGOU um pouco antes do amanhecer e desfez a quietude do iate. French com uma enorme ressaca e uma paralegal nua sob as cobertas, ligou para o capitão e mandou levar o iate para a praia. O café da manhã foi adiado. Não que alguém estivesse com fome. O jantar fora uma maratona de quatro horas, completado com histórias de guerra nos tribunais. Piadas sujas e a

obrigatória discussão no fim da noite, provocada por excesso de álcool. Clay e Ridley se retiraram cedo e trancaram a porta da cabine.

Ancorado no porto de Biloxi, esperando a tempestade passar, o Comitê Orientador conseguiu revisar todos os documentos e memorandos que devia revisar. Havia instruções para o administrador da ação coletiva e dezenas de espaços em branco para assinaturas. Clay estava nauseado quando terminaram e desesperado para estar em terra firme.

O que não estava perdido entre toda a papelada era o mais recente cálculo dos honorários de Clay, ou mais exatamente, sua firma logo receberia outros quatro milhões de dólares. Era animador, mas ele não tinha certeza do quanto adiantaria. Ajudaria na despesa fixa, mas só temporariamente.

Porém acalmaria Rex Crittle por algumas semanas. Rex estava subindo pelas paredes como um pai à espera do primeiro filho, de olho nos honorários.

Nunca mais, Clay prometeu a si mesmo quando desembarcou do iate. Jamais consentiria em ficar preso uma noite inteira com pessoas de quem não gostava. Uma limusine os levou ao aeroporto. O Gulfstream os levou ao Caribe.

TINHAM ALUGADO A VILA por uma semana, embora Clay duvidasse que pudesse ficar tanto tempo longe do escritório. Era encaixada no lado de uma colina, dando para a movimentada cidade do porto de Gustavia, um lugar fervilhante de tráfego, turistas e todo tipo de barcos que entravam e saíam. Ridley encontrara a vila num catálogo de aluguéis particulares exclusivos. Era uma bela casa — arquitetura tradicional do Caribe. Telhado vermelho, longas varandas e alpendres. Era difícil encontrar todos os quartos e banheiros, um chef, duas empregadas e um jardineiro. Instalaram-se rapidamente, e Clay começou a consultar guias de venda de imóveis que alguém tivera a bondade de deixar para trás.

O primeiro encontro de Clay com uma praia de nudistas foi um desapontamento. A primeira mulher que ele viu foi uma avó, uma coisa velha e enrugada, que, se fosse bem aconselhada, se exporia menos e se esconderia mais. Então o marido dela chegou, com uma grande barriga pendente cobrindo as partes privadas, uma erupção no traseiro e pior do que ela. A nudez estava sendo duramente punida. Ridley, é claro, estava no seu elemento, desfilando na praia com todos os olhos nela. Depois de algumas horas na areia, saíram do calor e se deliciaram com um almoço de duas horas num fabuloso restaurante francês. Todos os bons restaurantes eram franceses e espalhavam-se por toda a ilha.

Gustavia estava cheia. Fazia calor e não era a temporada dos turistas, mas alguém tinha esquecido de dizer isso a eles. Enchiam as calçadas indo de loja em loja e engarrafavam as ruas com seus jipes e pequenos carros alugados. O porto nunca estava quieto, com pequenos pesqueiros circulando em volta dos iates dos ricos e famosos.

Enquanto Mustique tinha privacidade, St. Barth tinha casas demais e estava cheia de gente. Mas mesmo assim era uma ilha encantadora. Clay adorou as duas. Ridley, que demonstrava grande interesse no movimento imobiliário da ilha, preferia St. Barth por causa das lojas e da comida. Ela gostava de cidades movimentadas e de gente. Alguém tinha de olhar encantado para ela.

Depois de três dias, Clay tirou o relógio do pulso e começou a dormir na rede em uma das varandas. Ridley lia livros e assistia a filmes antigos durante longo tempo. O tédio chegava mansamente quando Jarrett Carter entrou em Gustavia a bordo do seu magnífico catamarã, O Ex-Litigator. Clay esperava o pai num bar perto das docas, tomando soda.

A tripulação consistia em uma mulher alemã quarentona e um escocês maroto chamado MacKenzie, o instrutor de vela. A mulher, Irmgard foi a princípio descrita como imediata, que, na linguagem da vela é um termo um tanto vago. Clay os fez

entrar no jipe e os levou para a vila, onde tomaram longos banhos de chuveiro e drinques enquanto o sol desaparecia no mar. MacKenzie bebeu Bourbon demais e logo estava roncando numa rede.

O negócio com o veleiro parecia muito com o negócio de aluguel do avião. O Ex-Litigator fora alugado quatro vezes em seis meses. Sua viagem mais longa foi de ida e volta Nassau-Aruba, três semanas que renderam 30 mil dólares pagos por um casal britânico aposentado. A mais curta foi um passeio até a Jamaica, onde quase perderam o barco numa tempestade. MacKenzie, sóbrio, os salvou. Perto de Cuba tiveram um incidente com piratas. As histórias eram muitas.

O que não é de admirar, Jarrett se encantou com Ridley. Ficou orgulhoso do filho. Irmgard parecia se contentar com beber, fumar e olhar as luzes de Gustavia lá embaixo.

Muito depois do jantar, quando as mulheres já tinham ido dormir, Jarrett e Clay foram para outra varanda para outro round.

— Onde você a achou? — Jarrett perguntou e Clay contou brevemente. Estavam praticamente vivendo juntos, mas nenhum dos dois havia mencionado qualquer coisa mais permanente do que aquilo. Irmgard era também uma companheira temporária.

No front do direito, Jarrett tinha centenas de perguntas. Estava alarmado com o tamanho da firma de Clay e disposto a dar conselhos não pedidos sobre como dirigir as coisas. Clay ouviu pacientemente. O veleiro tinha um computador com acesso online e Jarrett sabia do processo do Maxatil e da imprensa adversa que tinha provocado. Quando Clay informou que tinha agora vinte mil casos, o pai pensou que era demais para uma única firma.

— Você não compreende as ações coletivas — Clay disse.

— Para mim parece exposição em massa. Qual é seu limite de imperícia legal?

— Dez milhões.

— Não é suficiente.

— É tudo que a companhia de seguros está disposta a me vender. Relaxe, pai, eu sei o que estou fazendo.

E Jarrett não podia argumentar com sucesso. O dinheiro que o filho ganhava o fazia ter saudades do seu tempo no tribunal. Ele podia ouvir aquelas palavras distantes e mágicas do porta-voz dos jurados: "Meritíssimo, nós os jurados julgamos a favor do queixo e concedemos a quantia de dez milhões de dólares pelos danos sofridos." Ele abraçava o queixoso e dizia alguma coisa agradável para o advogado de defesa, e Jarrett Carter saía de mais um tribunal com outro troféu.

Ficaram em silêncio por um longo tempo. Os dois precisavam dormir. Jarrett levantou-se e foi até a frente da varanda.

— Você alguma vez pensa naquele garoto negro? — ele disse, olhando para a

noite. — O que começou a atirar sem saber por quê?

— Tequila.

— Isso mesmo, você me contou em Nassau quando estava comprando o barco.

— Sim, penso nele ocasionalmente.

— Ótimo. O dinheiro não é tudo. — E com isso, Jarrett foi para a cama.

A VIAGEM AO REDOR da ilha levou quase o dia todo. O capitão parecia entender as noções básicas de como manejar o barco e como o vento o afetava, mas se não fosse por MacKenzie, eles podiam ter se desviado para o mar alto e jamais seriam encontrados. O capitão trabalhava arduamente para manejar o barco, mas estava também distraído com Ridley, que passou a maior parte do dia se tostando sem roupa. Jarrett não tirava os olhos dela. MacKenzie também não, mas ele podia manobrar um veleiro enquanto dormia.

O almoço foi numa enseada abrigada no lado norte da ilha. Perto de St. Maarten, Clay pegou o timão, enquanto seu pai atacava a cerveja. Mais ou menos há oito horas Clay estava nauseado e fingir que era o capitão não contribuiu em nada para melhorar. A vida a bordo não era para ele. O romance de velejar pelo mundo não o atraía. Ia vomitar em todos os grandes oceanos. Ele preferia aviões.

Duas noites em terra e Jarrett estava pronto para o mar. Despediram-se cedo na manhã seguinte e o catamarã saiu do porto de Gustavia com o motor ligado, com destino não definido. Clay ouvia o pai e MacKenzie discutindo, enquanto o barco seguia para o mar aberto.

Clay nunca soube ao certo como a corretora apareceu na varanda da vila. Ela estava lá quando ele voltou, uma encantadora francesa, conversando com Ridley e tomando café. Ela disse que estava nas vizinhanças e parou para verificar a casa que pertencia a um dos seus clientes, um casal canadense, no momento passando por um divórcio litigioso, e como iam as coisas?

— Não podiam ir melhor — Clay disse, sentando-se. — Uma bela casa.

— Não é maravilhosa? — a corretora disse entusiasmada. Uma das nossas melhores propriedades. Eu estava dizendo para Ridley que foi construída há apenas quatro anos pelos canadenses que estiveram aqui só duas vezes, eu creio. O negócio dele começou a ir mal. Ela começou a sair com um médico, uma verdadeira confusão lá em Ottawa, por isso eles puseram a casa à venda por um preço muito razoável.

Um olhar conspiratório de Ridley. Clay fez a pergunta que pairava no ar.

— Quanto?

— Só três milhões. Começaram a pedir cinco, mas francamente o mercado de imóveis está um pouco desaquecido agora.

Depois que ela se foi, Ridley o atacou no quarto. Sexo de manhã era uma

novidade, mas eles se saíram muito bem. O mesmo de tarde. Jantar num bom restaurante e Ridley mal podia ficar com as mãos longe dele. A sessão da meia-noite começou na piscina, passou para a Jacuzzi, para o quarto, e depois de uma noite inteira de sexo a corretora voltou antes do almoço.

Clay estava exausto e na verdade nada disposto a comprar uma nova propriedade. Mas Ridley queria a casa muito mais do que jamais quisera alguma coisa até então e Clay comprou. O preço era realmente bom, era uma pechincha, o mercado ia se aquecer e ele sempre podia vender com lucro.

Durante a preparação da papelada, Ridley perguntou particularmente a Clay se não seria prudente pôr a casa no nome dela, só por causa dos impostos. Ela sabia tanto sobre os códigos franceses e americanos dos impostos quanto ele conhecia as leis da Geórgia sobre heranças, ou seja, não sabiam nada. Que diabo, não, ele pensou, mas para ela disse com firmeza: — Não, isso não vai funcionar, por causa dos impostos.

Ela pareceu magoada, mas logo passou quando ele assumiu o título de propriedade. Clay foi a um banco em Gustavia, sozinho, e mandou remeter o dinheiro de uma conta fora do país. Quando se encontrou com o advogado também estava sozinho.

— Eu gostaria de ficar por algum tempo — Ridley disse quando passavam outra longa tarde na varanda. Clay queria ir embora na manhã seguinte e supôs que ela iria também. — Quero pôr esta casa em ordem — Ridley disse. — vou encontrar-me com o decorador. E apenas relaxar por uma semana mais ou menos.

Por que não? Clay pensou. Agora que sou dono do bendito lugar, é melhor usar.

Clay voltou para a capital sozinho e pela primeira vez em várias semanas sentiu prazer com a solidão da sua casa em Georgetown.

DURANTE VÁRIOS DIAS, Joel Hanna considerou um ato solo — só ele, de um lado da mesa, de frente para um pequeno exército de advogados e seus assistentes. Ele apresentaria o plano de sobrevivência da empresa. Na verdade não precisava de ajuda para isso, uma vez que a ideia era sua.

Mas Babcock, o advogado da sua companhia seguradora, insistiu em estar presente. Seu cliente estaria na linha de frente por cinco milhões de dólares e, se ele queria estar presente, Joel não podia evitar.

Entraram juntos no prédio na avenida Connecticut. O elevador parou no quarto andar e eles entraram no luxuoso e impressionante conjunto dos escritórios de advocacia de J. Clay Carter II. O logo JCC era transmitido para o mundo em grandes letras de bronze numa parede que parecia de cerejeira ou talvez de mogno. Os móveis na sala de espera eram elegantes e italianos. Uma bela jovem loura sentada a uma mesa de vidro e metal cromado os recebeu com um sorriso eficiente e apontou

para uma sala no corredor. Um advogado chamado Wyatt os esperava na porta e os fez entrar, encarregou-se das apresentações entre os dois e o grupo no outro lado da mesa e, enquanto Joel e Babcock retiravam os papéis das pastas, outra jovem senhora bonita apareceu do nada e anotou seus pedidos de café. Ela os serviu num serviço de café com o logo JCC gravado no bule e nas finas xícaras de porcelana. Quando todos estavam sentados e tudo pronto, Wyatt disse para um assistente: — Diga a Clay que estamos todos aqui.

Um minuto embaraçoso passou enquanto o dr. JCC fazia todos esperar. Finalmente ele entrou apressado, sem paletó, falando com uma secretária atrás dele, um homem muito ocupado. Foi direto para Joel Hanna e Babcock, e se apresentou, como se todos estivessem ali voluntariamente para resolver questões para o bem comum. Então foi para o outro lado e assumiu o trono real no meio da sua equipe. A dois metros e meio dos visitantes.

Joel Hanna não pôde deixar de pensar: "Este cara fez cem milhões de dólares no ano passado."

Babcock pensou a mesma coisa, mas acrescentou o rumor de que Clay nunca estivera num tribunal para uma ação de direito civil. Passou cinco anos com os advogados da corte criminal, mas nunca pediu um níquel para nenhum júri. Sob toda aquela encenação, Babcock viu sinais de nervosismo.

— O senhor disse que tinha um plano — o dr. JCC começou —, vamos ouvir.

O esquema de sobrevivência era simples. A empresa estava disposta a admitir, somente para os fins daquela reunião, que havia manufaturado uma remessa defeituosa de argamassa de cimento Portland e que, por causa disso, um certo número de casas residenciais na área de Baltimore teria de ter os tijolos trocados. Um pagamento era necessário para indenizar os proprietários das casas sem matar a empresa. Simples como era o plano, Joel levou meia hora para apresentá-lo.

Babcock falou pela companhia de seguros. Admitiu que havia uma cobertura de cinco milhões de dólares, uma coisa que ele raramente revelava no início de uma ação judicial. Seu cliente e a empresa Hanna participariam dessa quantia.

Joel Hanna explicou que sua empresa estava com pouco dinheiro, mas disposta a pedir um grande empréstimo para compensar as vítimas.

— O erro foi nosso e queremos corrigir — ele disse mais de uma vez.

— O senhor tem aí o número exato das casas? — JCC perguntou e todos da sua equipe anotaram.

— Novecentas e vinte e duas — Joel disse. — Fomos aos atacadistas, aos empreiteiros, depois aos pedreiros. Acho que é um número exato, mas pode ter uma diferença de cinco por cento.

JCC tomava notas. Quando terminou disse: — Então se calcularmos um custo de vinte e cinco mil dólares para indenizar adequadamente cada cliente, temos cerca

de pouco mais de vinte e três milhões de dólares.

— Temos certeza de que não nos custará vinte mil para reparar cada casa — Joel disse.

Um assistente entregou um documento para JCC.

— Temos declarações de quatro pedreiros da área de Howard County. Cada um deles esteve no local para verificar os danos. Cada um submeteu sua estimativa. A mais baixa é de dezoito/dezenove, a mais alta de vinte e um/vinte e cinco. A média das quatro é vinte mil dólares.

— Eu gostaria de ver essas estimativas — Joel disse.

— Talvez mais tarde. Além disso há outros danos. Esses proprietários têm direto à indenização pela frustração, embaraço, perda do prazer da casa nova e sofrimento emocional. Um dos nossos clientes sofre de severas dores de cabeça desde o incidente. Outro perdeu uma venda lucrativa da casa porque os tijolos estavam caindo.

— Temos estimativas de até doze mil dólares — Joel disse.

— Não vamos entrar em acordo por doze mil dólares — JCC disse e todas as cabeças do seu lado da mesa se inclinaram, aprovando.

Quinze mil dólares era um acordo justo e permitiria novos tijolos em todas as casas. Mas deixaria apenas nove mil dólares para o cliente depois que JCC tirasse sua comissão de um terço do total. Dez mil dólares tirariam os velhos tijolos, levariam os novos ao local, mas não pagariam os pedreiros para completar o trabalho. Dez mil dólares só iriam piorar as coisas — a casa sem revestimento, o jardim enlameado, pilhas de novos tijolos na entrada, mas ninguém para assentá-los.

Novecentos e vinte e dois casos, a cinco mil dólares cada, representavam 4,6 milhões de honorários. JCC fez o cálculo rapidamente, atônito com a rapidez com que tinha se acostumado a lidar com zeros. Noventa por cento seriam seus; teria de partilhar uma parte com uns poucos advogados que tinham chegado tarde à ação coletiva. Nada mal para honorários. Cobriria o custo da nova vila em St. Barth, onde Ridley ainda se escondia sem nenhum interesse em voltar para casa e depois dos impostos, pouco sobraria.

A 15 mil dólares por queixoso, Hanna podia sobreviver. Tirando os cinco milhões do cliente de Babcock a empresa podia acrescentar cerca de dois bilhões em dinheiro que tinha no momento, fundos reservados para a fábrica e o equipamento. Uma combinação de 15 milhões de dólares seria necessária para cobrir qualquer queixa em potencial. Os oito milhões restantes podiam ser emprestados pelos bancos em Pittsburgh. Entretanto, essa informação foi mantida entre Hanna e Babcock. Aquela era apenas a primeira reunião, não era ainda a hora de jogar todas as cartas.

O assunto principal se limitaria a quanto o dr. JCC queria por seus esforços. Ele podia aceitar um acordo justo, talvez reduzir sua porcentagem, e ainda assim

ganhar muitos milhões, proteger seus clientes, permitir que uma boa e antiga empresa sobrevivesse e considerasse isso uma vitória.

Ou ele podia adotar a linha dura e todos sofreriam.

A SRTA. GLICK PARECIA nervosa ao interfone.

— São dois, Clay — ela disse, quase num murmúrio. — FBI.

Todos os envolvidos no jogo das ações indenizatórias estão sempre olhando por cima dos ombros, como se estivessem fazendo alguma coisa ilegal. Com o tempo, porém, sua pele fica tão grossa, como se fossem feitos de Teflon. Clay se sobressaltou à simples menção do FBI, mas depois riu da própria covardia. Certamente não tinha feito nada de errado.

Eram dois agentes típicos, jovens bem-vestidos mostrando os distintivos e tentando impressionar quem quer que estivesse olhando. O negro era o agente Spooner e o branco, o agente Lohse. Pronunciava-se LOOSH. Desabotoaram os paletós ao mesmo tempo quando se instalaram nas cadeiras no canto do poder do escritório de Clay.

— O senhor conhece um homem chamado Martin Grace? Spooner começou.

-Não.

— Mike Packer? — perguntou Lohse.

-Não.

— Nelson Martin?

— Não.

— Max Pace?

— Sim.

— São todos a mesma pessoa — Spooner disse. — Alguma ideia de onde ele pode estar?

— Não.

— Quando o viu pela última vez?

Clay foi até sua mesa, pegou uma agenda e voltou para a cadeira. Procurou fazer hora para organizar os pensamentos. Não precisava sob nenhuma circunstância responder àquelas perguntas. Podia pedir que se retirassem a qualquer momento e voltassem quando um advogado estivesse presente. Se mencionassem Tarvan, então ele exigiria que parassem.

— Não tenho certeza — ele disse, folheando a agenda. — Foi há alguns meses. Em meados de fevereiro.

Lohse era quem registrava tudo. Spooner o interrogador.

— Onde se encontrou com ele?

— Num jantar no hotel em que ele estava hospedado.

— Que hotel?

— Não me lembro. Por que estão interessados em Max Pace? Uma rápida troca

de olhares entre os dois. Spooner continuou: — Isto é parte de uma investigação do Conselho de Segurança. Pace tem uma história de fraudes no mercado de ações. O senhor conhece seu passado?

— Na verdade não. Ele sempre foi muito vago.

— Como e por que se conheceram? Clay jogou a agenda na mesa de centro.

— Digamos que foi a negócios.

— A maior parte dos sócios dele vai parar na cadeia. Acho melhor o senhor pensar em outra coisa qualquer.

— Agora chega. Por que estão aqui?

— Estamos verificando testemunhas. Sabemos que ele passou algum tempo na capital. Sabemos que no último Natal ele visitou Mustique. Sabemos que em janeiro ele vendeu a descoberto uma remessa de ações da Goffman por sessenta e dois e um quarto a ação, um dia antes de darem entrada na sua grande ação judicial. Comprou de volta a quarenta e nove, ganhando vários milhões. Achamos que ele teve acesso a relatórios confidenciais do governo sobre um certo medicamento da Goffman chamado Mexatil e usou essa informação para cometer fraudes na bolsa.

— Mais alguma coisa?

Lohse parou de escrever e disse:

— O senhor vendeu a descoberto ações da Goffman, antes de dar entrada no processo judicial?

— Não.

— Alguma vez teve ações da Goffman?

— Não.

— Algum membro da família, sócios, sociedade comercial, dinheiro no exterior, controladas pelo senhor.

— Não, não, não.

Lohse guardou a caneta no bolso. Bons tiras são breves na sua primeira visita. Deixe que a testemunha/alvo/indivíduo comece a suar e talvez faça alguma bobagem. A segunda visita seria muito mais demorada.

Eles se levantaram e foram para a porta.

— Se tiver notícias de Pace, gostaríamos que nos informasse Spooner disse.

— Não contem com isso — Clay disse. Jamais poderia trair Pace porque compartilhavam muitos segredos.

— Oh, estamos contando com isso, Dr. Carter. Na nossa próxima visita falaremos sobre os Laboratórios Ackerman.

DEPOIS DE DOIS ANOS e acordos de oito bilhões, a Vida Saudável jogou a toalha. Na opinião da companhia, tinha feito um esforço de boa-fé para remediar o pesadelo do seu comprimido dietético, o Skinny Ben. Tentara valentemente

compensar cerca de meio milhão de pessoas lesadas que tinham confiado na sua propaganda agressiva e na sua falta de informação e tomaram o remédio. Havia pacientemente enfrentado os ataques dos tubarões frenéticos, os advogados de responsabilidade civil. A empresa os enriqueceu.

Esfarrapada, murcha e dependurada pelas pontas dos dedos, a Vida Saudável foi atacada outra vez e simplesmente não suportou. A última gota foram duas duvidosas ações coletivas de advogados muito mais duvidosos, representando milhares de "pacientes" que tinham usado o Skinny Ben, mas sem efeitos adversos. Eles queriam milhões de indenização simplesmente porque tinham tomado os comprimidos, estavam agora preocupados e podiam continuar preocupados no futuro, o que abalaria sua saúde já frágil.

A Vida Saudável pediu falência protegida pelo Capítulo 11 e saiu da confusão. Três das suas divisões foram bloqueadas e logo a empresa deixaria de existir. Mandou às favas todos os advogados e todos os seus clientes e saiu do prédio.

A notícia foi uma surpresa para a comunidade financeira, mas nenhum grupo ficou tão chocado quanto os advogados especializados em ações coletivas. Tinham finalmente estrangulado a galinha dos ovos de ouro. Oscar Mulrooney viu a notícia on-line, na sua mesa e trancou a porta. Com seu plano visionário, a firma tinha gasto 2,2 milhões de dólares em anúncios e em exames médicos, que até então haviam produzido 215 clientes legítimos do Skinny Ben. Numa média de 180 mil dólares por acordo, os casos valiam pelo menos 15 milhões de dólares em honorários, que podiam ser a base do seu muito antecipado bônus de fim de ano.

Nos últimos três meses, ele não conseguira a aprovação do administrador da ação coletiva para suas reivindicações. Havia rumores de dissensão entre os inúmeros advogados e os grupos dos usuários do comprimido. Outros estavam tendo problemas para conseguir o dinheiro supostamente disponível.

Suando, ele falou uma hora ao telefone, ligando para outros advogados da ação coletiva, tentando falar com o administrador, depois com o juiz. Seus piores temores foram confirmados por um advogado de Nashville, com várias centenas de casos, todos anteriores aos de Oscar.

— Estamos ferrados — o advogado disse. — A VS tem dívidas quatro vezes maiores do que seus bens e não há dinheiro. Estamos ferrados.

Oscar se acalmou, ajeitou a gravata, abotoou as mangas da camisa, vestiu o paletó e foi contar para Clay.

Uma hora depois ele preparou uma carta para cada um dos seus 215 clientes. Não deu nenhuma esperança falsa. As coisas estavam realmente pretas. A firma monitoraria de perto a falência e o fabricante. Procuraria agressivamente todos os meios de compensação.

Mas havia poucos motivos para ser otimista.

Dois dias depois, Nora Tackett recebeu sua carta. Como o carteiro a conhecia, sabia que ela tinha se mudado. Nora morava agora num novo trailer, duas vezes maior, perto da cidade. Ela estava em casa, como sempre, provavelmente comendo biscoitos com pouca gordura, quando ele pôs a carta de uma firma de advocacia, três contas e alguns folhetos de propaganda na caixa do correio. Nora costumava receber muita correspondência dos advogados da capital e todo mundo em Larkin sabia por quê. No princípio diziam que seu acordo com a companhia do comprimido para emagrecer era de 100 mil dólares, então ela disse para alguém no banco que podia chegar perto de 200 mil dólares. A quantia aumentava cada vez que era comentada em Larkin.

Earl Jeter, do sul da cidade, vendeu à Nora o novo trailer quando soube que ela ia ganhar perto de um milhão e que isso seria logo. Além disso, sua irmã, MaryBeth, tinha assinado a nota dos noventa dias.

O carteiro sabia com certeza que o dinheiro estava causando todo tipo de problemas para Nora. Todos os Tacketts do país telefonavam pedindo para ela pagar fiança quando eram presos. Seus filhos, ou os que ela estava criando, eram atormentados na escola porque sua mãe era tão gorda e tão rica. O pai deles, um homem há dois anos invisível naquelas paragens, voltou à cidade. Ele disse no barbeiro que Nora era a mulher mais doce com quem já tinha casado. O pai dela ameaçou matá-lo e esse era outro dos motivos pelos quais ela ficava dentro de casa, com as portas trancadas.

Mas a maior parte das contas estava vencida. Na última sexta-feira alguém no banco supostamente tinha dito que não havia nem sinal do tal acordo. Onde estava o dinheiro de Nora? Essa era a grande pergunta em Larkin, Virgínia. Talvez estivesse no envelope.

Ela saiu cautelosamente uma hora depois, olhando para todos os lados, certificando-se de que não havia ninguém por perto. Tirou a correspondência da caixa e voltou correndo para o trailer. O dr. Mulrooney não retornava seus telefonemas. A secretária dizia que ele estava fora da cidade.

O ENCONTRO OCORREU tarde da noite, quando Clay saía do escritório. Começou desagradavelmente e não melhorou com o passar do tempo.

Crittle chegou de cara fechada e sem ser anunciado.

— Nossa companhia de seguro contra perdas em geral nos avisou que vão cancelar o seguro.

— O quê? — Clay gritou.

— Você ouviu.

— Por que está me dizendo agora? Estou atrasado para o jantar.

— Estive falando com eles o dia inteiro.

Um breve intervalo enquanto Clay jogava o paletó na cadeira e ia até a janela.

— Por quê? — ele perguntou.

— Eles avaliaram o movimento do seu escritório e não gostaram do resultado. Vinte e dois mil casos do Maxatil os assusta. Ficaré por demais exposto, se alguma coisa der errado. Os dez milhões do seguro podem ser uma gota no oceano, por isso estão saltando fora.

— Podem fazer isso?

— Claro que podem. Uma companhia de seguros pode terminar a cobertura quando bem quiser. Eles nos devem um reembolso, mas isso não é nada. Estamos nus nisto, Clay. Nenhuma cobertura.

— Não vamos precisar de cobertura.

— Estou ouvindo, mas continuo preocupado.

— Se bem me lembro, você estava preocupado com o Dyloft.

— Eu estava errado.

— Muito bem, Rex, meu velho, você está errado sobre o Maxatil também.

Quando o dr. Mooneyham terminar com a Goffman em Flagstaff, eles estarão ansiosos por um acordo. Já estão reservando bilhões para a ação coletiva. Alguma ideia de quando valem esses vinte e quatro mil casos? Dê um palpite.

— Você me diz.

— Perto de um bilhão de dólares, Rex. A Goffman pode pagar.

— Continuo preocupado. E se alguma coisa sair errada?

— Tenha um pouco de fé, amigo. Essas coisas levam tempo. O julgamento em Flagstaff será em setembro. Quando terminar, o dinheiro vai jorrar outra vez.

— Gastamos oito milhões em anúncios e em exames. Podemos pelo menos ir mais devagar? Por que você não resolve que vinte e quatro mil casos são suficientes?

— Porque não são. — E com isso, Clay sorriu, pegou o paletó, bateu com a mão no ombro de Crittle e foi jantar.

ELE DEVIA SE ENCONTRAR com um antigo companheiro de quarto da faculdade no Old Ebbitt Grille, na rua Quinze, às oito e meia. Esperou quase uma hora no bar antes do seu celular tocar. O amigo estava preso numa reunião que parecia não ter fim. Pediu as desculpas de praxe.

Quando Clay estava saindo, olhou para o restaurante e viu Rebecca jantando com duas outras mulheres. Clay voltou para o bar e pediu outra cerveja. Percebeu perfeitamente que mais uma vez ela o fazia voltar atrás. Clay queria desesperadamente falar com ela, mas estava resolvido a não interferir. Uma ida ao banheiro do restaurante seria a solução.

Quando passou pela mesa, ela ergueu os olhos e sorriu imediatamente. Rebecca

o apresentou às amigas e ele explicou que estava no bar esperando um velho amigo da faculdade para jantar. O amigo estava atrasado, podia demorar ainda e pediu desculpas pela interrupção. Bem, preciso ir. Foi born ver você.

Quinze minutos depois Rebecca apareceu no bar lotado e chegou perto dele. Muito perto.

— Tenho só um minuto — ela disse —, elas estão esperando. Indicou o restaurante com a cabeça.

— Você está ótima — Clay disse, ansioso para pôr as mãos nela.

— Você também.

— Onde está Myers?

Ela deu de ombros, como se não se importasse.

— Trabalhando. Ele está sempre trabalhando.

— Que tal a vida de casada?

— Muito solitária — ela disse, desviando os olhos.

Clay tomou um gole do drinque. Se não estivessem num bar com amigas esperando ali perto, ela teria desabafado. Queria dizer tanta coisa.

O casamento não estava dando certo! Clay se esforçou para não sorrir.

— Ainda estou esperando — ele disse.

Os olhos dela estavam molhados quando se inclinou e o beijou no rosto. Então se foi sem mais nenhuma palavra.

COM OS ORIOLES perdendo seis pontos para os Devil Rays — logo para os Devil Rays — o sr. Ted Worley acordou de uma sesta rara e ficou decidindo se ia ao banheiro rapidamente ou esperava o sétimo tempo do jogo. Tinha dormido uma hora, o que não era comum, porque ele dormia todas as tardes exatamente duas horas. Os Orioles eram chatos, mas nunca o tinham feito dormir.

Porém, depois do pesadelo do Dyloft ele não abusava dos limites da sua bexiga. Nada de muito líquido, nada de cerveja. E nenhuma pressão no encanamento lá embaixo; se precisava ir ao banheiro não ia hesitar. E se ele perdesse alguns arremessos? Foi ao pequeno banheiro de hóspedes no corredor, perto do quarto onde a sra. Worley estava instalada na sua cadeira de balanço com o bordado que consumia grande parte do seu tempo. Ele entrou e fechou a porta, abriu o zíper da calça e começou a urinar. Um leve ardor o fez olhar para baixo e o sr. Worley quase desmaiou.

Sua urina estava cor de ferrugem — um líquido escuro, avermelhado. Com uma exclamação abafada ele se apoiou na parede com uma das mãos. Quando terminou, não deu a descarga, mas sentou no vaso por alguns minutos, tentando se controlar.

— O que você está fazendo aí dentro? — sua mulher gritou.

— Não é da sua conta — ele respondeu, irritado.

— Você está bem, Ted?

— Estou ótimo.

Mas não estava. Levantou a tampa do vaso, olhou outra vez para o mortal cartão de visitas que seu corpo acabava de excretar, finalmente deu a descarga e voltou para a saleta da televisão. Os Devil Rays agora estavam ganhando por oito pontos, mas o jogo tinha perdido qualquer importância que podia ter tido no primeiro tempo. Vinte minutos mais tarde, depois de três copos de água, ele desceu para o porão e urinou no pequeno banheiro, o mais longe possível da sua mulher.

Era sangue, ele decidiu. Os tumores tinham voltado e fosse qual fosse a forma que tivessem agora, eram muito mais graves do que antes.

Na manhã seguinte ele contou para a mulher, enquanto comiam torrada com geleia. Preferia ter escondido dela o maior tempo possível, mas eram tão unidos que segredos, especialmente relacionados com a saúde, eram difíceis de guardar. Ela tomou o controle da situação imediatamente, ligando para o urologista dele, esbravejando com a secretária para marcar uma hora, conseguindo a consulta depois do almoço. Era uma emergência e esperar até o dia seguinte não era aceitável.

Quatro dias depois foram encontrados tumores malignos nos rins do sr. Worley. Numa cirurgia de cinco horas, os médicos removeram todos os tumores que

encontraram.

O chefe da urologia monitorava de perto o paciente. O médico de um hospital de Kansas City havia relatado um caso idêntico um mês atrás, o aparecimento de tumores nos rins depois do tratamento com Dyloft. O paciente de Kansas City estava fazendo quimioterapia e definhando rapidamente.

O mesmo podia se esperar para o sr. Worley, mas o oncologista foi muito mais cauteloso na primeira visita pós-operatória. A sra. Worley estava bordando e se queixando da comida do hospital, que ela não esperava que fosse deliciosa, mas por que não podia pelo menos ser quente? Com o que estavam pagando! O sr. Worley, debaixo das cobertas, assistia à televisão. Delicadamente tirou o som quando o oncologista entrou, embora estivesse muito triste e estressado para conversar.

Teria alta dentro de mais ou menos uma semana e logo que estivesse suficientemente forte começariam a tratar agressivamente seu câncer. O sr. Worley estava chorando quando o médico saiu.

Numa conversa com o colega de Kansas City, o urologista-chefe ficou sabendo de outro caso. Os três pacientes eram do Grupo Um dos queixosos do Dyloft. Agora estavam morrendo. O nome de um advogado foi mencionado. O paciente de Kansas City era representado por uma pequena firma de advocacia da cidade de Nova York.

Era uma experiência rara e gratificante para um médico poder passar adiante o nome de um advogado disposto a processar outro e o chefe da urologia estava decidido a ter o prazer de fazer isso. Entrou no quarto do sr. Worley, se apresentou, porque ainda não se conheciam e explicou seu papel no tratamento. O sr. Worley estava farto de médicos e se não fossem os tubos que se entrecruzavam no seu corpo devastado teria juntado suas coisas e resolvido dar alta a si mesmo. A conversa logo chegou ao Dyloft, depois ao acordo, depois aos campos férteis da profissão de direito. Isso acendeu a ira do velho homem, seu rosto tomou um pouco de cor, seus olhos chisparam furiosos.

O acordo, miserável como tinha sido, fora completado contra sua vontade. Uns míseros 43 mil dólares, e o advogado ficou com o resto! Ele havia telefonado e telefonado e finalmente conseguiu falar com um espertalhão que o mandou ler as letras miúdas do documento que tinha assinado. Havia uma cláusula de pré-autorização que permitia ao advogado fazer o acordo se a quantia excedesse um limiar muito baixo. O sr. Worley escrevera duas cartas indignadas ao dr. Clay Carter. Nenhuma das duas teve resposta.

— Eu era contra esse acordo — O sr. Worley repetia.

— Acho que agora é tarde demais — a sra. Worley acrescentava.

— Talvez não — o médico disse. Contou do paciente de Kansas City, um homem muito parecido com Ted Worley. — Ele contratou um advogado para processar seu advogado — o médico disse com grande satisfação.

— Eu fiquei mais do que farto de advogados. — O sr. Worley disse. De médicos também, pensou, mas se conteve e não disse isso.

— O senhor tem o telefone dele? — a sra. Worley perguntou. Ela estava pensando com maior clareza do que o marido. Tristemente estava também vendo o que seria dentro de um ou dois anos, quando Ted tivesse partido.

O urologista por acaso tinha o número do telefone.

A ÚNICA COISA QUE os advogados especializados em ações indenizatórias coletivas temiam era outro advogado. Um predador, um traidor que os seguia de perto, consertando seus erros. Uma subespecialidade tinha evoluído, na qual uns poucos e muito agressivos advogados de tribunal perseguiram seus irmãos quando havia um acordo malfeito. Helen Warshaw estava escrevendo o manual de treinamento.

Para uma raça que professava tanto amor pelo tribunal, os advogados das ações coletivas sentiam as pernas bambas quando se imaginavam sentados na mesa da defesa, olhando timidamente para os jurados, enquanto suas finanças pessoais eram discutidas e atacadas no tribunal aberto. Era para isso que Helen Warshaw os chamava.

Porém, raramente acontecia. Seus brados de Processar o Mundo e de Amamos os Jurados evidentemente se aplicavam a todos. Quando enfrentavam provas de responsabilidade, ninguém fazia um acordo mais rápido do que um advogado da fraude. Ninguém, nem mesmo um médico culpado, evitava o tribunal com tanta energia quanto um advogado dos anúncios da TV apanhado fraudando um acordo.

Warshaw encontrara quatro casos do Dyloft no seu escritório de Nova York e pistas de mais três, quando recebeu um telefonema da sra. Worley. Sua pequena firma tinha um dossiê de Clay Carter e outro, muito mais grosso, de Patton French. Ela monitorou as vinte primeiras firmas de responsabilidade civil do país e dezenas das maiores ações coletivas. Tinha bastantes clientes e recebia muitos honorários, mas nada a entusiasmou tanto quanto o fiasco do Dyloft.

Alguns minutos ao telefone com a sra. Worley e Helen ficou sabendo exatamente o que tinha acontecido.

— Estarei aí às cinco horas — ela disse.

— Hoje?

— Sim. Esta tarde.

Ela tomou o avião da linha doméstica para Dulles. Não tinha um jato por boas razões. Primeira, era prudente com seu dinheiro e não acreditava nesse tipo de desperdício. Segunda, se alguma vez fosse processada não queria que os jurados ouvissem falar de um jato. No ano anterior, no único caso que conseguiu levar a julgamento, mostrara ao júri grandes fotos coloridas dos jatos do advogado de

defesa do acusado, por dentro e por fora. Mais fotos do iate dele, a casa em Aspen *etc.* O júri ficou muito impressionado. Vinte milhões de indenização de danos.

Ela alugou um carro — não limusine — e encontrou o hospital em Bethesda. A sra. Worley tinha reunido seus papéis, que Warshaw passou uma hora lendo, enquanto o sr. Worley dormia. Quando ele acordou, não queria falar. Estava farto de advogados, especialmente da variedade feminina insistente de Nova York. Porém sua mulher tinha muito tempo e achava mais fácil falar com uma mulher. As duas foram para a sala de descanso, para um café e uma longa conversa.

O principal culpado era e sempre seria o Laboratório Ackerman. Tinha fabricado um medicamento perigoso, apressado o processo de aprovação, anunciado pesadamente, não fez os testes adequados, não revelou tudo que sabia sobre o medicamento. Agora o mundo estava sabendo que o Dyloft era muito mais insidioso do que tinham pensado a princípio. A dra. Warshaw já tinha provas médicas de que o reaparecimento dos tumores estava ligado ao Dyloft.

O segundo culpado era o médico que receitou o medicamento, embora sua culpa fosse leve. Ele confiara nos Laboratórios Ackerman. O medicamento fazia maravilhas. E assim por diante.

Infelizmente, os dois primeiros culpados foram completamente isentos de toda a responsabilidade, quando o sr. Worley aceitou o acordo na ação coletiva Biloxi. Embora o médico que tratava da artrite do sr. Worley não fosse citado, a isenção global o cobria também.

— Mas Ted não queria fazer o acordo — a sra. Worley disse, mais de uma vez.

Não importa. Ele fez. Deu ao seu advogado o poder de fazer o acordo. O advogado fez, tornando-se assim o terceiro culpado. E o último que faltava.

UMA SEMANA DEPOIS, a dra. Warshaw deu entrada no processo contra J. Clay Carter, F. Patton French, M. Wesley Saulsberry e outros advogados conhecidos ou desconhecidos que haviam feito o acordo prematuro dos casos Dyloft. O principal queixoso era outra vez o sr. Ted Worley de Upper Marlboro, Maryland, por e em nome de todas as pessoas prejudicadas, conhecidas e desconhecidas no momento. A ação judicial foi registrada na Vara Federal dos Estados Unidos para o Distrito de Columbia, não muito longe dos escritórios de JCC.

Tomando emprestada uma página do método de ação do acusado, a dra. Warshaw enviou por fax cópia da sua ação judicial a uma dúzia de jornais importantes quinze minutos depois de a ação ser registrada no tribunal.

Um oficial de justiça brusco e agressivo se apresentou à recepcionista do escritório de Clay exigindo ver o Dr. Carter. "É urgente", ele insistiu. Foi enviado à srta. Glick. Ela chamou o patrão, que saiu relutantemente do escritório e apanhou os papéis que arruinariam seu dia. Talvez seu ano.

Os repórteres já estavam telefonando quando Clay terminou de ler a ação coletiva. Oscar Mulrooney estava com ele, a porta estava trancada.

— Nunca ouvi falar disto — Clay resmungou, dolorosamente consciente de que havia tanta coisa de que nunca tinha ouvido falar sobre o jogo das ações coletivas.

Nada errado com uma boa armadilha, mas pelo menos as que ele havia processado sabiam que estavam para ter problemas. Os Laboratórios Ackerman sabiam que tinham fabricado um medicamento prejudicial antes de o Dyloft ser lançado no mercado. A Companhia de Cimento Portland Hanna tinha pessoas trabalhando em Howard County, avaliando os danos iniciais, a Goffman já tinha sido processada por Dale Mooneyham por causa do Maxatil e outros advogados pairavam em volta da companhia. Mas isto? Clay não tinha ideia de que Ted Worley estava doente outra vez. Nem um sinal de problema em parte alguma do país. Simplesmente não era justo.

Mulrooney estava atordado demais para falar.

No interfone, a srta. Glick anunciou:

— Clay, está aqui um repórter do Washington Post.

— Dê um tiro no desgraçado — Clay rosnou.

— Isso é um "NÃO?"

— E um "diabos, não!"

— Diga que Clay não está aqui — Oscar conseguiu dizer.

— E chame o segurança — Clay acrescentou.

A morte trágica de um amigo íntimo não teria provocado um estado de espírito mais sombrio. Falaram sobre controle do contra-ataque — como responder e quando? Deviam redigir uma negativa rápida e agressiva à ação judicial naquele mesmo dia? Enviar por fax para a imprensa? Clay devia falar com os repórteres?

Nada foi decidido porque não podiam tomar as decisões. O sapato estava no outro pé, isso era território novo.

Oscar se ofereceu para dar a notícia para a firma, apresentando tudo sob uma luz positiva para manter alto o moral.

— Se eu estiver errado, pago essa reivindicação — Clay disse.

— Vamos esperar que o sr. Worley seja o único dessa firma.

— Essa é a grande questão, Oscar. Quantos Ted Worley existem por aí?

DORMIR ERA IMPOSSÍVEL. Ridley estava em St. Barth, renovando a vila e Clay agradecia por isso. Sentia-se humilhado e embaraçado e pelo menos ela não estava sabendo.

Só pensava em Ted Worley. Não estava zangado, longe disso. Alegações em ações judiciais são geralmente errôneas, mas essas pareciam certas. Seu ex-cliente não estaria afirmando ter tumores malignos se não fosse verdade. O câncer do sr.

Worley fora causado por um medicamento ruim não por um advogado ruim. Mas determinar apressadamente um acordo de 62 mil dólares quando na verdade valia milhões, insinuava imperícia profissional e ganância. Quem podia culpar o homem por contra-atacar?

Durante a longa noite, Clay mergulhou na autopiedade — seu ego ferido, a humilhação perante seus pares, amigos e empregados, o prazer dos seus inimigos, o medo do amanhã e da flagelação pública da imprensa, sem ninguém para defendê-lo.

Às vezes ele tinha medo. Podia realmente perder tudo? Seria o começo do fim? O julgamento teria uma enorme atração para os jurados, por outro lado! E quantos mais queixosos em potencial podia haver? Cada caso valia milhões.

Bobagem. Com vinte e cinco mil casos de Maxatil esperando nos bastidores, ele podia enfrentar qualquer coisa.

Mas todos os pensamentos voltavam para o sr. Worley, um cliente que não fora protegido por seu advogado. O sentimento de culpa era tão pesado que ele tinha vontade de telefonar para o homem e pedir desculpas. Talvez escrevesse uma carta. Lembrava claramente de ter lido duas que recebera havia pouco tempo de seu ex-cliente. Ele e Jonah tinham achado muita graça.

Um pouco depois das 4 horas, Clay fez o primeiro bule de café. Às cinco, entrou on-line e leu o Post. Nenhum ataque de terroristas nas últimas vinte e quatro horas. Nenhum assassino em série tinha atacado. O Congresso tinha ido para casa. O presidente estava de férias. Um dia de poucas notícias, então por que não usar o rosto sorridente do "Rei da Fraude" na metade inferior da primeira página?

ADVOGADO DA FRAUDE EM MASSA PROCESSADO PELAS MASSAS era manchete inteligente. O primeiro parágrafo dizia: O advogado de Washington, J. Clay Carter, chamado de o mais novo Rei da Fraude, experimentou o gosto do próprio remédio ontem quando foi processado por alguns clientes descontentes. A ação judicial alega que Carter, que ganhou 110 milhões de dólares em honorários no último ano, prematuramente fez acordos de casos por pequenas quantias, quando na verdade, valiam milhões.

Os outros oito parágrafos restantes não eram melhores. Um severo caso de diarreia tinha começado durante a noite e Clay correu para o banheiro.

Seu amigo do The Wall Street Journal entrou com a artilharia pesada. Primeira página, lado esquerdo, o mesmo desenho horrível do rosto condescendente de Clay.

O REI DA FRAUDE ESTÁ PARA SER DESTRONADO?

era a manchete. O tom do artigo dava a impressão de que Clay devia ser indiciado e preso e não simplesmente destronado. Cada grupo de comércio em Washington tinha opiniões formadas sobre o assunto. Mal disfarçavam o prazer. Que ironia ficarem tão felizes vendo outra ação judicial. O presidente da Ordem dos Advogados de Tribunal não tinha nenhum comentário a fazer.

Sem comentários! Do único grupo que nunca deixara de dar apoio aos advogados. O parágrafo seguinte explicava por quê. Helen Warshaw era membro ativo da Ordem dos Advogados de Tribunal de Nova York. Na verdade, suas credenciais eram impressionantes. Uma advogada de tribunal com certidão do conselho. Editora da Revisão da Lei em Columbia. Tinha trinta e oito anos, tomava parte em maratonas por divertimento e foi descrita por um ex-oponente como "brilhante e tenaz".

Uma combinação letal, Clay pensou, correndo outra vez para o banheiro.

Sentado no vaso ele concluiu que os advogados não escolheriam lados nesse caso. Era um feudo de família. Não podia esperar simpatia, nenhum defensor.

Uma fonte anônima calculava que havia uma dúzia de queixosos. Era de se esperar um recurso judicial coletivo porque antecipavam um grupo muito maior de queixosos. "De quantos?", Clay se perguntava enquanto fazia mais café. "Quantos Worleys existem?"

O Dr. Carter, trinta e dois anos, não estava disponível para comentários. Patton French chamou a ação judicial de "frívola", uma descrição emprestada, segundo o artigo, de nada menos que oito companhias que ele havia processado nos últimos quatro anos. Ele se aventurou mais, dizendo que a ação judicial "... cheirava a conspiração dos proponentes da reforma da fraude e dos seus beneficiários, a indústria do seguro". Talvez o repórter tivesse apanhado Patton depois de alguns fortes drinques de vodca.

Era preciso tomar uma decisão. Como estava realmente doente, podia ficar em casa e dali esperar passar a tempestade. Ou podia sair para o mundo cruel e enfrentar a música. O que ele queria realmente era tomar alguns comprimidos, voltar para a cama e acordar depois de uma semana, com o pesadelo deixado para trás. Melhor ainda, entrar no avião e ir ver Ridley.

Ele estava no escritório às sete horas, parecendo bem-disposto, superestimulado por café, andando animadamente pelos corredores, brincando e rindo com a turma que chegava cedo, fazendo piadas fracas e nada agressivas sobre outros oficiais de justiça a caminho e repórteres curiosos e intimações voando aqui e ali. Era uma performance esplêndida e corajosa de que sua firma precisava e agradecia.

Isso continuou até o meio da manhã quando a srta. Glick acabou com a graça, entrando no escritório dele dizendo: — Clay aqueles dois agentes do FBI voltaram.

— Maravilha! — ele disse, esfregando as mãos como se estivesse pronto para chicotear os dois.

Spooner e Lohse apareceram com sorrisos formais e sem apertos de mão. Clay fechou a porta, apertou os dentes e disse a si mesmo para continuar a representar. Mas a fadiga o tomou de assalto. E o medo.

Dessa vez Lohse ia falar e Spooner tomar notas. Evidentemente a foto de Clay na primeira página os fizera lembrar que deviam a ele uma segunda visita. O preço da fama.

— Algum sinal do seu amigo Pace? — Lohse começou.

— Não, nada. — E era verdade. E ele precisando tanto do conselho de Pace naquela crise.

— Tem certeza?

— Você é surdo? — Clay agrediu. Estava perfeitamente preparado para pedir a eles que fossem embora quando as perguntas ficassem embaraçosas. Eram apenas investigadores, não promotores. — Eu disse que não.

— Achamos que ele esteve na cidade na semana passada.

— Ótimo para vocês. Eu não o vi.

— O senhor processou os Laboratórios Ackerman no dia dois de julho, no ano passado correto?

— Sim.

— Tinha alguma ação da companhia antes de dar entrada na ação judicial?

— Não.

— Vendeu as ações a descoberto, depois comprou por um preço mais baixo?

É claro que sim, por sugestão do seu born amigo Pace. Eles sabiam a resposta a essa pergunta. Estava certo de que tinham os dados da transação. Desde a primeira visita dos dois, Clay tinha estudado com atenção as fraudes na bolsa e no comércio interno. Estava numa área cinzenta, de um cinza muito pálido, em sua opinião, não um bom lugar, mas longe de qualquer sugestão de culpa. Em retrospecto, ele não devia ter negociado as ações. Desejou milhares de vezes não ter feito.

— Estou sob investigação ou coisa parecida? — ele perguntou. Spooner começou a balançar a cabeça afirmativamente antes de Lohse dizer: — Sim.

— Nesse caso, esta reunião acabou. Meu advogado entrará em contato com vocês. — Clay estava de pé, andando para a porta.

PARA A PRÓXIMA REUNIÃO do Comitê Orientador dos Queixosos do Dyloft, o acusado Patton French escolheu um hotel no centro da cidade de Atlanta, onde ele participava de vários seminários sobre como ficar rico atacando sorrateiramente os fabricantes de medicamentos com graves efeitos adversos. Era uma reunião de emergência.

French, é claro, tinha a suíte presidencial, uma espalhafatosa coleção de espaço desperdiçado no último andar do hotel e lá eles se encontraram. Era uma reunião fora do comum, na qual não havia comparação de notas sobre o último carro luxuoso ou rancho, nada disso. Nenhum dos cinco estava disposto a alardear suas recentes vitórias legais. As coisas ficaram tensas desde o momento em que Clay entrou e não melhoraram com o tempo. Os rapazes ricos estavam com medo.

E com razão. Carlos Hernandez, de Miami, sabia de sete do seu Grupo Um de queixosos Dyloft que estavam agora com tumores malignos nos rins. Tinham se juntado à ação judicial e eram representados agora por Helen Warshaw.

— Eles estão aparecendo de todos os lados — ele disse, nervoso. Hernandez parecia não dormir há dias. Na verdade, os cinco estavam abatidos e cansados.

— Ela é uma megera impiedosa — Wes Saulsberry disse e todos concordaram, inclinando a cabeça. Evidentemente, a lenda da dra. Warshaw era amplamente conhecida. Alguém tinha esquecido de dizer para Clay. Wes estava agora sendo processado por quatro ex-clientes. Damon Didier três. French tinha cinco.

Clay ficou aliviado por ter só um, mas o alívio foi temporário.

— Na verdade, você tem sete — French disse, entregando um impresso de computador com o nome de Clay em cima e uma lista de ex-clientes, agora queixosos, embaixo.

— Wicks, dos Laboratórios Ackerman me disse que podemos esperar que essa lista venha a crescer — French disse.

— Qual a reação deles? — Wes perguntou.

— Choque total. O remédio está matando as pessoas por todo o lado. O pessoal da Philo gostaria de nunca ter ouvido falar nos Laboratórios Ackerman.

— Eu estou com eles — Didier disse, olhando zangado para Clay, como quem diz: "Tudo culpa sua."

Clay olhou outra vez para os sete nomes da sua lista. A não ser por Ted Worley, não reconheceu nenhum deles. Kansas, Dakota do Sul, Maine, dois do Oregon, Georgia, Maryland. Como ele tinha chegado a representar aquela gente que nem conhecia! E agora eles o estavam processando.

— Podemos supor que a evidência médica é substancial nesses casos? — Wes

perguntou. — Quero dizer, há espaço para lutar, tentar provar que esse câncer recorrente não tem nada a ver com o Dyloft. Nesse caso, estamos livres do anzol e Ackerman também. Não gosto de me deitar com palhaços, mas é o que estamos fazendo.

— Nada disso! Estamos ferrados — French disse. Às vezes ele podia ser dolorosamente rude. — Não adianta perder tempo. Wicks diz que o medicamento é mais perigoso do que uma bala na cabeça. Seu pessoal da pesquisa vai todo embora por causa disso. Carreiras estão sendo arruinadas. A companhia talvez não sobreviva.

— Quer dizer a Philo?

— Sim, quando a Philo comprou a Ackerman pensavam que podiam manejar a confusão do Dyloft. Hoje parece que os Grupos Dois e Três serão muito maiores e muito mais caros. Eles estão lutando do melhor modo possível.

— Não estamos todos? — Carlos resmungou, e olhou também para Clay como se uma bala na cabeça fosse a solução.

— Se somos responsáveis, então de jeito nenhum poderemos defender esses casos — Wes disse, afirmando o óbvio.

— Temos de negociar — Didier disse. — Estamos falando de sobrevivência.

— Quanto vale cada caso? — Clay perguntou, ainda conseguindo falar.

— Perante um júri, de dois a dez milhões, dependendo da indenização punitiva — French disse.

— Isso é pouco — disse Carlos.

— Nenhum júri vai ver a minha cara no tribunal — Didier disse. — Não com esse conjunto de fatos.

— Em média os queixosos têm sessenta e oito anos e são aposentados — Wes disse. — Assim economicamente, os danos não são muito grandes quando um deles morre. A dor e o sofrimento aumentam o valor. Mas num vácuo é possível chegar a um acordo de um milhão para cada um.

— Isso não é nenhum vácuo — Didier disse, irritado.

— Não diga — Wes disse, no mesmo tom —, mas acrescenta aí um belo bando de gananciosos advogados de casos de ação coletiva e o valor atravessa o telhado.

— Eu preferia estar no lado do queixoso do que no meu. Carlos esfregou os olhos cansados.

Clay notou que nem uma gota de álcool estava sendo consumida, só café e água. Ele queria desesperadamente um dos remédios de vodca de French.

— Provavelmente vamos perder nossa ação coletiva — French disse. — Todos que ainda estão dentro começam a sair. Como vocês sabem, poucos queixosos dos Grupos Dois e Três fizeram o acordo e por razões óbvias, não querem nada com esta ação judicial. Sei de pelo menos cinco grupos de advogados prontos para pedir à

corte a dissolução da nossa ação coletiva e nos colocar para fora. Na verdade, não posso culpá-los.

— Podemos lutar contra eles — Wes disse. — Temos honorários para receber. E vamos precisar.

Entretanto não estavam dispostos a lutar, pelo menos não naquele momento. Independentemente de quanto dinheiro dissessem que tinham, todos estavam preocupados, mas em níveis diferentes. Clay quase que só ouvia e estava intrigado com a reação dos outros quatro. Patton French provavelmente tinha mais dinheiro do que todos ali e parecia confiante de poder enfrentar as pressões financeiras da ação judicial. O mesmo para Wes, que ganhara 500 milhões de dólares com a ação contra o fumo. Carlos às vezes era arrogante, mas agora não podia parar de se agitar na cadeira. Quem estava apavorado era Didier, o homem de traços duros.

Todos tinham mais dinheiro do que Clay, e Clay tinha mais casos Dyloft do que qualquer um deles. Ele não gostou dessa matemática.

Ele escolheu três milhões de dólares como uma quantia possível para o acordo. Se sua lista ficasse nos sete nomes, ele poderia manejar um pagamento de 20 milhões. Mas se a lista continuasse a crescer...

Clay falou sobre seguro e ficou chocado ao saber que nenhum dos quatro era segurado. Todos tinham encerrado no ano anterior. Poucos queixosos de imperícia legal ousariam tocar num advogado da fraude em massa. Dyloft era o perfeito exemplo disso.

— Agradeça se pegar dez milhões — Wes disse — é dinheiro que não vai sair do seu bolso.

A reunião não foi nada mais do que uma sessão de queixas e lamentações. Eles queriam a companhia da desgraça uns dos outros, mas só por pouco tempo. Concordaram com um plano muito geral de se encontrarem com a dra. Warshaw em um indeterminado ponto do futuro e delicadamente explorar a possibilidade de negociação. Ela estava deixando bem claro que não queria acordo. Ela queria julgamentos no tribunal — grandes, espalhafatosos, espetáculos sensacionais para os quais os atuais e os passados Reis da Fraude seriam levados e despidos na frente dos júris.

Clay matou a tarde e a noite em Atlanta, onde ninguém o conhecia.

DURANTE SEUS ANOS NO GDP, Clay havia conduzido centenas de entrevistas iniciais, quase todas na cadeia. Geralmente começavam devagar, com o acusado, que quase sempre era negro, incerto sobre o quanto devia dizer a um advogado branco. A informação do passado quebrava um pouco o gelo, mas os fatos, os detalhes e a verdade sobre o crime alegado raramente apareciam na primeira entrevista.

Era irônico que Clay, agora o acusado branco, estivesse andando nervosamente para a sua entrevista inicial com seu advogado negro, de defesa. E a 750 dólares a hora, era bom que Zack Battle estivesse preparado para ouvir depressa. Nada de evasivas e rodeios, por aquele preço. Battle saberia a verdade mais depressa do que podia tomar notas.

Mas Battle queria primeiro bater papo. Ele e Jarrett tinham sido companheiros de bar há muitos anos, muito antes de Battle deixar de beber e se tornar o maior advogado criminal na capital. Oh, as histórias que ele podia contar sobre Jarrett Carter!

Não a 750 dólares a hora, Clay queria dizer. Desligue o maldito relógio e podemos conversar para sempre.

O escritório de Battle dava para o parque Lafayette, com a Casa Branca no fundo. Ele e Jarrett certa noite se embriagaram e resolveram tomar cerveja com os bêbados e os sem-teto, no parque. Tiras os surpreenderam, pensaram que fossem pervertidos à procura de ação. Os dois foram presos e foram precisos todos os favores no banco para evitar que saísse nos jornais. Clay riu porque era o que Battle esperava que fizesse.

Battle trocou a bebida pelo cachimbo e seu escritório apertado e sujo cheirava a fumo velho. Como vai seu pai, ele quis saber. Clay rapidamente, pintou um quadro generoso e quase romântico de Jarrett percorrendo o mundo num veleiro.

Quando finalmente chegaram ao que importava, Clay contou a história do Dyloft, começando com Max Pace e acabando com o FBI. Não falou sobre o Tarvan, masalaria se se tornasse necessário. Estranhamente, Battle não tomou notas. Ouviu apenas, franzindo a testa e fumando seu cachimbo, ocasionalmente olhando para longe, em profunda reflexão, mas nunca traindo seus pensamentos.

— Essa pesquisa roubada que Max Pace tinha — ele disse, depois de uma pausa, então soltando a fumaça — estava com você quando vendeu as ações e deu entrada no processo?

— Claro que estava. Eu tinha de saber que podia provar responsabilidade contra Ackerman se fôssemos a julgamento.

— Então é informação privilegiada. Você é culpado. Pena de cinco anos. Mas, diga-me, como os federais podem provar isso?

Quando seu coração começou a bater outra vez, Clay disse: — Max Pace pode dizer a eles, eu suponho.

— Quem mais tem a pesquisa?

— Patton French, talvez um ou dois dos outros.

— Patton French sabe que você tinha essa informação antes de dar entrada na ação?

— Não sei. Eu nunca disse a ele quando a consegui.

— Então esse tal de Max Pace é a única pessoa que pode delatar você.

A história era bem clara. Clay tinha preparado a ação coletiva Dyloft, mas não queria dar entrada a não ser que Pace pudesse apresentar evidência suficiente. Tinham discutido várias vezes. Pace chegou certo dia com duas grossas pastas de couro cheias de papéis e pastas e disse: "Aí está e você não recebeu de mim." Ele foi embora imediatamente. Clay examinou o material e depois pediu a um amigo da universidade para avaliar a fidedignidade dos documentos. O amigo era um médico proeminente de Baltimore.

— Pode confiar nesse médico? — Battle perguntou.

Antes que Clay tivesse tempo de responder, Battle o ajudou com a resposta.

— Aqui está o sumário da história, Clay. Se os federais não sabem que você tinha essa pesquisa secreta quando vendeu as ações a descoberto, não podem indiciar você acusando-o de se apossar indevidamente de informação privilegiada. Eles têm os relatórios das transações da bolsa, mas isso só não basta. Eles terão de provar que você tinha conhecimento.

— Devo falar com meu amigo de Baltimore?

— Não, se os federais sabem da existência dele, ele deve estar grampeado. Então você vai para a prisão por sete anos em vez de cinco.

— Quer por favor parar de dizer isso?

— E se os federais não sabem da existência do seu amigo, você pode inadvertidamente levá-los até ele. Provavelmente estão vigiando você. Podem grampear seus telefones. Eu jogaria fora a pesquisa. Faria um expurgo nos meus arquivos, para o caso de arranjam um mandado de busca. E eu também rezaria bastante para que Max Pace esteja morto ou se escondendo na Europa.

— Mais alguma coisa? — Clay perguntou, pronto para começar a rezar.

— Vá ver Patton French, certifique-se de que a pesquisa não possa ser atribuída a você. Pelo jeito que vão as coisas, esse litígio do Dyloft está apenas começando.

— Foi o que me disseram.

O ENDEREÇO DO REMETENTE ERA de uma prisão. Embora tivesse muitos ex-clientes atrás das grades, Clay não lembrava de nenhum chamado Paul Watson. Abriu o envelope e tirou a carta de uma página, muito bem escrita num processador de palavras. Dizia: Caro Dr. Carter: deve lembrar-se de mim como Tequila Watson. Mudei meu nome porque o antigo não se encaixa mais. Leio a Bíblia todos os dias e meu cara favorito é o apóstolo Paulo, por isso peguei emprestado seu nome. Tenho um tabelião aqui para fazer a mudança legal.

Preciso de um favor. Se pudesse de algum modo se comunicar com a família de Pumpkin queria que dissesse a eles que eu sinto muito o que aconteceu. Tenho

rezado para Deus e ele me perdoou. Eu me sentiria muito melhor se a família de Pumpkin fizesse o mesmo. Ainda não posso acreditar que o matei daquele jeito. Não era eu atirando, mas o demônio, eu acho. Mas não tenho desculpa.

Continuo limpo. Muita droga na prisão, muita coisa ruim, mas Deus me faz passar longe todos os dias.

Seria muito bom se o senhor pudesse me escrever. Não recebo muita correspondência. Sinto muito que tivesse de deixar de ser meu advogado. Eu achei o senhor um cara legal. Tudo de bom.

Paul Watson.

Apenas espere um pouco, Paul, Clay resmungou. Do jeito que vão as coisas, podemos ser companheiros de cela. O telefone o sobressaltou. Era Ridley, de St. Barth querendo voltar para casa. Será que ele podia por favor mandar o jato no dia seguinte?

Sem problema, querida. Custa só três mil dólares por hora para voar a maldita coisa. Quatro horas para ir, quatro para voltar — 24 mil dólares para a rápida viagem, mas era uma gota no oceano, comparado com o que ela estava gastando na villa.

VOCÊ VIVE DA INFORMAÇÃO vazada, você morre pela informação vazada. Clay tinha feito esse jogo algumas vezes, dando aos repórteres a informação suculenta não oficialmente, depois oferecendo "Sem comentários" condescendentes que eram publicados algumas linhas abaixo da verdadeira "sujeira". Era divertido então, agora era doloroso. Ele não podia imaginar quem podia querer embaraçá-lo mais ainda.

Pelo menos teve um pequeno aviso. Um repórter do Post telefonou para o escritório de Clay, e o mandaram falar diretamente com o Excelentíssimo Zack Battle. Ele o encontrou e recebeu a resposta-padrão. Zack ligou para Clay e relatou a conversa.

Foi publicada na seção "Metro", terceira página, uma agradável surpresa depois de meses de elogios rasgados, depois só escândalos. Como havia tão poucos fatos, o espaço tinha de ser preenchido com alguma coisa — uma foto de Clay.

REI DA FRAUDE SOB INVESTIGAÇÃO DO SEC (Comissão de Ações e Câmbio) "Segundo fontes não identificadas..." as várias citações de Zack faziam Clay parecer mais culpado ainda. Lendo a reportagem, ele lembrou quantas vezes tinha visto Zack seguir essa rotina — negar e desviar e prometer uma defesa vigorosa, sempre protegendo alguns dos maiores escroques da cidade. Quanto maior o acusado mais depressa corria para o escritório de Zack Battle e Clay pensou, pela primeira vez, que talvez tivesse contratado o advogado errado.

Ele leu em casa, agradecendo o fato de estar sozinho porque Ridley estava passando um ou dois dias no seu novo apartamento, cujo lease Clay tinha assinado. Ela queria a liberdade de morar em dois lugares, o dela e o dele e como o antigo apartamento era muito pequeno, Clay concordou em instalá-la em um maior. Na verdade, a liberdade dela precisava de um terceiro lugar — a vila em St. Barth, que ela sempre chamava de "nossa".

Não que Ridley lesse os jornais. Ela parecia saber muito pouco dos problemas de Clay. Cada vez mais ela se concentrava em gastar o dinheiro dele, sem dar muita atenção em como era ganho. Se ela viu a reportagem da terceira página, não mencionou. Ele também não.

À medida que outro dia penoso passava, Clay começou a perceber o pequeno número de pessoas que pareciam ter dado importância à reportagem. Um amigo da faculdade telefonou e tentou animá-lo, nada mais. Ele agradeceu o telefonema, mas foi de pouca ajuda. Onde estavam seus outros amigos?

Embora tentando vigorosamente não pensar em Rebecca e nos Van Horns, ele pensou. Sem dúvida tinham ficado verdes de inveja e cheios de remorso, quando o

Novo Rei da Fraude foi coroado, o que parecia ter acontecido há poucas semanas. O que estariam pensando agora? Ele não se importava, Clay repetiu vezes sem conta. Mas se não se importava por que não podia expulsá-los dos seus pensamentos?

Paulette Tullos apareceu antes do meio-dia e isso o animou. Ela estava ótima — tinha perdido o excesso de peso, seu guarda-roupa era caro. Estivera passeando pela Europa, à espera da homologação do divórcio. Os rumores sobre Clay estavam em toda parte e Paulette se preocupava com ele. Durante um longo almoço, que ela pagou, aos poucos se tornou evidente que Paulette estava também preocupada consigo mesma. Sua parte do Dyloft tinha sido de pouco mais de 10 milhões de dólares e ela queria saber se corria algum risco. Clay garantiu que não. Ela não era sócia da firma durante o acordo, apenas uma funcionária contratada. O nome de Clay estava em todos os atos postulatórios e documentos.

— Você foi inteligente — Clay disse. — Pegou o dinheiro e desapareceu.

— Mas me sinto mal por isso.

— Não se sinta. Os erros foram meus, não seus.

Embora o Dyloft fosse custar caro a ele — pelo menos vinte dos seus ex-clientes tinham se juntado à ação coletiva de Warshaw — ele continuava confiando no Maxatil. Com vinte e cinco mil casos, o lucro seria enorme.

— O caminho está um pouco acidentado agora, mas as coisas vão melhorar consideravelmente. Dentro de um ano estarei minerando ouro outra vez.

— E os federais? — ela perguntou.

— Não podem me tocar.

Aparentemente ela acreditou nisso, extremamente aliviada. Na verdade, parecia a única na mesa a acreditar em tudo que Clay dizia.

A TERCEIRA REUNIÃO SERIA a última, embora Clay e ninguém do seu lado soubesse disso. Joel Hanna estava acompanhado do primo Marcus, o diretor executivo da firma, tendo deixado para trás Babcock, seu advogado de seguros. Como de hábito, os dois enfrentaram um pequeno exército no outro lado, com o dr. JCC sentado no centro. O rei.

Depois do costumeiro aquecimento, Joel anunciou: — Localizamos mais dezoito casas que devem ser acrescentadas à lista. Isso faz um total de novecentas e quarenta. Esperamos que não haja mais nenhuma.

— Isso é born — Clay disse, com certa frieza. Uma lista mais longa significava mais clientes, mais indenizações a serem pagas pela Hanna. Clay representava quase 90 por cento da ação coletiva, com alguns poucos advogados espalhados nas margens. Sua Equipe Hanna tinha feito um excelente trabalho convencendo os proprietários a ficar com sua firma. Garantiram que receberiam mais dinheiro porque o Dr. Carter era perito em litígio em massa. Cada cliente em potencial recebeu um

pacote profissionalmente redigido e organizado, exaltando os feitos do mais novo Rei da Fraude. Era um desavergonhado misto de propaganda e solicitação, mas eram essas as regras do jogo agora.

Durante a última reunião, Clay tinha reduzido suas exigências de 25 mil dólares por queixa para 22.500 dólares, um acordo que renderia a ele o lucro bruto de cerca de 7,5 milhões de dólares. A Hanna tinha proposto 17 mil dólares, que representavam o limite máximo da sua capacidade de levantar empréstimos.

A 17 mil dólares cada casa, o dr. JCC ganharia cerca de 4,8 milhões de honorários, se ele continuasse com seus 30 por cento de contingência. Porém, se baixasse sua parte para uns mais razoáveis 20 por cento, cada um dos seus clientes receberia o total de 13.600 dólares. Isso reduziria seus honorários em aproximadamente 1,5 milhão de dólares. Marcus Hanna encontrara um empreiteiro de confiança que concordava em consertar cada casa por 13.500 dólares.

Durante a última reunião tornou-se aparente que o problema dos honorários dos advogados era pelo menos tão importante quanto o problema de indenizar os proprietários. Porém, depois da última reunião, tinham aparecido várias reportagens sobre o dr. JCC. Nenhuma delas boa. Uma redução dos honorários não era coisa que sua firma estava disposta a discutir.

— Algum movimento no seu lado? — Clay perguntou, agressivamente.

Em vez de apenas dizer "Não", Joel começou a falar sobre os passos que a companhia tinha dado para revalorizar sua situação financeira, sua cobertura de seguro e sua capacidade de conseguir um empréstimo de pelo menos oito milhões de dólares para juntar ao total das indenizações. Mas, infelizmente, nada tinha mudado. O negócio estava na descida de um péssimo ciclo. Os pedidos eram escassos. A construção de novas casas, mais escassa ainda, pelo menos no mercado deles.

Se as coisas pareciam sombrias para a Companhia Hanna de Cimento Portland, certamente não pareciam melhores para o outro lado da mesa. Clay tinha bruscamente parado com todos os anúncios para novos clientes do Maxatil, uma providência que deixou sobremaneira aliviado o resto da firma. Rex Crittle estava fazendo horas extras para cortar os custos, mas a cultura de JCC precisava ainda se adaptar à nova ideia. Ele tinha insinuado a dispensa de pessoal o que provocou uma reação irritada do patrão. Nenhum honorário que valesse a pena estava entrando. O fiasco do Skinny Ben tinha custado milhões à firma, em vez de gerar outra fortuna. E com os ex-clientes do Dyloft passando para Helen Warshaw, a firma estremecia.

— Então, não há nenhum movimento? — Clay perguntou, quando Joel acabou de falar.

— Não. Dezessete mil é o limite para qualquer movimento nosso. Algum movimento do seu lado?

— Vinte e dois mil e quinhentos é um acordo justo — Clay disse sem tremer

nem piscar. — Se vocês não estão se movendo, nós também não nos movemos.

Sua voz era dura como aço. Seu pessoal estava impressionado com aquela atitude decidida, mas ao mesmo tempo ansioso para chegar a um compromisso. Mas Clay pensava em Patton French em Nova York, na sala cheia de figurões dos Laboratórios Ackerman, falando alto e desafiando, com o completo controle da situação. Estava convencido de que, se continuasse firme, Hanna se curvaria à sua vontade.

A única dúvida expressa no lado de Clay foi de um jovem advogado chamado Ed Wyatt, o chefe da Equipe Hanna. Antes da reunião ele tinha explicado para Clay que, na sua opinião, Hanna seria extremamente beneficiada com a projeção e reorganização sob o Capítulo 11 do código de falência. Qualquer acordo com os proprietários das casas se atrasaria até que o administrador pudesse catalogar as reclamações e decidir as indenizações razoáveis. Wyatt achava que os queixosos teriam sorte se recebessem 10 mil dólares, segundo o que determinava o Capítulo 11. A companhia não tinha ameaçado falir, um recurso normal naquela situação. Clay tinha estudado os livros da Hanna e concluiu que a companhia tinha muitos bens e muito orgulho para considerar um movimento tão drástico. Ele arriscou a sorte. A firma precisava de todos os honorários que pudesse arranjar.

De repente, Marcus Hanna disse:

— Muito bem, então está na hora de ir embora. — Ele e o primo juntaram os papéis e saíram bruscamente da sala de reuniões. Clay tentou uma saída dramática também, como para mostrar às suas tropas que nada o abalava.

Duas horas depois, na Vara de Falências dos Estados Unidos para o distrito oriental da Pensilvânia, a Companhia Hanna de Cimento Portland registrou uma petição Capítulo 11, pedindo proteção contra seus credores, dos quais o maior era o conjunto de queixosos da ação coletiva depositada em juízo por J. Clay Carter II de Washington, D.C.

APARENTEMENTE UM DOS Hanna compreendia também a importância do vazamento de informação. O Baltimore Press publicou uma longa reportagem sobre a falência e a reação imediata dos proprietários das casas danificadas. Os detalhes eram precisos, evidência de que alguém muito próximo das negociações do acordo estava informando o repórter. A companhia tinha oferecido 17 mil dólares por queixoso; a estimativa liberal para reparar cada casa era de 15 mil dólares. A ação judicial podia ter sido realizada com justiça, se não fosse a questão dos honorários dos advogados. Hanna admitira sua responsabilidade desde o começo. Estava disposta a tomar grandes empréstimos para corrigir seus erros. E assim por diante.

Os queixosos ficaram extremamente infelizes. O repórter foi aos bairros residenciais e encontrou uma reunião improvisada numa garagem. Ele foi levado

para ver algumas das casas e examinou os danos. Anotou vários comentários: — Nós devíamos ter tratado diretamente com a Hanna.

— A Hanna esteve aqui antes daquele advogado se envolver.

— Um pedreiro com quem falei disse que pode tirar os tijolos velhos e assentar novos por onze mil dólares. E nós recusamos dezessete? Eu não compreendo.

— Eu não conheço esse advogado.

— Eu só fiquei sabendo que fazia parte da ação coletiva depois que foi depositada em juízo.

— Não queremos que a companhia vá à falência.

— Não, eles são boa gente. Estavam tentando nos ajudar.

— Podemos processar o advogado?

— Eu tentei telefonar para ele, mas as linhas estão sempre ocupadas.

O repórter foi então obrigado a dar alguma informação sobre Clay Carter e é claro começou com os honorários do caso Dyloft. A partir daí as coisas pioraram. Três fotos ajudavam a contar a história. A primeira era de um proprietário apontando para seus tijolos esfarelados; a segunda era do grupo reunido na garagem e a terceira era Clay de smoking e Ridley num belo vestido, antes do jantar na Casa Branca. Ela estava de fechar o comércio. Ele também estava bonito, embora dentro do contexto fosse difícil apreciar o belo casal que formavam. Uma foto realmente de mau gosto.

"O Dr. Carter, acima, num jantar na Casa Branca, não foi encontrado para comentários."

Ele está certo, não vão me encontrar, Clay pensou.

E assim começou outro dia nos escritórios de JCC. Telefones tocando sem parar. Os clientes queriam gritar com alguém. Um segurança no vestíbulo, por precaução. Contratados fofocando em pequenos grupos sobre a sobrevivência dos escritórios. Palpites de todos os funcionários. O patrão trancado no seu escritório. Nenhum trabalho real para fazer, porque tudo que a firma tinha agora era uma carga de arquivos do Maxatil e pouca coisa para fazer com eles pois a Goffman também não estava retornando seus telefonemas.

Há algum tempo a capital vinha se divertindo à custa de Clay, mas ele só veio a saber quando por acaso leu o Press. Começou com as histórias do Dyloft no The Wall Street Journal, alguns fax aqui e ali por toda a cidade, para garantir que todos que conheciam Clay, fossem do colégio, da faculdade, seu pai ou que trabalhavam no GDP, ficassem sabendo das últimas notícias. O movimento ganhou força quando a American Attorney o relacionou como número oito na lista dos que mais dinheiro tinham ganho naquele ano — mais fax, mais e-mails, algumas piadas adicionais como tempero. Ficou mais popular ainda quando Helen Warshaw deu entrada na sua ação hedionda. Um advogado, em algum lugar da cidade, com muito tempo nas mãos, intitulou o programa de "O rei dos shorts", deu um formato apressado e

começou a passar os fax. Alguém com um leve pendor artístico acrescentou um desenho primitivo de Clay despido, com a cueca em volta dos tornozelos, parecendo atônito. Qualquer notícia a seu respeito era motivo para uma nova edição. O editor ou editores, tirava histórias da Internet, imprimia no formato de boletim e as distribuía. A investigação criminal era má notícia. Lá estava a foto na Casa Branca, alguma fofoca sobre seu avião, uma história sobre seu pai.

Os editores anônimos enviavam por fax cópias para o escritório de Clay desde o começo, mas a srta. Glick jogava no lixo. Vários dos rapazes de Yale também recebiam os fax e também protegiam seu chefe. Oscar levou a última edição e jogou na mesa de Clay.

— Só para você saber — ele disse. O último número era uma reprodução da reportagem do Press.

— Alguma ideia de quem está por trás disto? — Clay perguntou.

— Não. São enviados por fax para toda a cidade, como uma corrente.

— Essa gente não tem nada melhor para fazer?

— Acho que não. Não se preocupe com isso, Clay. Sempre se é solitário quando se está por cima.

— Então eu tenho um boletim pessoal. Ora, ora, oito meses atrás ninguém sabia meu nome.

Ouviram uma agitação no lado de fora do escritório de Clay, vozes zangadas, irritadas. Clay e Oscar saíram correndo para o corredor onde o segurança tentava segurar um cavalheiro muito perturbado. Advogados e secretárias chegavam para ver.

— Onde está Clay Carter? — o homem berrou.

— Aqui! — Clay berrou também e andou para o homem. — O que você quer?

O homem ficou imóvel de repente, mas o guarda não o largou. Ed Wyatt e outro advogado se aproximaram dele.

— Sou um dos seus clientes — o homem disse, respirando pesadamente. — Me largue — continuou zangado, livrando-se do guarda.

— Deixem o homem — Clay disse.

— Quero uma audiência com o meu advogado — o homem disse.

— Isso não é jeito de marcar uma audiência — Clay disse, friamente. Estava sendo observado por seus funcionários.

— Certo, muito bem, tentei no outro dia, mas todos os telefones estavam ocupados. Você nos ferrou, impediu que fizéssemos um bom acordo com a companhia de cimento. Queremos saber por quê. O dinheiro não era suficiente para você?

— Aposto que acredita em tudo que lê nos jornais — Clay disse.

— Eu acredito que fomos prejudicados por nosso advogado. E não vamos

aceitar isso sem lutar.

— Vocês precisam relaxar e deixar de ler os jornais. Ainda estamos trabalhando no acordo. — Era mentira, mas bem-intencionada. A rebelião precisava ser sufocada, pelo menos ali, no escritório.

— Diminua seus honorários e arranje algum dinheiro para a gente — o homem rosnou. — Esse é o pedido dos seus clientes.

— Vou conseguir um acordo para vocês — Clay disse com um falso sorriso. — Fiquem descansados.

— Do contrário vamos à Ordem dos Advogados.

— Fique frio.

O homem recuou, virou e saiu da sala.

— De volta ao trabalho todo mundo — Clay disse batendo palmas como se todos tivessem muito que fazer.

Rebecca chegou uma hora depois, uma visitante ocasional vinda da rua. Entrou na sala de entrada da JCC e deu um bilhete para a recepcionista.

— Por favor, dê isto ao Dr. Carter — ela disse. — É muito importante.

A recepcionista olhou para o guarda de segurança que estava alerta e só depois de vários segundos resolveu que a atraente jovem não era uma ameaça.

— Sou uma velha amiga — Rebecca disse.

Fosse ela quem fosse, conseguiu tirar o Dr. Carter do escritório mais rapidamente do que qualquer outra pessoa na curta história da firma. Sentaram no escritório de Clay, ela no sofá, ele numa cadeira, o mais perto possível. Por um longo momento nada foi dito. Clay estava emocionado demais para formar uma frase inteira. A presença dela podia significar centenas de coisas diferentes, nenhuma delas má.

Clay queria investir para ela, sentir outra vez seu corpo, o perfume no pescoço, passar as mãos nas pernas dela. Nada tinha mudado — o mesmo penteado, a mesma maquiagem, o mesmo batom, a mesma pulseira.

— Você está olhando para as minhas pernas — ela disse, finalmente.

— Sim, estou.

— Clay, você está legal? Há tanta imprensa negativa agora.

— É por isso que você está aqui?

— Sim, estou preocupada.

— Estar preocupada significa que ainda se importa comigo.

— Eu me importo.

— Então não me esqueceu?

— Não, não esqueci. Estou assim meio fora de circuito no momento, com o casamento e tudo o mais, mas ainda penso em você.

— O tempo todo?

— Sim, mais e mais.

Clay fechou os olhos e pôs a mão no joelho dela. Rebecca afastou a mão dele imediatamente.

— Estou casada, Clay.

— Então vamos cometer adultério.

— Não.

— Fora de circuito? Parece uma coisa temporária. O que está acontecendo, Rebecca?

— Não estou aqui para falar do meu casamento. Eu estava por perto, pensei em você e resolvi entrar.

— Como um cão perdido? Não acredito nisso.

— Não deve acreditar. Como vai a sua garota?

— Ela está aqui e ali. É só um arranjo.

Rebecca pensou no assunto, obviamente infeliz com o arranjo. Era certo ela casar com outra pessoa, mas não gostava da ideia de Clay se instalando com alguém.

— Como vai o verme? — Clay perguntou.

— Ele vai bem.

— Um tanto frio vindo de uma recém-casada. Só vai bem?

— Nós nos damos bem.

— Casados há menos de um ano e é o melhor que vocês podem fazer? Vocês se dão bem?

— Sim.

— Você não está dando sexo para ele, está?

— Somos casados.

— Mas ele é uma coisinha tão insignificante. Vi vocês dois dançando na sua recepção e fiquei com vontade de vomitar. Diga que ele é um desastre na cama.

— Ele é um desastre na cama. E sua garota?

— Ela gosta de mulher. — Eles riram por um longo tempo. Então ficaram calados outra vez, porque tinham tanto para dizer. Ela descruzou e tornou a cruzar as pernas, enquanto Clay olhava. Ele quase podia tocá-las.

— Você vai sobreviver? — ela perguntou.

— Não vamos falar de mim. Vamos falar de nós.

— Não vou ter um caso — ela disse.

— Mas está pensando em ter, não está?

— Não, mas sei que você está.

— Mas seria divertido, não seria?

— Seria e não seria. Não vou viver desse modo.

— Eu também não, Rebecca. Não quero compartilhar. Já tive você toda para

mim e a deixei partir. Eu espero até você estar solteira outra vez. Mas, que diabo, quer andar depressa?

— Isso pode nunca acontecer, Clay.

— Sim, vai acontecer.

COM RIDLEY AO SEU LADO na cama, Clay passou a noite sonhando com Rebecca. Dormia e acordava, constantemente, sempre com um sorriso idiota. Todo o sorriso desapareceu quando o telefone tocou um pouco depois das 5 horas da manhã. Ele atendeu no quarto e passou a ligação para o escritório que tinha em casa.

Era Mel Snelling, um companheiro de quarto do colégio, agora médico em Baltimore.

— Temos de conversar, amigo — ele disse. — É urgente.

— Tudo bem — Clay disse, sentindo as pernas bambas.

— Dez horas na frente do Lincoln Memorial.

— Estarei lá.

— E há uma boa chance de estarem me seguindo — ele disse, e desligou. O dr. Snelling tinha feito a revisão da pesquisa do Dyloft para Clay, como um favor. Agora os federais o tinham encontrado.

Pela primeira vez Clay pensou desesperadamente em fugir. Remeter o que sobrava do dinheiro para alguma república banana, sair da cidade, deixar crescer a barba, desaparecer. E é claro, levar Rebecca com ele.

A mãe dela os encontraria antes dos federais.

Fez café e tomou um longo banho de chuveiro. Vestiu calça jeans e teria se despedido de Ridley se ela não estivesse dormindo profundamente.

Havia uma boa chance de Mel estar com uma escuta. Uma vez que o FBI o tinha encontrado, tentariam seus truques habituais. Ameaçariam pressioná-lo também se ele se recusasse a trair o amigo. O importunariam com visitas, telefonemas, vigilância. Iam pressioná-lo para aceitar a escuta, a armadilha para Clay.

Zack Battle estava fora da cidade, portanto Clay estava sozinho. Chegou ao Lincoln Memorial às nove e vinte e se misturou aos poucos turistas. Alguns minutos depois, Mel apareceu o que Clay achou estranho. Por que ele chegaria meia hora antes da hora marcada? A armadilha estava sendo organizada? Os agentes Spooner e Lohse estariam por perto com microfones, câmeras e armas? Bastou um olhar para Mel e Clay teve certeza de que as notícias não eram boas.

Trocaram um aperto de mãos, disseram olá, tentando ser cordiais. Clay suspeitava que cada palavra estava sendo gravada. Estavam no começo de setembro, o ar frio mas não gelado, porém Mel estava vestido como se esperasse neve. Podia haver câmeras sob sua roupa.

— Vamos andar um pouco — Clay disse, apontando para o Mall, na direção do monumento de Washington.

— Certo — Mel disse, dando de ombros. Tudo bem para ele. Obviamente não

havia nenhuma armadilha perto do sr. Lincoln.

— Você foi seguido? — Clay perguntou.

— Acho que não. Voei de Baltimore para Pittsburgh, de Pittsburgh para o aeroporto Reagan National e tomei um táxi. Não creio que estejam atrás de mim.

— Spooner e Lohse?

— Sim, você os conhece?

— Falaram comigo algumas vezes. — Andavam ao lado da Reflecting Pool, na calçada do lado sul. Clay não ia dizer nada que não quisesse ouvir outra vez. — Mel, eu sei como os federais operam. Gostam de pressionar as testemunhas. Gostam de pôr escutas nas pessoas e coletam evidência com aparelhos e brinquedos de alta tecnologia. Eles pediram a você para usar uma escuta?

— Pediram.

— E?

— Eu disse "que diabo, não".

— Obrigado.

— Eu tenho um grande advogado, Clay. Passei algum tempo com ele, contei tudo. Não fiz nada de errado porque não negocie as ações. Sei que você negociou e estou certo de que agora agiria de modo diferente se tivesse oportunidade. Talvez eu tivesse alguma informação privilegiada, mas não fiz nada com ela. Estou limpo. Mas o problema vai ser quando eu for intimado pelo grande júri.

O caso ainda não tinha sido apresentado ao grande júri. Mel estava sem dúvida ouvindo um grande advogado. Pela primeira vez em quatro horas, Clay relaxou um pouco.

— Continue — ele disse cautelosamente, com as mãos nos bolsos da calça. Os olhos atrás dos óculos escuros observavam cada pessoa que passava por eles. Se Mel tivesse contado aos federais tudo, para que iam precisar de fios e microfones?

— A grande pergunta é como eles me encontraram? Não contei para ninguém que estava fazendo a revisão daquele material. Para quem você contou?

— Para absolutamente ninguém, Mel.

— É difícil de acreditar.

— Eu juro. Por que eu ia contar para alguém?

Pararam por um momento, esperando o tráfego na rua Dezessete. Quando recomeçaram a andar, desviaram para a direita, para longe de uma multidão. Mel disse, quase num murmúrio: — Se eu mentir para o grande júri sobre a pesquisa, será difícil eles indiciarem você. Mas se me pegarem mentindo quem vai para a cadeia sou eu. Quem mais sabia que fiz a revisão da pesquisa? — perguntou outra vez.

E com isso Clay teve certeza de que não havia escutas nem microfones, ninguém estava ouvindo. Mel não estava à procura de evidência, só queria se

tranquilizar.

— Seu nome não está em lugar nenhum, Mel — Clay disse. Despachei o material para você. Você não copiou nada, certo?

— Certo.

— Você despachou de volta para mim. Eu fiz outra revisão. Não havia sinal de você em lugar algum. Falamos ao telefone uma meia dúzia de vezes. Tudo que você achava sobre a pesquisa foi verbal.

— E os outros advogados no caso?

— Alguns poucos viram a pesquisa. Sabem que estava comigo antes de darmos entrada na ação. Sabem que um médico fez a revisão para mim, mas não têm ideia de quem foi.

— O FBI pode pressioná-los para testemunhar que você tinha a pesquisa antes de depositar a ação em juízo?

— De jeito nenhum. Podem tentar, mas eles são advogados, grandes advogados, Mel. Não se assustam com facilidade. Não fizeram nada de errado, não negociaram as ações e não darão nada aos federais. Desse lado estou protegido.

— Tem certeza? — Mel perguntou, de modo algum convencido.

— Positivo.

— Então, o que eu faço?

— Continue ouvindo seu advogado. Há uma probabilidade de esta coisa não chegar ao grande júri — Clay disse, mais como uma prece do que uma afirmação.

— Se você ficar firme, provavelmente vai dar em nada.

Andaram uns cem metros em silêncio. Chegavam perto do monumento a Washington.

— Se eu for intimado a depor em juízo — Mel disse devagar —, acho melhor conversarmos outra vez.

— E claro.

— Não vou para a cadeia por causa disto, Clay.

— Nem eu.

Pararam no meio dos pedestres perto do monumento. Mel disse: — Vou desaparecer. Até logo. Vindo de mim, se não tiver notícias, é boa notícia. — E com isso, ele entrou no meio de um grupo de estudantes e desapareceu.

O TRIBUNAL DO MUNICÍPIO DE COCONINO, em Flagstaff, estava relativamente quieto no dia anterior ao julgamento. Negócios eram rotina, nenhum sinal de conflito histórico e extensivo a muitas pessoas. Era a segunda semana de setembro, a temperatura continuava alta. Clay e Oscar deram uma volta no centro da cidade e entraram rapidamente no tribunal, à procura de ar-condicionado.

Dentro do tribunal moções estavam sendo discutidas entre os advogados das

partes, num ambiente tenso. Não havia nenhum júri, o processo de seleção dos jurados começaria às nove em ponto, na manhã seguinte. Dale Mooneyham e sua equipe ocupavam um lado da arena. A horda da Goffman, liderada por um elegante litigante de Los Angeles, chamado Roger Redding, ocupava a outra metade. Roger, o Foguete, porque ele atacava com rapidez e com força. Roger, o Arditoso, porque percorria o país inteiro, lutando contra os maiores advogados que podia encontrar, evitando grandes veredictos.

Clay e Oscar sentaram entre os outros espectadores, que eram muitos, só para a discussão das moções. Wall Street acompanharia de perto o julgamento. Seria uma reportagem contínua na imprensa das finanças. E é claro os abutres como Clay estavam curiosos. Nas duas primeiras filas estavam mais ou menos uns doze clones de associados, sem dúvida o pessoal muito nervoso da Goffman.

Mooneyham andava pelo tribunal como um desordeiro de bar, falando alto com o juiz, depois com Roger. Sua voz era cheia e profunda e suas palavras sempre provocadoras. Era um velho guerreiro, com uma claudicação que parecia vir e ir. Ocasionalmente apanhava uma bengala para andar, depois parecia esquecer dela.

Roger era o perfeito tipo de Hollywood — meticulosamente vestido, cabelo farto e grisalho, queixo forte, perfil perfeito. Provavelmente em algum ponto da sua vida quis ser ator. Sua prosa era eloquente, com belas frases que rolavam sem hesitação. Nunca um "hã", ou um "ah" ou um "bem..." Nenhum falso começo. Quando ele começava a argumentar, usava um vocabulário esplêndido que qualquer pessoa podia entender e tinha o talento de manter vivos três ou quatro argumentos ao mesmo tempo, antes de juntá-los com perfeição, num soberbo ponto lógico. Não tinha medo de Dale Mooneyham nem do juiz, não tinha medo dos fatos do caso.

Quando Redding argumentava, por menor que fosse a importância do assunto, Clay ficava magnetizado. Teve então um pensamento assustador: se fosse obrigado a um julgamento na capital, Goffman não hesitaria em mandar Roger, o Foguete, para a batalha.

Enquanto estava entretido com os dois grandes advogados no palco, Clay foi reconhecido. Um dos advogados em uma mesa atrás de Redding olhou para a sala e teve a impressão de ver um rosto familiar. Chamou a atenção de outro e juntos fizeram a identificação positiva. Bilhetes foram passados para os homens de ternos nas filas da frente.

O juiz determinou um recesso de quinze minutos para ir ao banheiro. Clay saiu da sala para tomar um refrigerante. Foi seguido por dois homens que finalmente o encurralaram no fim do corredor.

— Dr. Carter — o primeiro disse gentilmente —, sou Bob Mitchell, vice-presidente e membro do departamento jurídico de Goffman. — Estendeu a mão e apertou a de Clay com força.

— Prazer — disse Clay.

— E este é Sterling Gibb, um dos advogados de Nova York. Clay foi obrigado a apertar a mão de Gibb também.

— Só queríamos dizer olá — Mitchell disse. — Não é surpresa vê-lo aqui.

— Tenho um leve interesse neste julgamento — Clay disse.

— Isso é dizer pouco. Quantos casos tem agora?

— Oh, eu não sei. Muitos.

Gibb apenas sorriu condescendentemente e olhou fixamente para Clay.

— Consultamos seu Web site todos os dias — Mitchell disse. Vinte e seis mil na última vez que contamos. — Gibb mudou o sorriso, era evidente que ele detestava o jogo das ações coletivas.

— Alguma coisa parecida — Clay disse.

— Parece que suspendeu os anúncios. Finalmente conseguiu casos suficientes, suponho.

— Oh, nunca se tem o suficiente, dr. Mitchell.

— O que vai fazer com todos esses casos se ganharmos este julgamento? — Gibb perguntou, falando finalmente.

— O que vão fazer se perderem este julgamento? Clay retrucou.

Mitchell deu um passo para mais perto de Clay.

— Se ganharmos aqui, Dr. Carter, vai ser difícil para o senhor encontrar algum pobre advogado que queira ficar com seus vinte e seis mil casos. Não vão valer grande coisa.

— E se perderem? — Clay perguntou. Gibb deu outro passo para Clay.

— Se perdermos aqui, vamos direto para a capital para nos defendermos de sua espúria ação coletiva. Isto é, se o senhor não estiver na prisão.

— Oh, eu estarei pronto — Clay disse, defendendo-se do assalto.

— Pode encontrar o tribunal? — Gibb perguntou.

— Já joguei golfe com o juiz — Clay disse. — E estou saindo com a serventúria da justiça. — Mentiras! Mas serviram para esfriar o entusiasmo dos dois por um segundo.

Mitchell se recompôs, estendeu a mão direita outra vez e disse: — Bem, só queria dizer olá.

Clay apertou a mão dele e disse:

— Foi um prazer ouvir alguma coisa da Goffman. Vocês praticamente ignoraram minha ação judicial.

Gibb deu as costas para ele e foi embora.

— Vamos acabar com este julgamento — Mitchell disse —, então conversaremos.

Clay ia entrar na sala do tribunal quando um repórter agressivo parou na frente

dele. Era Derek alguma coisa do Financial Weekly e queria uma ou duas palavrinhas rápidas. Seu jornal era um porta-voz da ala direita que odiava os advogados criminais, atacava as ações coletivas e Clay sabia que não devia dar a ele sequer um "Sem comentários" ou um "Dá o fora". O nome de Derek era vagamente familiar. Seria o repórter que tinha escrito tanta coisa desagradável contra Clay?

— Posso perguntar o que está fazendo aqui? — Derek disse.

— Suponho que pode.

— O que está fazendo aqui?

— A mesma coisa que você.

— E essa coisa é?

— Aproveitando o calor.

— É verdade que tem vinte e cinco mil casos de Maxatil?

— Não.

— Quantos?

— Vinte e seis mil.

— Quanto valem?

— Entre zero e uns dois bilhões.

Sem que Clay soubesse, o juiz tinha proibido os advogados dos dois lados de dar qualquer declaração à imprensa, desde aquele momento até o fim do julgamento. Uma vez que ele estava disposto a falar, atraiu uma multidão. Ficou surpreso quando se viu rodeado por repórteres. Respondeu a mais algumas perguntas sem dizer muita coisa.

O ARIZONA LEDGER CITOOU-O afirmando que seus casos podiam valer dois bilhões de dólares. Mostrava uma foto de Clay fora da sala do tribunal, com os microfones na frente do rosto e a legenda "Rei das Fraudes na Cidade". Seguia-se um breve sumário da visita de Clay, com alguns parágrafos sobre o grande julgamento. Os repórteres não o chamavam diretamente de ganancioso, advogado oportunista, mas a insinuação era de que ele era um abutre faminto, querendo atacar a carcaça da Goffman.

O tribunal estava cheio de jurados em potencial e espectadores. Nove horas da manhã chegou e passou sem sinal dos advogados e do juiz. Estavam nas suas salas, sem dúvida discutindo os assuntos do prejulgamento. Meirinhos e funcionários do tribunal trabalhavam em volta da bancada do juiz. Um jovem de terno apareceu na porta dos fundos e foi para o centro da passagem central. Parou de repente, olhou para Clay, inclinou-se e perguntou em voz baixa: — É o Dr. Carter?

Surpreso, Clay inclinou a cabeça afirmativamente.

— O juiz gostaria de vê-lo.

O jornal estava no meio da mesa do juiz. Dale Mooneyham num canto do

amplo escritório, Roger Redding encostado numa mesa ao lado da janela. O juiz balançava na sua cadeira giratória. Nenhum dos três parecia satisfeito.

Apresentações constrangidas foram feitas. Mooneyham recusou-se a se adiantar e apertar a mão de Clay, preferindo uma leve inclinação de cabeça e um olhar de ódio.

— O senhor tem conhecimento da ordem que dei para não falar com a imprensa, Dr. Carter?

— Não, senhor.

— Muito bem, eu dei essa ordem.

— Não sou um dos advogados deste caso — Clay disse.

— Nós nos esforçamos para ter julgamentos justos no Arizona, Dr. Carter. Os dois lados querem um júri tão desinformado e imparcial quanto possível. Agora, graças ao senhor, os jurados em potencial sabem que há pelo menos vinte e seis mil casos contra a Goffman.

Clay não estava disposto a parecer fraco nem se desculpar, não com Roger Redding observando cada movimento.

— Talvez fosse inevitável — Clay disse. Ele jamais julgaria um caso perante aquele juiz. Não tinha sentido ficar intimidado.

— Por que o senhor simplesmente não deixa o estado do Arizona? — Mooneyham retumbou do canto.

— Realmente não preciso — Clay respondeu.

— Quer que eu perca?

E com isso, Clay tinha ouvido o bastante. Não sabia ao certo como sua presença podia prejudicar Mooneyham, mas por que correr o risco?

— Muito bem, meritíssimo, suponho que nos veremos.

— Uma excelente ideia — o juiz disse.

Clay olhou para Roger Redding e disse:

— Nos veremos na capital.

Roger sorriu delicadamente, mas balançou a cabeça devagar, não.

Oscar concordou em ficar em Flagstaff e monitorar o julgamento. Clay embarcou no Gulfstream para uma viagem de volta muito sombria. Expulso do Arizona.

EM REEDSBURG, A NOTÍCIA de que a Hanna estava dispensando mil e duzentos operários fez a cidade parar. A informação foi feita numa carta escrita por Marcus Hanna e entregue a todos os operários.

Em cinquenta anos a companhia tinha dispensado trabalhadores apenas quatro vezes. Tinha enfrentado ciclos difíceis e queda de vendas, e sempre trabalhou arduamente para manter todos na folha de pagamento. Agora era falência, as regras eram diferentes. A companhia estava sob pressão para provar à corte e aos credores que tinha um futuro financeiro viável.

Eventos fora do controle da administração foram a causa. Queda nas vendas era um fator, mas nada que não tivesse acontecido muitas vezes antes. O golpe de misericórdia foi a impossibilidade de chegar a um acordo na ação judicial coletiva. A companhia tinha negociado de boa-fé, mas uma firma de advocacia gananciosa e superdiligente da capital tinha feito exigências exorbitantes.

A sobrevivência estava em jogo e Marcus garantia ao seu povo que a companhia não ia desaparecer. Teriam de cortar os custos drasticamente. Uma dolorosa redução das despesas durante um ano garantiria um futuro lucrativo.

Para os mil e duzentos dispensados, Marcus prometia toda a ajuda que a fábrica pudesse dar. Benefícios desemprego seriam pagos durante um ano. Obviamente a Hanna os empregaria de volta logo que possível, mas não podia fazer promessas. A dispensa podia ser permanente.

Nos cafés e barbearias, nos corredores das escolas e nos púlpitos das igrejas, nas arquibancadas do campo de futebol e dos jogos infantis, nas calçadas em volta da praça da cidade, nos bares e nos bilhares, a cidade não falava em outra coisa. Cada um dos onze mil habitantes sabia de uma pessoa dispensada pela Hanna. Era o maior desastre na quieta história de Reedsburg. Embora a cidade estivesse encaixada nos montes Alleghenies, a notícia se espalhou para fora.

O repórter do Baltimore Press, autor de três artigos sobre a ação coletiva de Howard County, continuava sua vigilância. Monitorava o pedido de falência. Continuava a falar com os proprietários das casas enquanto os tijolos caíam. Notícias da dispensa dos operários o levaram a Reedsburg. Foi aos cafés, aos salões de bilhar e aos jogos de futebol.

Seu primeiro artigo foi tão longo quanto um pequeno romance. Um autor resolvido a difamar deliberadamente não seria mais cruel. Todo o sofrimento de Reedsburg teria sido evitado se o advogado da ação coletiva, J. Clay Carter II, da capital, não estivesse ávido à cata de grandes honorários.

Como Clay não lia o Baltimore Press e na verdade estava evitando a maioria

dos jornais e revistas, podia ter ignorado as notícias de Reedsburg, pelo menos por algum tempo. Mas o ainda desconhecido editor ou os editores do boletim não-autorizado e não bem-vindo enviaram a ele por fax o último número de "O rei dos shorts" obviamente feito às pressas que trazia o artigo do Press.

Clay leu e teve vontade de processar o jornal.

Porém logo ia esquecer o Baltimore Press porque um pesadelo muito maior pairava sobre ele. Uma semana antes, um repórter da Newsweek tinha telefonado e, como sempre, foi barrado pela srta. Glick. O sonho de todo advogado é ser conhecido nacionalmente, mas só se for por um caso de alto perfil ou um veredicto de bilhões de dólares. Clay suspeitava que aquele não era nem um nem outro, e estava certo. A Newsweek não estava interessada em Clay Carter, mas na sua nêmesis.

Era um amontoado de elogios a Helen Warshaw, duas páginas de glória que qualquer advogado mataria para conseguir. Uma foto muito boa, mostrando a dra. Warshaw num tribunal, em algum lugar, na frente de uma bancada de jurados vazia, parecendo tenaz e brilhante, mas muito digna de crédito. Clay nunca a tinha visto e esperava que ela parecesse com uma "megera cruel" como tinha dito Saulsberry. Não parecia. Era muito atraente não muito alta, cabelo e olhos tristes, castanhos, que manteriam a atenção de qualquer júri. Clay olhou para ela e desejou ter o caso que ela estava defendendo e não o seu. Esperava nunca encontrá-la pessoalmente. E se acontecesse, nunca num tribunal.

A dra. Warshaw era um dos três sócios de uma firma de Nova York que se especializavam em imperícia legal, um acontecimento raro mas em crescimento. Agora ela estava atrás dos maiores e mais ricos advogados do país e não ia aceitar acordos.

"Nunca vi um caso tão atraente para um júri", o artigo dizia e Clay teve vontade de cortar os pulsos.

A dra. Warshaw tinha cinquenta clientes Dyloft, todos morrendo, todos processando. O artigo relatava a rápida e suja história da ação coletiva.

Entre os cinquenta, por algum motivo, o repórter escolheu o sr. Ted Worley de Upper Marlboro, Maryland, e trazia uma foto do pobre homem sentado no quintal, com a mulher ao lado, os dois com os braços cruzados, tristes e com as testas franzidas. O sr. Worley, fraco, trémulo e zangado, contava seu primeiro contato com Clay Carter, um telefonema de nenhum lugar enquanto ele tentava assistir a um jogo dos Orioles, a informação assustadora sobre o Dyloft, o exame de urina, a visita do jovem advogado, a ação judicial. Tudo. "Eu não queria o acordo", ele disse mais de uma vez.

Para a Newsweek o sr. Worley mostrou toda a papelada — os relatórios médicos, a entrada da ação na justiça, o contrato insidioso com Carter, que dava ao

advogado a autoridade de fazer o acordo por qualquer quantia acima de 50 mil dólares. Tudo, incluindo cópias de duas cartas que o sr. Worley havia escrito para o Dr. Carter, protestando contra a "traição" do acordo. O advogado não respondeu às cartas.

Segundo seus médicos, o sr. Worley tinha menos de seis meses de vida. Lendo vagarosamente cada palavra da terrível história, Clay se sentiu responsável pelo câncer.

Helen explicava que o júri ia ouvir muitos dos seus clientes em vídeo, uma vez que eles não viveriam até o julgamento. Uma coisa cruel de se dizer, Clay pensou, mas afinal, tudo naquela história era cruel.

O Dr. Carter recusou fazer qualquer comentário. Para garantir a reportagem, mostravam uma foto de Clay e Ridley na Casa Branca e não puderam resistir ao boato de que ele havia doado 250 mil dólares à Presidential Review.

"Ele vai precisar de amigos como o presidente", Helen Warshaw dizia e Clay quase sentiu a bala entre os olhos. Jogou a revista para longe. Desejou nunca ter estado na Casa Branca, nunca ter conhecido o presidente, nunca ter feito o maldito cheque, nunca ter conhecido Ted Worley nem Max Pace, nunca ter pensado em estudar direito.

Telefonou para os pilotos e mandou que fossem para o aeroporto.

— Vamos para onde, senhor?

— Eu não sei. Para onde vocês querem ir?

— Como disse?

— Biloxi, Mississippi.

— Uma pessoa ou duas?

— Só uma. — Há vinte e quatro horas não via Ridley e não queria levá-la.

Precisava de algum tempo fora da cidade e longe de qualquer coisa que o fizesse lembrar dela.

Mas dois dias no iate de French pouca coisa fizeram para ajudar. Clay precisava da companhia de outro conspirador, mas Patton estava muito preocupado com outras ações coletivas. Eles comeram e beberam demais.

French tinha dois advogados no tribunal em Phoenix que enviavam e-mails de hora em hora. Ele continuava a considerar o Maxatil como um alvo em potencial, mas ainda vigiava cada movimento. Era o seu trabalho, ele disse, uma vez que era o maior advogado de fraude. Tinha a experiência, o dinheiro, a reputação. Todas as ações indenizatórias coletivas acabavam, cedo ou tarde na sua mesa.

Clay leu os e-mails e falou com Mulrooney. A seleção do júri tomou um dia inteiro. Dale Mooneyham agora expunha lentamente o caso da queixosa contra o medicamento. O júri estava intensamente interessado.

— Até aqui tudo bem — Oscar disse —, Mooneyham é um ótimo ator, mas

Roger é mais hábil num tribunal.

Enquanto French atendia três telefonemas de uma vez, com uma enorme ressaca, Clay tomava sol no convés superior e tentava esquecer seus problemas. No fim da segunda tarde, depois de algumas vodcas no convés, French perguntou: — Quanto dinheiro você tem ainda?

— Não sei. Tenho medo de fazer o cálculo.

— Dê um palpite.

— Vinte milhões talvez.

— E quanto seguro?

— Dez milhões. Eles me cancelaram, mas ainda estão na fila para o Dyloft.

French chupou um limão e disse:

— Não tenho certeza de que trinta milhões sejam suficientes para você.

— Não parecem suficientes, parecem?

— Não. Você é réu de vinte e uma ações judiciais agora e a tendência é que aumentem. Teremos sorte se conseguirmos um acordo com essas malditas coisas por três milhões cada uma.

— Quantas você tem?

— Até ontem, dezenove.

— E quanto dinheiro você tem?

— Duzentos milhões. Eu ficarei bem.

Então por que não me empresta digamos uns cinquenta milhões? Clay conseguiu achar graça no modo que falavam de milhões. Um comissário de bordo serviu mais álcool, que eles precisavam.

— E os outros caras? — Clay perguntou.

— Wes está bem. Carlos pode sobreviver se seu número ficar abaixo de trinta. As duas últimas mulheres de Didier o limpavam. Ele está morto. Será o primeiro a falir, coisa que ele já fez antes.

O primeiro? E quem será o segundo?

Depois de um longo silêncio, Clay perguntou: — O que acontece se a Goffman ganhar em Flagstaff? Eu tenho todos esses casos.

— Você vai ficar como um cachorrinho doente, isso é certo. Aconteceu comigo há dez anos com um bando de casos de bebês deformados. Eu me apressei, aceitei os pais como clientes, processei depressa demais e então o caso desmoronou e não houve jeito de recuperar coisa alguma. Meus clientes esperavam milhões porque tinham aqueles bebês deformados, você sabe, por isso estavam emocionalmente envolvidos e era impossível negociar com eles. Muitos deles me processaram, mas eu nunca paguei. O advogado não pode prometer um resultado. Mas me custou muito dinheiro.

— Não é isso que eu quero ouvir.

— Quanto você gastou com o Maxatil?

— Oito milhões só com anúncios.

— Eu pararia por algum tempo para ver o que Goffman vai fazer. Duvido que ofereça alguma coisa. É um bando duro de roer. Com o tempo, seus clientes se revoltarão, e você pode mandá-los às favas. — Um grande drinque de vodca. — Mas pense positivamente. Mooneyham não perde há séculos. Um grande veredicto e o mundo fica diferente. Você está outra vez sentado numa mina de ouro.

— Goffman me disse que agora eles vão direto para a capital.

— Podem estar blefando, depende do que acontecer em Flagstaff. Se tiverem uma grande derrota, terão de pensar num acordo. Uma decisão dividida, responsabilidade, mas pequenas indenizações, e podem querer tentar outro. Se escolherem o seu, você pode arranjar um garanhão para o julgamento e chicotear os traseiros deles.

— Você não me aconselharia a tentar defender o meu lado?

— Não. Você não tem experiência. Só depois de anos no tribunal você está pronto para fazer parte das grandes equipes, Clay. Anos e anos.

Por mais apaixonado que fosse por grandes ações judiciais, era óbvio para Clay que Patton não tinha nenhum entusiasmo pelo cenário que acabava de descrever. Não estava se oferecendo para ser o garanhão no caso da capital. Apenas fazia um esforço para consolar seu jovem colega.

Clay saiu tarde na manhã seguinte e voou para Pittsburgh. Qualquer lugar menos a capital. A caminho, falou com Oscar e ele leu três e-mails e relatórios das novidades no julgamento em Flagstaff. A queixosa, uma mulher de sessenta anos com câncer da mama, testemunhou e apresentou muito bem seu caso. Ela foi muito simpática e Mooneyham a tocou como se fosse um violino. Vá pegá-los, meu velho, Clay não cessava de murmurar.

Alugou um carro e dirigiu duas horas para o norte, para o coração dos montes Allegheny. Encontrar Reedsburg no mapa era quase tão difícil quanto encontrá-la na estrada. Quando chegou ao alto de uma subida, viu uma enorme fábrica a distância.

BEM-VINDO A REEDSBURG, PENSILVÂNIA, um cartaz dizia.

LAR DA COMPANHIA DE CIMENTO PORTLAND HANNA FUNDADA EM 1946.

Duas grandes chaminés emitiam uma poeira esbranquiçada que era lentamente levada pelo vento. Pelo menos ainda está funcionando, Clay pensou.

Ele seguiu uma seta para o centro da cidade e encontrou um estacionamento na rua principal. Com calça jeans e boné de beisebol, barba de três dias, Clay não esperava ser reconhecido. Entrou no Ethel's Coffee Shop e sentou numa banqueta na frente do balcão. Foi recebido pela própria Ethel que anotou seu pedido. Café e um sanduíche de queijo quente.

Numa mesa atrás dele, dois homens idosos falavam de futebol. Os Cougars High de Reedsburg tinham perdido três vezes seguidas e os dois podiam fazer um trabalho melhor descrevendo os jogos do que o treinador-chefe. Naquela noite ia haver um jogo, segundo o cartaz pregado na parede, atrás da caixa registradora.

Quando Ethel serviu o café ela disse:

— Está só de passagem?

— Sim — Clay disse, compreendendo que ela conhecia as onze mil almas de Reedsburg.

— De onde você é?

— Pittsburgh.

Clay não podia dizer se isso era bom ou não, mas ela se afastou sem dizer mais nada. Em outra mesa, dois homens mais jovens falavam sobre empregos. Logo ficou claro que estavam ambos desempregados. Um usava um boné de jeans, escrito na frente Cimento Hanna. Comendo o sanduíche de queijo quente ele ouviu os dois comentando preocupados os benefícios concedidos aos desempregados, hipotecas, contas de cartão de crédito, trabalho de meio expediente. Um planejava entregar sua picape Ford ao vendedor local que prometera revender para ele.

Encostada na parede, ao lado da porta de entrada havia uma mesa dobrável com uma grande garrafa de plástico em cima. Um belo pôster incitava todos a contribuir para o "Fundo Hanna". A garrafa estava cheia até o meio com uma coleção de moedas e notas.

— Para que é aquilo? — Clay perguntou para Ethel quando ela serviu mais café.

— Ah, aquilo. É para angariar dinheiro para as famílias dos que foram despedidos da fábrica.

— Que fábrica? — Clay perguntou, tentando fingir que não sabia.

— Cimento Hanna, a maior empregadora da cidade. Mil e duzentas pessoas foram despedidas esta semana. Somos muito unidos aqui. Temos essas garrafas por toda a cidade: lojas, cafés, igrejas, até nas escolas. Já levantamos mais de seis mil até agora. O dinheiro é para contas de luz e para o supermercado, se as coisas ficarem pretas. Se não, vai para o hospital.

— Os negócios vão mal? — Clay perguntou, mastigando. Pôr o sanduíche na boca era fácil, engolir ficava cada vez mais difícil.

— Não, a fábrica sempre foi bem dirigida. Os Hannas sabem o que estão fazendo. Foram processados em algum lugar de Baltimore. Os advogados foram gananciosos, queriam muito dinheiro, obrigaram a Hanna a pedir falência.

— É uma maldita vergonha — disse um dos velhos. Em conversa de lanchonete todos tomavam parte — não precisava acontecer. Os Hannas tentaram um acordo com a maldita coisa, fizeram um esforço de boa-fé, mas aqueles nojentos da capital

foram intransigentes. Os Hannas disseram, "danem-se", e foram embora.

Em poucas palavras, Clay pensou. Nada mal como sumário dos eventos.

— Trabalhei quarenta anos na fábrica, nunca deixei de receber. Uma grande vergonha.

Como esperavam que Clay dissesse alguma coisa para continuar a conversa, ele disse: — Demissões são raras, certo?

— Os Hannas não acreditam em demitir pessoas.

— Vão empregá-los de volta?

— Vão tentar. Mas agora quem resolve é a vara de falência. Clay balançou a cabeça afirmativamente e voltou para seu sanduíche. Os dois homens mais jovens estavam de pé, indo para a caixa registradora. Ethel os mandou embora.

— Não devem nada, amigos. É por conta da casa.

Eles inclinaram a cabeça cortesmente e na saída os dois puseram algumas moedas para o Fundo Hanna. Alguns minutos depois, Clay se despediu dos dois velhos, agradeceu a Ethel e pôs uma nota de cem dólares na garrafa.

Depois que escureceu, Clay sentou sozinho no lado dos visitantes e assistiu à luta dos Cougars de Reedsburg contra os Enid Elks. As arquibancadas do pessoal da cidade estavam lotadas. A banda tocava alto, a multidão era barulhenta, ansiosa por uma vitória. Mas o futebol não conseguiu prender sua atenção. Ele olhou para a lista dos jogadores pensando em quantos deles pertenciam a famílias atingidas pelas demissões. Olhou para o outro lado do campo, para as fileiras e fileiras de torcedores de Reedsburg e imaginou quem tinha emprego e quem não tinha.

Antes do pontapé inicial, e logo depois do hino nacional, um ministro religioso fez uma prece pela segurança dos jogadores e pela renovação da força econômica da comunidade. Terminou a prece dizendo: "Ajude-nos nestes tempos difíceis, Ó Deus. Amém."

Clay Carter não podia lembrar de ter se sentido pior em toda a sua vida.

RIDLEY TELEFONOU NO COMEÇO da noite de sábado, muito nervosa. Há quatro dias não conseguia encontrar Clay! Ninguém no escritório sabia onde ele estava, ou se sabia não queria dizer para ela. Ele, por seu lado não tinha tentado telefonar. Ambos tinham mais de um telefone. Esse era o modo de continuar com o relacionamento? Depois de escutar as queixas por alguns minutos, Clay ouviu um zumbido na linha e perguntou: — Onde você está?

— Em St. Barth, na nossa vila.

— Como chegou aí? — Clay, é claro, estava usando o Gulfstream.

— Aluguei um pequeno jato. Na verdade, pequeno demais, tivemos de parar em San Juan para reabastecer. Não podia chegar aqui sem escalas.

Pobrezinha. Clay não tinha ideia de como ela sabia o número da empresa de aluguel de jatos.

— Por que você está aí? — ele perguntou. Uma pergunta idiota.

— Eu fiquei tão estressada porque não conseguia encontrar você. Não pode fazer isso outra vez, Clay.

Ele tentou juntar as duas coisas — seu desaparecimento e a fuga de Ridley para St. Barth, mas logo desistiu.

— Desculpe — ele disse —, saí da cidade apressadamente. Patton French precisava de mim em Biloxi. Estava muito ocupado para telefonar.

Uma longa pausa enquanto ela resolvia se devia perdoar naquele momento ou esperar um ou dois dias.

— Prometa que não vai fazer outra vez — ela choramingou. Clay não estava disposto a ouvir choro nem fazer promessas e ficou aliviado por ela estar fora do país.

— Não acontecerá outra vez. Relaxe, divirta-se por aí.

— Você não pode vir? — ela perguntou, mas sem muita convicção. Um pedido indiferente.

— Não com o julgamento em Flagstaff tão perto. — Clay duvidava seriamente que ela tivesse ideia do que era o julgamento em Flagstaff.

— Telefona para mim amanhã? — ela perguntou.

— É claro.

Jonah estava de volta, com muitas histórias de aventuras da vida num veleiro. Iam se encontrar às nove horas num bistrô na avenida Wisconsin para um jantar longo e até tarde da noite. Mais ou menos às oito e meia, o telefone tocou, mas quem estava no outro lado da linha desligou imediatamente sem uma palavra. Então tocou outra vez e Clay o pegou enquanto abotoava a camisa.

— E Clay Carter? — uma voz de homem perguntou.

— Sim, quem está falando? — Por causa do grande número de clientes furiosos: Dyloft, Skinny Ben e agora, especialmente, os irados proprietários de Howard County, Clay havia mudado duas vezes em dois meses os números dos telefones. Podia aturar as reclamações no escritório, mas preferia viver em paz.

— Eu sou de Reedsburg, Pensilvânia, e tenho uma informação valiosa sobre a Companhia Hanna.

As palavras eram de gelar o sangue e Clay sentou na beirada da cama. Mantenha o homem ao telefone, ele pensou, tentando pensar com clareza.

— Tudo bem, estou ouvindo. — Alguém de Reedsburg tinha de algum modo conseguido o número do seu telefone que não constava da lista.

— Não podemos falar ao telefone — a voz disse. Uns trinta anos, homem branco, cursou até o ensino médio.

— Por que não?

— E uma longa história. Há alguns papéis.

— Onde você está?

— Estou na cidade. Encontro-me com você no saguão do Hotel Four Seasons, na rua M. Podemos conversar lá.

Não era um mau plano. Haveria muito movimento no saguão, para o caso de alguém com uma arma começar a matar advogados.

— Quando? — Clay perguntou.

— Logo. Estarei lá dentro de cinco minutos. Quanto tempo você vai levar?

Clay não ia mencionar o fato de que morava a seis quadras do hotel, embora seu endereço não fosse segredo.

— Dez minutos.

— Ótimo. Estou vestindo jeans e um boné preto dos Steelers.

— Eu o encontro — Clay disse e desligou.

Acabou de se vestir e saiu. Andando depressa pela Dumbarton, tentava imaginar que informação podia precisar ou até mesmo querer saber sobre a Companhia Hanna. Acabava de passar dezoito horas em Reedsburg e estava tentando em vão esquecer a cidade. Seguiu para o sul na rua Trinta e Um, resmungando, perdido num mundo de conspirações, subornos e cenários de espionagem. Uma mulher passou com um cachorrinho que procurava um bom lugar na calçada para se aliviar. Um jovem com jaqueta preta de motoqueiro, um cigarro na boca, se aproximou, mas Clay mal o viu. Quando os dois passaram, na frente de uma casa mal iluminada e sob os galhos de uma velha árvore de bordo, o homem de repente, com exato cálculo do tempo e precisão de movimentos, desferiu um cruzado curto que atingiu diretamente o queixo de Clay.

Clay não chegou a ver. Lembrava de um estalo no rosto, e sua cabeça

chocando-se contra a cerca de ferro batido. Lembrava de uma espécie de cassete e de outro homem, dois deles, dando socos e batendo com os cassetes. Clay rolou para o lado e conseguiu erguer um joelho, então o cassete o atingiu na nuca como um tiro.

Ouviu uma voz distante de mulher e desmaiou.

A mulher com o cachorrinho ouviu a comoção atrás dela. Era uma luta, dois contra um, com o homem caído levando a pior. Ela se aproximou correndo e horrorizada viu os dois homens com jaquetas pretas brandindo o que pareciam ser tacos de beisebol. Ela gritou, eles correram. Ela tirou do bolso o celular e ligou para emergência.

Os dois homens correram, viraram a esquina da igreja na rua N e desapareceram. Ela tentou ajudar o jovem caído, que estava inconsciente e perdendo muito sangue.

CLAY FOI LEVADO PARA O George Washington University Hospital onde uma equipe de trauma o estabilizou. O exame inicial revelou dois grandes ferimentos na cabeça causados por alguma coisa rombuda, um corte na face direita, um corte na orelha direita, várias contusões. O perônio da perna direita estava partido ao meio. Sua rótula direita estava em pedaços e o tornozelo esquerdo quebrado. Rasparam sua cabeça e deram oitenta e um pontos para fechar os dois longos cortes. Seu crânio estava muito machucado, mas não quebrado. Seis pontos no rosto, onze na orelha e eles o levaram para a cirurgia para consertar suas pernas.

Jonah começou a telefonar depois de esperar impacientemente trinta minutos. Saiu do restaurante depois de uma hora e foi a pé para a casa de Clay. Bateu na porta, tocou a campainha, praguejou em voz baixa e estava pronto a atirar pedras nas janelas quando viu o carro de Clay estacionado entre dois outros, na rua. Pelo menos pensou que era o carro de Clay.

Jonah se aproximou vagarosamente do carro. Alguma coisa estava errada, mas ele não sabia o quê. Era um Porsche Carrera preto, mas coberto por uma poeira branca. Jonah chamou a polícia.

Uma sacola rasgada e vazia de Cimento Portland Hanna foi encontrada debaixo do Porsche. Alguém evidentemente tinha coberto o carro com cimento depois jogou água. Em certos lugares, especialmente na capota e no capo, grandes pedaços de cimento tinham secado e grudado no carro. Enquanto a polícia examinava, Jonah contou que o dono estava desaparecido. Depois de uma longa procura no computador, o nome de Clay apareceu e Jonah foi para o hospital. Telefonou para Paulette e ela chegou antes dele. Clay estava na cirurgia, mas eram só ossos quebrados e provavelmente uma concussão. Aparentemente sua vida não corria nenhum risco.

A mulher com o cachorro contou para a polícia que os assaltantes eram dois homens brancos. Três estudantes disseram que quando entravam num bar na avenida Wisconsin tinham visto dois homens brancos com jaquetas pretas virar correndo a esquina da rua N. Entraram numa van verde-metálico onde o motorista os esperava. Estava muito escuro para ver a placa.

O telefonema que Clay tinha recebido às 20h39 foi dado de um telefone público a uns cinco minutos da sua casa.

A pista logo esfriou. Afinal, foi só um espancamento. E além disso, numa noite de sábado. A mesma noite veria dois estupros na cidade, dois tiroteios no meio da rua, com cinco feridos e dois assassinatos, ambos parecendo completamente ao acaso.

COMO CLAY NÃO TINHA família na cidade, Jonah e Paulette assumiram os cargos de porta-voz e de tomar decisões. À 1h30 uma médica os informou que a cirurgia tinha ido bem, todos os ossos estavam no lugar e prontos para soldar, alguns pinos e parafusos foram instalados, as coisas não podiam ser melhores. Eles iam monitorar de perto a atividade do cérebro. Tinham certeza de que havia concussão mas não sabiam qual a gravidade.

— Ele está horrível — ela avisou aos dois.

Duas horas passaram enquanto Clay era levado lentamente escada acima. Jonah insistiu para que ele fosse para um quarto particular. Eles conseguiram vê-lo finalmente às 4 horas. Uma múmia não teria tantas bandagens.

As duas pernas estavam engessadas, suspensas alguns centímetros acima da cama por uma série de cabos e roldanas complexas. Um lençol escondia o peito e os braços. Gaze grossa cobria sua cabeça e metade do rosto. Os olhos estavam inchados e fechados. Felizmente Clay ainda estava inconsciente. O queixo estava inchado, os lábios pálidos e azuis. Havia sangue seco no seu pescoço.

Os dois ficaram em silêncio, avaliando a extensão dos ferimentos, ouvindo o clique e os bips monótonos, vendo o peito dele subir e descer muito devagar. Então Jonah começou a rir.

— Veja esse filho-da-mãe — ele disse.

— Cala a boca, Jonah — Paulette disse, pronta para esbofeteá-lo.

— Aqui jaz o Rei das Fraudes — Jonah disse, tentando conter o riso.

Então ela também viu o humor. Conseguiu rir sem abrir a boca e por um longo momento os dois ficaram nos pés da cama de Clay, esforçando-se para não cair na gargalhada.

Quando passou, ela disse:

— Você devia se envergonhar.

— Estou envergonhado. Desculpe.

Um atendente entrou, empurrando uma cama. Paulette passaria a primeira noite, Jonah a segunda.

Felizmente, o assalto foi tarde demais para sair no Post de domingo. A srta. Glick telefonou para todos os membros da firma pedindo que não fossem ao hospital nem mandassem flores. As visitas podiam ser necessárias mais tarde, mas por enquanto apenas rezem.

Finalmente Clay voltou dos mortos mais ou menos ao meio-dia do domingo. Paulette estava inquieta, virando de um lado para o outro, na cama do acompanhante, quando ele disse: — Quem está aí?

Ela saltou da cama e correu para o lado dele.

— Sou eu, Clay.

Com os olhos inchados e enevoados ele via um rosto negro. Certamente não era Ridley. Clay estendeu a mão e disse: — Quem?

— Paulette, Clay. Você não pode ver?

— Não. Paulette? O que você está fazendo aqui? — As palavras eram lentas e dolorosas.

— Só tomando conta de você, chefe.

— Onde estou?

— George Washington University Hospital.

— Por quê? O que aconteceu?

— O que eles chamam de um tipo de antigo chute no traseiro.

— O quê?

— Você foi assaltado. Dois caras com pedaços de pau. Precisa de algum analgésico?

— Por favor.

Ela saiu do quarto e encontrou uma enfermeira. Um médico apareceu alguns minutos depois e com torturantes detalhes explicou a Clay o quanto tinha sido espancado. Outro comprimido e Clay dormiu outra vez. A maior parte do domingo passou mergulhado em uma névoa agradável, com Paulette e Jonah tomando conta enquanto liam jornais e assistiam ao futebol profissional.

As reportagens atacaram com fúria na segunda-feira e eram todas iguais. Paulette tirou o som da televisão e Jonah escondeu os jornais. A srta. Glick e o resto da firma guardaram o forte "Sem comentários" para todos. Ela recebeu um e-mail do capitão de um veleiro que dizia ser o pai de Clay. Estava perto da península Yucatan, no Golfo do México, e será que alguém poderia por favor informá-lo sobre a condição de Clay? A srta. Glick informou — condição estável, ossos quebrados, concussão. Ele agradeceu e prometeu verificar novamente no dia seguinte.

Ridley chegou na segunda-feira à tarde. Paulette e Jonah saíram, felizes por deixar o hospital por algum tempo. Evidentemente, os georgianos não entendiam os

rituais dos hospitais. Enquanto os americanos ficam ao lado dos seus entes queridos doentes e feridos, as pessoas de outras culturas consideram mais prático visitar por uma hora e depois deixar que o hospital cuide dos seus pacientes. Ridley demonstrou grande afeição por uns poucos minutos e tentou interessar Clay nas últimas reformas da vila dos dois. A cabeça dele começou a latejar intensamente e ele pediu um comprimido para a dor. Ridley deitou na cama do acompanhante e tentou dormir, exausta, ela disse, pelo voo de volta. Sem escalas. No Gulfstream. Clay adormeceu também e quando acordou Ridley tinha ido embora.

Um detetive apareceu para algumas perguntas. Todas as suspeitas apontavam para alguns malfeitores de Reedsburg, mas as provas não eram suficientes. Clay não podia descrever o homem que deu o primeiro soco.

— Eu não cheguei a ver — ele disse, passando a mão no queixo. Para que ele se sentisse melhor, o policial tinha quatro grandes fotos coloridas do Porsche preto, todo manchado de cimento branco e Clay pediu outro comprimido.

As flores inundaram o quarto. Adelfa Pumphrey, Glenda do GDP, sr. e sra. Rex Crittle, Rodney, Patton French, Wes Saulsberry, um juiz que Clay conhecia da Suprema Corte. Jonah levou um laptop e Clay conversou longamente com o pai.

O boletim "O rei dos shorts" publicou três números na segunda-feira, cada um com as últimas reportagens dos jornais e fofocas sobre o espancamento. Clay não viu nenhum. Escondido num quarto de hospital estava protegido pelos amigos.

Cedo, na terça-feira, Zack Battle passou pelo hospital a caminho do escritório, levando boas notícias. A Comissão Mobiliária e da Bolsa ia suspender a investigação sobre Clay. Ele havia falado com o advogado de Mel Snelling em Baltimore. Mel não queria transigir, não ia se submeter à pressão do FBI. E sem Mel, eles não podiam conseguir a evidência necessária.

— Eu acho que os federais viram você nos jornais e acharam que já foi bastante castigado — Zack disse.

— Eu estou nos jornais? — Clay perguntou.

— Em algumas reportagens.

— Vou querer ler?

— Eu não aconselho.

O tédio do hospital começava a cansar Clay — a tração, as comadres, as visitas inexoráveis das enfermeiras, a qualquer hora, as pequenas conversas muito sérias com os médicos, as quatro paredes, a comida horrível, as infundáveis trocas das bandagens, as retiradas de sangue para mais exames, o puro tédio de estar ali deitado, incapaz de se mover. O gesso ficaria por semanas e ele não podia imaginar a sobrevivência na cidade com uma cadeira de rodas e muletas. Pelo menos mais duas operações estavam planejadas, pequenas, eles prometiam.

O choque retardado do espancamento também o atormentava e ele se lembrava

mais dos sons e das sensações físicas de ser espancado. Ele via o rosto do homem que deu o primeiro soco, mas não tinha certeza se era real ou um sonho. Por isso não disse para o detetive. Ouvia gritos no escuro, mas também podiam facilmente ser parte de um pesadelo. Lembrava de ver um cassete preto do tamanho de um taco de beisebol erguido no ar. Misericordiosamente tinha perdido os sentidos e não lembrava da maior parte dos golpes.

A inchação começou a diminuir, sua cabeça clareava. Deixou de tomar os analgésicos para poder pensar e tentar dirigir o escritório por telefone e e-mail. As coisas estavam bastante movimentadas, segundo todos com quem Clay falava. Mas ele suspeitava do contrário.

Ridley comparecia durante uma hora no fim da manhã e outra no fim da tarde. Ela ficava ao lado da cama e era muito afetuosa na frente das enfermeiras. Paulette a detestava e desaparecia assim que Ridley entrava no quarto.

- Ela está atrás do seu dinheiro — ela disse para Clay.
- E eu estou atrás do seu corpo — Clay disse.
- Bem, neste momento, ela está com a melhor parte do negócio.

PARA LER ELE ERA obrigado a erguer um pouco o corpo e como suas pernas já estavam viradas para cima, Clay tinha de formar um doloroso V. Não podia ficar nessa posição por mais de dez minutos. Precisava deitar outra vez e aliviar a pressão. com o laptop de Jonah em cima dos dois gessos, ele dava uma lida nos artigos de um jornal do Arizona quando Paulette atendeu o telefone.

— É Oscar — ela disse.

Tinham conversado brevemente no domingo à noite, mas Clay estava sedado e incoerente. Agora estava bem desperto e pronto para os detalhes.

— Vamos ouvir as novidades — Clay disse, abaixando a cama e tentando esticar o corpo.

— Mooneyham terminou sua apresentação do caso no sábado de manhã. Seu caso não podia ter sido mais perfeito. O cara é brilhante e tem o júri comendo na sua mão. Os rapazes da Goffman estavam arrogantes quando o julgamento começou, agora acho que estão correndo para os bunkers. Roger Redding chamou para depor sua testemunha principal ontem à tarde, um pesquisador que afirmou não haver nenhuma ligação direta entre o medicamento e o câncer de mama da queixosa. Achei o cara muito born, muito digno de crédito. Que diabo, ele tem três doutorados. O júri prestou atenção. Então Mooneyham o esmigalhou. Mostrou uma péssima pesquisa feita pelo cara há vinte anos. Atacou as credenciais dele. A testemunha estava completamente derrotada quando ele acabou. Eu pensei: "Alguém deve ligar para emergência para levar este pobre homem daqui." Nunca vi uma testemunha ser tão humilhada. Roger estava pálido. Os rapazes da Goffman estavam sentados como um bando de assassinos na fila de identificação da polícia.

— Beleza, beleza — Clay repetia, o fone encostado na gaze no lado esquerdo do seu rosto, no lado oposto da orelha rasgada.

— Agora vem a parte boa. Descobri onde o pessoal da Goffman está hospedado, por isso mudei de hotel. Eu os vejo no café da manhã. Eu os vejo no bar, tarde da noite. Eles sabem quem eu sou, portanto somos como dois cachorros loucos fazendo círculos um em volta do outro. Eles têm um advogado da firma chamado Fleet que, ontem, durante o recesso do julgamento, mais ou menos uma hora depois do massacre do seu perito, me pegou no saguão. Ele disse que queria tomar um drinque. Ele tomou um, eu tomei três. Ele tomou só um porque tinha de voltar para a suíte da Goffman no último andar onde passaram a noite andando de um lado para o outro, estudando a possibilidade de um acordo.

— Repita isso — Clay disse, suavemente.

— Você ouviu. Goffman neste momento está pensando num acordo com

Mooneyham. Estão apavorados. Estão convencidos, como todos os que estão no tribunal, que esse júri está prestes a bombardear sua companhia. Qualquer acordo vai custar uma fortuna porque o velho garanhão não quer acordo. Clay, ele está comendo o almoço deles! Roger é excelente, mas não pode nem carregar a pasta de Mooneyham.

— Volte para o acordo.

— Voltando para o acordo. Fleet queria saber quantos dos nossos casos são legítimos. Eu disse: "Os vinte e seis mil." Ele insiste por algum tempo e então pergunta se eu acho que você consideraria fazer um acordo por alguma coisa perto de cem mil cada um. Isso é dois ponto seis. Você está fazendo os cálculos?

— Estão feitos.

— E os honorários?

— Feito. — E com isso a dor desapareceu imediatamente. A cabeça deixou de latejar. Os gessos pesados ficaram leves como plumas. As equimoses delicadas deixaram de existir. Clay teve vontade de chorar.

— De qualquer modo, não foi uma oferta definitiva de um acordo, apenas a primeira sondagem. Ouvimos muitos boatos no tribunal, especialmente dos advogados e dos analistas da bolsa. Segundo os boatos, Goffman pode pagar uma indenização total de até sete bilhões. Se a companhia fizer o acordo agora, o preço das suas ações pode ficar firme porque o pesadelo do Maxatil acaba. Essa é uma teoria, mas depois da carnificina de ontem, tem muito sentido. Fleet me procurou porque temos a maior ação coletiva. Os boatos do tribunal calculam o número de queixosos em potencial em mais ou menos sessenta mil, portanto teremos quarenta por cento do mercado. Se quisermos fazer um acordo perto de cem milhões, eles podem predizer os custos.

— Quando você vai estar com ele outra vez?

— São quase oito horas aqui, o julgamento recomeça dentro de uma hora.

Combinamos nos encontrar no tribunal.

— Telefone logo que puder.

— Não se preocupe, chefe. Como vão os ossos quebrados?

— Muito melhores agora.

Paulette pegou o telefone para desligar. Segundos depois, tocou outra vez. Ela atendeu e deu para Clay.

— É para você e eu vou sair daqui.

Era Rebecca, no saguão do hospital, falando ao celular, querendo saber se seria possível uma visita rápida. Minutos depois ela entrou no quarto e ficou chocada quando o viu. Rebecca o beijou no rosto, entre as equimoses.

— Eles tinham bastões — Clay disse. — Para nivelar as coisas. Do contrário, eu teria uma vantagem injusta. — Ele acionou os controles da cama e começou a

erguer o corpo em V.

— Você está horrível — ela disse. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Muito obrigado. Você, por outro lado, está espetacular. Ela o beijou outra vez, no mesmo lugar e começou a passar a mão no braço esquerdo dele. Um momento de silêncio passou entre eles.

— Posso fazer uma pergunta? — Clay disse.

— Claro.

— Onde está seu marido neste momento?

— Em São Paulo ou em Hong Kong. Não posso ter certeza.: — Ele sabe que você está aqui?

— É claro que não.

— Ele ficaria contrariado se soubesse?

— Ele ficaria contrariado. Tenho certeza de que teríamos uma briga.

— Isso seria uma coisa rara?

— Acontece o tempo todo, infelizmente. Não está dando certo, Clay. Eu quero desistir.

Apesar dos ferimentos, Clay estava tendo um dia maravilhoso. Uma fortuna estava ao alcance de suas mãos, bem como Rebecca. A porta do quarto abriu silenciosamente e Ridley entrou. Chegou aos pés da cama sem ser notada e disse: — Desculpe a interrupção.

— Oi, Ridley — Clay disse com voz fraca.

As duas mulheres trocaram um olhar que apavoraria uma serpente. Ridley foi para o outro lado da cama e Rebecca não tirou a mão do braço de Clay. Embora mimado por duas belas mulheres, ele se sentia como a presa segundos antes do ataque dos lobos.

Como os três ficaram sem dizer absolutamente nada alguns segundos, Clay inclinou a cabeça para a esquerda e disse: — Ela é uma nova amiga.

As duas, pelo menos naquele momento, sentiam-se muito mais do que uma simples amiga. As duas estavam irritadas. Nenhuma se mexeu. Suas posições estavam definidas.

— Acho que estivemos na recepção do seu casamento — Ridley disse, finalmente. Uma lembrança não muito sutil para Rebecca de que era casada.

— Não convidados, se bem me lembro — Rebecca disse.

— Oh, droga, hora do meu clister — Clay disse e ninguém riu, só ele.

Se houvesse uma briga de gatos em cima da sua cama ele ia ficar muito pior. Alguns minutos atrás ele estava falando com Oscar ao telefone, sonhando com altos honorários. Agora duas mulheres desembainhavam as espadas.

Duas mulheres muito bonitas. As coisas podiam ser piores, ele pensou. Onde estavam as enfermeiras? Elas entravam e saíam a toda hora, sem se importar com

privacidade ou horas de sono. Às vezes elas chegavam aos pares. E se acontecia de haver uma visita no quarto de Clay, era garantido aparecer uma enfermeira. "Posso fazer alguma coisa para o senhor, Dr. Carter?" "Ajustar sua cama?" "Quer que ligue a TV?" "Ou que desligue?"

Os corredores estavam silenciosos. As duas mulheres passavam a mão nele.

Rebecca piscou primeiro. Não tinha escolha. Afinal ela tinha um marido.

— Acho que vou indo. — Ela saiu do quarto devagar, como se não quisesse sair, não quisesse ceder terreno. Clay exultou com isso.

Assim que a porta se fechou, Ridley foi para a janela, onde ficou por um longo tempo olhando para nada. Clay deu uma olhada no jornal, sem se importar com ela nem com seu estado de espírito. O gelo que ela estava tentando era muito bem-vindo.

— Você a ama, não ama? — Ridley disse, ainda olhando para fora pela janela, tentando parecer magoada.

— Quem?

— Rebecca.

— Oh, ela. Nada disso, ela é só uma velha amiga. Ouvindo isso, Ridley virou-se e foi até a cama.

— Não sou burra, Clay!

— Eu não disse que era. — Ele continuava a ler o jornal, ignorando a tentativa de drama. Ridley pegou a bolsa e saiu do quarto, com os saltos estalando no chão o mais alto possível. Logo depois uma enfermeira entrou para verificar os danos.

Oscar telefonou alguns minutos depois, do seu celular, fora da sala do tribunal. Um rápido recesso fora ordenado.

— Estão dizendo que Mooneyham recusou dez milhões esta manhã — ele disse.

— Foi Fleet quem disse?

— Não. Não nos encontramos. Ele estava ocupado com algumas moções. Vou tentar falar com ele na hora do almoço.

— Quem está testemunhando?

— Uma perita da Goffman, professora da Duke que está desacreditando o estudo do governo sobre o Maxatil. Mooneyham está afiando as facas. O negócio vai ser feio.

— Você acredita em boatos?

— Não sei bem no que acreditar. Os rapazes de Wall Street parecem entusiasmados. Eles querem um acordo porque acham que é o melhor meio de prever os custos. Eu ligo outra vez na hora do almoço.

Havia três resultados possíveis em Flagstaff; dois seriam deliciosos. Um veredicto contra Goffman exerceria enorme pressão na companhia para fazer um

acordo, evitando anos de litígio e a constante barragem de veredictos. Um acordo no meio do julgamento provavelmente significaria um plano de indenização a todos os queixosos.

Um veredicto a favor da Goffman obrigaria Clay a correr e se preparar para o próprio julgamento na capital. Essa perspectiva trouxe de volta as dores na cabeça e nas pernas.

Ficar deitado imóvel num leito de hospital era tortura suficiente. Agora, o silêncio do telefone piorava as coisas. A qualquer momento, Goffman podia oferecer a Mooneyham dinheiro suficiente para que ele aceitasse o acordo. Seu ego o empurrava para um veredicto, mas seria capaz de ignorar os interesses da sua cliente?

Uma enfermeira fechou a persiana, apagou as luzes e desligou a TV. Quando ela saiu, Clay pôs o telefone em cima da barriga, cobriu a cabeça com o lençol e esperou.

NA MANHÃ SEGUINTE Clay foi outra vez levado para a cirurgia para alguns pequenos ajustes nos pinos e parafusos das pernas. "Uns apertõezinhos", o médico tinha dito. Fosse o que fosse precisou de uma grande dose de anestésico que apagou a maior parte do dia de Clay. Voltou para o quarto um pouco depois do meio-dia e dormiu três horas antes de passar o efeito da anestesia. Paulette, não Ridley ou Rebecca, o esperava quando ele finalmente acordou.

— Alguma notícia de Oscar? — Clay perguntou com a língua grossa.

— Ele telefonou, disse que o julgamento estava indo bem. Só isso — Paulette informou. Ela ajeitou a cama e o travesseiro e deu água para ele, e quando Clay acordou de verdade, saiu para tratar de algumas coisas. Antes de sair, entregou a ele um envelope fechado.

Era de Patton French. Um bilhete escrito à mão transmitia seus votos de uma rápida recuperação e mais alguma coisa que Clay não conseguiu decifrar. O memorando anexo era para o Comitê dos Orientadores dos Queixosos (agora acusados). A Excelentíssima Helen Warshaw tinha submetido suas adições semanais à ação coletiva. A lista crescia. Danos residuais do Dyloft começavam a aparecer em todo o país e os acusados cada vez mais afundavam na areia movediça. Havia agora 38 membros da ação coletiva, 24 deles ex-clientes de JCC que eram agora clientes da dra. Warshaw, mais três do que na semana anterior. Como sempre, Clay leu vagarosamente os nomes e outra vez se perguntou como seus caminhos tinham se cruzado.

Seus ex-clientes com certeza gostariam de vê-lo numa cama no hospital, cortado, equimosado e quebrado. Talvez um deles estivesse ali perto, mais adiante no corredor, tendo tumores e órgãos removidos, consolado pelos entes queridos, enquanto o relógio tiquetaqueava ruidosamente. Ele sabia que não tinha causado a doença, mas por algum motivo se sentia responsável por tanto sofrimento.

Finalmente Ridley apareceu, voltando da academia de ginástica. Levava alguns livros e revistas e tentou parecer preocupada. Depois de alguns minutos ela disse:

— Clay o decorador telefonou. Preciso voltar para a vila.

Era decorador ou decoradora? Clay pensou mas não perguntou.

Uma ideia excelente!

— Quando? — ele perguntou.

— Amanhã, talvez. Se o avião estiver disponível. — Por que não estará? Clay certamente não ia a lugar algum.

— Certo. Telefone para os pilotos. — com Ridley fora da cidade, sua vida ficaria mais fácil. Ela não adiantava nada no hospital.

— Obrigada — ela disse, sentou na cadeira e começou a folhear uma revista. Depois de trinta minutos seu tempo acabou. Ela beijou a testa de Clay e desapareceu.

O detetive foi o seguinte. Três homens de Reedsburg tinham sido presos no domingo de manhã no lado de fora de um bar em Hagerstown, Maryland. Houve uma luta no bar. Eles tentaram deixar a cena numa minivan verde-escura, mas o motorista calculou mal alguma coisa e a van caiu numa vala de drenagem. O detetive mostrou três fotos coloridas dos suspeitos, todos mal-encarados. Clay não identificou nenhum deles.

Segundo o chefe de polícia de Reedsburg, eles trabalhavam na fábrica Hanna. Dois tinham sido recentemente despedidos, mas era a única informação que o detetive conseguiu extrair das autoridades da cidade.

— Eles não cooperaram muito — ele disse. Tendo estado em Reedsburg, Clay sabia por quê.

— Se não pode identificar esses caras, então não tenho escolha senão arquivar o caso — o detetive disse.

— Eu nunca os vi antes — Clay afirmou.

O detetive guardou as fotos na pasta e foi embora para sempre. Uma procissão de enfermeiras e médicos chegou depois, com muitas apalpadelas e exames, e depois de uma hora Clay adormeceu.

OSCAR TELEFONOU MAIS OU MENOS às 21h30. O julgamento acabava de entrar em recesso até o dia seguinte. Estavam todos exaustos principalmente porque Dale Mooneyham tinha causado uma carnificina maciça no tribunal. Goffman relutantemente chamou seu terceiro perito, um homem irresoluto, óculos de aro de chifre, rato de laboratório da empresa, encarregado dos testes clínicos do Maxatil, e depois de um maravilhoso exame direto e criativo de Roger, o Ardiloso, Mooneyham começou a crucificar impiedosamente o pobre homem.

— É um antigo modo de dar uma sova — Oscar riu. — Goffman devia ter medo de chamar mais testemunhas.

— Acordo? — Clay perguntou, sedado, lento e cheio de sono, mas tentando desesperadamente entender os detalhes.

— Não, mas deve ser uma longa noite. Estão dizendo que Goffman talvez tente outro perito amanhã, então fecha o dique e espera o veredicto.

Clay ficou outra vez inconsciente, com o fone encostado no lado da cabeça. Uma enfermeira o tirou uma hora depois.

O DIRETOR EXECUTIVO da Goffman chegou tarde da noite em Flagstaff e foi levado às pressas para um prédio no centro da cidade onde os advogados

estavam reunidos. Roger Redding e o resto da defesa o atualizaram sobre o julgamento e mostraram os últimos números da divisão de finanças. A conversa teve como centro um cenário sombrio.

Como tinha levado uma sova em regra, Redding insistia para que a defesa continuasse a seguir seu plano para o jogo e chamasse as testemunhas que faltavam. Certamente a maré ia virar. Certamente ele retomaria o passo e marcaria pontos com seu júri. Mas Bob Mitchell, o chefe do departamento jurídico da empresa e vice-presidente, e Sterling Gibb, há longo tempo advogado da Goffman e companheiro de golfe do diretor executivo, tinham visto o suficiente. Mais uma testemunha assassinada por Mooneyham e os jurados iam saltar das cadeiras e atacar o executivo da Goffman que estivesse mais próximo. O ego de Redding estava gravemente ferido. Ele queria ir em frente, esperando um milagre. Segui-lo era um péssimo conselho.

Mitchell e Gibb conversaram particularmente com o diretor executivo, mais ou menos às 3 horas da manhã, comendo rosquinhas. Só os três. Por pior que fossem as coisas para a empresa, havia ainda alguns segredos sobre o Maxatil que jamais poderiam ser revelados. Se Mooneyham conseguisse essa informação, ou se ele pudesse arrancá-la de uma testemunha, então certamente o céu cairia em cima da Goffman. Nesse ponto do julgamento, acreditavam que Mooneyham podia fazer qualquer coisa. O diretor executivo finalmente tomou a decisão de parar com o derramamento de sangue.

Quando o tribunal voltou a se reunir às 9 horas da manhã, Roger Redding anunciou que a defesa terminara sua apresentação.

— Nenhuma outra testemunha? — o juiz perguntou. Um julgamento de quinze dias era assim cortado pela metade. Agora ele podia jogar golfe por uma semana!

— Exatamente, meritíssimo — Redding disse, sorrindo para os jurados, como se tudo estivesse bem.

— Alguma réplica, dr. Mooneyham?

O advogado da queixosa levantou-se vagarosamente. Coçou a cabeça, olhou zangado para Redding e disse: — Se eles terminaram, nós também terminamos.

O juiz explicou aos jurados que fariam um recesso de uma hora, enquanto ele conversava com os advogados. Quando voltassem, ouviriam os argumentos finais e na hora do almoço teriam o caso completo.

Como todos os outros, Oscar correu para o corredor com o celular na mão. Ninguém atendeu no quarto de hospital de Clay.

ELE ESPEROU TRÊS HORAS no raios X, três horas numa maca, num corredor movimentado onde enfermeiras e atendentes passavam conversando sobre nada. Seu celular tinha ficado no quarto e, assim, durante três horas, esteve isolado do mundo,

enquanto esperava nas profundezas do George Washington University Hospital.

O raios X levou quase uma hora, mas podia ter demorado menos se o paciente não fosse tão pouco cooperativo, tão agressivo e à vezes irreverente. O atendente o levou de volta ao quarto e aliviado o deixou lá.

Clay cochilava quando Oscar telefonou. Eram cinco e vinte para Clay, três e vinte em Phoenix.

— Aonde você andou? — Oscar quis saber.

— Não pergunte.

— Goffman jogou a toalha logo cedo de manhã, tentou um acordo, mas Mooneyham não quis saber. Tudo aconteceu muito depressa depois disso. As apresentações finais começaram mais ou menos às dez horas, eu acho. O júri recebeu o caso exatamente ao meio-dia.

— O júri está com o caso? — Clay perguntou, praticamente gritando ao telefone.

— Estava.

— O quê?

— Estava com o caso. Acabou. Eles deliberaram por três horas e se pronunciaram a favor de Goffman. Eu sinto muito, Clay. Todo mundo aqui está em estado de choque.

— Não.

— Infelizmente sim.

— Diga que está mentindo, Oscar.

— Eu queria estar. Não sei o que aconteceu. Ninguém sabe. Redding fez uma argumentação final espetacular, mas eu observei os jurados. Pensei que estavam com Mooneyham.

— Dale Mooneyham perdeu um caso?

— Não apenas um caso qualquer, Clay. Ele perdeu o nosso caso.

— Mas como?

— Eu não sei. Eu apostaria tudo contra Goffman.

— Foi o que fizemos.

— Eu sinto muito.

— Escute, Oscar, estou aqui deitado na cama, sozinho. Vou fechar os olhos agora e quero que você fale comigo. Não me deixe. Não há ninguém por perto. Apenas fale comigo. Diga qualquer coisa.

— Depois do veredicto fui encurralado por Fleet e dois outros caras, Bob Mitchell e Sterling Gibb. Umas doçuras de pessoas. Estavam tão felizes que pareciam a ponto de estourar. Começaram perguntando se você ainda está vivo, o que acha disso? Então mandaram lembranças, parecendo muito sinceros. Disseram que vão pôr o show na estrada, Roger, o Ardiloso, e Companhia e o próximo

juízo será na capital, contra o dr. Clay Carter, o Rei da Fraude que, como nós todos sabemos, nunca julgou um caso de fraude. O que eu podia dizer? Eles acabavam de derrotar um grande advogado no território dele.

— Nossos casos não valem nada, Oscar.

— Certamente é o que eles pensam. Mitchell disse que não ofereceria nem um centavo por qualquer caso Maxatil em todo o país. Eles querem julgamentos. Querem defesa. Querem limpar seu nome. Toda essa besteira.

Ele manteve Oscar ao telefone por mais de uma hora e seu quarto ficou escuro, Oscar falou sobre os argumentos finais e a alta tensão na espera pelo veredicto. Descreveu o choque da queixosa, uma mulher agonizante, cujo advogado não quis aceitar fosse o que fosse que Goffman oferecia, supostamente dez milhões de dólares. E Mooneyham, que há tanto tempo não perdia, tinha esquecido como perder, exigindo que o júri fosse obrigado a preencher questionários para se explicar. Depois que Mooneyham retomou o fôlego e conseguiu se levantar, com a bengala, é claro, agiu como um verdadeiro asno. E o lado de Goffman também ficou chocada, aquela multidão de ternos escuros de cabeça baixa como se estivesse orando, até o porta-voz dos jurados dizer as palavras majestosas. Foi um verdadeiro estouro para fora da sala do tribunal, quando os analistas de Wall Street correram para dar seus telefonemas.

Oscar terminou a narrativa dizendo:

— Agora vou a um bar.

Clay chamou uma enfermeira e pediu um comprimido para dormir.

DEPOIS DE ONZE DIAS de confinamento, Clay foi finalmente libertado. Um gesso mais leve foi posto na perna esquerda. Ainda não podia andar, mas pelo menos podia se mover um pouco. Paulette empurrou a cadeira de rodas para fora do hospital até uma van alugada por Oscar. Quinze minutos depois, entraram na casa de Clay e trancaram a porta. Paulette e a srta. Glick tinham transformado a sala íntima do térreo num quarto de dormir provisório. O telefone, o fax e o computador foram postos numa mesa de armar perto da cama. As roupas de Clay foram postas em protetores de plástico ao lado da lareira.

Nas duas primeiras horas em casa, ele leu a correspondência, os relatórios financeiros e os recortes de jornais, mas só os que sobraram depois da triagem de Paulette. A maior parte do que tinha sido publicado sobre Clay ela não mostrou.

Mais tarde, depois de dormir um pouco, ele sentou-se à mesa da cozinha com Paulette e Oscar e anunciou que estava na hora de começar.

Começaram a desembaraçar as coisas.

O PRIMEIRO ASSUNTO FOI a firma de advocacia. Crittle tinha conseguido cortar alguns custos, mas as despesas fixas ainda galopavam em um milhão de dólares por mês. Sem nenhuma renda no momento e nenhuma esperada num futuro próximo, demissões imediatas eram inevitáveis. Estudaram a lista dos empregados — advogados, paralegais, secretárias, empregados de escritório, boys — e fizeram cortes dolorosos. Embora considerassem os casos do Maxatil sem valor, ainda precisavam de trabalhar para fechar os arquivos. Clay manteve quatro advogados e quatro paralegais para isso. Estava resolvido a honrar cada contrato que tinha assinado com seus empregados, mas para isso teria de gastar um bocado do dinheiro de que tanto precisava.

Clay olhou para os nomes dos empregados que tinham de ir e se sentiu mal.

— Quero dormir sobre esse assunto — ele disse, incapaz de tomar a decisão final.

— A maior parte deles espera isso, Clay — Paulette disse.

Ele olhou demoradamente para os nomes, tentando imaginar os boatos que deviam ter corrido pelos corredores da sua firma.

Dois dias antes, Oscar tinha concordado relutantemente em ir a Nova York para se encontrar com Helen Warshaw. Oscar apresentou um grande quadro dos bens de Clay Carter e das obrigações em potencial e basicamente pediu misericórdia. Seu chefe não queria pedir falência, mas se fosse pressionado demais pela dra. Warshaw não teria escolha. Ela não se impressionou. Clay era membro do grupo de

advogados, seus acusados, com um valor líquido combinado estimado em 1,5 bilhão de dólares. Ela não podia permitir que Clay fizesse acordo dos seus casos por, digamos, apenas um milhão cada um, quando os mesmos casos contra Patton French podiam valer três vezes mais. Além disso, ela não estava pensando em acordo. O julgamento seria importante, um esforço ousado para reformar os abusos do sistema, um espetáculo especial para a mídia. Ela planejava saborear cada momento.

Oscar voltou para a capital com o rabo entre as pernas, certo de que Helen Warshaw, como advogada do maior grupo credor de Clay, queria sangue!

A temida palavra falência foi dita pela primeira vez por Rex Crittle, no quarto de Clay no hospital. Cortou o ar como uma bala e aterrissou como um morteiro. Então foi usada outra vez. Clay começou a dizer, mas só para si mesmo. Paulette disse uma vez. Oscar a usou em Nova York. Não encaixava e eles não gostavam, mas na última semana tinha se tornado parte do vocabulário.

O lease do escritório podia ser terminado com a falência.

Os contratos de emprego podiam ser acomodados com a falência.

O Gulfstream podia ser devolvido nos melhores termos, com a falência.

Os queixosos descontentes da Hanna podiam ser convencidos por meio da falência.

E o mais importante, Helen Warshaw podia ser detida, com a falência.

Oscar estava quase tão deprimido quanto Clay e depois de algumas horas de sofrimento ele foi para o escritório. Paulette levou Clay para o pequeno pátio, onde tomaram chá verde com mel.

— Tenho duas coisas para dizer — ela disse, sentando muito perto dele. — Primeira, vou dar a você um pouco do meu dinheiro.

— Não, não vai.

— Sim, eu vou. Você me fez rica quando não precisava. Não posso fazer nada a respeito de você ser um garoto branco idiota que perdeu o rumo, mas eu ainda o amo. Vou ajudar você, Clay.

— Pode acreditar nisto, Paulette?

— Não. Está além do que posso acreditar, mas é verdade. Aconteceu. E as coisas vão ficar muito piores antes de melhorar. Não leia os jornais, Clay. Por favor. Prometa.

— Não se preocupe.

— Vou ajudar você. Se você perder tudo, estarei por perto para garantir que esteja bem.

— Não sei o que dizer.

— Não diga nada.

Deram as mãos e Clay se esforçou para conter as lágrimas. Um momento passou.

— A segunda coisa — ela disse —, falei com Rebecca. Ela tem medo de ver você porque pode ser descoberta. Comprou um novo celular e o marido não sabe. Ela me deu o número. Quer que você telefone.

— Conselho feminino, por favor?

— Não de mim. Você sabe o que eu sinto por aquela russa assanhada. Rebecca é uma doçura, mas tem alguma bagagem, para não dizer mais. Nisso você está sozinho.

— Obrigado por nada.

— Não tem de quê. Ela quer que você telefone esta tarde. O marido está fora da cidade ou coisa assim. Vou embora dentro de poucos minutos.

REBECCA ESTACIONOU na esquina e seguiu a pé, apressada, pela rua Dumbarton até a casa de Clay. Não era muito boa em manobras furtivas, nem ele. A primeira coisa que decidiram foi que não continuariam assim.

Ela e Jason Myers tinham resolvido dissolver o casamento amistosamente. A princípio ele quis procurar aconselhamento e adiar o divórcio, mas também preferia trabalhar dezoito horas por dia, fosse na capital, em Nova York, Paio Alto ou Hong Kong. Sua firma enorme tinha escritórios em trinta e duas cidades e clientes em todo o mundo. O trabalho era mais importante do que qualquer outra coisa. Ele simplesmente a deixaria, sem pedir desculpas e sem planos para mudar seu modo de vida. Rebecca já estava fazendo as malas. Jason ficaria com o apartamento. Ela foi muito vaga sobre para onde iria. Em menos de um ano de casamento, tinham acumulado pouca coisa. Ele era um sócio que ganhava 800 mil dólares por ano, mas ela não queria nenhuma parte do seu dinheiro.

Segundo Rebecca, seus pais não interferiram. Não tiveram oportunidade. Myers não gostava deles, o que não era de surpreender e Clay suspeitava que uma das razões pelas quais ele preferia a filial de Hong Kong era poder ficar bem longe dos Van Horns.

Os dois tinham motivo para fugir. Clay, em nenhuma circunstância, ficaria na capital nos próximos anos. Sua humilhação era muito recente e profunda, e havia um grande mundo lá fora onde as pessoas não o conheciam. Ele desejava o anonimato. Pela primeira vez na sua vida, Rebecca só queria ir embora, para longe de um mau casamento, longe da sua família, longe do clube de campo e das pessoas insuportáveis que o frequentavam, longe das pressões de ganhar dinheiro e acumular coisas, longe de McLean e dos únicos amigos que tinha conhecido.

Clay precisou de uma hora para levá-la para a cama, mas sexo era impossível, com o gesso e tudo o mais. Ele só queria abraçar e beijar Rebecca e recuperar o tempo perdido.

Ela passou a noite e resolveu ficar. Tomando café, na manhã seguinte, Clay

começou com Tequila Watson e Tarvan e contou tudo para ela.

PAULETTE E OSCAR VOLTARAM com mais notícias desagradáveis do escritório. Alguém em Howard County instigava os proprietários das casas a dar queixa ética contra Clay por ter recusado o acordo com a Hanna. Várias dezenas tinham sido recebidas pelo foro da capital. Seis ações judiciais foram apresentadas contra Clay, todas do mesmo advogado, que estava ativamente solicitando mais. O escritório de Clay estava finalizando um plano de acordo para ser apresentado ao juiz sobre a falência da Hanna. Estranhamente, a firma receberia um honorário, embora muito menor do que o recusado por Clay.

Havia uma moção urgente de Warshaw para tomar os depoimentos dos queixosos do Dyloft. A urgência era exigida porque eles estavam morrendo e seus depoimentos em vídeo seriam cruciais para o julgamento, que devia acontecer dentro de mais ou menos um ano. Usar as táticas habituais da defesa de ganhar tempo, demorar, adiar e procrastinar seria extremamente injusto para aqueles queixosos. Clay concordou com o plano de depoimentos sugerido pela dra. Warshaw, mas não pretendia estar presente.

Cedendo à pressão de Oscar, Clay finalmente concordou em demitir dez advogados e a maior parte dos paralegais, secretárias e empregados do escritório. Assinou cartas para cada um deles, breves e pedindo desculpas. Assumia total responsabilidade pela morte da sua firma.

Para ser franco, não havia mais ninguém para culpar.

Uma carta para as clientes do Maxatil também foi escrita. Nela Clay recapitulava o julgamento de Mooneyham em Phoenix. Ele dizia acreditar que o medicamento era perigoso, mas provar a causa seria agora "muito difícil, se não impossível". O fabricante não estava disposto a considerar um acordo fora do tribunal e dados os problemas médicos de Clay no momento, ele não estava em posição de preparar um longo julgamento.

Detestava usar o espancamento como desculpa, mas Oscar o convenceu. Parecia digno de crédito na carta. Nesse ponto baixo da sua carreira, ele tinha de se agarrar a qualquer vantagem que aparecesse.

Portanto, ele estava liberando cada cliente, e fazia isso com tempo suficiente para que contratassem outro advogado para perseguir Goffman. Clay até desejava que tivessem sorte.

As cartas causariam uma tempestade de controvérsias.

— Nós manejaremos — Oscar repetia —, pelo menos nos livraremos dessa gente.

Clay não podia deixar de pensar em Max Pace, seu velho amigo que o tinha levado para o negócio do Maxatil. Pace, um dos pelo menos cinco pseudônimos, foi

indiciado por fraude na bolsa, mas não foi encontrado. A acusação dizia que ele usara informação privilegiada para vender quase um milhão de ações da Goffman antes de Clay dar entrada na ação judicial. Mais tarde ele cobriu a venda e saiu do país com cerca de 15 milhões de dólares. Fuja, Max, fuja. Se ele fosse apanhado e levado a julgamento podia revelar todos os seus segredos sujos.

Havia centenas de outros detalhes na lista de Oscar, mas Clay se cansou.

— Vou bancar a enfermeira esta noite? — Paulette murmurou na cozinha.

— Não, Rebecca está aqui.

— Você adora uma confusão não é mesmo?

— Amanhã ela vai dar entrada no pedido de divórcio. Um divórcio consensual.

— E a sua garota?

— Ela é passado, se voltar de St. Barth.

Na semana seguinte Clay não saiu de casa. Rebecca pôs tudo que era de Ridley em sacos grandes de lixo e levou para o porão. Substituiu por algumas coisas suas, mas Clay avisou que estava para perder a casa. Ela fazia refeições maravilhosas e servia de enfermeira sempre que ele precisava. Assistiam a filmes antigos na televisão até meia-noite, depois dormiam até tarde todas as manhãs. Ela o levou para ver seu médico.

Ridley telefonava uma vez ou outra da ilha. Clay não disse que ela tinha perdido o lugar. Preferia fazer isso pessoalmente, quando e se ela voltasse. A reforma da villa ia muito bem, embora Clay tivesse cortado drasticamente o orçamento. Ela parecia ignorar os problemas financeiros de Clay.

O ÚLTIMO ADVOGADO a entrar na vida de Clay foi Mark Munson, um perito em falências, especializado em grandes e complexos desastres financeiros individuais. Crittle o tinha encontrado. Depois que Clay o contratou, Crittle mostrou os livros, os leases, os contratos, as ações judiciais, o ativo e o passivo. Tudo. Quando Munson e Crittle foram à sua casa, Clay pediu à Rebecca que saísse. Queria poupá-la dos detalhes desagradáveis.

Nos dezessete meses desde que saíra do GDP, Clay havia ganho 121 milhões de dólares em honorários — 30 milhões foram pagos a Rodney, Paulette e Jonah, como bônus; 20 milhões foram para despesas do escritório e o Gulfstream; 16 milhões para anúncios e exames para o Dyloft, o Maxatil e o Skinny Ben; 34 milhões para impostos, pagos ou por pagar; 4 milhões para a villa, 3 milhões para o veleiro. Um milhão aqui, um milhão ali, a casa, o "empréstimo" a Max Pace, e as habituais e esperadas extravagâncias dos novos ricos.

O elegante catamarã de Jarrett era um caso interessante. Clay tinha pago, mas a companhia das Bahamas na qual estava registrado era de propriedade do seu pai. Munson achava que a vara de falências podia adotar uma de duas posições. Era um

presente, o que obrigaria Clay a pagar impostos de presente, ou era simplesmente propriedade de outra pessoa e não parte do patrimônio de Clay. De qualquer modo, o barco continuava como propriedade de Jarrett Carter.

Clay tinha ganho também 7, 1 milhões negociando as ações de Ackerman na bolsa e embora uma parte estivesse fora do país estava para ser trazida de volta.

— Se você esconde bens, você vai para a cadeia — Munson pontificou, deixando pouca dúvida de que não tolerava esse modo de pensar.

O balancete mostrava uma rede que valia aproximadamente 19 milhões de dólares, com poucos credores. Entretanto, as obrigações contingentes eram catastróficas. Vinte e seis antigos clientes o estavam processando por causa do fiasco do Dyloft. Esperava-se que o número aumentasse e embora fosse impossível dar palpites sobre o valor de cada caso, a exposição legítima de Clay era muito maior do que seu valor líquido. A ação coletiva dos queixosos da Hanna crescia e começava a se organizar. O contragolpe do Maxatil seria desagradável e demorado. Nenhuma dessas despesas era previsível também.

— Deixem que a falência trate disso — Munson disse. — Você vai sair só com a roupa do corpo, mas pelo menos não fica devendo a ninguém.

— Muito obrigado — Clay disse, pensando no veleiro. Se conseguissem manter o barco fora da falência, Jarrett podia vendê-lo, comprar outro menor e Clay teria algum dinheiro para viver.

Depois de duas horas com Munson e Crittle, a mesa da cozinha estava coberta de papéis, impressos de computador e notas avulsas, restos espalhados do testamento dos últimos dezessete meses da sua vida. Estava envergonhado da sua ânsia por dinheiro e embaraçado por sua burrice. Era doloroso ver o que o dinheiro tinha feito com ele.

A ideia de ir embora o ajudava a sobreviver cada dia.

RIDLEY TELEFONOU DE St. Barth com a notícia alarmante de que tinha aparecido uma placa de À VENDA na frente da villa "deles".

— Isso é porque a villa agora está à venda — Clay disse.

— Eu não compreendo.

— Volte para casa que eu explico.

— Algum problema?

— Pode-se dizer que sim.

Depois de uma longa pausa, ela disse:

— Prefiro ficar aqui.

— Não posso obrigar você a vir para casa, Ridley.

— Não, não pode.

— Ótimo. Fique na villa até ser vendida. Não me importo.

— Quanto tempo vai demorar?

Clay podia vê-la fazendo tudo o que se pode imaginar para sabotar uma venda em potencial. No momento, Clay realmente não se importava.

— Talvez um mês, talvez um ano. Eu não sei.

— Eu fico.

— Está bem..

RODNEY ENCONTROU seu velho amigo sentado nos degraus da frente da pitoresca casa da cidade, as muletas ao lado, um xale nos ombros para se defender do frio do outono. O vento espiralava as folhas na rua Dumbarton.

— Preciso de ar fresco — Clay disse —, estou trancado em casa há três semanas.

— Como vão os ossos? — Rodney perguntou, sentando ao lado dele e olhando para a rua.

— Soldando muito bem.

Rodney tinha saído da cidade e se tornado um verdadeiro suburbano. Calças cáqui e tênis, uma elegante camionete para transportar as crianças.

— Como está sua cabeça?

— Nenhum dano adicional ao cérebro.

— E sua alma?

— Torturada, para não dizer mais. Mas vou sobreviver.

— Paulette disse que você vai embora.

— Pelo menos por algum tempo. Vou pedir falência na próxima semana e não estarei por perto quando acontecer. Paulette tem um apartamento em Londres que posso usar por alguns meses. Nós nos esconderemos lá.

— Não pode evitar a falência?

— De jeito nenhum. São muitas as ações judiciais e todas boas. Lembra do nosso primeiro queixoso Dyloft, Ted Worley?

— Claro.

— Ele morreu ontem. Eu não puxei o gatilho, mas também certamente não o protegi. Seu caso perante um júri vale cinco milhões de dólares. Há vinte e seis iguais. Eu vou para Londres.

— Clay, eu quero ajudar.

— Não vou tirar seu dinheiro. Por isso você está aqui e eu sei. Tive a mesma conversa com Paulette duas vezes e uma vez com Jonah. Vocês ganharam seu dinheiro e foram bastante espertos para aplicar bem. Eu não fui.

— Mas não vamos deixar que você morra, homem. Você não precisava nos dar dez milhões de dólares. Mas deu. Estamos devolvendo uma parte.

— Não.

— Sim. Nós três conversamos a respeito. Esperaremos a falência e então faremos uma transferência. Um presente.

— Você ganhou esse dinheiro, Rodney. Fique com ele.

— Ninguém ganha dez milhões de dólares em seis meses, Clay. Você pode ganhar, roubar ou ele pode cair do céu, mas ninguém ganha dinheiro desse modo. É ridículo e obsceno. Vou devolver uma parte. Paulette também. Não tenho certeza sobre Jonah, mas ele vai acabar fazendo o mesmo.

— Como vão seus filhos?

— Está mudando de assunto.

— Sim, estou mudando de assunto.

Então falaram sobre as crianças, sobre os velhos amigos do GDP, os antigos clientes e casos de lá. Ficaram sentados nos degraus da frente até escurecer, quando Rebecca chegou e era hora de jantar.

O REPÓRTER DO POST ERA Art Mariani, um jovem que conhecia bem Clay Carter porque tinha documentado sua espantosa escalada e sua igualmente espantosa queda com muita atenção aos detalhes e uma dose razoável de justiça. Quando Mariani chegou na casa de Clay, foi recebido por Paulette e levado por um corredor estreito até a cozinha, onde pessoas o esperavam. Clay se levantou com dificuldade e se apresentou, depois apresentou todos que estavam sentados em volta da mesa — Zack Battle, seu advogado, Rebecca Van Horn, sua amiga e Oscar Mulrooney, seu sócio. Rebecca serviu o café.

— E uma longa história — Clay disse —, mas temos muito tempo.

— Não tenho prazo para entregar — Mariani disse.

Clay tomou um gole de café, respirou fundo e começou a contar a história. Começou com o assassinato de Ramon "Pumpkin" Pumphrey por seu cliente Tequila Watson. Datas, horas, lugares, Clay tinha tudo anotado e todos os arquivos. Então Washad Porter e seus dois crimes. Depois os outros quatro. Acampamento Libertador, Ruas Limpas, os espantosos resultados de um medicamento chamado Tarvan. Embora sem mencionar o nome de Max Pace, descreveu com detalhes a história de Pace com o Tarvan — os testes clínicos secretos na Cidade do México, Belgrado e Cingapura, o desejo do fabricante de testar os descendentes de africanos, de preferência nos Estados Unidos. A chegada do medicamento na capital.

— Quem fabricava o medicamento? — Mariani perguntou, visivelmente abalado.

Depois de uma longa pausa, durante a qual parecia incapaz de falar, Clay respondeu: — Não tenho certeza. Mas acho que era a Philo.

— Produtos Philo?

— Sim. — Clay apanhou um documento e o empurrou para Mariani. — Este é um dos acordos. Como pode ver, duas companhias fora do país são mencionadas. Se puder penetrá-las, siga a pista que provavelmente o levará a uma companhia laranja em Luxemburgo e depois à Philo.

— Tudo bem, mas por que suspeita que seja a Philo?

— Tenho uma fonte. É tudo que posso dizer.

Essa fonte misteriosa, escolhera Clay entre todos os advogados da capital e o convenceu a vender a alma por 15 milhões de dólares. Ele saiu rapidamente do GDP e abriu sua firma. Mariani já sabia grande parte disso. Clay tomou como clientes seis famílias das vítimas, facilmente as convenceu a aceitar cinco milhões e ficar de boca fechada e em trinta dias resolveu o assunto. Contou os detalhes que constavam também dos documentos e dos acordos.

— Quando eu publicar esta história, o que acontece com seus clientes, as famílias das vítimas? — Mariani quis saber.

— Perdi o sono me preocupando com isso, mas acho que ficarão bem — Clay disse. — Em primeiro lugar há um ano que receberam o dinheiro, portanto é seguro supor que grande parte já foi gasta. Além disso, o fabricante do medicamento seria louco se tentasse anular esses acordos.

— As famílias então processariam o fabricante diretamente Zack acrescentou. — E os veredictos poderiam destruir qualquer grande empresa. Nunca vi um conjunto mais volátil de fatos.

— O fabricante nunca tocaria nos acordos — Clay disse —, teve sorte de se safar com um acordo de cinquenta milhões.

— As famílias podem pôr de lado o acordo quando souberem da verdade? — Mariani perguntou.

— Seria difícil.

— E você? Você assinou os acordos confidencialmente?

— Não sou mais um fator. Estou para falir. Estou para desistir da minha licença para praticar a advocacia. Não podem me tocar.

Uma triste admissão, que magoava os amigos de Clay tanto quanto a ele.

Mariani tomou algumas notas e passou a outro assunto.

— O que acontece com Tequila Watson, Washad Porter e os outros homens condenados por assassinato?

— Provavelmente podem processar o fabricante do medicamento, o que não os ajudaria muito na prisão. Ou há a possibilidade de os seus casos serem reabertos, pelo menos no que diz respeito à sentença.

Zack Battle pigarreou e todos esperaram.

— Não oficialmente. Depois que você publicar seja o que for dessa história, e depois da tempestade passar, pretendo me encarregar desses casos e fazer com que sejam revistos. Processarei a favor dos sete acusados, isto é, se pudermos identificar a empresa farmacêutica fabricante. Posso pedir às cortes criminais para reabrir as condenações.

— Isto é muito explosivo — Mariani disse, afirmando o óbvio. Leu suas notas por um longo tempo.

— O que levou ao processo do Dyloft?

— Esse é outro capítulo para outro dia — Clay disse. — De qualquer modo você o documentou quase todo. Não vou falar sobre isso.

— É justo. A história acabou?

— Para mim acabou — Clay disse.

PAULETTE E ZACK OS LEVARAM ao aeroporto Reagan National onde o antes adorado Gulfstream de Clay estava perto do lugar em que ele o vira pela

primeira vez. Como iam partir numa viagem de pelo menos seis meses, tinham muita bagagem, especialmente Rebecca. Clay tinha se desfeito de muita coisa no último mês e sua bagagem era leve. Movimentava-se bem com as muletas, mas não podia carregar nada. Zack fez as vezes de carregador.

Clay esportivamente mostrou a eles seu avião, embora todos soubessem que era sua última viagem com ele. Clay abraçou Paulette e Zack, agradeceu e prometeu telefonar dentro de alguns dias. Quando o co-piloto fechou a porta, Clay fechou as persianas das janelas para não ver Washington quando levantassem voo.

Para Rebecca, o jato era um feio símbolo do poder destruidor da ganância. Queria estar no pequeno apartamento em Londres, onde ninguém os conhecia e ninguém se importava com a roupa que usavam, com o carro que dirigiam, o que compravam, comiam, nem onde trabalhavam, faziam compras ou passavam as férias. Ela não ia voltar para casa. Tinha brigado com os pais pela última vez.

Clay queria duas pernas boas e uma ficha limpa. Estava sobrevivendo a uma das mais infames dissoluções da história da advocacia americana, e cada vez ficava mais longe dela. Tinha Rebecca só para ele e nada mais importava.

Em algum lugar acima da Terra Nova, abriram o sofá e dormiram debaixo das cobertas.

FIM

Nota do Autor

É AQUI QUE OS AUTORES geralmente propõem negações maciças, num esforço para cobrir sua retaguarda e esperançosamente evitar a responsabilidade. Há sempre a tentação de simplesmente criar um lugar ou uma entidade fictícia em vez de pesquisar os lugares ou entidades reais, e confesso que prefiro qualquer coisa a verificar detalhes. A ficção é um escudo maravilhoso. É muito fácil se esconder atrás dele. Mas, quando ela se aventura muito perto da verdade, tem de ser exata. Caso contrário, o autor precisa de algumas linhas neste espaço.

O Serviço de Defensor Público em Washington, D.C. é uma organização orgulhosa e vibrante que há muitos anos protege os indigentes. Seus advogados são brilhantes, comprometidos com o trabalho e muito discretos. Totalmente fechados. Seu trabalho interno permanece um mistério, por isso eu simplesmente criei meu gabinete do defensor público. Qualquer semelhança entre os dois é mera coincidência.

Mark Twain disse que muitas vezes mudava cidades, distritos e até estados inteiros de lugar para ajudar suas histórias. Nada interfere no meu caminho também. Se não posso encontrar um prédio, então ergo um no lugar. Se uma rua não se encaixa no meu mapa, não hesito em mudá-la de lugar ou desenhar outro mapa. Eu diria que metade dos lugares deste livro é descrita corretamente. A outra metade ou não existe ou foi modificada ou mudada de modo a ser irreconhecível. Quem estiver procurando precisão perde seu tempo.

Isso não quer dizer que eu não tento. Minha ideia de pesquisa é usar freneticamente o telefone quando o prazo de entrega do livro se aproxima. Eu me apoiei nas seguintes pessoas para conselho e é aqui que agradeço a: Fritz Chockley, Bruce Brown, Gaines Talbott, Bobby Moak, Penny Pynkala e Jerome Davis.

Renee leu o primeiro rascunho e não o jogou em cima de mim — sempre um born sinal. David Gernert leu os pedaços, depois me ajudou a juntar tudo outra vez. Will Denton e Pamela Creel Jenner leram e ofereceram conselhos importantes. Depois que eu o escrevi pela quarta vez e tudo estava correto, Estelle Laurence leu e encontrou mil erros.

Todos eles ajudaram de boa vontade. Os erros, como sempre, são meus.

- [1] Sweatshop: lugar onde os empregados são explorados e mal pagos. (N. da T.)
- [2] Répondez S'il Vous Plaît. Responder por favor. (N. da T.)

Este livro foi composto na DFL Ltda.
Rua Leandro Martins, 22 — sala 712 — Centro — Rio de Janeiro — RJ
Impresso na Editora JPA Ltda.
Av. Brasil, 10.600 — Penha — Rio de Janeiro — RJ
para a Editora Rocco Ltda.

Table of Contents

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[Nota do Autor](#)